INSVLANA

orgão do

INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA

VOL. LIV

MCMXCVIII

INSVLANA

orgão do

INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA

VOL. LIV

MCMXCVIII

Ficha Técnica

INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA

”Sociedade de labor literário, científico e artístico”
fundada em 4 de Janeiro de 1944
com sede na cidade de Ponta Delgada, Ilha de S. miguel, AÇORES

Instituição patrocinada e subsidiada pela
Secretaria Regional da Educação e Cultura

DIRECÇÃO

PRESIDENTE: Dr. José Paim de Bruges da Silveira Estrela Rego
VICE-PRESIDENTE: Dr. Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues
SECRETÁRIO: Dr. João Paulo Alvão Constância
TESOUREIRO: Coronel Ângelo Manuel Albergaria Pacheco
VOGAL: Prof. Doutor José Maria Teixeira Dias
VOGAL: Dr. Octávio Henrique Ribeiro de Medeiros

DIRECÇÃO DA INSVLANA

- Dr. José Paim de Bruges da Silveira Estrela Rego
- Prof. Doutor José Maria Teixeira Dias
- Dr. Octávio Henrique Ribeiro de Medeiros

CORRESPONDÊNCIA: **Instituto Cultural de Ponta Delgada**
Apartado 1405
9500 Ponta Delgada - Açores

Número do Depósito Legal: 79968/94

ARTIGOS

Insulana, LIV-1998
pp. 8 a 22

Cecília Meireles — "Da universal inquietude" (a propósito da correspondência de Cecília a Côrtes-Rodrigues)

Margarida Maria Gouveia

"Da universal inquietude" — expressão de Nemésio, síntese de um conceito de cultura que não se prende a eruditismos, mas se pauta por uma atitude de questionação do Mistério e do Incógnito, de interrogação de si e dos outros, de diálogo de saberes, valorizando mais o espírito crítico do que o saber livresco. Esta inquietude consubstancia-se na Esfinge de Tebas que afrontava Édipo: "A Esfinge do mar é a ilha. [...] E não é a Esfinge um tema, mas um complexo de todos os temas na sua carne viva de possibilidade e inquietação" (*Sob os Signos de Agora*).

O enigma da Esfinge é, assim, transposto para a ilha que esfingicamente se apresenta a quem dela se aproxima. Atitude que bem quadrava a Nemésio como a Cecília. Com efeito, estas preocupações vivenciais e culturais definem Cecília Meireles para quem o cerne da poesia é uma relação dramática com a vida, feita de esperança e de talvez, e sustentada por um espírito aberto aos mais diversos temas e problemas. Também a ela se poderia aplicar o pensamento de Unamuno, que Nemésio tanto admirava como mestre: desafiar frontalmente a Esfinge e não contar-lhe os pêlos da cauda...[1].

[1] Cf. "Última lição" in *Críticas Sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa, Bertrand, 1974.

Os grandes escritores medem-se pela medida do universal que habita neles e se reflecte na sua obra. A unicidade do seu drama existencial transforma-se em exemplo que gera admiração.

No caso de Cecília Meireles, a sua universalidade inclui-a na Literatura Portuguesa, à qual pertence por raízes culturais e pela inteligibilidade linguística da sua obra. Entra, pois, na "paridade" dos clássicos do mundo luso-brasileiro.

Casais Monteiro define o conceito de "clássicos da luso-brasilidade" como património comum das duas culturas:

> "Porque os nossos clássicos são, indiscutivelmente, os que 'ficam' clássicos para uma cultura e uma língua, e não apenas para uma literatura, no sentido mais restrito da palavra. Não é por restringir os seus limites que uma literatura ganha autonomia, mas sim pela capacidade de evoluir na sua esfera própria dentro do grupo cultural a que pertence. Não é por exclusão, mas por inclusão, que se ganha qualquer espécie de independência"[2].

É o caso de Cecília Meireles,como são também os casos de Graciliano Ramos ou de Lins do Rego, válidos como escritores da brasilidade por serem bons escritores e não por serem brasileiros: "a primeira condição para que um poeta seja brasileiro é ... ser poeta, e não um rimador de palavras indígenas", como disse Cassiano Ricardo[3].

---

2 "Equívocos luso-brasileiros", *Cadernos de Teoria e Crítica Literária*, nº 12, vol. II, Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 1983, p. 189.

3 in *Ocidente*, Lisboa, vol. VII, 1939, p. 465.

A representatividade de Cecília no espaço cultural da língua portuguesa decorre da riqueza dos seus temas: os problemas humanos, a condição de ser homem numa sociedade injusta, a profundidade da análise dos conflitos, enfim, uma temática que se prende muito mais à condição humana do que a circunstâncias de quaisquer regionalismos ou mesmo de um nacionalismo brasileiro.

Já Vitorino Nemésio, ao reflectir sobre "O problema do romance" *(Diário Popular*, Lisboa, 8/5/1946), afirmava: "O padrão da universalidade mede-se pela média humana do ser e do acontecer que cada um transporta consigo [...]". E, tomando como exemplo Aquilino Ribeiro, concluia: "O Malhadinhas pode ser acentuadamente pícaro, descritivo, vagante, que o seu lódão varrendo a feira há-de ser sempre um belo atributo de corredor de caminhos, que viveu, viu e tem que contar".

Não é por acaso que a própria Cecília Meireles, mais universal que brasileira, sensibilizou primeiro os portugueses que os brasileiros, precisamente por uma característica assumida do aprofundamento do universal em cada um. Cecília pratica a teoria pessoana da pátria ôntica por via linguística, pois se, para Pessoa, a sua pátria é a língua portuguesa, esta, cultivada como ela a cultivou, transforma-se numa pátria comum de pátrias nacionais distintas.

Ao sentimento de brasilidade acrescenta uma dimensal universalista, conquistando uma atitude singular, "marginal" a escolas, ideologias ou crenças. Nos quadros referenciais do Modernismo, da espiritualidade e do anti-positivismo, ocupa um lugar muito próprio, particular e "independente".

Tende a um misticismo *sui generis,* cultivando a transcendência de escolas idealistas mas sem preocupações de fundamentação doutrinária nem tão pouco exclusivista. Não fechada a ortodoxias é, no fundo, mística e espiritualista. Mística de síntese, influenciada pela religiosidade da avó e pela sabedoria oriental, particularmente de Gandhi e de Tagore. Assim, ora tende

para uma religiosidade pagã, vivencial e cósmica (até de intimidade com Deus e com os santos), ora para uma ascese com laivos de misticismo de raízes hispânicas. É, como disse no poema "Compromisso" (*Mar Absoluto*)

"a inúmera
Que tem de ser pagã, como as árvores,
E, como um druida, mística"

A vivência mais profunda de Cecília Meireles é a busca do Absoluto, dramaticamente assumida em versos predominantemente lírico-simbolistas. Poeta da interioridade e da preocupação com o tempo que flui, encontrou nos pressupostos do Simbolismo o virtuosismo verbal (sugestão, visualismo, musicalidade ...) adequado ao seu estado de *insulada*. É neste mundo *reinventado* pelo jogo dinâmico das palavras, das sugestões, da musicalidade e de uma gradual volatilização da realidade que se situa a sua poesia. De resto, a musicalidade é uma expressão por via do significante, mas é sobretudo, pela sua fluidez, um parâmetro existencial. Nela não existe o culto dos sons pelos sons, mas a adequação do som à idealidade, que, esta sim, se cultiva.

A poesia — a poesia - canção — é domínio do sonho, é algo que se desprende do quotidiano e do material. O poeta passa e dele fica o canto, que é a sua "mais valia", porque se desprende da materialidade das coisas e dos seres, *in fieri:*

"E a canção é tudo:
Tem sangue eterno a asa ritmada"
("Motivo", *Viagem*)

Isto é: a poesia "reinventa" a vida, capta o que há de Eterno no instante que passa, é uma forma de busca da intemporalidade humana, do Absoluto. Torna-se uma espécie de lirismo místico, contemplativo, de "íntima meditação abstracta" — expressão de Jorge de Sena para designar os poetas (de entre eles, Cecília) que arrancam das próprias percepções e experiências uma forma de meditação espiritual sobre o destino, fixando assim o indizível, o inimaginável, um mundo verbal do não verbalizável, ou seja, que não informa nem prova o que existe.

Exemplo de particular expressão metafísica em Cecília é o conjunto de cinco poemas "Motivos da rosa". Este motivo da tradição clássica é recriado e transgride esta mesma tradição, ganhando o sentido de *não finito*. A rosa não é percepcionada na sua exterioridade, na sua beleza visível, frágil e caduca. Nos versos do "2º motivo da rosa"

"*e* cega *e* bela *e* interminável rosa,
que em tempo *e* aroma *e* verso te transmutas"

— a construção copulativa sindética acentua esta ideia de imaterialidade duradoira (leia-se *verso* no sentido de *poesia*).

A referência a um imenso aroma — também no verso "Eu digo aroma até nos meus espinhos" ("4º motivo da rosa") — traduz um conceito de dispersão que perdura, uma forma de fluidez, que é condição do perdurável. A vantagem do *digo* em vez de *tenho* cria a infinitude que o *até* reforça.

Vale a pena transcrever na íntegra este "4º motivo da rosa":

"Não te aflijas com a pétala que voa:
também é ser, deixar de ser assim.

Rosas verás, só de cinza franzida,
mortas intactas pelo teu jardim.

Eu digo aroma até nos meus espinhos,
ao longe, o vento vai falando em mim.

E por perder-me é que me vão lembrando,
por desfolhar-me é que não tenho fim".

A presença do aroma indicia um discurso dominado por preocupações espiritualistas. O aroma propaga-se no éter e é levado pelo vento. Perdura no que se vai esvaíndo. Também *ser* é *não ser*, em cada perder-se há um outro *perder-se*. Os versos

"E por perder-me é que me vão lembrando,
por desfolhar-me é que não tenho fim"

____ dizem-nos que as coisas valem mais pela recordação do que em si mesmas, "também é ser, deixar de ser assim", em cada momento *perco-me* e *fico na lembrança de*.

A "aeridade" é o domínio preferencial de Cecília, é mesmo o mais significativo, devendo-se considerar *água* e *ar* equivalentes literários e simbólicos, elementos que a situam no mundo imaterial de formas aéreas e abstractas. No antológico poema "Mar Absoluto" evoca um tempo de reminiscências insulares: "Agora recordo que falavam/da revolta dos ventos, de linhos, de cordas, de ferros, /[...] E o rosto de meus avós estava caído/ pelos mares do Oriente, [...]/ e pelos mares do Norte, [...]. E tenho de procurar meus tios remotos afogados". Mas esta busca existen-

cial logo se transfere para um plano sobre-humano, do Invisível, para o "reino de um outro mar: ah!do Mar Absoluto".

A ilha "geográfica" é arquétipo, mas também é sonho e símbolo de vida interior. Identificada com o mar, "Plástica, fluida, disponível", Cecília busca o Absoluto, numa navegação imposta por um destino interior, pois "até sem barco navega/quem para o mar foi fadada" — versos do poema "Beira-Mar", um dos mais expressivos testemunhos da sua insularidade. Com efeito, ao dizer-se "ser de areia, de água, de ilha...", Cecília confessa a sua origem insular. Mas este "mal de família" é ainda e sobretudo símbolo do seu próprio isolamento interior, da sua condição dramática de viver entre o efémero e o eterno:

"Não têm velas e têm velas;
e o mar tem e não tem sereias;
e eu navego e estou parada,
vejo mundos e estou cega, [...]"

Frequente na poesia ceciliana essa estrutura antitética que procura dar expressão ao que de exprimível é possível numa relação com o transcendente. O oxímoro, recurso privilegiado pelos místicos, dá forma a um não sei quê com paralelo directo com o "muero porque no muero" da poesia "a lo divino" de San Juan de la Cruz.

E no dístico final do citado poema "Beira-mar", o solilóquio de Cecília aponta para a ideia fundamental do mar como paradigma da vida:

"Deus te proteja, Cecília,
que tudo é mar — e mais nada"

____ essa é a razão da sua inquietude, da sua navegação em barcos íntimos e metafóricos, uma forma de ultrapassar a precariedade de viver em "areias" e "altas espumas", de querer "fazer o efêmero eterno" ("Três orquídias").

As suas raízes insulares têm a ver com alguma coisa de muito intimista e de profundidade do ser humano. Não se trata de um apelo telúrico, pois que ela não tem passado pessoal nem impregnação da infância de coisas das ilhas. Trata-se de um outro apelo, até talvez mais profundo, porque através das informações da avó, e de um ouvir dizer familiar, ela sente-se vinculada geneticamente, consanguineamente, a uma terra que não conheceu com os olhos mas tão só com o coração.

Ora, este conhecimento intuído pelo coração foi aumentado e aprofundado pela longa correspondência (cerca de 18 anos) com Armando Côrtes--Rodrigues, que assim havia de a incentivar para um conhecimento directo com os Açores, só mais tarde concretizado com a sua visita em 1951. Ao longo dessas numerosas cartas, que o Professor Celestino Sachet ordenou e anotou criticamente, com o oportuno patrocínio do Instituto Cultural de Ponta Delgada, Cecília vai conhecer melhor a vivência da ilha da sua avó, bem como Côrtes-Rodrigues a vai "preparando" para esse grande acontecimento. Ela, na distância real mas também poética do desconhecimento, pede-lhe um "Nada de tapetes de flores nem discursos nem recitais nem conferências... Se não for grande a canseira, — escreve — V. me mostrará essas solidões, essas lagoas, essas fumaças, essas areias pretas (aqui as areias são, no máximo, da minha cor...), esses estorninhos, esses milhafres, as suas igrejas, a sua velhinha que faz presépios, e os barcos, os barcos, os barcos e o mar..."[4].

---

[4] Carta datada do Rio, 25 de Novembro de 1946, in Celestino Sachet (org.), *A Lição do Poema. Cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

É com ironia e espontaneidade que faz uma síntese das suas cartas nestas palavras despretensiosas e intimistas:

> "Quando estivermos juntos riremos desta correspondência, destas minhas cartas em que entram canários, receitas de doces, ais, brincadeiras, tudo misturado até com política, demência municipal, cegueira federal, paralisia parlamentar, megalomanias individuais, elefantíases administrativas, e lapsos cerebrais generalizados"[5].

Este tom intimista e brincado mantém-se com persistência, dando à correspondência um aspecto de desabafo do quotidiano e das suas circunstâncias afectivas, até mesmo quando faz revelações sobre si próprio e sobre o fazer poético.

Uma tentativa de sistematização poderá levar a compreender melhor a estrutura e conteúdo dessa vasta correspondência. Assim, dividiremos a matéria das cartas em duas grandes tendências: uma, com uma dimensão interiorista e intimista; outra, com uma dimensão social e cultural.

À primeira pertencem as considerações sobre a solidão, as intimidades sobre a família, a vida social, aspectos particulares da afectividade quotidiana (as prendas de aniversário, os projectos de viagens, a convivência com o canário Merlim, as preferências artísticas e literárias).

Na segunda dimensão agrupam-se observações sobre o Rio de Janeiro e cidades de Minas, referências ao estilo de vida e aspectos culturais do

---

5 Carta datada do Rio, 31 de Agosto de 1948, *ibidem*

Brasil (o Carnaval, o Espírito Santo, o folclore brasileiro, na sua identidade própria e nas suas possíveis correlações com o folclore açoriano e europeu). E muito especialmente um apelo a Côrtes-Rodrigues para que não se esquecesse da sua "obrigação de criador" (carta datada do Rio, 3 de Novembro de 1946) e desse prioridade ou exclusividade à sua vida de escritor e não à rotina profissional de professor do Ensino Secundário. Elogia a criatividade teatral do autor de *O Milhafre* (1927) e de *Quando o Mar Galgou a terra* (1938), comparável — escreve — a um Lorca, pela mestria da linguagem, intensa e sóbria, pelo sentido humanizante, pela convergência de perspectivas: simbolismo e saber folclórico. A propósito destas obras conclui: "O que impede o 'Quando o Mar Galgou a Terra' de ser um drama abstracto é a raiz folclórica, [...]. O que impede 'O Milhafre' de ser um argumento jornalístico é o lirismo dessa cantata de romeiros"[6].

Não hesita ainda em reconhecer afinidades com este autor açoriano, uma secreta afinidade de poesia e de teatro. Fala do impulso dramático, nela tão irresistível, de vivências interiores de dramas que pouco a pouco vão ganhando expressão escrita, alguns dos quais pouco ou nada conhecidos do público e da crítica (*Jogos da Beleza e da Morte*, *O Jardim*, *O Ás de Ouros*).

Dado aquilo que nos revelou o aproveitamento desta correspondência, parece-nos de privilegiar o sentido de Cecília na intimidade, o seu auto-retrato como pessoa e como poetisa. Referência de intertextualidade potencial importante é a menção a Fernando Pessoa e o repúdio de qualquer plágio ou imitação daquele escritor: "[...] será interessante que ao menos V. saiba disto: que eu, praticamente, não conheço o Fernando"[7].

---

6 Carta datada do Rio, 30 de Abril de 1946, *ibidem*.

7 Carta datada do Rio, 18 de Março de 1947, *ibidem*.

Mas, apesar de tudo não o conheceria assim tão pouco: antes desta carta (1947) organizara em 1944 a antologia *Poetas Novos de Portugal*, em cujo prefácio dá destaque a Fernando Pessoa, e em 1946, numa carta a Ruy Affonso, a ele se refere com estas palavras: "Eu creio bem que intimamente nos pareçamos, como se parecem as pessoas de origem comum [a origem insular — pois que a mãe de Pessoa é terceirense — e o interesse comum pela literatura inglesa]". E acrescenta: "Tanto ele como eu nos aproximamos de investigações místicas e mágicas do mundo"[8].

Também sabemos — até porque Cecília o diz a Côrtes-Rodrigues na carta acima citada — que ela leu a *Mensagem*. Afinidades legítimas ou simples coincidências (como ela preferiu dizer) surgem entre a estrutura universalizante e humanista da *Mensagem* e do *Romanceiro da Inconfidência*, ambos valorizando no homem mais o sonho do que o quotidiano.

"Carne da História sublimada na auréola do mito", escreveu David Mourão-Ferreira, a propósito da *Mensagem*. Também no *Romanceiro* o mito é a sublimação do herói que Tiradentes não foi. Como D. Sebastião sonhou e tal como este foi vítima do seu sonho. Existe mesmo uma aura messiânica no Alferes inconfidente. Note-se a morfologia do mito sebástico nas presenças do cavalo, do sonho e das promessas.

Nas duas obras, a aura mítica da personagem histórica é mais importante do que a personagem histórica ela mesma. Faz-se o "elogio da loucura", apela-se à libertação do quotidiano, o ideal vale como eterna busca: "É O que eu me sonhei que eterno dura", "Minha loucura, outros que me

---

[8] Ruy Affonso, "Cecília meireles, amiga", *O Estado de São Paulo*. (Suplemento Literário), 20 de Fevereiro de 1965.

a tomem", pode ler-se na *Mensagem*. E no *Romanceiro*: "Se fossem como ele, /a alto sonho entregue!".

É certo que ambas as obras tratam uma temática histórico-patriótica: a Inconfidência / a celebração dos reis de Portugal como fundadores e afirmadores da nacionalidade. Mas as vivências do poeta estão acima da matéria histórica. Não estamos perante a epopeia de um povo, mas as vivências interiores do poeta exprimindo-se sobre os acontecimentos e deles tirando, num caso, as lições, os "recados" (*Romanceiro*); no outro, a exortação patriótica pelos mitos (*Mensagem)*. Nos dois, procede-se à interiorização da matéria épica, sobrepondo-se o lírico ao épico. Em qualquer deles, importa mais exprimir-se liricamente do que epicamente; qualquer deles é mais o ser humano atormentado com o ser homem, é mais a epopeia interior do ser humano do que a epopeia colectiva.

No entanto, há diferenças fundamentais entre *Mensagem e Romanceiro*. Este é um poema monográfico sobre a Inconfidência, os heróis estão enquadrados num circunstancialismo histórico; *Mensagem* não é "panorâmico", é uma síntese, os heróis são "arrancados" do seu circunstancialismo e tomados como essências para o futuro. Ao contrário da *Mensagem* que é profético-messiânico, que anuncia o Portugal a haver, *Romanceiro da Inconfidência* celebra um mártir da Pátria, um passado histórico precursor da independência.

Pesa sobre o *Romanceiro* uma atmosfera de tragédia, no sentido próprio do género, daquela que Aristóteles preconizou como sendo um género que opera, pelo terror e pela piedade, a *catarse* desses sentimentos. Com efeito, Cecília preciosamente nos revela, nesta correspondência, essa desejada função catártica por essa obra de fundo histórico, uma *catarse-lição* ("recado dos deuses aos homens para seu ensinamento

constante”[9]). E, no plano do drama pessoal auto-biográfico, ensinamento, purificação e evasão dela própria:

> “Creio que essa ‘catharsis’ do velho teatro grego está produzindo benefícios nas minhas próprias angústias. Cada vez que sofro, invento uma personagem para sofrer por mim. É uma defesa orgânica”.[10].

O valor universal do *Romanceiro* não está em querer reconstituir fielmente a História, “mas extrair o conteúdo de ‘destino’ dos factos históricos”[11], não “fazer um drama histórico, mas um drama universal”[12], e sobretudo mostrar quanto injusta e incompleta é a justiça dos homens. É esse talvez o maior ensinamento que ela sente necessidade de pôr nos versos finais, como conclusão e “moral da fábula”:

> “Quais os que tombam,
> em crime exaustos,
> quais os que sobem,
> purificados?”[13]

---

9 Em 1955, na conferência “Como escrevi o *Romanceiro da Inconfidência*”, reafirmaria o carácter pedagógico desta obra ao confessar que na forma poética quer conter um “alado exemplo, símbolo, conceito, alegoria, recado dos deuses aos homens para seu ensinamento constante” (in *Romanceiro de Inconfidência*, 7º edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989, p. 12)

10 Carta datada do Rio, 16 de Março de 1947, in *A Lição do Poema*, ed. cit.

11 Carta datada do Rio, 3 de Junho de 1947, *ibidem*

12 Carta datada do Rio, 9 de Junho de 1947, *ibidem*

13 “Fala aos Inconfidentes Mortos”, *Romanceiro da Inconfidência*, 2ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 195.

A condição humana mostra a sua precariedade, a sua relatividade de valores, quando proporcionada por grandes catalizadores de guerra. O político é um grande catalizador, precipita, demonstra esta relativização: o bem e o mal, onde está a justiça, sincronicamente, mas também diacronicamente. E diacronicamente esta clivagem é mais forte.

Tiradentes é o herói por excelência. É o grande exemplo, pela envergadura patriótica mas também e sobretudo pelo carácter cívico e moral, agindo dentro de compromissos com a moralidade e a verdade, sacrificando-se por um ideal colectivo, guiado por uma filosofia de vida que assenta em valores permanentes; renuncia e sofre, sendo finalmente glorificado.

Espírito naturalmente inclinado à intimidade, ao recolhimento, à contemplação, ao mundo do abstracto e do diáfano, às "coisas aéreas", a autora de *O Aeronauta*, *Solombra*, do "Romance das palavras aéreas" (*Romanceiro da Inconfidência)* emigra para regiões afastadas do cruel pragmatismo do quotidiano, da mesquinhez social, da hostilidade da luta pela vida. Espiritualidade tranquila, sem os arroubos místicos e quentes da literatura espanhola, mas com um outro misticismo feito de respeito pelo mistério e pela filosofia oriental, a "serena desesperada" (como ela própria se considerou) é um exemplo do génio como sublimação da dor das vivências quotidianas, o clássico exemplo dado por Goethe quando diz "se a tua dor te aflige, faz dela um poema". Divertindo-se a imaginar personagens de tragédia, como conta de forma intimista a Côrtes--Rodrigues, Cecília não está mais do que a dar exemplo do caso dos grandes escritores que brincam com ironia amarga com os seus próprios dramas existenciais.

Os mecanismos da criatividade são dados de forma brincada e indirecta, não menos dramática por isso. Fechemos com as suas palavras:

> "Eu sou uma criatura de emoções, de repercussões, e estou condenada a viver num círculo anti-sentimental, anti-afectivo, onde a amizade (do amor já nem falo) é pura conveniência de momento, e se confunde com essa camaradagem semi-comercial que os americanos lançaram no mundo. Isso é a atmosfera geral da cidade, do país. As crianças parece que já nascem assim; os adolescentes são assim. E os que vêm de outras gerações, e de quem se poderia esperar uma outra concepção da vida e um outro estilo de comportamento, também se amoldaram a esse modo de ser — que é avassalante e fatal"[14].

____ é o choque dramático de todo o artista com a realidade cruel do mundo.

Cecília é um exemplo do artista que atinge a glória com o sofrimento trazido pela genialidade, isto é, a incompreensão, o solipsismo, a dor. A genialidade, dádiva dos deuses, a alto preço: "os deuses vendem quando dão. /Compra-se a glória com desgraça", segundo os versos de Pessoa, na *Mensagem*.

No caso ceciliano, testemunho importante do seu drama da genialidade incompreendida o desta confissão: "As minhas filhas consideram-me uma pretensiosa egoista, que só vivo para o que escrevo, — quando a ver-

[14] Carta datada do Rio, 26 de Fevereiro de 1947, in *A Lição do Poema*, ed. cit.

dade é que só escrevo do que morro".[15] O homem comum morre um pouco cada dia. Mas as pessoas incomuns ou os génios morrem um pouco, deixando porém alguma coisa para além da morte. O seu quotidiano não é tão efémero como o nosso, porque aquilo que deixam é património da humanidade. É essa a lição da poesia, "A Lição do Poema", a lição de Cecília.

[15] Carta datada do Rio, 19 de Dezembro de 1949, *ibidem*.

Insulana, LIV-1998
pp. 23 a 51

INFLUÊNCIA DOS AÇORES NO PORTUGUÊS DO BRASIL, 250 ANOS DEPOIS

Oswaldo A. Furlan,*

No intuito de ocupar imensas áreas despovoadas dos Estados do extremo Norte e Sul do Brasil, a imigração açoriana trouxe: em 1619, ao Maranhão, 200 casais; ao Pará, em 1666, outros 200, bem como, em meados do século XVIII, mil pessoas; no Sul, em 1748/1756, a Santa Catarina (SC), que, em 1748, contava 4.197 habitantes, 6.071 pessoas, 1.400 das quais seguiram para o Rio Grande do Sul (RS).

No elenco das manifestações tradicionais da cultura popular em SC, que os estudiosos têm considerado como sendo de origem e/ou influência açoriana citam-se geralmente as seguintes: técnicas de pesca, o folguedo do boi-na-vara, o carro de bois, a olaria de cerâmica utilitária e/ou decorativa, as rendas-de-bilro, os pão-por-Deus, certas danças (geralmente denominadas *fandangos*), os festejos do ciclo do Espírito Santo, alguns aspectos da literatura regional, além do substrato linguístico (cf. Piazza 1983: 155; Müller, 1986; Wiederspahn, 1989: 9-10).

(*) - Prof. Titular na UFSC, 1973-1993, pós-doutorado em Lisboa, 1986, editou 16 livros e 26 artigos em periódicos especializados.

- **Questão da influência açoriana no português do Brasil**

1) A inclusão da linguagem entre as áreas culturais de influência açoriana nos dois referidos Estados meridionais do Brasil, frequente entre antropólogos, apresenta entre os linguistas, gama de posições que vão desde a afirmação e a defesa da (hipó)tese (Boléo) até à simples negação (Rogers 1947), passando por cautelosas distinções (Silva Neto 1970; Pavão 1988: 120). Assim, Boléo (1943, 1945, 1950, 1974, 1983), de Coimbra, empenhou-se por acumular indícios em prol de sua (hipó)tese de que haveria influência dos Açores no falar do Brasil, a qual lhe pareceu "evidente" em SC, em cuja Ilha homônima fez passageira pesquisa em 1948. Rogers (1974), de Harvard, arguiu de inconsistentes os dados e argumentos de Boléo. No Brasil, Laytano (1974), do RS, divulgou como seguras as idéias de Boléo; Silva Neto (1953 e 1970) e Pavão (1988: 120) fizeram cautelosas distinções.

As pesquisas de Furlan (1982a, 1982b, 1986, 1989a, 1989b, 1989c, 1992, 1994, 1995 *a*, 1995 *b*) constituem, até hoje, a primeira e, talvez, a mais significativa contribuição brasileira a se ocupar da questão lingüística a partir de ampla pesquisa de campo, da definição das características do falar "açoriano-catarinense" tradicional e de sua comparação com dados açorianos em perspectiva diacrónica, diatópica e diastrática.

Para bem responder a essa indagação, o ideal seria fazer o que eles não fizeram: a) descrever, com a maior fidelidade possível, o falar português continental, o açoriano e o catarinense de 1748, bem como o atual; b) definir o que se entende por "influência açoriana".

2) Pelo menos algumas formas de influência açoriana no falar litorâneo de SC (e RS) devem ser admitidas aprioristicamente, se levarmos em

conta estes fatos: 1) a língua constitui expressão e veículo da cultura; 2) o contingente açoriano que, em 1748/1756, se acrescentou aos então 4.197 catarinenses foi de 6.071 (Piazza 1983:151), provocando aumento imediato de 144,6% ; 3) o grupo açoriano, miscigenado ao catarinense, viveu em acentuado grau de isolamento cultural até cerca de 1960 e apresentou elevado índice de fertilidade; 4) os falares açorianos de 1748, sobretudo das ilhas orientais, deviam apresentar, já então, alguns traços de originalidade relativamente aos falares de Portugal continental e do Brasil; 5) o falar açoriano-catarinense apresenta hoje significativos traços peculiares relativamente aos falares das áreas circunvizinhas.

3) Considerando o caráter variável e evolutivo da língua, veículo e expressão do dinâmico sistema cultural, bem como as distâncias no tempo e no espaço entre Portugal continental, Açores e Brasil, a questão da influência açoriana no falar de SC e, *a fortiori,* do Brasil, quer a língua seja considerada em todos os seus níveis, quer em um ou outro deles (fônico, morfo-sintático ou léxico-semântico), constitui matéria exemplarmente complexa. Com efeito: 1) de 1748 à presente data, passaram por significativa evolução não só os falares dos Açores e de SC, mas também, considerados como um todo, os de Portugal e do Brasil; 2) os estudos dos falares em análise não se iniciaram antes do fim do séc. XIX (para os Açores) e meados do séc. XX (para SC) e se cingiram a aspectos regionais e específicos (Furlan 1989: 60-64; 91-95; 201-228); 3) como questão crucial, impõe-se distinção entre as várias espécies possíveis de influência: a que tem nos Açores *seu terminus a quo*; a que, divulgada pelos açorianos, remonta ao Continente; a que se desenvolveu naturalmente a partir da gênese do açoriano-catarinense; 4) as provas de que determinado traço linguístico resulta de outro falar, não de natural e inde-

pendente evolução linguística, devem basear-se em argumentos resistentes à análise crítica (cf. Furlan, 1989: 48-54).

Apesar do desafio que tal tipo de pesquisa trariam a qualquer pesquisador, Furlan pensa haver conseguido alguns resultados seguros, Na comemoração dos 250 anos de imigração açoriana a SC, ele está sintetizando o texto de 1992, editado em periódico de difusão pouco expressiva, e acrescentando novos resultados de ulteriores pesquisas. Para este trabalho vale-se: 1) do estudo do léxico agro-pesqueiro do falar açoriano--catarinense (Furlan 1982:187-219; 296-363); b) de informações que coletou ao ensejo da 3a. Semana de Estudos da Cultura Açoriana e Catarinense (Açores, Out./Nov. 1989); de dados de pesquisa feita a propósito da elaboração *do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS),* em 1990.

- **Gênese e características do falar açoriano-catarinense**

1) Aquele falar que, no contexto de meia dúzia de falares do Estado de SC, se convencionou denominar "açoriano-catarinense", resulta de *koiné*, formada pela miscigenação, em diferentes momentos históricos, do falar de três grupos etnolinguísticos principais, cujos falares provavelmente se igualavam ainda quase em tudo aos falares de Portugal continental, bem como da natural evolução dessa *koiné*. Quais foram esses grupos?

a**) Paulistas -** provindos sobretudo de São Vicente, Estado de São Paulo (SP), acrescidos de pequeno número de paranaenses, os quais, entre 1658 e 1682, haviam fundado as três primeiras póvoas *(São Francisco do Sul, Desterro* – desde 1894 *Florianópolis* - e *Laguna*) do litoral catari-

nense, póvoas que, em 1748, continuavam a ser as únicas e que perfaziam 4.197 catarinenses, tratando-se, pois, das primeiras gerações de descendentes de portugueses;

b) **Açorianos -** ou, segundo Piazza (1983: 151), 5.492 açorianos e 579 madeirenses, perfazendo 6.071, que, juntando-se, em 1748/1756, aos referidos 4.197, provocaram aumento imediato de 144,6º e que se estabeleceram na faixa litorânea central (desde Laguna até o rio Camboriú), embora 1.400 deles tenham seguido, logo depois, para o litoral do Rio Grande do Sul (RS); segundo uma relação de 7.817 alistados, esses 6.071 procediam: 328 (4,2%) de São Miguel , 772 (9,9%) da Graciosa, 912 (11,6%) da Terceira), 1.207 (15,4%) do Faial, 1.776 (22%) do Pico, 2.822 (36%) de São Jorge e 579 da Madeira; em 1980 os habitantes da área de ocupação e/ou expansão açoriana perfaziam 745.324, dos quais talvez 50% descendem dos 10.268 açoriano-catarinenses de 1756. (As sucessivas levas que, desde 1450, povoaram as nove ilhas dos Açores procederam de todos os rincões e camadas sociais de Portugal continental. No Faial, São Jorge e Pico, entre 1450/1473, juntaram-se flamengos, que cultivaram a pecuária). Quando chegaram, os açorianos fixaram-se: 1) na Ilha de SC: Desterro, Lagoa da Conceição, Santo Antônio de Lisboa; 2) no continente fronteiriço: São Miguel, São José, Enseada do Brito e Campos de Santa Marta (Laguna), havendo atingido a restante faixa por expansão.

c) **Outros -** algumas centenas de imigrados de Portugal continental; outros, mais numerosos, de póvoas da costa brasileira (Paranaguá, Santos, Rio de Janeiro, Salvador...); sobretudo desde 1950, muitos descendentes dos milhares de imigrados europeus para os vales do interior de SC, em 1851/1918 (alemães, italianos, poloneses...).

2) Dentre os traços mais característicos do falar açoriano-catarinense, sobressaem estes**: fônicos**: pronúncia álveo-palatal (chiada) do /s/ final de sílaba (*fisga, diz, mês, vez*); absorção do iode por subsequente /s/ palatalizado (*mais, seis, dois, móveis, corações* > *dosh...coraçõsh*); pronúncia velar ou uvular do /r/ forte (*roda, carro, genro, bilro, Israel*); apoio paragógico de [e] a oxítonos em -l, -r, -s, -z ante pausa *(sol, mar, mês, faz* > *sole... fage*); africação ou palatalização de /t, d/ entre iode e vogal recuada átona (*peito, doido* > *pejtju, dojdju*); ênfase da vogal tônica em prejuízo das vogais átonas e rapidez de ritmo; elevação tonal da parte final das assertivas enfáticas (*Se qués, qués, se não qués, diz*! – *Se queres...*); **morfo-sintáticos:** tratamento familiar por *tu x vós (Acradita no que vô te dizê! Maria, como passa o vosso neto?)* ; **léxico-semânticos:** uso de alguns termos em pequenas áreas cujo epicentro é, em SC, o da capital*: gueixa* (potranca), *chimarrita* (dança de roda), *bernúncia* (bicho-papão).

- **Reforço dos traços portugueses pelos açorianos em Santa Catarina**

O isolamento social propicia o conservadorismo cultural. A cultura românica na Península Ibérica, a (galaico-)portuguesa, a açoriana e a açoriano-catarinense tiveram em comum um contexto de acentuado isolamento, embora em momentos e circunstâncias diferentes.

Na língua, tal conservadorismo é perceptível em alguns traços do açoriano-catarinense, os quais ascendem ao português continental, senão ao próprio latim, tais como: 1) o tratamento familiar por *tu*, tuteamento, com verbo na 2a. pessoa do singular, em contraponto com o deferente *vós,* voseamento; 2) resíduo de apoio paragógico [e] a oxítonos em -l, -r, -s, -z

seguidos de pausa; 3) uso de formas e vocábulos que remontam ao português de 1450 a 1750 (ver abaixo). Por outro lado, o período de 1450/1750 não foi suficiente para os açorianos fazerem inovações de vulto nas regras dos sistemas fechados da língua (o fonológico e o morfo-sintático), mas que teriam feito inovações no sistema aberto (o léxico-semântico).

Esses fatores propiciaram a persistência de traços bastante arcaicos da língua portuguesa em SC, manifestos em nível fônico, morfo-sintático e léxico-semântico. De fato, a contribuição mais ampla e mais profunda dos açorianos de 1748/1756 e de seus descendentes operou-se no sentido de revigorarem os traços do português europeu continental anteriores a 1748 em SC. Tanto assim que, segundo Bueno (1964: 78), a pronunciação da capital de SC lhe "parece a melhor do Brasil". Se, com tal atributo, ele quis significar "a mais *portuguesa* do Brasil", a tese vale, até certo ponto, também para os demais subsistemas da língua.

- **Procedência dos traços típicos do açoriano-catarinense**

1) No Arquipélago Açoriano, os falares das ilhas centrais (Terceira, São Jorge, Pico, Faial) são os que permaneceram mais semelhantes aos português continental. Delas é que procederam 95,8º dos alistados para SC. Os traços de semelhança do açoriano-catarinense ao português europeu continental anterior a 1748 e, em contrapartida, a ausência, em SC, do traço exótico do micaelense (desvio seriado da pronúncia das vogais), bem como do terceirense (palatalização e velarização das consoantes precedidas de palatal ou velar respectivamente (ex.: *foj mjedo; trumbweta*), evidenciam que: 1) a maior influência açoriana em SC proveio das ilhas do grupo central; 2) os traços exóticos, se já então existiam, foram estig-

matizados e supressos; 3) a acentuada fidelidade do açoriano-catarinense ao português europeu continental anterior a 1748 teve nos imigrados do grupo central dos Açores mais um dos seus fatores.

2) Existem alguns traços, cuja subsistência, em SC, é difícil de se explicar sem a presença açoriana, a saber: a) emprego do *tu* familiar e da correspondente forma verbal, como atesta o shibolet "Se qués, qués, se não qués, diz!", subsistindo, na área rural, resíduos do deferente *vós*; b) certa solidez no uso do apoio paragógico a oxítonos terminados em -l, -r, -s, -z ante pausa; c) álveo-palatalização (chiamento) do /s/ final de sílaba; d) uso de alguns açorianismos lexicais não ascendentes a Portugal continental: *gueixa, chimarrita, bernúncia*.

3) A pronúncia velar ou uvular do /r/ forte não tem, com certeza, nos açorianos sua vertente, pois seu primeiro registro em Portugal continental data de 1883. A solidez desse traço sugere que ela surgiu em SC antes do que nos Açores. Talvez tenha resultado do falar carioca, mas não é impossível origem autóctone.

4) Alguns traços fônicos explicam-se como resultado de origem e/ou evolução natural em SC, a saber: a) absorção do iode pelo subsequente /s/ palatalizado (chiado); b) africação e/ou palatalização de /t, d/ entre iode e vogal recuada átona; c) ênfase da vogal tônica em prejuízo das vogais átonas, bem como rapidez de ritmo; d) elevação tonal da parte final das assertivas enfáticas. Ex.: *Óia, óia, óia! – Traze o açúcar!*

5) Comparado com o português europeu continental, o açoriano-catarinense atual assemelha-se mais aos falares centro-meridionais (segundo

divisão proposta por Cintra (1983:160-163) do que aos setentrionais, na medida em que estão presentes nele os traços fônicos pelos quais os falares centro-meridionais se distinguem dos setentrionais e estão ausentes os que distinguem estes daqueles. Nesse particular, a relação é idêntica à dos falares açorianos e dos demais falares brasileiros.

6) Comparado com os demais falares brasileiros, o açoriano-catarinense:

a) abrasileirou-se, na medida em que, com eles, tem em comum todos os cinco traços fônicos que Elia (1975: 179-191) apurou como sendo "gerais", a saber: monotongação de /ej/, de /ow/ e de /aj/ seguido de palatal, como em *beira, pouco, caixa*; iotização de / lh/ em [j]; - disjunção de grupos consonânticos estranhos, mediante epêntese de [i], como em *ritmo* [ʻritimo]; - desenvolvimento de iode entre a vogal e o /s/ final de oxítonos (ex.*: nós* > *nójs*), pelos falantes que não palatalizam tal /s/; - abrasileirou-se também na medida em que tem em comum com eles a simplificação das flexões verbais e a pluralização dos sintagmas nominais através de pluralização de, em geral, só o primeiro dos elementos (ex.: *muitas festa bonita*).

b) quanto à palatalização do /s/ final de sílaba, coincide com o falar de outras pequenas áreas centradas em portos dos séculos XVIII e XIX (Santos, Rio, Salvador, Recife, Fortaleza e Belém/Manaus), creditando sua origem a Portugal continental;

c) quanto à pronúncia velar ou uvular do /r/, coincide com o falar de algumas áreas mais amplas (Rio, Minas, parte da Bahia, etc), evidenciando que o fenômeno não tem seu *terminus a quo* nos Açores.

7) Quanto ao falar açoriano do RS, o de SC coincide no uso do tuteamento familiar, bem como no uso dos açorianismos lexicais *gueixa* e *chi-*

marrita, mas afasta-se dele na medida em que não está em uso, no RS, a palatalização do /s/ final de sílaba, nem a pronúncia velar ou uvular do /r/, como em *roda, porta, honra, bilro, Israel*.

- **Ascendência do léxico ao português europeu continental**

O levantamento lexical do artesanato agropesqueiro (instrumentos e embarcações de pesca, carros de tração animal e engenhos de farinha de mandioca) que Furlan (1982: 296-363) efetuou, em 1982, no litoral de SC, alcançou 450 verbetes.

1) Quase todo o referido léxico deriva das mesmas línguas das quais procede o repertório lexical comum a Portugal e ao Brasil, mantidas aproximadamente as proporções, 70% do qual remonta ao latim. Assim, as 407 lexias vertem: 144 do latim, 138 de formações vernáculas, 41 de étimo duvidoso, 18 do francês, 15 do grego, 12 do espanhol, 7 do tupi, 6 do inglês, 5 do árabe, 5 do celta, 4 do germânico, 3 do italiano, 2 do quimbundo, 7 de várias línguas (uma de cada). Para esse conservadorismo contribuiu o fato de que, o léxico antigo, pelo menos o pesqueiro, foi sendo transmitido, na costa brasileira, através de manuais de pesa, sem dúvida de vertente portuguesa.

2) O léxico em causa acha-se, quase todo, registrado em modernos dicionários de Portugal, particularmente no de Morais (ed. 10). Grande parte de suas lexias (incluídas não poucas variantes) consta em recentes glossários agrários e/ou pesqueiros do português continental europeu, como nos de Ana Lopes (1972), Joana Alves (1965), Maria Monteiro (1950 e M Lino Neto (1947).

3) Quanto ao **carro de bois,** ao menos 16 das 25 lexias mencionadas no verbete "Carro", do *Vocabulário Portuguez & Latino,* de Bluteau (1716), Coimbra, duas décadas antes da migração açoriana a SC, são de uso geral no falar açoriano-catarinense, com diferenças semânticas e/ou fônicas pouco relevantes relativamente ao de Bluteau, evidenciando que os açorianos procederam como fiéis divulgadores de uma esfera lexical que remonta ao Norte de Portugal continental. - *"CARRO. Carruagem de carga tirado por boys. Cõsta de leito, chaveiros, fueiros, chamaceiras, mesas, cadeias, cavaletes, gatos, burros, xalmas, pernas, rodas, rodeiras, caimbras, eixo, tamoeiro, relhos brochas, canga, cangalhos &c. Carro com caxa, he para cal. Carro com sebes, cõsta de um contexto de vimes, teciso, com 'q se acarreta esterco, segundo a ficão Poetica;" (...)*

Termos usuais em SC*: carro* (de bois), *leitos, chavelha* ou *chaveta, cavilha* ou *chavilha, fueiros, chamacho* ou *chamachote, mesa, rodas*, *cambras, eixo, tamoeiro* ou *tamboeiro, relha, brochas, canga, caixa, seve, vimes*. Ocorrem ainda os seguintes termos*: aguilhada, ajoujo, antolhos, arcavém, cabeçalho, canzil, cheda, cocão, corda, cunha, muchacho, regeira, rodado, torno*.

4) As muitas *variantes morfo-fonológicas* ocorrentes no falar dos pouco ou nada escolarizados em SC resultam todas de naturais tendências evolutivas da língua portuguesa, explicam-se como resultado dos assim chamados "metaplasmos" (melhor, *metafonias*) comuns aos falares populares de Portugal e do Brasil. A própria redução de -inho a -im, que Boléo (1950, p. 620) aduziu como elemento comprobatório da influência açoriana, ocorre nos crioulos de Príncipe, Santo Tomé e Cabo Verde, bem como em regiões do Brasil (Ceará). Correlata e semelhantemente, as variantes do falar da classe inculta faialense são naturalmente explicáveis e, como tais, encontráveis no falar de muitas áreas brasileiras.

5) Em adendo, vale observar que subsistem, em nível popular*, termos técnicos antigos* de pesca, navegação, agricultura, tecelagem e outros, tais como: *brebe* (breve, bentinho); *botica* (bodega, depósito, farmácia); *borzeguim* (botina de cordões); *croste* (colostro); *nuelo* (nu, recém-nascido); *(ar)riba* (acima); *sabujo* (cão/homem servil); *sestroso* (manhoso, sagaz); *sino-saimão* (signo de Salomão); *trempe* (tripé); *fado/fada*; *fato* (intestinos de animal); c*anasvieiras* (cana selvagem).

6) Em SC há vocábulos usuais que foram apontados como *açorianismos*. Embora o uso possa ter sido introduzido pelos açorianos, os termos técnicos remontam a Portugal continental. Furlan (1992: 142-148) estudou a origem de termos de algumas manifestações culturais em SC, no intuito de determinar em que medida a terminologia técnica deles coincide com a dos açorianos e em que medida ela ascende a Portugal continental.

a) Arcavém, s.m., de *arrecavém* < *a-* + *recavém,* parte traseira do leito do carro de bois ou carroça; termo generalizado em todo o Brasil, apesar de variantes; consta no *Vocabulário*... de Bluteau (1716).

b) b*) Pão-por-Deus*. s. m. Pedido de víveres, roupa, dinheiro..., feito por escrito, em papel com formato de coração, ou até oralmente. Usual na Terceira, ouvido pelo autor em Lisboa, parece proceder da classe rural ou pobre do Alentejo.

c) c) *Festejos populares do Espírito Santo* - Detalhada comparação entre os termos técnicos de SC e dos Açores permitiu concluir que é grande a coincidência e que, sem a presença açoriana, diferente seria o panorama nessa área lexical em SC, embora o léxico ascenda, de modo geral, ao português continental.

d) *Terno e Folia de Reis*. –*Terno-de-Reis*, s.m, designa, em SC, festejo em homenagem aos Reis Magos, no qual um grupo de foliões, estacionando de casa em casa, canta versos ao som de (três) instrumentos, para angariar donativos. Sob a forma lexical de *reisado* e/ou *folia de reis*, subsiste em várias regiões do litoral brasileiro, evidenciando que o termo ascende a Portugal continental. O termo *folia* pode ter como termo próximo de origem outros falares brasileiros.

O estudo do léxico permitiu concluir, pois, que ele ascende, salvo exceções, a Portugal continental e que a influência açoriana em SC se efetuou no sentido de revigorar o léxico que dele herdou.

- **Sulismos brasileiros originários dos Açores**

Pelo menos três substantivos comuns se encontram em uso, em áreas mais ou menos amplas do Sul do Brasil, cuja subsistência se deve à migração açoriana de 1748/1756, a saber, *gueixa, chimarrita* e *bernúncia*. Para fundamentar tal assertiva, Furlan (1989: 162-169) aduz argumentos de natureza semântica, dialetal, etnolinguística e etimológica.

1) ***Bernúncia*** > *bernunça* > *bernuça* ou *brenúncia* >... s.f. Designa, em SC, a figura de bicho-papão no folguedo boi-de-mamão, conhecido, na faixa litorânea brasileira, como *bumba-meu-boi*. Tal figura e denominação não ocorrem, no Brasil, senão em área de cultura açoriano-catarinense, razão pela qual o Dicionário Aurélio (1975) registra essas variantes como "catarinensismos". Étimo é o termo latino *abrenúntias* ou *abrenúntio*, "renunciar", ocorrente no rito batismal da Igreja Católica, transformada, em Portugal e em suas colônias, em interjeição. A proposta enquadra-se

perfeitamente no contexto evolutivo etnolinguístico, ao contrário da de J. Ribeiro, que filia o termo a *Bär+Wolf*, "urso-lobo". Sob forma de interjeição, no sentido de "Deus me livre!", ainda é usual em Portugal continental e, com variantes, em São Miguel *abrenuz*, Guiné Bissau *abrenúncia*, e Cabo Verde *abrenúncio* ou *abrenúncia*. Em SC, proferida ante o referido bicho-papão e substantivada, passou a designá-lo.

2) ***Gueixa*** > *guexa*, s.f. Segundo Simões (1987: 103), *guecho* (com *-ch-*) é "termo popular nos Açores para designar o bezerro ou novilho", onde se usa *guecha* para novilha. No Brasil não se usa senão a forma do feminino, grafada por Aurélio (1975) como *guexa*. O termo está em uso no RS e, salvo no nordeste, em todo o Estado de SC, onde aparece também a forma *guexa*. Eis argumentos para a assertiva de que o referido termo procede dos Açores, sem ascender a Portugal continental: a) O termo não apresenta vestígios na literatura de Portugal continental, nem na linguagem hodierna dele. b) Os próprios dicionários consideram-no como "açorianismo". Furlan (1989: 164-169) explana amplamente a matéria: a) uso e valor semântico do termo; b) propostas de étimo; c) nova proposta de étimo; d) introdução do termo nos Açores e em SC.

3) ***Chimarrita*** – Do Corvo a Santa Maria, em todos os "*balhos",* que também são *moda*, ocupou a *Chamarrita* ou – porque apresenta variantes de coreografia e texto – as *Chamarritas*, o primeiro lugar nas preferências populares, de tal forma que, em algumas localidades, a própria palavra *Chamarrita* se tornou sinônimo de baile popular (Esteves, 1989: 1). A grafia mais comum *Chamarrita* cede lugar, em textos de alguns pesquisadores, a *Chama-Rita*. O *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 1975) registra: *"CHAMA-RITA. [De chamar + antr. Rita?] S. f.* 1.*Dança de roda por-*

tuguesa da Madeira e dos Açores. 2. *Brasil*. *SP, PR*. *Chimarrita*. *[*Pl.. *chamarritas]"*. O *Dicionário Sul-rio-grandense* (1964) registra *Chamarrita* (com *–a-*) como "nome de uma variedade desses bailes campestres a que chamam geralmente *fandango"* (R. Rohan) e *Chimarrita* (com *-i-*) como "nome de uma dança, canção e música popular que se executa à viola ou violão" (R. Corrêa). Segundo esse autor, "a verdadeira palavra era composta de *china* (cabocla) e *Rita,* que, por analogia, se transformou em *chimarrita* ou *chinarrita, e não* chamarrita".

Divulgada, predominantemente sob a forma *chimarrita,* em amplas regiões do RS e de SC, é desses Estados que teria sido levada ao Paraná, a São Paulo, bem como à Argentina. No Paraná, segundo Azevedo (1978: 17), "a Chimarrita ou Chamarrita, de origem açoriana, é também conhecida por 'Limpa-Banco', porque ninguém fica sem dançar (quando se trata da bailada)". Em algumas localidades do litoral de SC, a moda avança e recua o pé esteve tão difundida até cerca de 1950, que o termo *chamarrita* passou a designar também: a) aquela modalidade de torrar farinha de mandioca no forno, pela qual esta é mexida mediante movimento de avançar e recuar manualmente um rodo; b) aquela espécie de matapasto que, sendo arbusto esbelto e alto, avança e recua ao sabor do vento.

Qual o étimo dessa palavra? Cabe razão a Esteves (1989), segundo a qual a hipótese de *"chamar + antr. Rita"* é inconsistente. Em vários textos açorianos e estrangeiros, *Chimarrita* significa personagem (nome, mas às vezes alcunha ou apelido) e/ou dança, acepções ocorrentes também nos textos do referido *Dicionário Sul-rio-grandense*. Constata a ocorrência de *chimarrete* (SP) e de *Chamarra, Chamarrita* ou *Chimarra, Chimarrita* na Argentina. Partindo do fato de que *Chamarra* ou *Zamarra,* bem como *Chimarra,* provenientes do castelhano *Chamarra* ou *Zamarra,* significa, em português, "espécie de batina sem mangas, de pano ordinário, ou

samarra" (Morais Silva, 1948) e de que o sufixo *–ita* é frequente, Esteves levanta a hipótese de que *Chamarrita,* termo designativo para o mais popular dos "balhos" açorianos, significa "chamarra pequena, isto é, casaquinho, coletinho, samarrilha ou algo de semelhante, em suma, peça de vestuário de algum modo ligada à dança, ou porque esta se executava com a obrigação do seu porte ou como alcunha de mulher useira ou vezeira de chamarras". Em favor dessa hipótese, ela aduz o fato de que, no Alentejo, subsiste melodia tradicional de nome *Chamarra*.

Convém observar que a homorganicidade fonética palatal dos sons grafados *ch-* e o *–i-* do sufixo permite afirmar que um som provocou o desenvolvimento do outro, não importando qual dos dois surgiu antes. Em favor da referida proposta de étimo vem a informação de J. Corominas (1976, s.v. *zamarra)* de que esses termos, de provável origem basca, encontram raízes antigas na literatura e língua portuguesa. *"Esta palavra tiene arraigo antiguo, además del cast., em port., cat. y oc. Port.* samarra *´roupa pastoril de pelles, ou palhas; e talvez de panno; os eclesiásticos usão de humas túnicas abertas por diante, com mangas, e humas tiras largas soltas, como mangas perdidas, he vestido caseiro, ou de noite, a passeyo, según Moraes, quien ya cita el aumentativo* samarrão *en Sá de Miranda (princ. s. XVI); "os çamarros dos vaqueiros" ya está en Gil Vicente (Cortesão)".*

- **Antropônimos: nominatas e genealogias**

1) *Nominatas* - Cabral (1953) apresenta a nominata de 650 moradores do Desterro do séc. XVIII (1748-1799). Desses 650, declararam provir: dos Açores 309; da Madeira 13; de Portugal continental 70. Dos

Açores: 115 da Terceira; 55 do Faial; 48 de S. Jorge; 35 de S. Miguel; 22 da Graciosa; das Flores e de S. Maria l cada. Do continente: de norte a sul.

Em recém-editada monografia, Farias (1998) inclui levantamento exaustivo e pioneiro dos açorianos que se estabeleceram em duas freguesias: *Nossa Senhora da Conceição*, da Lagoa, na Ilha de SC, *e Nossa Senhora do Rosário,* de Enseada de Brito, no continente fronteiriço, na qual trata destes tópicos: pontos de procedência dos Açores por freguesias, famílias, destino.

2) *Genealogias* – a) Em "Troncos Açorianos", Cabral (1948: 14-180) apresenta como uma das maiores dificuldades do genealogista: a que consiste na velha usança de muitos açorianos tomarem os sobrenomes maternos, ao invés dos paternos, ou, mesmo, de adotarem qualquer sobrenome, sem aparente ligação com os seus antepassados. Então esboça genealogias a partir de *Silveira de Souza, André Vieira da Rosa, Manuel Dutra Fialho* e de uma dezena de outros sobrenomes, indicando profissão, filiação e lugar de origem e de residência.

b) Muitos membros do Instituto Histórico e Geográfico de SC procederam a pequenos estudos de genealogia, destacando-se o de Piazza (1987), sobre origem e procedência de *Manuel Jaques, Tomás F. da Costa e Manuel Rodrigues da Luz*.

O estudo de Grisard (1988) sobressai a todos por ser profundo e completo estudo genealógico de algumas das mais antigas linhagens açorianas que desenvolveram raízes na velha Desterro e nela se ramificaram, deixando copiosa linha de descendência. A obra consta de 10 partes, cada uma das oito primeiras contendo a história de uma família com a respectiva carta genealógica: *Vieira da Rosa, Neves, Ferreira de Mello, Caldeira de Andrada, Silva Ramos, Souza, Pinto de Lemos e Câmara,* as

últimas duas contendo respectivamente listas de descendentes que fizeram ou fazem parte do Poder Legislativo Catarinense e os casamentos efetuados entre os graus de parentesco. Grisard demonstra que todos esses personagens se originaram, em linha direta, do *Capitão André Vieira da **Rosa**,* filho de Manoel Vieira e de Bárbara do Nascimento, residente na cidade da Horta, no Faial, e batizado na matriz do Salvador, na mesma Ilha. De *João Vieira da Rosa* originaram-se os oito grandes troncos familiares cuja história e genealogia a autora desenrola (p. 25-26).

- **Topônimos e Padroeiros de Igrejas**

1) A grande maioria dos nomes de ruas e logradouros públicos de Florianópolis é constituída de antropônimos de étimo luso*: P. Fontes, T. Silveira, A . Lamego, A . Ramos,* etc. O nome de algumas ruas do centro resulta de substituição de nomes do Império a partir da virada republicana, como, por ex., *Ouvidor > Trajano; Príncipe > Conselheiro Mafra; Vigário > Fernando Machado; Bela > Filipe Schmidt*.

2) A denominação de alguns logradouros públicos já foi apontada como sendo de açorianos e/ou seus descendentes, a saber: ruas: Gal Vieira da Rosa, Edmundo da Luz Pinto, João Pinto, Antônio Luz e Francisco Tolentino; - passeios: João Teixeira da Rosa Júnior; - avenidas: Hercílio Luz; - morro: do Antão; - ponte: Hercílio Luz.

3) Há topônimos que homenageiam os açorianos, embora não sejam antropônimos, a saber: a) *Ponta dos Naufragados*, no sul da Ilha; b) *Ponta dos Cedros*, localidade de Enseada do Brito, que parece homena-

gear a freguesia de Santa Bárbara dos Cedros, do Faial; c) *Caminho dos Açores,* no norte da Ilha; d) Hotel *Faial*; d) residencial *Solar Faial*.

4) Há topônimos que se prendem a nomes de pessoas nascidas em Portugal continental: - na capital, bairro *José Mendes,* natural da Vila de Sertam, Priorado de Crato; rua *Vítor Meireles,* pintor de fama nacional, nascido nessa rua, descendente de lisboeta; *Paulo Lopes,* também lisboeta, que deu nome a um município próximo de Florianópolis.

5) Há topônimos que encontram nome igual ou similar nos Açores, mas que poderiam não se filiar aos topônimos de lá*: Ribeirão; Canasvieiras, Vila Nova*.

6) Freguesias e povoados antigos levam nome de santos, resultado da formação católica do povo lusitano, fato ilustrado pela denominação dos lugares descobertos por portugueses na costa brasileira. Assim, por ex., a mais antiga capela e povoado do que é hoje Florianópolis surgiram em 1673, sob o nome de *Nossa Senhora do Desterro*.

A maioria dos nomes desses padroeiros são bem difundidas nos Açores, fato que sugere influência açoriana em sua denominação: a*) Nossa Senhora da Conceição*: São Miguel, Faial, Pico, Terceira, S. Jorge e Corvo. b) *Nossa Senhora do Rosário*: Faial, São Jorge. c) *Santo Antônio*: Santa Maria, São Miguel, Terceira, Pico, São Jorge. d) *São João*: Terceira e Pico. e) *Santíssima Trindade*: Pico. f) *Nossa Senhora das Necessidades*: São Jorge. g) *São Miguel*: Terceira, São Jorge. h) *São José*: São Miguel. Até três dos quatro navios cargueiros tinham nome de santo*: Nossa Senhora do Rosário, - da Conceição e Santa Ana*. O fato de tais denominações serem popula-

res em Portugal Continental está a confirmar que os açorianos foram fiéis propagadores da cultura lusitana continental também nesta matéria.

- **Conclusões**

1) A análise dos dados confirma a hipótese inicial de que a influência linguística açoriana no falar catarinense foi grande e que se operou em dois sentidos principais:

a) no de reforçar traços lusos na expressão da cultura, ora retomando elementos possivelmente já caídos em desuso na SC de 1748, ora revigorando os então nela usuais, ora acrescentando alguns poucos de origem primária açoriana , ora criando outros a partir da nova cultura.

b) no de retardar o processo de abrasileiramento do léxico e da linguagem como um todo, bem como o de inibir a penetração potencial de traços de outros grupos etnolinguísticos, tais como os indígenas e os hispânicos, italianos, germânicos de áreas próximas.

2) A quase totalidade dos antropônimos tradicionais, bem como dos termos técnicos agro-pesqueiros e das manifestações culturais consideradas de origem açoriana em SC, como as relativas aos festejos do Divino, remontam ao português continental, quer de eras próximas à imigração (1450/1748), quer a eras anteriores, quer, enfim, a regiões específicas, como é o caso da terminologia do carro de bois.

3) Se os povoadores do litoral catarinense, ao invés de se terem originado dos Açores, houvessem provindo de outras Províncias lusas, provavelmente não seria pouco diferente o panorama cultural e lexical de SC (e do RS); em especial, não estariam em uso as lexias *gue(i)xa, chimarrita* e, talvez, *bernúncia*.

4) De nenhum elemento linguïstico se conseguiu comprovar que tem no falar açoriano seu *terminus a quo,*exceto de: *gue(i)xa, bernúncia e chimarrita,* embora estes dois últimos encontrem raízes remotas em Portugal continental.

5) Segundo os estudos genealógicos, embora incipientes, permitem concluir, tornaram-se numerosos e ilustres muitos nomes vertem dos primitivos açorianos, do que há reflexos na toponímia, conquanto esta se revele parca em homenagear os imigrantes e a mãe-pátria.

6) O léxico catarinense e o rio-grandense pouco se diferenciam no que se refere a termos agro-pesqueiros, particularmente no que tange ao carro de bois, antroponímicos e de áreas específicas, como gue(i)xa e chamarrita; mas, no falar gaúcho, não prosperaram alguns termos usuais em SC, tais como *bernúncia* e *pão-por-Deus*.

7) O falar açoriano-catarinense, apesar de acentuadas peculiaridades, assimilou amplamente as influências dos demais falares brasileiros, particularmente na pronúncia.

8) *Nossa Senhora do Desterro,* ou, simplesmente *Desterro,* enraizado em relatos bíblicos, foi o nome que identificou, desde 1673 ou antes,

o povoado, a igreja e a cultura da capital catarinense. A denominação de *Florianópolis,* foi imposta em 1894: homenagem a Floriano Peixoto, o militar que fez fuzilar mais de uma centena de líderes da elite catarinense, na Ilha de Anhatomirim. Essa violenta mudança de nome tem recebido repúdio crescente, que se manifestou através de organização de grupos sociais, monografias, destruição de placa em homenagem ao referido militar, bem como de um recente júri simulado, no qual a quase totalidade dos jurados optou pelo retorno ao nome primitivo. Razões sagradas e sólidas sobejam para retornar ao nome que foi escolhido livremente e consagrado desde 1673. Por efeito disso, justas razões existem para submeter a questão ao instituto jurídico do *plebiscito*.

Os 6.071 açorianos, que em 1748/1756, se juntaram aos 4.193 catarinenses, bem como a seus milhares de descendentes, por 250 anos se empenharam por construir o litoral catarinense. Por tudo isso, se o topônimo *Desterro* não viesse a ser retomado, por muitas razões preferiria *Açorianópolis a Florianópolis*. Honra ao mérito daqueles que dela fizeram jus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus. Lisboa: Pascoal da Sylva, 1712/1721. [8 v.; v. 9 e 10, ed. 1927].

BOLÉO, Manuel de Paiva. *Brasileirismos:* problemas de método. Coimbra: Coimbra Ed., 1943. 44 p. Sep. de *Brasília,* Coimbra, v. 3, 1943.

———-. *Filologia e história;* a imigração açoriana para o Brasil (com documentos inéditos). Coimbra: Coimbra Ed., 1945. 44 p. Sep. De *Biblos,* Coimbra, v. 20, 1945.

———-. O Congresso de Florianópolis, comemorativo do bicentenário da colonização açoriana. *Brasília,* Coimbra, Faculdade de Letras, v. 5, p. 603-667, 1950.

———-. *Estudos de linguística portuguesa e românica:* dialectologia e história da língua. Coimbra: Univ. de Coimbra, v. 1, f. 1, 1974.

———-. *A língua portuguesa do continente, dos Açores e do Brasil:* problemas de colonização e povoamento. Coimbra: Univ. de Coimbra, 1983, 56 p. Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, v. 18, 1983.

CABRAL, Oswaldo R. *Raízes seculres de Santa catarina*. Angra do Heroísmo: Tipografia Andrade, 1948. Sep. do *Boletim do Instituto Hitórico da Ilha Terceira*, 1953. 14 p.

CINTRA, Luís F. Lindley. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1983. 216 p.

CORREA, Romaguera, et al. *Vocabulário sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1964. 489 p.

ELIA, Sílvio. Unidade e diversidade fonética do português do Brasil. In: —-. Ensaio de filologia e linguística. 2 ed. Rio de Janeiro: Grifo, MEC, 1975. 334 p.

ESTEVES, Maria Antónia T. de Fraga. Nas voltas da chamarrita. Texto policopiada, 7 p. Ed. *Correio dos Açores,* Ponta Delgada, 26 jan. 1989.

FARIAS, Vilson Francisdo de. *Dos Açores ao Brasil Meridional, uma viagem no tempo:* povoamento, demografia, cultura, Açores e litoral catarinense. Florian[opolis, 1998. 402 p. com ilustrações.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 1.499 p.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras, Univ. Federal do Rio de Janeiro, 1982 *a*. 420 p. policopiadas.

———-. Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo, v. 40, p. 629-645, 1982 *b*.

———. O português dos catarinenses de ascendência luso-açoriana comparado com o português continental europeu. *Estudos linguísticos e literários,* Salvador, UFBA, nº 5, p. 227-253, 1986.

———. Surpresas fônicas no açoriana (Portugal) e no açoriano-catarinense (Brasil). *Revue de Phonétique Appliquée,* Mons, Belgique, 1989 *a*, nº 91-93, p. 227-233.

———.*Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1989 *b*. 241 p

——-. Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina. *Insulana,* v. 45, 1989 *c*, p. 5-32.

———-. Influência açoriana no léxico de Santa Catarina (Brasil): nomes comuns, antropônimos e topônimos. *Anais do Museu de Antropologia,* Florianópolis, UFSC, v. 19, 87/88, 1992, p. 133-166.

———-. Atlas linguístico da Região Sul do Brasil permite corrigir verbetes de açorianismos nos dicionários. *Insulana,* Ponta Delgada, Açores, v. 50, n. 2, p. 431-441, 1995 *a*.

———. Influência açoriana no português do Brasil em Santa catarina. In: PEREIRA, Cilene da Cunha e P. R. Dias, org. *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995 *b*, p. 165-186.

GRISARD, Iza Vieira da Rosa. *Carta genealógica de famílias tradiconais de Santa Catarina:* Vieira da Rosa, Neves Ferreira de Mello, Caldeira de Andrada, Silva Ramos, Souza, Pinto de Lemos, Câmara; 1419-1986. Florianópolis: Ed. da Autora e da Fundação Catarinense de Cultura. 292 p.

LAYTANO, Dante de. Legado do idioma. *In: —-. Legado luso-açoriana na formação Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: MEC, Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1974, p. 7-19.

MENDONÇA, Elsa Brunilde Lemos de. *Ilha de São Jorge;* subsídio para estudo da etnografia, linguagem e folclore regionais. Angra do Heroísmo, Tip. Andrade, 1966. 340 p + fotos. Sep. do *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira,* Angra do Heroísmo, v. 19-20, 1961/62.

PAVÃO, J. Almeida. *Colagem de tempos;* estudos. Ponta Delgada, 1988. 166 p.

MULLER, Max. A casa dos Açores – Museu Etnográfico. In: CONGRESSO DE COMUNIDADES AÇORIANAS, 2. Angra do Heroísmo, 1986, p. 165-168.

PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina:* sua história. Florianópolis, UFSC, Lunardelli, 1983. 748 p.

———-. *A epopéia açoriana (1748/1756)*. Florianópolis, Conselho Estadual de Cultura, 1987, p. 1-26.

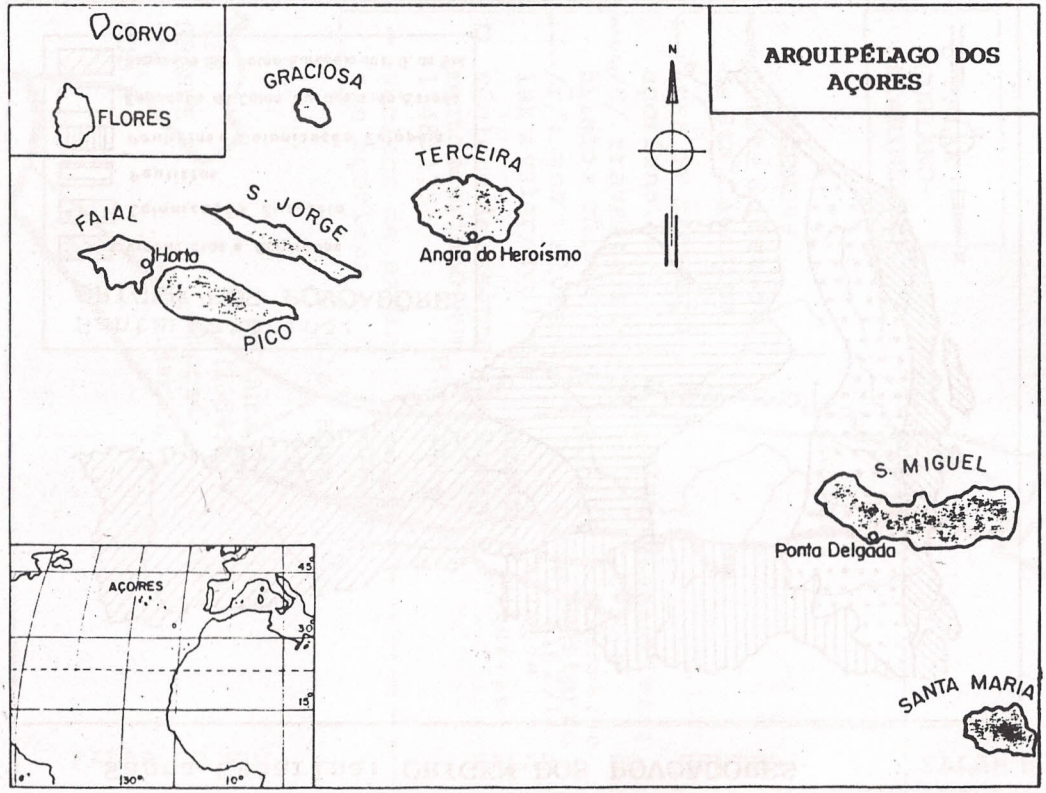
ROGERS, Francis Millet. Brazil and the Azores. *Modern Language Notes*. Baltimore, v. 62, p. 361-370, 1947.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Presença, INL, 1976, 1976. 238 p.

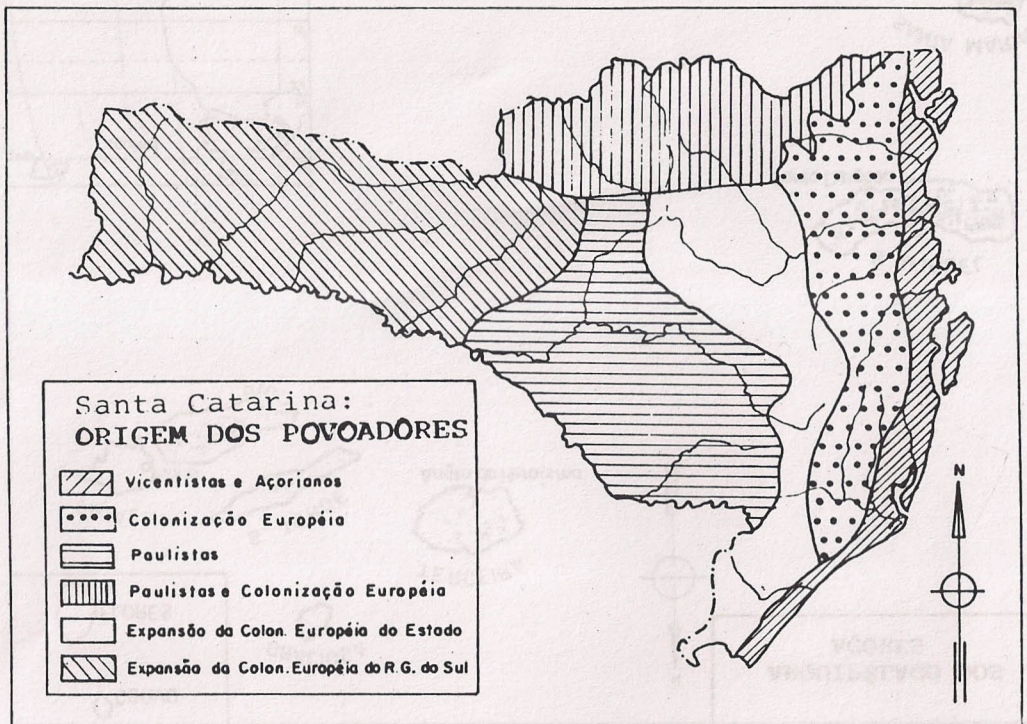
———-. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970. 651 p.

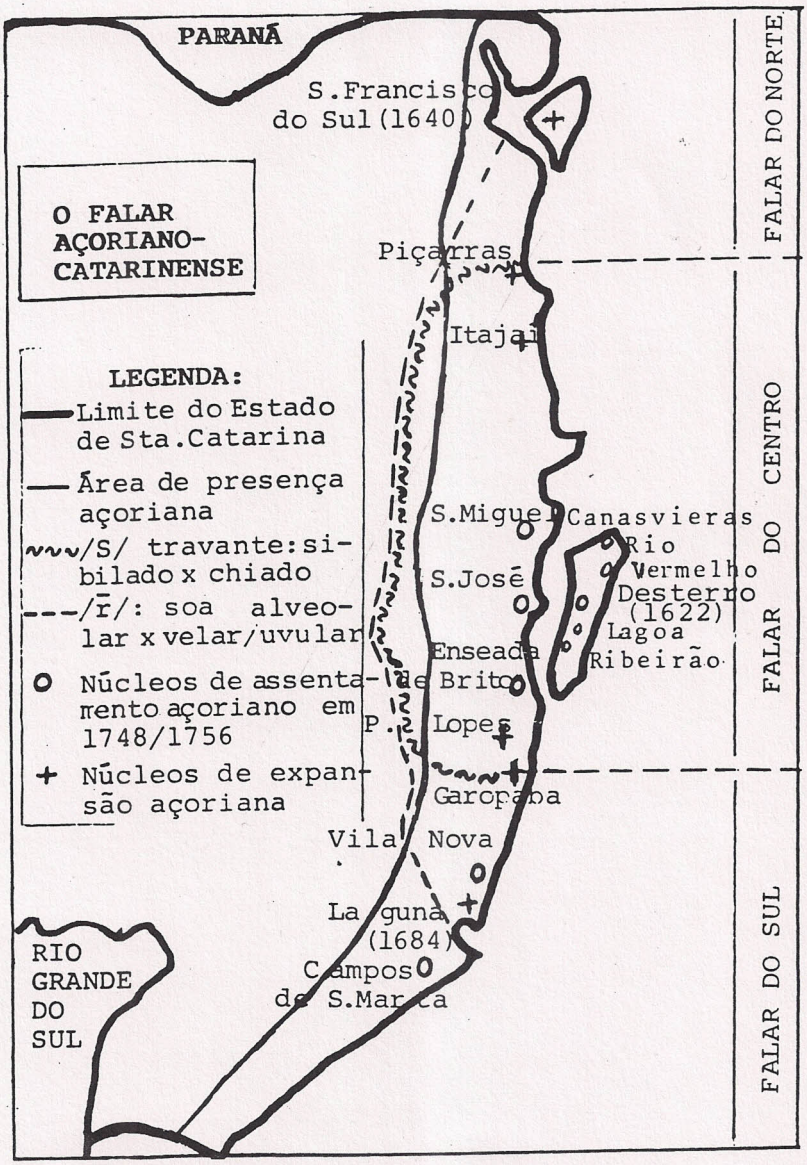
SOUZA, Bernardino José de. Vocabulário do carro-de-boi. *Revista Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro, v. (1/2), p. 129-208, 1959/1960. Glossário.

WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. *A colonização do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Instituto Cultural Português, 1979. 140 p.


ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES
CORVO
FLORES
GRACIOSA
TERCEIRA
Angra do Heroísmo
S. JORGE
FAIAL
Horta
PICO
S. MIGUEL
Ponta Delgada
SANTA MARIA
N
AÇORES
45°
30°
15°
130°
10°

Santa Catarina: **ORIGEM DOS POVOADORES**




PARANÁ
S.Francisco do Sul (1640)
O FALAR AÇORIANO-CATARINENSE
Piçarras
Itajaí
LEGENDA:
Limite do Estado de Sta.Catarina
Área de presença açoriana
/S/ travante: sibilado x chiado
/r̄/: soa alveolar x velar/uvular
Núcleos de assentamento açoriano em 1748/1756
Núcleos de expansão açoriana
S.Miguel
Canasvieras
Rio Vermelho
S.José
Desterro (1622)
Lagoa
Ribeirão
Enseada de Brito
P. Lopes
Garopaba
Vila Nova
Laguna (1684)
Campos de S.Marta
RIO GRANDE DO SUL
FALAR DO NORTE
FALAR DO CENTRO
FALAR DO SUL

Insulana, LIV-1998
pp. 53 a 173

DISSIDIUM DE PRIMATU INTER NOVEM INSULAS VULGO DOS AÇORES

JOÃO DE MORAIS MADUREIRA(*)

Tradução, Introdução e Notas
por
Teixeira Dias

DISSIDIUM DE PRIMATU INTER NOVEM INSULAS VULGO DOS AÇORES

VICTRICEM ATTOLIT PALMAM MICHAELENSIS INSULA QUIA DEIPARAM SANCTISSIMAM À VICTORIA SPECIALI OBSEQUIO VENERATUR.

TRIPLICI COMICAE ACTIONIS ACTU PROCLAMATUR

IN SCHOLASTICO PLAUSU IPSIUS TRIUMPHATRICIS VIRGINIS(1)

POR

JOÃO DE MORAIS MADUREIRA(*)

Tradução, Introdução e Notas por Teixeira Dias

---

(1) - Disputa acerca do primado entre as nove ilhas dos Açores.
A Ilha de São Miguel leva a melhor, porque venera, com especial devoção, a Santíssima Mãe de Deus, sob a invocação da Vitória.
Acto em três partes com a aclamação da Virgem Triunfadora

(*) - BIBLIOTHECA THEATINORUM EPICA DESCRIPTA Fonte: BN. Códice 3366 dos Reservados, fls 28-49

INTRODUÇÃO

Esta peça é paradigmática do chamado teatro jesuíta. A transcrição foi levada a efeito por José de Torres, e incluída hoje nas *Variedades Açorianas*, foi por mim aí identificada como tal, e confrontada com o original, guardado nos Reservados da Biblioteca Nacional.

Diga-se de passagem que a transcrição, passem embora alguns pormenores, era fidedigna, e a tradução bem feita, embora aqui e além se possam ter divergências como acontece na que por mim foi levada a cabo, com a preciosa ajuda e indispensáveis conselhos do Senhor Padre Doutor José Vaz de Carvalho, insigne estudioso Jesuíta, e amigo desde o momento em que em Roma, orientou, de maneira como só os verdadeiros conhecedores o sabem fazer, as pesquisas que então eu encetava para a elaboração da tese de doutoramento.

A ele e a outros, que ajudaram neste trabalho, o meu reconhecimento muito sincero.

O Teatro Jesuíta

O Teatro, entre os Jesuítas, foi essencialmente uma actividade pedagógica e como tal terá de ser entendida esta peça. Seguindo os cânones tradicionais desta arte entre os continuadores de Santo Inácio, *Dissidium* divide-se em um prólogo e três actos, cada qual com três cenas diferentes. O assunto é a disputa entre as diferentes ilhas, que procurando fazer valer os seus argumentos querem ser consideradas a principal. Embora a Terceira e São Miguel apresentem argumentos de maior peso e as «prendas» venham a ser distribuídas pelas duas, não há a menor dúvida que a luta se trava entre todas elas.

Dissidium terse-ia representado em S. Miguel, no Colégio de Todos os Santos, e certamente com o aparato que as próprias indicações preconizam, como era apanágio do teatro jesuíta.

O AUTOR

João de Moraes de Medureira Feijó (este nome aparece só no manuscrito da Biblioteca Nacional), nasceu a 21 de Março de 1688, em S. Gens de Parada, Bragança, e morreu a 29 de Outubro de 1741.

Doutorou-se em Coimbra e entrou na Companhia de Jesus onde permaneceu apenas 13 anos. Leccionou em São Miguel, onde compôs esta peça, contando na sua bibliografia com outras obras teatrais e pedagógicas.

fl 28

Prologus

Exit Leucosia Siren, quae totam insulam circunvolvit, et ejus laudes ad Lyram pulsum modulatur. Suavissimo Sirenis cantu allecti Delphines, cum alterno musicae concentu comitantur. Tandem ipsa Siren Dissidium et Triumphum annuntiat.

Tocao os Clarins. Sahem todas as figuras, dando volta ao Theatro, tomando venia.(2)

Scena Telas

Sirene

Despreciando crystalles
Las perlas y ricas platas
Que yo por toda la mar
Dulce Sirene pisava:
A discurrir por tus playas
El affecto me obliga
Porque no he visto en la mar
A otra isla mas linda.

(2) - Prólogo.
Sai a sereia Leucósia que abraça toda a ilha e canta louvores, acompanhados à lira. Os delfins, seduzidos pelo suavíssimo canto da sereia, acompanham-na, cantando. A sereia anuncia a disputa e o triunfo.

Delphins

Que voz tan rica y suave
Que tan suave cancion
Nuestros sentidos agena
Y roba nuestra afficcion?

Serea

Que arrojamiento se anima
En nuestras playas cantar,
Quando la voz de Sirene
Encanta toda la mar?

Delphins

Al son de tan dulces ecos
Que encantam nuestros sentidos
De la mar quatro Delfines
A la orilla salimos.

Fl. 28V.

Sirene

Pues que a oirme venis
Venid em mi seguimiento
Alternando la cancion
Al son de mi instrumento.

Disidme si por las playas,
Que Delphines anduvistes,
Hay otra isla mas rica,
O semejante la vistes?

Delphins

No, no, porque no la hay

Todos

Digamos pues todos
Con voz sonora
Que es nuestra Isla
La mas hermosa

Sirene

Disidme si teneis visto
Otros montes mas sobidos
Que a son respecto son valles
Los mas sublimes Olympos?

Delphins

No, no, porque no los hay.

Todos

Digamos pues todos
Que nuestra Isla
Excede en montes
Los altos Olympos

Sirene

Disidme si teneis visto
Otros campos mas alegres,
Que Flora viste de flores,
Y Ceres de blancas miesses?

Delphins

No, No, porque no los hay

Digamos pues todos,
Que nuestra Isla
Con flores,y fructos
Campea mas rica.

Sirene

Disidme si teneis visto
Valles mas recreativos
Que verdes lenços descogan
A la margen de los rios?

Delphins

No, no, porque no las hay.

Todos

Digamos pues todos
Que es nuestra Isla
En valles amenos
Mas recreativa.

Sirene

Disidme si teneis visto,
Otras selvas o florestas
Donde Flora e Pomona
Presuman de ser mas bellas?

Delphins

No, no, porque no las hay

Todos

Digamos pues todos,
Que es nuestra Isla
Empeño de Flora
De Pomona embidia.

Sirene

Disidme si teneis visto
Lagunas mas crystallinas
Que puedan servir de espejos
A las Tritonias mas lindas?

Delphins

No, no, porque no las hay.

Todos

Digamos pues todos
Que nuestra Isla
Tiene altas lagunas
De crystal fina

Sirene

Disidme si teneis visto
Que de otras peñas o sierras,
Por arroyos de crystalles
Corran en hilo las perlas?

Delphins

No, no, porque no las hay

Todos

Digamos pues todos,
Que en estas sierras
Hay rios de plata,
Y fuentes de perlas.

Fl 29

Sirene

Disidme si teneis visto
En todo tempo del anno
Por las faldas de los montes
A dulces aves cantando?

Delphins

No, no, porque no las hay

Sirene

Disidme si teneis visto
Para la caça otros montes,
A dõ seguros de fieras
Caçar puedan los Actiones?

Delphins

No, no, porque no los hay.

Sirene

Disidme si teneis visto
Mas hermosos arenales
A dõ Thetys se recree
En baxelles de crystalles?

Disidme finalmente
Si hay Isla mas preclara
Que sea reyna de todas
Que a todas lleve la palma

Delphins

No, no, porque no llos hay.

Todos

Digamos pues todos
Que en toda la mar
No tenemos visto
Isla mas singular.

Digamos sin duda
Que es tan preclara,
Que a todas las otras
Se lleva la palma. (Retiram-se os Delphins)

Serea (falla)

Aora pues que attentos
Todos me dan attencion,
Oid, señores, la causa
De mi suave cancion
Ha tiempos, que enamorada
De habitar esta gran Isla
Deseaba fuesse mas
Que Tenedos conocida
En la mar entre las ollas,
Luchava mi pensamiento
Quando verian mis ojos
Su feliz descubrimiento
Llegando a sus playas
E y solo por divertirme
A un oraculo encontré
Que lo siguiente refire.
La del Reyno Lusitano
Un heroe muy afamado
Rompiendo viene los mares
En baxel bien aprestado
A su viaje Neptuno

E Thetys enfurecidos
Se opponem, pero quedan
Debaxo del submergidos
En arbolando banderas,
De triumpho tan ilustre
En pocos bordos que hase
A una Isla se descubre.
En otra que fronte jase
Pone proa sin demora,
Que es de todas la mayor,
Y sera la mas lustrosa.
Siette mas luego apparecen
Y al compaz que van saliendo
Al heroe que las descubre
Las gracias salen rindiendo.
Despues que todas se miran
Descubiertas en la mar
Comieçan a contender
Qual sea mas principal.

Fl29v

Es muy larga su contienda,
Es muy vario el successo.
Pero una sobre todas
Siempre sale con excesso,
Lleva a todas finalmente
Ilustre palma con gloria

Aquella que so festeja
De una virgen la victoria.
Y acclamando sus triumphos
Como reyna coroada,
Quedará por todo el orbe
La Isla mas afamada.
Esto es, señores mios,
Lo que para ver tenemos
En estas sublimes tablas
Dõ primero parecemos.
Los curiosos no esperen
Ni fabulas o gracejos,
Que de theatro tan noble
Los momos son muy agenos.
Esperad si divertimiento
De lo mas recreativo,
Porque es muy grato a los ojos,
Es muy suave a los oidos (Recolhe-se)

ACTUS PRIMUS

Clarins—Scena de Mar

SCENA PRIMA

Neptunus oceani imperio superbe gloriatur. Tethis de eodem sibi plaudit. Ingreditur repente Frey Gondiçalus Velho, navi evectus, qui topographiam nauticam, et ballistillam manu deferens, Neptunum provocat. Pugnant: triumphat Frey Gundiçallus, et Insulas exploraturas velificat. (3)

Canta-se «Contra um jovem soberano
Guerra Neptuno publica, etc».

Exit Neptunus

En ego cui pelagi, Neptunus, sorte Deorum
Obtigit imperium; vastas regnare per undas
Tergemino sceptro; parent cui numina cuncta,
Queis mecum oceanum subeundum fata dedere
Horrendisque etiam monstra enutrita latebris
Aspera submittunt magno sua colla Tridenti
En Neptunus ego sumus regnator aquarum
Buccina Tritonis sonitu quem ducta recurvo
Regibus invictum clangit, lateque per orbem

(3) - Acto Primeiro, Cena Primeira.
Neptuno gloria-se, com soberba, do domínio do mar. Tethis gaba-se do mesmo. De repente, surge Frei Gonçalo Velho, saído de um navio, que trazendo na mão cartas náuticas e a balestilha, desafia Neptuno. Lutam; Frei Gonçalo triunfa e faz-se à vela, ao redor das ilhas, que vai explorar.

Terrarum immensos superantem gurgite tractus
Quos penetrare audent cursu mea flumina tantum.
Littora nulla meis possunt nec ponere finem
Fluctibus elati magno cum murmure coelum,

Fl 30

Excelsasque petunt nubes, superosque lacessunt,
In scopulosque cadunt, horrentia et inde fatigant
Saxa repercusso assurgunt in littore quaque.
Ergo meum patiar mortalia pectora rostro
Imperium penetrare gravi?Transcurrere Pontum
Mortales sinam?Nostro sine numine ventos
Aiolus ipse deus, ventos qui carcere fraenat,
Haud laxare potest! solum dominarier undis
Audebit Tethys nobis gratissima conjux.(4)

(4) - Neptuno
Eis-me, Neptuno, a quem, por decisão dos deuses, coube o domínio do mar; reinarei sobre as vastas ondas com o tridente ceptro; obedecem-me todos os numes aos quais foi cometido pelos fados percorrer o oceano e também os nutridos monstros, em horrendos esconderijos, submetem os seus ásperos pescoços ao meu tridente poderoso.
Eis-me Neptuno, supremo rei das águas, a quem a trombeta de Tritão, com som sinuoso, anuncia invicto aos Reis, e [anunciará] por todo o orbe das terras os imensos trabalhos que terão de superar os que ousem penetrar os meus grandes rios.
Nenhumas praias poderão pôr limites às minhas ondas, que elevadas, com grande ruído aos céus, atingirão as excelsas nuvens, calarão as eminências, cairão nos abismos, depois atormentarão os horrendos penhascos e levantar-se-ão em qualquer praia assim flagelada.
Poderei eu suportar que os peitos mortais penetrem o império com rosto grave? Deixarei os mortais percorrer o mar? O próprio deus Éolo, que guarda o cárcere dos ventos, pode permitir soltá-los, sem nossa autorização?
Somente ousará dominar as ondas a nossa gratíssima esposa, Tethis.

Tethis

Tethis ego adsum imperio etiam dotata maris:
Quae nostrum haud feram, mortales ut trabibus,
Subeant fretum: eos videbis gravibus,
Mersos fructibus, et dapem feris
Parare monstris: monstris abundat mare,
Queis integras mittam devorare rates.
Vel Scyllam feram in atram; vel naufragas
Ducant in Charybdim habilem naufragiis: (Começa a sahir a nau)
Fluctibus aut obruant alto in gurgite.
Aquarum diis mihi farmulantibus
Solum ferendum mares, curruique meo[5]

Frey Gonçalo

Eu da gente lusitana
Valeroso Dom Gonçalo
Navegarei vossos mares
Com valor agigantado.

(5) - Tethis
Eis-me, Tethis, também dotada com o império do mar; os mortais que, com máquinas de guerra, queiram arrebatar o que é nosso, sofrerão o mar (a tormenta); vê-los-eis imersos em grandes ondas, e dados, como comida a monstros feros. Em monstros abunda o mar que devorarão naus inteiras. Ou cairão na negra Cila ou naufragarão na hábil Caribdis, ou perecerão nas ondas do alto mar. Ajudando-me os deuses das águas, só eu percorrerei os mares com o meu navio.

Vossas ondas tão suberbas
Vosso furor deshumano
Domarei neste baixel
Por todo esse oceano.
Esse Tridente Neptuno
Renderas a meu domínio
Do mar o vasto imperio
Me terá por senhorio.
Nessas terras que occultas
Nessas que dominas Ilhas
Cedo verás triumphar
De Portugal estas quinas.

Neptuno

O deidades de la mar
Que tal oídes!! (Chega Frey Gonçalo)

Fl 30 V.

Frey Gonçalo

Eia superbe, sceptrum depelle manu,
Neptune, magni Numen indignum freti,

Potentisque Lusi caput submitte rati,
Quae tuum pelagus jam secat rostro.(6)

Neptunus

Tremenda pelagi sceptra qui gestant manus?
Audet oceani spatia Lusus gravi
Penetrare rostro! Solvit in apertum ratem
Jam Lusitanus ductor injussu meo!
Hoccine ferendum!(7)

Frey Gonçalo

Funde ne in cassum minas:(8)

Neptunus

Miscere vastum quid valet Triton mare?
Reclusa latebris quid prosunt monstra cavis?(9)

---

(6) - Frei Gonçalo
Ó soberbo Neptuno, indigno Nume do imenso mar, despe o ceptro e submete-te ao poder do potente luso que já rasga o mar, com o navio.

(7) - Neptuno
Que mãos governam os tremendos ceptros do mar?
O Luso ousa penetrar os espaços do oceano, com um pesado navio. O lusitano navegador, em navio descoberto, já navega, contra a minha ordem. Isto não pode acontecer.

(8) - Frei Gonçalo
Derramas ameaças em vão...

(9) - Neptuno
Ó Tritão, quem ousa perturbar o vasto mar?
Que podem os monstros escondidos nas escuras covas?

Tethys

O egregia pelagi fides! Tethis ego
Aquarum dea, sumã cur non dum patent
Aquora? Sorbet et fundo ratem
Acherontis imo? Ubi, Neptune, Tridens?(10)

Neptunus (Bate com o tridente no mar: Levantam-se monstros marinhos e ondas, diante do navio)

Eia resurgant dextra quae pelagi rotat,
Timenda Coelo!Sentiat quantum valet
Neptuni tridens.Sentiat Lusi ratis:
In scopulos ruat.(11)

Frey Gondiçalvus

Pectora non timent
Lusitana minas: ad scopulos tuus
Frangendus ibit furor; raucoque sono
Lugebis Lusi carinae pondere gemens.
Nil Lusitana linquet in ausum manus,
Inimica tellus, mare, inferni, chaos

(10) - Tethis
Ó egrégia garantia do mar! Eu, Tethis, deusa das águas, porque não me obedecem as ondas? [porque] não afundam o navio no profundo de Aqueronte? Onde está, Neptuno, o tridente?

(11) - Neptuno
Eis que se levanta a direita, que rodeia o mar e devia temer o céu. Sinta quanto pesa o tridente de Neptuno. Que a sinta o navio do lusitano: Caia nos abismos.

Pugnare valeant acrius: maior inest
Virtus Lusiadis. Auspicio Poli
Superare dabitur omne, quod coelum videt
Victoriam, victoriam latam dabit,
A rare qui jubet invium hucusque mare.(12)

Neptunus (Prega o Tridente na proa da nau e diz):

Fl 31

Ah dioses de la mar,
Es possible,
Que el soberbo Lusitano
Burle de nuestro poder! (Saem as figuras que chama)
Palemones, Nercos, Protheos
Phorbas y Tritones acodid,
Venid, acodid!
Typheos, Glaucos, Melicertas,
encelados, acodid, acodid!

(12) - Frei Gonçalo
Os peitos lusitanos não temem as ameaças, o teu furor irá despedaçar-se nos abismos, e, com som rouco, gemendo, chorarás com o peso da proa do navio lusitano. Nada fará a mão lusitana abandonar a coragem. Quanto mais valentemente combaterem a guerra, o mar, o caos, os infernos, maior será o mérito da Lusitânia. Com a ajuda do céu, é-lhe concedido superar tudo. O que o céu vê como vitória, alegre vitória lhe dará quem até ao momento manda no ínvio mar.

Tethys

Amphytrites, Nereidas, Doridas
Que haseis, que a la mar no alteraes?

Neptuno

O Eolo furioso
Embia ya de tus carceles
A los vientos rabiosos,
Que rumpan las velas,
Que quebren los mastros
Que a la navesilla
La hagan pedaços

Frey Gonçalo

Que en vano se cansa tu furor
Contra pechos lusitanos

Neptuno

Ah que de los vientos,
Tempestades, turbellinos,
Tufones, borrascas!

Tethys

Ah que de las lluvias,
Tronidos, relampagos, rayos!

Neptuno

Ah que de las furias
De mis cavernas!

Frey Gonçalo

Debaxo de mi baxel
Neptuno com lo pedido
Desecho todo en spumas
Quedaras, enfurecido. (Manda aos marinheiros marear o pano. Cahem Neptuno e Tethis)
Eia doctos Argonautas
Alegres podeys ya cantar
El triumpho glorioso
De Neptuno y de la mar (Neste tempo pega Frey Gonçalo na balista e carta de marear: toma o sol, e demarca a Ilha)

Todos (cantando)

Fortes portugueses
Conquistae o mar.
Que a terra é pequena
Para triumphar.
Já Neptuno sente
Quem he Portugal,
Não quiz por seu bem
Sente por seu mal
Que á nossa bandeira
Obedece o mar.
E a terra é pequena
Para triumphar.
O ceu nos convida
Com ilhas no mar,
A fama com velas
Já nos quer honrar.
Larguemos as velas
Para navegar,
Que a terra é pequena
Para triumphar.
Estas nossas velas
Ilhas vao buscar
Que o ceo nos mostra
Occultas no mar
Com vento nas velas
As hemos de achar,

Que a nossa bandeira
Obedece o mar.
E saiba Neptuno
Quem he Portugal,
Se por bem não quer
Sinta por seu mal,
Que os portugueses
Triumphão no mar.

Fl 31V.

SCENA SECUNDA

Apparet Insula a Sancta Maria; Frey Gundiçalvus cum sociis gaudio exultat[13]

Clarins — scena ilhas. (Grita o Gageiro)

Terra, Terra! Pom-lhe Frey Gonçalo o oculo, e reconhecendo-a, diz:

Frey Gonçalo

Buccina jam fama festivo concine plausu,
Lusiadumque decus maiori attollere cantu

(13) - Cena segunda
Aparece a ilha de Sta. Maria; Frei Gonçalo alegra-se com os companheiros.

Incipe, et in ponto tua vox jam personet alto:
Namque novum fama pelago latura theatrum
Insula, quae nobis toties quaesita latebat,
Cominijs assurgit, grata que in littore fronte
Lusiadum captura ratem jam sperat euntem.
En ergo, o socii, occultam quam lumina coeli
Henrico ostendunt, tellus! En Insula vasto
Lusiadis servata mari, quo maior in orbe
Gloria miretur lusi terraque,marique. (Manda dar fundo: lança-se a anchora)

(Appellit Insula
Anchora victricem navem jam fundet arena,)
Regia signa volent tanto plausura triumpho:
Et simul assolito tormenta explosa fragore
Vulcano intingante sonent; ac denique plausu
Nautica turba simul clamat:Victoria, Victoria![14] (Repete-se o festejo náutico)

---

(14) - Frei Gonçalo
Começa, ó trombeta da fama, com festivo aplauso, a entoar o valor lusíada e que a tua voz ressoe no mar alto. Com efeito, a ilha, teatro da fama no mar que nos era escondida, já aparece, agradecida, na praia e espera vir a ser aprisionada pela nau lusitana. Eis, ó companheiros, a terra oculta que as estrelas do céu mostram a Henrique. Eis a ilha que no vasto mar estava guardada para os lusíadas, que outra maior glória haverá na terra e no mar?
(Chega à Ilha a âncora segura já, na areia, a nau vencedora).
Voem os régios sinais, aplaudindo tão grande triunfo e simultaneamente trovejem as bombardas com o costumado ruído de Vulcano: por último a turba dos marinheiros clame a uníssono: Vitória! Vitória!

Alloquitur Insulae

Ultima laboris, anxioeque ultima spei
Insula meta ades: ter petita nobis insula
Fuisti: pretio quidem non emitur
Parvo, quod valet plurimum: nec plurimi
Aestimat amor quod patitur diu, tenet
Si tandem amoris metam: ades hoec Insula
Nostri. O terque, quaterque felix Insula!
Fortunata navis, Argo felicior
Quae nos attulit portai colchiaco
Salubriori! O dies faustissima
Auspicio Poli nobis data, et Insulae!
Scandimus hanc Insulam, die qua polum

Fl. 32

Sancta subiit Maria Deiparens.
Quid ergo?fuit Maria Coelestia
Inter locata signa Argo sacra,
Quae nos nos ad hanc appulit felicem Insulam.
Gratulemur ergo socii, Deipara
Beatissima, nomenque sit Insula
Ilha de Santa Maria (repete-se o festejo nautico)

Quaeritur Insula tam lenta suae apertionis mora

Quid prius ex grato prorumpam pectore nuto?
Si queror; haud questus gaudia tanta decet?
Gaudeo si tamen, ut possint mea gaudia pandi
Heu vereor!non hoec verba referre queunt.
Si taceo; timeo, ne ingrata ostendar amori,
Quo solum à Lusis soepe petita fui.
Fundar at in questus, referens, quoe tristia quondam
Plangebam, ut pateant gaudiam, quae potior.
Ut referam, quantum gaudent mea littora nosci,
Non nosci citius, poenitet illa modo.
Dum me felicem video nunc orbe futuram,
Poenitet, heu multum me latuisse diu.
Dum latui quondam velut nemorosa jacebam:
Sed modo rura colent, qui mea rura petunt.
Dum latui, deserta fui, haud habitata colonis:
Delicium at Lusis spero futura modo.
Dum latui, mihi visa fui spelunca ferarum:
Nunc hominum patriam me fore spero brevi.
Dum latui, oceano data sunt commercia nulla;
Nunc mihi cum regnis Lysia multa dabit
Dum latui, e regnis in Pontum expulsa videbar;
Lusitana modo currere regna datur.
Exulibus quondam tellus fuit ultima Tybur,
Nec quondam exulibus patria grata fui!
Sed modo in oceano statio gratissima dicar:
Felicem hanc venient Lusi habitare plagam.
O Dira, hanc mihi tardastis quae tempora sortem!
Oh quantum optabam detegier citius

Tempora cum numero numerabam saepe dolendo,
Jure graves, damnat nostra querela moras.(15)

(15) - Fala à Ilha
Ilha, apareces como última meta do trabalho e da esperança; mil vezes foste procurada por nós, não é um preço baixo aquilo que vale muito, nem se julga menos amor aquilo que se sofreu por muito tempo, se se consegue a meta do amor, extremamente feliz. Afortunado o navio, mais feliz o argonauta que nos trouxe às mais saudáveis portas cólquidas. Ó dia festivo que nos é dado e à ilha pelos auspícios do céu.
Chegamos a esta ilha no dia em que Santa Maria Mãe de Deus subiu aos céus. Que fazer? Foi a Celeste Maria colocada entre os sinais sagrados e Argonauta que nos trouxe a esta feliz ilha.
Congratulemo-nos, companheiros, com a beatíssima Mãe de Deus e seja o nome da ilha **Santa Maria**.
Pergunta-se se a ilha, pela demora em ser descoberta não deveria irromper em agradável expressão do seu íntimo? Pergunto se não convém ter tão grande alegria?

Fala a Ilha
Alegro-me contudo, e receio que não possa mostrar as minhas alegrias porque as palavras as não podem expressar; se me calo, temo ser ingrata para com o amor com que, muitas vezes fui procurada pelos lusitanos.
Deixarei, no entanto, de referir o que outrora chorei de triste para patentear a alegria que gozo.
Como disse, quanto se alegram as minhas praias por serem conhecidas, tanto se entristecem de a não haverem sido mais cedo. Vejo que hei-de ser feliz no futuro e tenho pena de estar escondida tanto tempo.
Enquanto estive escondida, jazia coberta de bosques mas agora cultivam os campos, os que procuravam os meus campos. Enquanto estive escondida, fui deserta e não era habitada por colonos: espero, ser delícia futura para os lusos. Enquanto estive escondida, fui espelunca de feras: em breve, serei, espero, pátria de homens. Enquanto estive escondida, não havia comércio no Oceano, agora os Lusos muitas coisas me darão, com outros reinos.
Enquanto estive escondida parecia-me ser expulsa do mar, agora os reinos lusitanos permitir-me-ão reinar.
Enquanto outrora fui a última Tibres, agora sou pátria agradecida para os exilados.
Agora, dir-me-ei gratíssima para com o oceano, venham os Lusos habitar esta praia feliz.
O Dira! como retardaste a sorte dos tempos!
Como gostaria ter sido descoberta mais cedo, e chorando muitas vezes, contava o tempo, em que a nossa queixa, com razão, condena a demora.

FL 32 V.

Frey Gondiçalus

Insula, querelis finem jam pone tuis:
Tuum satis gratum mihi nosce animum.
Mentem tui nunquam capient oblivia (Gritao os marinheiros)
Terra, terra! (Tira Frei Gonçalo o óculo e vendo a ilha diz:)[16]

Apparet Insula a Divo Michaeli

Fortunata dies, qua mare solvere
In altum ratem, ventisque vela dare
Mihi contigit! O me ducem, quo mari
Felicior non alter! Sed mihi, o Poli
Numina, quid arrogo? Tu, Michael,
Angelus potens Tartari qui tenebras
Tuo nitenti relegas lumine procul,
Nubium peplum, visui quod Insulam
Occultam tenuit, summa ab arce Poli
Longe pepulisti; coelique, o signifer,
Tuum peperit signum et triumphum mihi:

(16) - Frei Gonçalo
Ilha, põe fim às tuas queixas. É-me muito grato conhecer o teu ânimo, e que os esquecimentos nunca ocupam a tua mente.

Tuus tamen sit volo atque Insula tuo
In signum amoris, decorata nomine.
Victor Jo, Victor, Ilha de São Miguel.[17] (Repete-se o festejo náutico)

Terceira

Aun que he sido tercera
En esto descobrimiento,
En el agradecimiento
Siempre serè la primera

Graciosa

Quien descubierta se mira
Entre todas mas hermosa,
Bien es, que se te rinda
Mas que todas graciosa.

(17) - Aparece a Ilha de S. Miguel
Feliz o dia, em que me aconteceu sulcar o mar em grande barco, e velejar levado pelos ventos. Nenhum outro capitão é mais feliz que eu, no mar. Que suplicarei, para mim, ó Deus do céu? Tu, Miguel, anjo poderoso que ofuscas com brilhante luz as trevas do inferno, repelistes para longe da suprema cidade do céu o núbio véu que teve oculta a vista da Ilha. Ó porta-estandarte do céu, quero que o teu triunfo seja meu. Quero também que a ilha seja decorada com o teu nome em sinal de amor.
Eu vencedor, vencedor, ilha de São Miguel.

São Jorge

De Sam-Jorge Padronero
Con el nombre me enoblesco,
Heroe de fama agradesco
Este honor a ti primero

Pico

A mi sublime gygante
Lo mas levantado pico,
Para suelo de tus plantas
Me tienes agradecido.

Fayal

Las fayas de mi fayal
A quien tus ojos miraron,
Para rendirte applausos
No fayas, cedros quedaron.

Flores

Las flores sin distincion
De Flores nombre me dan,
Pero en agradecertelo
Flores perpetuas seran.

Corvo

Yo Corvo isla pequeña
Solo puedo desear
Que tu fama se engrandesca,
Y dilate en la mar.

Todas

Y por ultima corona
Todas juntas con firmesa
Sobre todas veneramos
La corona Portugueza.

San Miguel

Yo como mas principal
Hermanas mias quisiera,
Que en applauso deste heroe
Un festejo se hisiera.
Mandad cantar a las Nymphas
De vuestros rios e selvas
Que los dioses de la mar
Se rindiran luego a ellas.
Y con gorgeos y vozes
Todas applaudan las glorias

Deste heroe soberano
Digno de eternas memorias (Recolhem-se. Clarins. Sahe Tethys com as Nymphas e cantam a letra seguinte)

Tethys

Al heroe de la fama
Oy bellas Nymphas
Consagran applausos
Las nuestras Islas.
Gonçallo se llama,
Heroe soberano
Que descubre islas
En el oceano.
Alegres pues todas,
Porque las descubre,
Nos mandan cantar
Su fama illustre.
Eya pues con applauso,
En bayle festivo
Cantemos los vivas
Con gran regosijo.

Todas

Ó viva Gonçalo
Heroe soberano
Que descubre Islas
En el oceano
Viva, viva, viva,
Oh viva Gonçalo etc

Tethys

En su baxel veloz
Domina los mares
Llenos de victorias
Van sus estandartes.
Eya pues todas
Digamos que viva.

Todas

Oh viva Gonçalo
Heroe soberano
Que vence a Neptuno
En el oceano.

Viva, viva, viva,
Oh viva Gonçalo etc.

Tethys

Lleva esta su nave
Tan docto Nauclero[1],
Que los altos mares
Passa sin riesgos
Eya pues todas,
Digamos que viva

Todas

O viva Gonçalo
Nauclero supremo,
Que los altos mares
Passa sin riesgo
Viva, viva, viva,
Oh viva, Gonçalo, etc.

Tetyis

En la mar su fama
No se termina,
Gygante supremo
No tiene medida
Eya pues todas
Digamos que viva.

[1] Patrão, dono de nau.

Todos

Viva, viva, viva,
Oh viva Gonçalo
Heroe en el mundo
El mas afamado
Viva, viva, viva,
Oh viva Gonçalo
Heroe en el mundo,
El mas afamado.

Fl 33V

Frey Gondiçalvus (despede-se)

Vos insulae meae, pectore quas fero,
Valete:memorem vestrum tenebitis
Aeternum hanc animum:valete:jam vocat
Auster in mare.

Todas

Aeternum et tu quoque vale[18] (Clarins ate se recolher á Nau).

(18) - Frei Gonçalo
Vós, ilhas minhas, que levo no peito, adeus! Tereis a memória eterna nesta alma, adeus! Já o Austro chama no mar.
Todas - Para sempre também adeus a ti.

SCENA TERTIA

Decertant Insulae de Praecellentia

San Miguel

Vos sociae, gaudeo hic adesse simul
Pectore namque meo dubium agito diu,
Quod mihi modo resolvere est animus:
Nostrum scilicet quaenam omnibus proecat,
Feratque palmam?

Terceira

Ah! Ne moveas peto,
Socias inter inimicum dubium!

Santa Maria

Meis
Quid dubii auribus sonat? Ne erit Insula,
Palmam, quae mihi praeripere audeat?

Flores

Neget
Quis floribus coronam?

Pico

Erigat altius
Me caput?

Graciosa

Apparuit ne ulla gratiosior?

Fayal

Cunctis ego adsum amaenior.

Corvo

Quaesita nautis
Ego magis.

San Jorge

Majus est mihi titulo
Decus.

Santa Maria

Non meus umquam hoec patietur honos.
(Affert Insula a Sancta Maria se omnium primum apertam fuisse)

Quamnam per orbem pertulit Insulam
Primo citatis fama volatibus,
Polusque notam fecit ante
Non semel auspiciis petendam?
Primos honores Inclyta Lysia
Cui nam dedit?gens nautica plausibus
Totum per aequor quam triumphos
Lysiadum celebravit inter?
Mortales inter coetera corporis
Primum locum quis, ni caput, occupat?
Hujus freti terras et inter,
Qua caput extulit alta primum?
Credebat olim Numina fontibus,
Praeesse gens, haud fluminibus licet
Magnis: sacri vel tum honores
Praecipuo capiti dabantur.
Neget quis ergo me caput omnium,
Primaeque palmam ac principis Insulae
Mihi ferendum?quis negabit,
Judicium referens Palomon.(19)

(19) - Cena 3.ª
As ilhas discutem acerca da primazia
S. Miguel - Vós, companheiras, alegro-me estar aqui em simultâneo porque tenho uma dúvida que está na minha intenção resolver: quem de nós todas é mais excelente e merece a palma?
Terceira - Peço que não provoques entre nós a inimizade duvidosa.
Sta. Maria - Que dúvidas soam nos meus ouvidos? Qual a Ilha que ousa retirar-me a palma?
Flores - Quem negará a minha coroa de flores?
Pico - Quem levantará mais alto do que eu a cabeça?
Graciosa - Aparecerá alguma mais graciosa?

Michaelensis Insula Fertilitatem

Prima quos jactos, titulos superbos,
Non nego quondam peperisse magnum
Nomen, et primae, tibi quem supremum
Dicis honorem
Nam atra campos nubila fertiles, nunc
Quos nitentes fructibus explico, tum
Conderant, nec dum mea nota vasto
Littora Ponto.
Tuba me postquam sonuit per orbem
Continens fama Michaelis inter
Insula omnes, clarior extat, atque
Nomine major;
Extera quam, Lysiadique gentes
Soepe quaerunt, mercibus, ut refertas
Hinc ferant naves: opulenta rerum
Littora nostra.

Faial - Eis-me mais amena que todas.
Corvo - Sou a mais procurada pelos navegantes.
S. Jorge - O ornato é para mim maior que o título.
S. Maria - A minha honra nunca sofrerá isto.
(A Ilha de Santa Maria alega ter sido a primeira a ser descoberta)
Que ilha levou primeiro pelo mundo a fama, e o céu a fez conhecida antes [de todas] e nem uma só vez pelos auspícios? A quem deu a inclita Lusitânia as primeiras honras? A quem celebraram os nevegadores lusitanos, por todo o mar, como um triunfo?
Entre os mortais, quem a não ser a cabeça, ocupa o primeiro lugar do corpo? Quem levantou primeiro a cabeça entre as terras e os estreitos braços do mar?
Acreditava-se outrora que os Numes presidiam às fontes, mas não aos grandes rios; as honras sagradas, porém, davam-se ao deus principal.
Quem negará que eu, cabeça de todas, terei de levar a palma como primeira e principal ilha? Quem negará, tendo Palomon proferido o juízo?

Orbe si toto jacet ulla terra...
Cuncta reddens solicitè colenti, ...
Nemo felicem, omnia qua refert, hanc
Esse negabit
Namque vestit frugibus arra dives
Hic Ceres: lata segetas quotannis
Magna complent horrea, grata frugum
Munera Divae

Fl 34V

Insula ipsa dicite, vos phaseli
Unde vestri, ni redeunt per annum
Hinc onusti, triticeum ferentes
At quore panem.
Militium, dicat, dominatur arcem
Mauricam turba, hinc etiam rates quot
Accipit portu exuberante nostra
Messe repletas.
Hic per altos et pecorum videbis
Tum greges, tum armenta quoque in montes,
Lata campi pabula queis ministrant
Non semel anno.
Jam mihi cedit celebrata quondam
Coecubo campania, Massicoque;
Multa nostris, grataque surgit agris
Vinea fatu.

Ceu suas hic delicias teneret
Dives hortorum dea, plena multis
Fructibus pomaria pandit, ac fert
Dulcia nobis.[20]

Angrensis Insula Portum munitissimum

Regnare solum illum licet,
Sceptrum tueri qui valet:
Ferat pede hostis si Insulam,
Quid fertiles prosunt agri?
Quid deliciae?Securitas
Si abest, semperque adest timor.
Dives, tu opum quidem, Insula,

(20) - S. Miguel alega a fertilidade
Não nego que os títulos soberbos, de que como primeira te gabas, te proporcionariam, outrora, um grande nome. Com efeito as negras nuvens ocultariam os férteis campos que agora mostro com reluzentes frutos, e também não eram conhecidas as minhas praias no vasto mar.
Depois que a tuba soou pelo mundo, levando a fama de S. Miguel, quem tem maior nome e mais brilho entre todas as ilhas? As gentes da Lusitânia procuram, muitas vezes, como mercês, o que as naus carregados levam daqui: as nossas praias estão cheias de coisas.
Se em todo o mundo houver alguma outra terra produzindo para o cultivador tão solicitamente, ninguém negará, entre as que refere, que esta feliz é uma delas.
Ceres produz aqui grande riqueza de frutos: os dons da deusa enchem os grandes celeiros, todos os anos, com deliciosos frutos.
Dizei-me, ó ilha, se os barcos voltam aqui carregados, levando o trigo através do mar. Diga o exército que domina a hoste mourisca, se não recebe daqui os navios cheios dos nossos trigos.
Aqui verás, quer grandes rebanhos de gados, quer grandes conjuntos de animais, aos quais os campos proporcionam alimento durante todo o ano.
Já me cedem a celebridade de outrora as regiões Cocubo e Massico e surge nos nossos campos a grata vinha. A divina deusa dos hortos terá também aqui as suas delícias com grandes pomares que nos trarão doces frutos.

Ast ostium non hostium
Fugat inimicas rates:
Statio ruinosa est tuis
Nobisque navibus. Caput
Tantum eligendum corporis
Quod membra possit coetera
Servare: tuque naufragas
Naves, vel ipso, quot vides,
Munitissimnam
Portu? Vel hosti nautico
Proedae datas? Non sic ego
Quae sinuoso littore
Video rates sistere meo
Undique fere minacibus,
Quas anchora ab ventis tenet
Tutas; mari frusta undique
Fremente pello longius
Piraticas puppes hinc duplici
Fortissimaque arce, Inclyta
Qua supero cumae mania
Bimarisve Corinthi olim
Bimarisve: Quidem gloria maris am regia
Fundata manu surgunt mea
Quae cuncta inter propugnacula

Fl 35

Clara celebrata fama adhuc
Palmam ferunt, audacibus
Unquam non subacta hostibus.(21)

Graciosa se non solum nomine graciosam esse

Imperium quondam solum si digne tenere
Foemina, quae cunctis gratior ore foret:
Insula nulla magis titulo me digna corona;
Namque mihi solum gratia nomen inest.
Est index rerum titulus, tota Insula grata,
Qua nitet, a forma gratia nomem habet.
Grata forent oculis rura hac, si rura videris;
Impediunt visus, culmina nulla oculis.
Hic possunt pelagus circum tua lumina late
Cernere, et in tectis tutus adesse meis.
Non cautes horrent hic, nulla nec antra ferarum.

(21) - Angra alega o seu fortificadíssimo porto.
Só é lícito reinar e deter o ceptro a quem se defende. Se o inimigo entra na Ilha que proveito têm os férteis campos? Quais são essas delícias? Se a segurança está ausente, sempre está presente o medo. A opulenta Ilha, após a entrada dos invasores fugirá das naus inimigas. É atitude ruinosa para os teus e para os nossos navios. Convém eleger cabeça do corpo quem possa defender os outros membros, e tu, que navios tens naufragados neste porto ou noutro qualquer? ou dados como presa, ao navegador inimigo? Não assim eu, que vejo os navios aportarem ao meu sinuoso litoral que têm, contudo, as âncoras seguras do vento.
Bramindo o mar, para longe afasta as naus dos piratas, com dupla e ínclita fortíssima fortaleza, que supera as de Cuma ou de Meno, que fica entre mares, porque as minhas muralhas, fundadas por régia mão, surgem entre as inexpugnáveis, que, celebradas pela fama, sempre levaram a palma, e nunca foram submetidas pelos audazes inimigos.

Est gratum tuto currere rura pedes.
Hic licet haud lymphas fontes nec flumina volvant;
Non ideo latos cynthios urit agros.
Germinat assiduo fructus, uberrima tellus,
Gomanti solum rare rigata Poli
Non hic sulphureas tollunt incendia flammas:
Exulat hinc Saevus Mulciber igne suo.
Quid referam plura?exurgo tota undique grata:
Digna ergo imperio ne Insulla nulla magis.(22)

Insula a Divo Gorgii Lusitanae Coronae tutelaris titulum

Quid gloriaris titulo de tuo?cuinam
Magis titulo deberi, dic, coronam?
Sacrum Georgii nomen ne Patroni
Non est titulus, quo Lysia nitet cunctas,
Inter coronas?quaenam principes olim,
Celebresque mundo magis floruere urbes,
Heroum nisi decorata nomine?

(22) - A Graciosa diz que não é graciosa só no nome
Se outrora só consideraram digna do império a mulher que fosse considerada a mais graciosa na fronte, nenhuma ilha é mais digna no título (nome) que eu, porque o meu nome é uma graça.
O título é índice das coisas, e toda a ilha aprazível tem nome de graça na qual brilha. Serão agradáveis para os olhos, se vires estes rasos campos pois nenhumas colinas impedem a visão. Aqui podem as luzes espelhar-se nos mares e estar-se seguro nos meus lares. Não há aqui horrores nem antros de feras, e, agradado, podes correr os campos a pé. Aqui não é permitido que fontes e rios se tornem limos, nem os vastos campos se tornem cíntios.
O fruto germina assíduo, e na terra ubérrima, só raramente irrigada pelo céu, os incêndios não produzem aqui sulfúreas chamas, exulta aqui o cruel Mulcíbero com o seu fogo. Que referirei mais? Levanto toda a gratidão, nenhuma ilha será mais digna de império que eu.

Romuleo caput augusta quantum extulit Roma?
Quantum illa, magnus cui dedit nomen

Fl 35V.

Dominator orbis?Altera vel quam
Constantinus suo voluit dictam?
De meo tamen mihi nulla certet honore;
Audeat nec orbe Georgio majus
Proferre nomen; nec inter reliquas, late
Quas pelagus circundat Insulas ausit
Arrogare aliqua maiorem sibi jure
Titulum ad coronam?(23)

Insula Picus Altitudinem

Audeat excelsum quaenam transcendere Picum,
Insula? quem nullus celebrat, quos fama Cyclopum,
Terrigenae vel qui tentarunt astra gygantes,
Haud superare suo potuerunt corpore vasto.
Altius exurgit summus qui nubibus alto

(23) - A Ilha de S. Jorge, tutelar do nome da coroa lusitana
Porque te glorias do teu título? A quem, com mais justiça, se deve a coroa? Não é o sagrado nome de S. Jorge o título com que se ornamenta a Lusitânia, entre as coroas? Que príncipes, outrora célebres, que cidades floresceram mais no mundo, se não as esmaltadas com nomes de heróis? Quanto exultou Roma, como augusta cabeça, com Rómulo? Quanto exulta a ilha a quem deu nome o dominador do universo? Quanto exulta aquela cidade à qual Constantino quis chamar sua? Da minha honra, porém, ninguém duvida, nem no mundo ninguém ousa proferir nenhum nome maiordo que S. Jorge, nem entre as outras ilhas, que o mar cerca, ousará arrogar-se nome mais próprio para a coroa.

Vertice, submissus Pico jam cedit Olympus.
Despiciensque solum caput inter nubila condo
Immensum unde quidem cernunt mea lumina pontum
Qui licet extollat magnos ad sidera fluctus,
Fluctibus haud unquam tetigit sublimia nostra:
Nec fines elato undarum vortice supra
Ire meos potuit. Tantum veneratur in undis
Sublimi pelago surgentem mole Typheum
Neptunus! Summum ergo caput me noscite vestrum,
Quem decet augustum, celsumque attolere sceptrum.(24)

Insula vulgo Fayal amoenitatem

Quid tua sic tute jactas sublimia Picus?
Sublimi haud raro certa ruina loco.
Altius e terra quisquis Phaetonte subivit?
Sed magis infelix quis Phaetonte fuit?
Adde, quod aethereos ferunt quoque fulmina montes
Nec favet elatis montibus ipse Polus.
Gratius assurgunt mea nunc mortalibus ergo,
Quoe fagis frondent undique rura, suis.

(24) - O Pico enaltece a sua altitude.
Alguma ilha ousará ultrapassar o excelso Pico? Nenhum dos ciclopes, os quais a fama ilustra, ou os gigantes nascidos da terra, que tentaram escalar os astros, conseguiram superar o Pico com o seu vasto corpo.
Como o seu alto cume se levanta mais alto que as nuvens, o Olimpo cede submisso ao Pico. Desprezando, escondo sozinho a cabeça entre as nuvens, e daí, as minhas luzes inundam o mar que levanta aos céus as grande ondas mas nunca atinge as minhas alturas, nem pode chegar ao meu cume com o redemoinho das suas ondas.
Venera-se, deste modo, Neptuno Tifeu, surgindo no sublime mar? Portanto reconheceime como vossa suprema cabeça, a quem pertence levar o augusto e excelso ceptro.

Fl 36

Ipsa etiam virides habitarunt Numina Sylvas;
Arcadio quondam fagus amata des
Hic inter densas, umbrosa cucumina fagos
Invitant animos, hospitiumque ferunt.
Hic nemora aestivos solis fractura calores
Condensant umbras, umbra nec ulla nocet.
Hic vulgo fundit colocasia dulcia tellus;
Vernat, et assidue parturit omnis ager.
Nec furiunt venti blando sed murmure fagi
Folia dum tremulant irrigat ossa sopor
Hic etiam poteris per amoena fruteta vagari:
Poma hic invenies pendula multa tibi
Hic etiam;sed quid certo depingere plura?
Plura vel externis sunt mea nota satis.(25)

(25) - A Ilha do Faial exalta a sua amenidade
Porque te glorias das tuas alturas, ó Pico? Não raro é certa a ruína dos lugares sublimes. Quem subiu mais alto que Faetonte, mas quem foi mais infeliz que Faetonte? Sabe que os raios ferem os montes etéreos e que o próprio céu não favorece as elevadas montanhas. Mais agradáveis aos mortais surgem os meus campos, porque as faias os escondem nas suas sombras.
Os numes habitam também as verdes florestas; a faia foi outrora amada por Acádio e aqui, entre as densas florestas, as faias convidam as almas, proporcionam descanso. Aqui, os bosques, quebrados os ardores estivos do sol, proporcionam as sombras, a sombra a ninguém faz mal.
Aqui a terra funde-se com as doces colocásias, todo o campo floresce e produz assiduamente. Os ventos não se revoltam mas sob o brando murmúrio da faia as folhas tremulam, o descanso irriga os ossos, e, vagueando pelo meio dos arbustos, também podes encontrar pendentes os frutos. Que se pode desejar mais? Já são bastantes os meus argumentos.

Insula vulgo Flores se omnium ornatissimam

Quid Cereris laudas humilis, quae munera fagos?
Germinat haec vulgo munera vilis ager.
Nulla subit mentem fagis detexta corona:
Hanc tua nunc merito non tibi rura dabunt.
Rura dabunt mea, quae solum mihi rura dederunt
Hoc nomen Flores, quod sibi Flora dedit.
Flora inscripta meo florescit nomine pulchra:
Gratior ex vobis Insula dicar ego.
Flora inscripta meo nomine grata florescit
Pulchrior ex vobis Insula dicar ego
Nunc vobis ergo dicar amoena magis.
Nec solum inscripta est in nostro nomine Flora,
Flribus exornor, flribus rura nitent
Veris deliciis, Floram hic spirasse putabis,
Quidquid et Elysii parturit almus ager.
Arva oculos rapiunt vario vestita colore,
Et redolent veluti rura Sabaa forent.
Alliciunt oculos fulgenti murice flores:
Prolectant gustum dulcia poma simul.
Pellicit hic animos, sensus et corda voluptas;

Fl 36V.

Nec nocet hoc nobis, quippe dolore caret.
Ut referam paucis, quae me exornare videntur;
Floribus ex cunctis flosculus enites.

Floribus ergo meis cum palma est danda corona,
Hanc texunt flores, hac simul illa nitet.(26)

Insulam vulgo Corvo se navigantium metam

Tacete jam, rivulos vestros jam claudite,
Niger dicet, vos Insula proetervolat
Corvus: colori nimio ne credite.
Alba lapillo digna fastorum libris
Signari dies, quae mundo visa fui.
Nautis oceano nulla felicior
Illuxit.Rates appellunt huc que tramite
Possint adire recto per altum mare.
Pharus ego, seu potius navigantium
Sinosura. Vestrum e Brasilia exciperet

(26) - Flores, gloria-se de ser a mais ornamentada de todas as Ilhas
Por que louvas a humilde Ceres pelas dádivas das faias? O campo chão produz estas prendas. Nenhuma coroa ornamenta a mente coberta de faias, os teus campos não ta darão com mérito. Os meus campos darão, o que só os campos deram, este nome de Flores, que Flora a si própria atribuiu.
A deslumbrante Flora floresce inscrita no meu nome, por isso, eu dir-me-ei a ilha mais agradecida entre vós.
Flora floresce amena no meu nome, daí dir-me-ei mais amena para vós. Não só o nome de Flora está inscrito na verdadeira delícia mas podereis aspirar aqui a verdadeira flora e tudo o que o campo de Elísio proporciona às almas.
Várias cores arrebatam os olhos com coloridos variados, e revoam como se fossem os campos de Sabá. As flores enfeitiçam os olhos com fulgentes luzes e proporcionam simultaneamente doces frutos ao paladar.
Deliciam-se aqui a alma, os sentidos e os corações voluptuosos. Não nos pertence atormentar-nos com a dor. Como me referirei aos poucos que procuram extorquir-me os brilhantes brilhos de todas as flores?
A coroa com palma deve ser dada às minhas flores, as flores a tecem, com ela também brilho.

Nulla refertas naves, ni corvus viam
Ostenderet, daretque bonis avibus.
Quisnam ergo merito inficiet,
Ante omnes volet Corvus vos sublimior?[27]

Santa Maria

Suspendamos los discursos,
Las razones y palabras:
Que semejantes questiones
Solo las deciden las armas.

San Miguel

En las armas mi valor
Me promete la corona,
Porque en armas siempre he sido
La Isla mas vencedora.

(27) - O Corvo, assinala-se como meta dos navegantes
Calai-vos, fechai vossas ribeiras, diz o Negro. Já vos sobrevoa o Corvo, não acrediteis na grande cor. Assinale-se o dia em que fui mostrada ao mundo e que seja marcado na lápide dos fastos. Nenhuma deu maior felicidade aos marinheiros. Os barcos, chegando aqui, podem ir para o alto mar. Eu sou farol, ou melhor Cinosura dos navegantes. O que vem do Brasil em naus carregadas, perder-se-ia, se o Corvo não lhes mostrasse a rota e não confiasse essa riqueza às boas aves. Quem mais sublime que o Corvo, que com mérito sobreleva e voa adiante de todas?

Terceyra

Vencedores mis castillos
Quedaran por mas armados
Mil estandartes triumphantes
Nellos vere arbollados.

Graciosa

Las gracias tan empeñadas
En hazerme graciosa,
Haran que nuestras desgracias,
Me publiquen venturosa.

San Jorge

Venturosa mas que todas
Me hara mi padronero

Pico

Mi pico por mas sublime,
Me porá en essos cielos

Fayal

De mis fayas las trincheras
Me haran inconquistable.

Flores

De mis flores los espinos
Seran las fuertes murallas
O' piques mas offensivos
Que rebatan vuestras armas.

Corvo

Con exercito volante
Dividido en dos alas
Al Cuervo puesto en campo
Encontraran vuestras armas.

Santa Maria

A Marte voy consultar

San Miguel

Yo a Pallas como sabia

Todas

Y nos a las mismas armas (Recolhem-se)

Fl 37

Bayle das Nymphas (Tethys sae cantando)

Oy vengo señores mios
A vindicar de unas queixas
Que hiriendo mis oidos
Lastiman las mismas fieras.
Eccos de Nymphas parecen
Que pretendem con rasones
Altercar la mayoria
De sus mas nobles blasones.
Quales estas puedan ser
Nymphas venid a dezirlo
Que pleito tan implicado
Yo solo he decidirlo.
Llegad, corred, volad,
Venid luego a mi llamamiento,
Que soy Tethys del bravo elemento,
A quien los demas dioses suelen respetar

Primeira Nympha (cantando)

Yo soy Clori, hija del sol,
Y la Nympha mas luzida,
A quiem consagra sus playas
La Isla Santa Maria (Falla)
Es mi quexa con rason
De la Nympha mas vizina

Que siendo yo primogenita,
Ella pretende ser primera

Tethys (Cantando)

No te quexes Clori illustre,
Do que las otras pretenden
Que si es hija del Sol
Al Sol saettas no hieren.

Segunda Nympha

Deiopeia soy la Nympha
Desta Isla soberana,
Que siendo mayor que todas,
Es Isla de mayor fama. (Falla)
Es my quexa de Amarilis
Que siendo nympha tercera
Pretende con presuncion
Entre nos ser la primera.

Tethys (Cantando)

No te quexes Deiopeia
Dessa Nympha presumida,
Que no suelen presunciones
Llevarse la primasia.

Terceira Nympha (Cantando)

Yo soy la Nympha Amarilis
Daquella Isla suprema,
Que en Castillos e fuertes
No hay otra que la vença. (Falla)
Es mi quexa que las otras
Oy me procuren vencer,
Teniendo fuertes murallas
Que me pueden defender.

Tethys (Cantando)

No te quexes Amarilis,
Que de tus fuertes castillos
Pueden vencer triumphante
Los mas fuertes inimigos

Quarta Nympha (Cantando)

Yo soy la Nympha Melantho
Entre todas mas hermosa,
Que passeyo por las playas
De una Isla Graciosa. (Falla)
Es mi quexa muy sentida,
Que siendo tan engraçada
Haya otra que presuma
Ser Nympha mas bien dotada.

Tethys (Cantando)

No te quexes mas Melantho,
Hermosa bien engraçada,
Que hermosura con gracia
Siempre fué la mas amada

Quinta Nympha (Cantando)

Yo soy la Nympha Legêa
Daquella Isla tan noble
Que tiene por titular
Al Padronero San Jorge. (Falla)
Es mi quexa la mas grave
De una Nympha que blasona
De tener titulo mayor
Para llevar la corona.

Tethys (Cantando)

No te quexes mas Legêa
Pues tienes un Padronero
Que puede a tu corona
Defender con el azero.

Sesta Nympha (Cantando)

Yo soy Glauco Nympha noble
De aquel tan sublime Pico
Que despreciando las nubes
Compitte con el Olympo. (Falla)
Es mi quexa pressentir
Que pueda haver otra Nympha,
Que viendo tan gran altura
Presuma de mas altiva.

Tethys (Cantando)

Nympha glanco no te quexes
Siendo la mar remontada
Que quien pretende tu trono
Hade caher despeñada

Sétima Nympha

Yo soy Protho, Nympha bella,
Nympha mas bien assombrada
A quien la Isla Fayal
Amenas sombras consagra. (Falla)
Son mis quexas un reselo,
Que presuman otras Nymphas
Tener entre sus vergeles
Sombras mas recreativas

Tethys (cantando)

Nympha Protho no te quexes,
Pues tienes de ricas fayas
Las sombras mas agradables
Que no tienen otras playas.

Oitava Nympha (cantando)

Flora soy Nympha hermosa
De la floresta mas rica
Adonde reynan las flores
Con hermosura mas linda. (falla)
Es mi quexa la mayor
De otra Nympha presada
Que siendo yo toda flores
Presuma ser mas ornada.

Tethys (cantando)

No te quexes bella Flora,
Pues tienes por ti las flores
Enleyo de los sentidos
Retrato de tus amores.

Nona Nympha (cantando)

Yo soy la Nympha Licaste
De todas mas sublimada,
Porque en Alas de un Cuervo
Me veyo mas remontada. (falla)
Es mi quexa sobre todas
Pues quieren las otras Nymphas
Que siendo yo tan alada
No vuele sobre sus Islas

Tethys (cantando)

No te quexes mas Lycaste,
Pues te ves tambien azada,
Que forcejando los buelos
Quedaras mas sublimada. (falla)
Desecha toda la causa
De nuestras quexas sentidas
Es bien que mostreis aora
Quedaes con amor unidas.
Lograes las mas ricas Islas,
Que toda la mar rodea;
Ni Neptuno rey de todas
En otras mas se recrea.

Aunque todas pretenden
El sceptro y la corona
Es forçoso que una sola
Sea de todas Señora.

En pero quien esta sea
El que lo ha de jusgar,
Es un Monarca Supremo
El reyno de Portugal.
Enquanto pues cuidadosas,
Esperaes tan gran dicha,
Divirtamos los cuidados
Con una dança festiva.
Oidme aora todas,
Applaudiendo mis canciones,
Pues quiero que en este bayle
Vençan a vuestras rasones (cantando)
Llevar puede la Palma,
Oy Santa Maria,
Porque es de todas
La primera Isla. (As Nymphas dão a primeira volta, e bailando repetem o mesmo que Tethys canta)
Tambien por mas fertil
Puede San Miguel
Llevar a las Islas
El primer laurel (Nymphas, 2ª volta...)
Si la Isla de Angra

Quer ser la Princesa,
Quedesse por ora
Con ser la Tercera. (Nymphas, 3ª volta)
Si la Graciosa
Quer ser coronada
Bastele por premio
Ser mas engraçada (Nymphas, 4ª volta)
San Jorge la palma
Llevaria primero,
Mas sobra a su Isla
Ser su Padronero (Nymphas, 5ª volta)
Tambien coronado
Seria el Pico
Mas sea su corona
Vencer el Olympo. (Nymphas, 6ª volta)
Quede con sus sombras
Que es palma suprema,
La Isla Fayal
Con ser mas amena. (Nymphas 7ª volta)
La Isla de Flores
Por mas bien ornada
De sus flores mismas
Sea coronada (Nymphas 8ª volta)
No grasne el Cuervo
Por ser ave negra,
Que nunqua su suerte
En blanco se queda.

Recolhem-se)

Fl 39

Actus Secundus

Scena Prima

Ad pugnam se accingunt Insulae; sed Portugalle inter eas pacem componit. Porrigit manum, et omnes jurant in illius leges.(28)

Clarins Scena Armas - Canta-se Hade los cielos que alistan, etc

Santa Maria

Es possible, quien lo crera!
Que quiera vuestra osadia,
Aquella que es la primera
Quitarle la primasia!
Las rasones allegadas
Palabras no han deshaser:
Mis fragatas aprestadas
Todo lo han de vencer.

(28) - 2.º Acto
Cena 1.ª - As ilhas preparam-se para a luta; Portugal impõe a paz entre elas. Estende a mão e todas juram cumprir as suas leis.

San Miguel

Miguel Archangel soberano,
Que triumpha del dragon
Com el azero en la mano
Vencera tu presuncion.
Mostrara esta guerra
Con un triumpho imortal,
Que de un principe la tierra
Deve ser la principal.

Tercera

Si por armas se deslinda
La contienda entre nos
Quien habera que rinda
Siendo mas fuerte que vos!
Entre mis dos fortalesas,
Que assombro son de la mar,
Multiplicando proesas
Quedaré mas singular.

Graciosa

Que oigo!

San Jorge

Que miro!

Pico

Que sobervia!

Fayal

Que afam!

Flores

Eya Flores!
Al campo salid armadas,
Ni teneis que recear,
Que a las Flores la corona
Ningun la puede quitar

Corvo

Bata el Cuervo sus alas
Para volar mas ligero;
Que si al solio se buela,
Yo llegarè la primero.

Portugal

Pare toda la contienda;
Suspended todo el rigor,
Que no hay corona cierta
A do faltan leys de amor.
Yo Portugal invicto
Sin contienda ni porfia
A la tierra mas lial
Suelo dar la primasia.
Leales todas por cierto,
Augustas sin distinccion
Vos respeta mi affecto,
Venera mi estimacion.
Y si conocer quereis
Desta habla la verdad,
Tomad todas esta mano
Señal de mi lealtad.
En ella firmes jurad
De seguir a Portugal,

Que la que fuera mas firme
Sera la mas principal (Vão todas dando a mão e recolhem-se)

Fl 39V.

Santa Maria (entra

Yo Santa Maria lo juro

San Miguel (idem)

Yo San Miguel lo prometo

Terceira (idem)

Yo Tercera lo protesto

Graciosa (idem)

Yo Graciosa me obligo

San Jorge (idem)

Yo San Jorge lo cumplo

Pico (idem)

Yo Pico lo applaudo.

Fayal (idem)

Yo Fayal lo venero.

Flores (idem)

Yo Flores lo estimo.

Cuervo (idem)

Yo Cuervo lo confiesso

Scena Secunda

Portugalle a Regnis et Imperiis gratulalationes expostulat, quod Atlanticas Insulas, tot saeculis sibi optatas jam teneat.Dum singulas breviter dilaudat, Tertiam reliquis proefert, eamque Ecclesiastici regiminis caput constituit. Apparet tiara, quem PortugalleAngrensis Insula beneficio gratulatur, et coronanda accedit.Exit Michaelensis Insula aliquantulum stomachata, et jura ad primatum sibi ferendum apponit.(29)

Portugal

Faustissima et ter beata dies mea
Haec attulit spei finem:tandem Polus

(29) - Cena 2.ª
Portugal solicita agradecimentos a reinos e impérios porque já possui as ilhas atlânticas, por muitos séculos desejadas. Louva cada uma, brevemente. Destaca a Terceira em relação às outras, e constitui-a cabeça do regime eclesiástico. Aparece a tiara que Portugal outorga a Angra, a ilha sobe para ser coroada. Sai a ilha micaelense um tanto irritada e procura defender os seus direitos.

Portugalliae jam optatis annuit.
Radiis à Pelago, si quondam aureis mihi
Phebus caput emersit, nunc Atlanticas
Cum mihi Insulas imensa pandit mari.
Nec ipsum mare unquam ditius patuit,
Tulitque Lysiadis aestimandas magis.
Gemas suas? Nulli aequanda sunt pretio,
Qua petita diù assequuntur denique.
Inclyta ergo mihi terrarum plaudite
Imperia, notaque mundo fama nobili
Regna simul plaudite, et gratulamini.
Vestris classibus viam jam proebet mare
Subactum meis. Recurva Tritonis buccina
Hinc lusitani regni famam concinet
Haud terminatam Atlantico nec oceano.
Vos iterum mihi plaudite Imperia
Patet mari via strata ad comercia
Hinc mea superbus noscet, et vestra simul
Regia Neptunus signa tota mari.(30)

(30) = Portugal =
Ó mil vezes feliz o dia em que chegou ao fim a minha esperança: o céu já anuiu aos desejos de Portugal. Nas voltas do mar, se outrora Febo emergiu a cabeça no seu carro de ouro, agora revela, comigo, as ilhas pelo imenso mar. Nunca se patenteou tanto o mar e mostrou aos lusitanos (as ilhas) que mais devem ser estimadas. Suas jóias? Conseguem-se, finalmente, aquelas que, procuradas durante tanto tempo, não têm preço.
Aplaudi-me, inclitos impérios da terra, igualmente aplaudi-me reinos famosos no mundo e congratulemo-nos.
O mar, subjugado pelas minhas armadas, já mostra o caminho às vossas. A trombeta recurva de Tritão já louva a fama do reino lusitano, que não termina no Atlântico. Aplaudi-me de novo. O mar está patente para as actividades comerciais. Neptuno, soberbo, conhece os meus e vossos sinais régios em todo o mar.

fl. 40

E vos ategora ocultos
Sublimes brios da fama,
Ficareis mais levantados
Com a coroa lusitana.
Desejo de tantos seculos
Fostes Ilhas ategora:
Mas ja parece foi pouco
Pelo muito que ja logra.
A perder ficam de vista
As Chios, Delos, e Cretas
A todas excedeis tanto,
Quanto a luz excede as trevas.
Colchos de todos buscada
Um thesoiro so continha,
Vos me pareceis tão ricas
Que todas sois uma mina.
Nove sois, mas desiguaes,
No numero que não tem par:
Sois todas tão singulares,
Que entre vós não ha egual.
Oh não passareis de nove
Como destino nos declara
Que tirando os nove fora
Tudo no mar fica nada.
Tendes o nome de Açores,
Que vos vem mui natural,
Aquelles roubão corações

E vós o amor a Portugal.
A todas o meu affecto
Reconhece por mui dignas
De ficarem principaes
E lograrem primasias.
Mas é justo que entre todas
Aquella seja a cabeça
Que nos cargos do Governo
Tenha maior fortaleza
Esta pretendo que seja
A que Terceira se chama
Singular nas fortalezas
Que o mundo todo acclama (Sahe a Terceira)
Para que todos venerem
As ordens desta cabeça
Nella porei uma mitra
A quem a gente obedeça (Apparece a mitra)
Assim se nega a maoria!

Angra

A tus plantas mui rendida
Mi amor me gratifica
Este tam augusto honor,
Que a todos mas me sublima.

Portugal (Pega na mitra)

Venerem todas as outras
Na tua cabeça a mitra,
Que se foste sempre ilustre
Agora es illustrissima

San Miguel (suspende a mitra)

Tem mão ó Portugal!
Áquella mais afamada(Ah ceus!)
Aquella mais fertil Ilha
Por mil titulos a maior! (Retira-se a Terceira a hum lado)
Assim se nega a mayoria!

Scena Tertia

Alloquitur Insula cum Portugalli, si cui objicit Angrensem Insulam Hispanis ingressum praebuisse, Dominum D. Antonium in propugnaculis, et accepisse et proclamasse, se autem semper fidelissimam extitisse.(31)

Esta Portugal supremo
A palavra promettida
De ser a mais principal
De nós a mais fiel ilha!

(31) - Cena 3.ª
Fala a ilha de S. Miguel com Portugal a quem diz que a ilha de Angra permitiu o ingresso de Espanhóis nas lutas de D. António e os recebeu e proclamou, ela porém sempre se manteve fidelíssima.

Dizes que para Governo
Se requer fortaleza
Esta deve ser de animo,
E não de montes de pedra

Fl 40V.

De que servem fortalezas
De castelos e muralhas,
Se no peito faltam brios
Se faltam mãos para as armas?
Que importa, que tenha Angra
Os dois castellos melhores,
Se tem fortes parapeitos
Não tem peitos para fortes?
Nessas mesmas fortalezas
E nesses mesmos castellos
Deu quartel a inimigos
Por não poder rebatelos
Se talvez não foi valor,
Ou resolução apostada
Dar as mãos a inimigos
Por não lhe dar a espada
Mas ah! reino lusitano!
Que traição tão conhecida,
Entregar as fortalezas
Com a espada na bainha!
Esta a sua fortaleza

E o seu valor singular,
Sugeitar-se a Castelhanos
Por infiel a Portugal!
A don Antonio tambem
Nos Castellos deu entrada,
Em tempo que teus castellos
Do reino fóra o lançavam.
Aqui se mostrou lial
Aclamando por ser rei
Aquelle a quem desherdado
Conhecia a tua lei
Ah! valor michaelense!
Ah! Ilha de San Miguel!
Invicta sempre nas armas
Sempre a teu rei mui fiel! (Tocam-se clarins e tambores, ate descer a nuve.)

Resonant tubae, et tympana bellica.Apparet milicia caelestis,signifer Sanctus Michael, qui Insulae suae iminentes mari Britanos annuntiabat, eamque ad victoriam accendit. Exit Britanorum armata acies.Convocat Insula alumnos suos qui pugnam capessunt et triumphat. Exit Angelus(32)

(32) - Ressoam as trombetas e os tímpanos bélicos. Aparece a milícia celeste, comandada por S. Miguel que anunciava a invasão por mar dos britânicos e a conduz (a ilha de S. Miguel) à vitória. A ilha chama os seus defensores que entram na luta e ganha. Sai o anjo.

Angelus

Coelestis adsum signifer militiae,
Tuique solicitus Patronus, Insula,
Tibi nuntiare circa tua littora
Adversus rates dare vela Britano duce
Qui fidei dogmata aliena nimis
Trahit moribus, verumque armata acie
Tollere fidem quaerit et audax Britanus leo Insulam
Devorare ratibus. Tu firmo pectore
Insula tuam defende arcem, et simul fidem:
Ibit in ruinam hostis iniquus, et tuae
Dextrae cadet triumphantis spolium.(33)

Insula

Tu Princeps Poli, meo grato veneror
Corde nuntium:tutela fidens tuae
Brachioque forti, quos tenet insula,
Tocam caixas e clarins
Convoco milites
(Tocam caixas e clarins)
Sed quis jam fragor obstrepit

(33) - Anjo
Eis-me, comandante da milícia celeste e patrono solícito da ilha, a anunciar-te que o comandante britânico veleja com as naus, o qual trai os costumes com os dogmas, e procura arrebatar a fé com as armadas, e o audaz leão britânico devorará a ilha com os navios. Tu ilha, defende, com peito firme, o teu refúgio e simultaneamente a fé. Cairá na ruína o teu inimigo iníquo e o espólio da tua direita sairá triunfante.

Insolitus? Britani jam nostra terunt
Limina feroces? O pubes mea inclyta,
O Insula gens clara, o pectora,
Lusi progenies semper fidelissima!
Cogit amor patriae Christique fides
Sacra cogit in arenam descendere.
Descendite, o milites, pignara clara mei,
Descendite, ut videant banc derteram sibi
Fatale fulmen Britani, ruant, ruant,
Meorumque semper inviolatam fidem
Agnoscant ruentes.(34) (Recolhe-se.Clarins e Musica. Sahem por húa parte os inglezes e por outra os Michaelenses. O capitão destes faz esta pratica aos soldados)

Capitão Michaelense

Eya peitos lusitanos
Cujo valor conhecido
Voa nas azas da fama,
Por todo o mundo applaudido!

(34) - Ilha
Tu, príncipe do céu, venero-te como mensageiro no meu grato coração, confiando na tua protecção e forte braço, que sustentam a ilha. Convoco os militares, mas que barulho insólito se ouve já? Os ferozes britânicos já percorrem as nossas praias? Ó minha mocidade formosa possam o amor da Pátria e a fé de Cristo descer à praia. Descei ó soldados, meus ilustres dons, e caiam os britânicos com fatal raio e conheçam, caindo, a sempre inviolada fé dos meus.

Eia animos guerreiros,
Nas armas tão alentados,
Que em officinas de Marte
Parece fostes gerados!
Eia gloria portugueza,
Nas armas sempre luzida,
Mostra que é terra firme
Esta a quem o mar fez ilha!
A teu braço o britano
Offerece novos tropheos
Que tremulando na terra
Serão vistos nesses ceus.
O leão daquellas armas
Desses pes atropellado
Mostrará que de Miguel
Emblema sois o mais raro.
Aquella real divisa,
A harpa britana digo,
Tocada por vossas mãos
Tocará um Victor !Jo!
A golpes de vossa espada
Se dedica aquella flor
Para laurea do primeiro,
Que a tocar vencedor.
Na cabeça aquelle bruto
Que unicorni se chama
Nos rende um novo clarim
Para cantar vossa fama.

O valor michaelense
Nesses reinos decantado
Pelo gallo atrevido
Nestas praias degolado:
Inglezes mostrar pretende
Em esta ocasião,
Que se o francez foi gallo
Elle he forte leão.

FL 41V.

Mas eia soldados fortes,
Alumnos, raios de Marte
Aquelle leão nas garras
Vos traz novo estandarte
Eia pois Michaelenses
Arma, arma, guerra, guerra.
Viva, viva, San Miguel
Morra, morra, Inglaterra (Tocam caixas e clarins; todo o tempo da batalha dura a música— Pugnant: triumphant Michaelenses. — Sahe o baile da Marinheira)

Marinheira (canta)

Marinheiros d'alto bordo
Que nesse mar navegaes,
Voltae proa a san Miguel
Por quem tanto suspiraes.
Vinde e ouvireis alegres
A marinheira cantar, (solo)
Que o cantar de Marinheira
Encanta os homens do mar.
Chegay correndo a ouvir
De San Miguel os triumphos (solo)
Que para applaudir Victorias
He bem nos achemos juntos. (Sahen os marinheiros cantando)

Marinheiros

A vossas vozes rendidos
Estamos prontos, Senhora, (solo)
Tributando obediencia
Ás ordens de tal matrona.

Marinheira

Agradecendo o cortejo,
Quero me digaes primeiro
O nome, a ilha e o santo

Que levaes por padroeiro:
Porque de todas com gosto
Um baile formar pretendo,
Que com seus vivas publique
Qual seja o maior empenho.

Primeiro Marinheiro

Venho da ilha do Corvo
Paiz de mui pouca gente,
Vou com proa no Algarve
No navio san-Vicente.

Marinheira

Com tão boa companhia,
Chegareis a salvamento,
Que quem vae com tal patrono
Por poppa leva o vento (Todos bailam).)

Todos (Cantando)

Vamos pois com san Vicente
Buscar o cabo da Roca,
Pois cantando a Marinheira
Segura vae a derrota.

Segundo Marinheiro

Da ilha das Flores venho
Na fragata Santa-Rosa,
Vou carregar a Ceylam
Da canella mais cheirosa.

Marinheira

Com santa-Rosa eu fora
Santa tão prodigiosa
Que quem com ella navega
Certo tem mar de rosas. (Bailam)

Todos (Cantando)

Com santa-Rosa pois vamos
Santa tão prodigiosa,
Pois cantando a Marinheira
Levamos maré de rosas

Fl 42

Terceiro Marinheiro

Eu venho da Graciosa
Ilha de boa feição,
Navego de norte ao sul
Na galera Conceição.

Marinheira

Eu digo que a Conceição
É certo e feliz presagio,
Pois onde todos perecem
Ela não teve naufragio (Bailam)

Todas (Cantando)

Sigamos a Conceição
Ditoso e feliz presagio
Pois cantando a Marinheira
Não sentiremos naufragio.

Quarto Marinheiro

Venho da ilha san-Jorge
Na nau san-Boaventura,
Navego para o Brasil
A buscar minha fortuna

Marinheira

Eu dissera sem lisonja
Que quem deseja Fortuna,
Navegar pode sem risco
Na nau san-Boaventura (Bailam)

Todos (Cantando)

Vamos pois todos com gosto
Na nau san-Boaventura
Pois cantando a Marinheira
A dita temos segura.

Quinto Marinheiro

Da ilha do Faial venho
No navio San Francisco
Trago drogas e fazendas
Para trocar por bom trigo

Marinheira

Eu digo que san-Francisco
Por ser Serafim com azas
Levara voando as velas
Que se valerem das chagas (Bailam)

Todos(Cantando)

Vasmos pois com san-Francisco
Que é seraphim com azas,
Pois cantando a Marinheira
Seguros vamos nas chagas.

Sexto Marinheiro

No navio santo-Antonio
Venho da ilha do Pico,
Navego para Hollanda
Com carga de rico vinho.

Marinheira

Eu digo que santo-Antonio
Por ser das coisas perdidas,
É um dos maiores santos
Que leva quem busca ditas (Bailam)

Todos (Cantando)

Vamos pois com santo-Antonio
Santo das coisas perdidas,
Pois cantando a Marinheira
Não nos podem faltar ditas.

Septimo Marinheiro

Venho da ilha Terceira
Com carga de belos trigos,
Navego para Lisboa
No navio san-Domingos.

Marinheira

De san-Domingos eu digo
Nos lembremos nesta festa,
Pois nos servira de guia
A facha que tem aceza (Bailam)

Todos (Cantando)

Vamos pois com san-Domingos
Luz do mais formoso dia:
Pois cantando a Marinheira
A facha nos vae por guia

Oitavo Marinheiro

Na galera Assumpção
Venho de Santa Maria
Levo por troca a S. Jorge
As drogas daquella Ilha

Fl. 43V.

Na Assumpção me parece
Embarquemos com presteza,
Que se nos falta o sol
Não nos faltara estrella (Bailam)

Todos (Cantando)

Vamos logo na Assumpção
Gallera de tal belleza,
Pois cantando a Marinheira
Não nos faltará Estrella

Marinheira

Sendo tão grandes os santos,
Que levaes por nosso guia
De todos so San Miguel
Deve ter a primazia
Porque sendo padroeiro
Da mais nobre e illustre ilha
Triumphou dos inimigos
Que intentavam destruil-a.
A este Arcanjo pois todos
Demos sem demora os vivas
Publicando em todo o mundo
Que nos conservou as vidas.

Todos (Cantando e bailando)

Viva Victor san Miguel
Por todos seja applaudido
Pois tem o cruel britano
A seu imperio rendido

Fim do Acto II

Fl 43

ACTUS TERTIUS

Scena Prima

Portugalli primatum postulat

Scena Palacios-Clarins-canta-se «A coronarse dichosa etc.

Michaelensis insula de triumpho gloriatur: a Portugalli primatum postulat; ei adversatur Angrensis Insula, quia tiara jam sibi concessa fuerat. Reliquae Insulae Angrensi ipsis viciniori praecellentiaam exposunt. In Portugalliam et Insulas questus effundit Insula à Sancta Maria. Exit Divus Michael, qui evaginato gladio Insulae suae adherens, illi primatum exquirit. Exit.(35)

Insula Michaelensis

Tome a fama novas azas
E novo clarim dourado,
Para cantar pelo mundo
A meus triumphos applauso.
Cante no mar e na terra
Triumphos tão singulares
Com que brilham vencedores

(35) - Acto 3.º
Cena 1.ª
A ilha micaelense gloria-se do triunfo, e pede a primazia a Portugal; contraria-a a ilha de Angra porque já lhe fora concedida a tiara. As restantes ilhas defendem a excelência da ilha de Angra, mais próxima delas. A ilha de Santa Maria lamenta-se das ilhas e de Portugal. Sai São Miguel, e, desembainhando a espada, exige o primado da sua ilha.

De San Miguel os estandartes.
Já França toda conhece
E tambem toda Castella
Ser o meu valor invicto
Pelo mar e pela terra.
O britano so restava
Para confessar vencido
O valor michaelense
Valor nas armas invicto.
Se já numerar quizesse
A quantos vencido tenho
Só nações o meu triumpho
Já podem cantar em terno.
A tanto já bem chegado
O meu valor e esforço
Não de soberbas muralhas
Mas de peito generoso
Já nesses subidos astros
Se verdade disse Manlio
O throno tem fabricado
O esforço de meu animo
«An fortes animae, dignataque nomina coelo
Corporibus resoluta suis, terraque remissa,
Huc migrant ex orbe,suumque habitantia coelum
Aetheros vivunt annos, mundoque fruuntur»(35')

(35') - Por ventura as fortes almas e as divindades do céu conhecidas, enfraquecidas nos seus corpos, perdida a terra emigram para aqui, e habitando os céus vivem eternos anos e usufruem com o mundo.

Ou como melhor diz Seneca
«Sed locum virtus habet inter astra»[35'']
Já meu valor nesses ceus
Entre os astros se exalta.
Vê lá pois, ó Portugal
Se na terra merecia
Não só ser a principal
Mas de todas a rainha.
Palmirenos, a Zenobia;
Carthagineses, a Dido;
Puseram no regio throno
Por valor bem conhecido
Agrippa e Pulcheria,
Por animosas nas armas
Com sceptros e com coroas
Se viram já premiadas
Izabel e Catherina
Governaram as Hispanhas
Porque seu valor invicto
Obrou ilustres façanhas.
Minhas façanhas illustres,
Que só por ti fiz rendida
Mereçam pois Portugal
Das ilhas a primasia.

(35'') - O lugar da virtude é entre os astros.

Fl 43V.

Angra

Embargos con mil rasones
Te contrapongo offendida:
Porque a mi como a cabeça
Concedida está la mitra.
Recuerda bien Portugal
La palabra promettida,
Que no es bien que un reyno
La palabra contradiga.
No des credito a rasones,
Que la passion suele fingir:
Voluntad apassionada
Rason no puede seguir.
El ser yo la mas lustrosa
Causa fué destas afrontas,
Que con afrontas la embidia
Deslustra luzes agenas.
Acclamar a Don Antonio
Hijo de sangre real,
No fue violar tus leys
Mas a las leys ser leal
Es ordenacion expressa
Por decreto de tus leys,
Que habiendo hijo real
Otro no suba a ser rey
A otro en aquel tiempo

No tenias Portugal,
Ni a otro todo el reyno
Seguia por voluntad.
Pero dado que pudiesse
Resistir a una armada,
Vencerla siendo vencida
Accion fue mas afamada.
Desse yerro si lo fue
En sugetarme e rindirme
Supe tirar como cuerda
Consequencias de mas firme.
Lo mas que contradisir
Pudiera muy facilmente,
Callo pues con dizir nada
Tudo dize es inocente.

Portugal

AH!...Quanto cuesta dicernir
Una contienda reñida!
Apenas oy hay rason,
Que rason no contradiga. (Sahem as ilhas)

Graciosa

En un cuerpo todas juntas
Portugal te suplicamos

Concedas a la Tercera
Lo que todas deseamos.

San Jorge

Si es rason que la cabeça
Este visina a sus miembros:
Mas visina a la Tercera
Todas nos otras tenemos.

Pico

Bien sabes por que rason
Y derecho natural
Siempre a la bien mas comum
Cede el bien particular.

Fayal

Ni sin daño de tercero
Otra puede ser cabeça,
Porque nos muy desmiembradas,
Y lla sin fama se queda.

Flores

Nos por lexos arriesgados
A peligros de la mar,

Eila en mar de aggravios
A puntos de naufragar.

Corvo

Si contra nos no quiziere
Haser se fuerte en armas,
Hasta ver la fuerça dellas
A sus injurias vengadas.

Graciosa

Fl 44

No obsta que sea sola
Para a todas nos dañar,
Que basta una Tercera
Para todo el orbe alterar (Sahe Santa Maria)

Santa Maria

Si quien llora sus desdichas
Llora mas e dize menos,
El llorar sera acierto
Quexarme no es remedio.
Pero ah! cielos que si callo,
Paresco ser dura peña,
Que a golpes de aggravios
Por tosca nunqua se quexa.

Veyo me tan offendida,
Que el dolor no lo consiente,
Que por la boca y por los ojos
El coraçon no rebiente.
Lagrimas pues ojos mios,
Sean ya sentidas voses
Que rezuenem en los valles,
Y en las peñas de los montes.
Oydeme ya compassivos
Valles, montes y peñascos
La cruel ingratitud
Que hallo en pechos humanos.
Por destinos desso cielo
Fuy de todas la primera
Que sugete mi dominio
A bandera portugueza.
Fuy de todas la primera
Que con gloria imortal
Dilaté por estos mares
El imperio de Portugal.
Fuy de todas la primera
Que nesse preclaro reyno
De un principio soberano
Mereci ser el empeño
Fuy tambien causa primera
De seren las otras Islas
En los mares descubiertas
E en el orbe conocidas.

Oy pero ni Portugal
Ni todas las otras Islas
Quierem em mi conocer
Semejantes primasias
Oh!quanto mejor me fuera
Jazer occulta entre peñas
Do que vierme conocida
Para sentir mil afrontas!
Ah!ingrato Portugal!
En pero oy dolor! que en vano
Rumpen aora mis quexas
Para ablandar a un pecho
A quien no mueven finesas.
Oh! islas tambiem ingratas!
Ay quexas que no paraes!
Paren discursos frustrados
Que es hablar con duras piedras,
El hablar con los ingratos!
Oh si possible me fuera
Transformar me en Antilia
Para ser mas respetada
O ser mas appetecida!
Oh quien aora pudiera
Tornar a ser encubierta
Para ver a Portugal
Como por mi se desvela
Oh islas!Oh Portugal!
En que vos he merecido

Este sin rason desprecio
Este sin rason olvido? (Sahe o Anjo san Miguel
— Clarins

fl. 44V.

Archangelus

En ego cui magna defensi gloria coeli
Et decus, et nomem peperit; cum soeva frementes
Reginaque turbantes acies discordibus armis,
Volventesque nefas, et cuncta per astra furentes,
Desuper intentans, ferrum fatale repressi
Victor, et aetherea cunctas ab sede fugavi.
En mea qui tibi supremum concedat honorem
Lysia, contendo nudo nunc Insula, ferro.(36) (Retiram-se
todos, fugindo)

SCENA SECUNDA

(Ostendit Angelus quantum sibi deberi a toto orbe Christiano utpote Ecclesiae Patrono et hac de causa primatum suae Insulae ferendum, aliter, se Portugalliam puniturum.)

(36) - Arcanjo
Eis-me, eu, a quem a grande honra e defesa do céu deram nome, quando, vencedor, reprimi o furor fatal e o cruel exército e a rainha triunfante, travando o exército pela discórdia das armas, e tornando-os inofensivo, afugentei por todos os astros, lançando-os para longe e expulsei todos os outros da sede. Eis-me, ó Lusitânia, quem te concede a suprema honra, batalho agora, ó ilha, com a espada desembainhada.

Dicite Christiades sacram toto orbe Tiaram
Coelitum quisnam soevo defendit ab hoste,
Tartarei ac pedibus submittit colla draconis?
Sibilat horrendum furiasque accendit Averni
Supremam in sedem,sumique in tecta Tonantis!
Christiadae gentis cuicui regnator Olympi
Tutelam ipse dedit, coelique attollere dextra
Signa triumphantis, sequitur qua cuncta deorum
Turba Poli, ex Barathro magnum plausura triumphum
Cui?nisi signifero coelum dominantis et orbem,
Terrorique crebi Michaeli?Jussa Tonantis
Exequor in terris, et fido pectore servo.
Ergo triumphali donanda est Insula lauro,
Insula quae nostro signatur nomine terris,
Quo titulo solum victricem attollere palmam.
Debet et imperio reliquas superare potenti.
Huic modo ceu capiti meritam concedi coronam
Primatumque omnes inter jam redde merenti,
Lysia ni meritas sumam de crimine poenas.(37)

(37) - Cena 2.ª
O anjo mostra quanto lhe é devido por todo o mundo cristão como patrono da Igreja e defendendo o primado da sua ilha, procurará punir Portugal.
Dizei, ó cristãos, quem defenderá do cruel inimigo, em todo o orbe, a celeste tiara e com os pés submeterá os Tártaros e o pescoço do dragão? Quem gritará horrendamente e acenderá as fúrias de Averno na sede suprema e nos tectos do sumo Tonante!!! A quem outorgou o próprio rei do Olimpo a defesa da gente cristã e levantou os troféus do céu triunfante na mão direita, a quem seguirá toda a multidão de deuses do céu para aplaudir o grande triunfo sobre o inferno? A quem, a não ser a Miguel, o porta-estandarte, dominando o céu e a terra? Executarei os mandados do Tonante na terra,

FL 45

(Portugalle Angelicam rationem agnoscit et ideo Angrensi Insulae tiaram, Michaelensi palmam et coronam donat, denique admonat ut non tantum Angelus, sed etiam imo solum Deipara Sanctissima à Victoria tantum illi peperit triumphum)

Proh Superi!quam regnum pondus est grave!
Quam multis premitur nunc curis animus!
Angrensi Insulae verbum cum Mitra datum:
Urget signiferi supremi ratio!
Victrix promeruit coronam sua Insula!
En positus medio, quo me vertans nescio.
Hinc precibus minatur ruinam capiti:
Hinc precibus reliquae instant Insulae:
Cedunt tamen cuncta cedant Poli nutui
Capesso libens, tua jussa signifer(38)

Ilhas (dizem dentro)

---

e conservá-lo-ei no fiel peito. Portanto deve ser dado o troféu à ilha, assinalada com o nosso nome na terra, e, nesse título, só a ela pertence a vitoriosa palma.
Deverá submeter as outras ao seu potente domínio, e deste modo, ó Lusitânia, não queiras sofrer as penas do crime, se não concedes a coroa e o primado a quem já o mereceu.

(38) - Portugal reconhece a razão angélica e dá a tiara à ilha. Dá a coroa e palma a S. Miguel e não só o Anjo, mas também a Santíssima Virgem, Mãe de Deus, propõem tão grande triunfo.
Oh! Céus! como é difícil reinar. Oh! Como se oprime o ânimo com tantos cuidados! Urge ao Supremo porta-estandarte cumprir a palavra, dando a mitra à ilha de Angra. A ilha do Arcanjo vencedora, mereceu bem a coroa. Posto em julgamento para quem me inclino? Não sei. Por um lado a ruína é ameaçada pelas preces à principal; por outro insistem as restantes ilhas com rogos. Todas cedem, cederam, contudo, todas cederão ao céu, desejando os teus mandados, porta-estandarte!

Portugalle, vide, quod praeceps agere
Promittis! Insulae nunquam parebimus
Michaelensi Nobis pulvere martio
Vindicta sumenda est: navali proelio
Est animus litem mari dirimere.
Jus est in armis, jura dat Marti furor(39)

Portugalle

Heu! Quis Palamon nunc ferret judicium?
Ah quam dubie meus jactatur animus!
Heu!quid agam?Ah! Coelum tua pande lumine
Oraculum mitte Delphico divinius.
Si quondam subibant augurio Poli
Reges solium;augurium mittas proecar,
Coeleste Numen,quod bonis avibus
Ostendat Insulam digniorem sceptro(40) (Tollit ad coelum manus—Appare-ce a Senhora da Victoria—Desce o Anjo com a palma, coroa nas

(39) - Ilhas
Portugal, vê o que prometes precipitadamente fazer. Nós ilhas, nunca obedeceremos à ilha micaelense, a nossa vingança será assumida na guerra, é intenção dirimir a contenda em luta naval. O direito está nas armas, o furor dá direitos a Marte.

(40) - Portugal
Eia! Quem é o Palomon que profere agora a sentença? Como se movimenta duvidosamente, o meu ânimo! Que farei? Ó céu, envia o teu oráculo divino de Delfos, em plena luz.

mãos, e pondo-as,
junto da mitra se
retira-Desperta
Portugal)

FL 45V

Portugal

Oh Tantum Poli consuelenda Numina!
Audit pias coelum mortalium preces.
Quid palma, quid corona apponitur Mitra?
En auspicium petenti a coelo mihi datum.
Quid palma, quid corona apponitur Mitre?
Ni, quia corona alia donanda Insula.
Alia Mitra! Nobiles ergo currite,
Currite Insulae, merita vobis proemia
Dabo digna cujusque plaudente Polo. (Fallam á Terceira, que sahe)
Regiminis sacri tu,, maximum decus,
Insula,cape, promissam tibi cape Mitram. (Da lhe a Mitra)
Imperio vive decorata sacro,
Quo Lysiae nobile regnum merita
Donat inclyta tua: virtutibus sacris

Se outrora os reis conseguiram o poder pelo augúrio dos céus, peço-te que envies o augúrio, ó celeste Nume, que mostre, pelas boas aves, a ilha mais digna do ceptro.

Ornata Mitra veluti gemis splendeat
In terris, niteat Templo, fulgeat Polo.(41)

Terceyra

O Regnum potens, o augustum nobile
Portugalle, satis hoc nomen tuo
Superest decori: nec mihi restat minus
Suis subesse pedibus, et plantas libens
Mille osculis adoro. Te nunquam meo
E corde quisquam rapiat; ac semper tibi
Subdita, grata,tui vivam memor(42)

Portugal (fallando com San Miguel)

Oh tu esplendor de las armas
Oh Pallas mas animosa,
Que siempre em campo de Marte
Triumphaste vencedora:

(41) - Portugal
Oh! Quanto devem os Numes consultar o céu! O céu ouve as preces pias dos mortais. Que palma, que coroa se dará à mitra? Nada; porque a coroa será dada a uma ilha, a mitra, a outra. Ó nobres correi, correi ilhas, dar-vos-ei merecidos prémios dignos de cada uma, aplaudindo o céu. Ó tu, decoro máximo do regime sagrado, ilha, toma a mitra, prometida.
Vive, decorada com o império sagrado que a Lusitânia, nobre reino, dá ao teu inegável mérito. Ornada com a mitra, como jóia resplandeças em virtudes sagradas, na terra brilhe no tempo, refulja no céu.

(42) - Terceira
Ó Reino poderoso, ó augusto nobre Portugal, este nome supera bastante a glória, a mim não me resta senão submeter-me a teus pés e, voluntariamente, beijar as plantas. Ninguém te roubará do meu coração, e sempre grata viverei na tua memória.

Aun que ja tus triumphos
Te coronam sobre todas
Triumphos tam repettidos
Multiplican las coronas.
Portugal con desempeño
A tus acciones luzidas
Te corona por Princeza
Y reina de las mas Islas
A coronar te por reyna
Llega pues ya venturosa,
Para que todos te adorem
Por su reyna, su señora.

Fl 46

Tus manos triumphadoras
Por sceptro lleven la palma,
Señal de que tus victorias
Te hisieran tan preclara.
O para que digan las otras
Que te vieren coronada,
Que es la reyna de las Islas,
Que a todas llevas la palma.
Pero no penses que yo
Te di la palma y corona
A dos deidades celestes
La ventura debes toda.
Aquel assombro de luzes,

Aquel terror del infierno
Aquel Arcangel supremo
Caudillo mor desse cielo:
Aquele Alferes todo alado
Del capitan mas divino,
Que em socorro de tus armas
Baxo del alto Imperio
A Miguel Arcangel digo,
Cuyo nombre te enoblece,
Las Victorias los triumphos,
Palma e corona agradece (Apparece a Senhora)
Otra deidade mas suprema
Imperatriz de los cielos,
Fue pero causa primera
De tus illustres tropheos
Aquella reyna divina,
Que nascio tan vencedora
Que adò todos son esclavos
Sólo ella fue Señora.
Aquel prodigio del cielo
De estrellas coronado
De cuyos pies el dragon
Se vio mas atropelado (Da lhe a coroa e pega na palma)
Aquella que sobio sola
A essos solios celestes
Sin armas, y sin escudos
Por escala de laureles.

Aquella Turre sublime
Donde penden mil escudos,
Aquel Templo de Victorias
Capitolio de triumphos.
Aquel abismo de gracias
Aquel splendor de la gloria
A la Virgen triumphante
La Señora da Victoria.
A Maria finalmente
Oy con affecto consagra
Los imortales applausos
De te veres coronadad. (Abit)

SCENA TERTIA

Insula victrici palma et corona triumphalis Deiparae Beatissimae gratias habet.(43)

Ilha de Sam Miguel

Ó Isla mas venturosa
De quantas oy tiene la mar
Pues por reyna de las Islas
Ya te puedes acclamar!
Pero o Reyna soberana,

(43) - Cena 3.ª
A ilha agradece à Virgem a palma e a coroa, com muitas acções de graças.

Triumpho de mis victorias,
A tu poder solo debo
Estas mas sobidas glorias.
Esta palma triumphante
Esta suprema corona
Blason de tus victorias
Adorno de tu persona.
Oh quien supiera señora
A tus pies con rendimiento
Agradecer este favor
Conforme a su valimiento!

FL 46V.

Pero nunqua es possible,
Que los applausos del suelo
Correspondan iguales
A beneficios del cielo.
Oy pero supra el amor,
Y el affecto mas ardiente
El defecto de las gracias,
Que ya desea render te
A tus triumphos los mios
A tu laurel mi corona,
Y a tu poder mas divino
Tributo de la Isla toda.
Eya tierra con tus flores,
Eya mar pues con tus perlas,

Salid para desempeño
A componer diademas.
Que la que fuere mas rica
Y de splendor mas lustrosa,
A los pies daquella Reyna
Quedarà mas preciosa (Recolhe-se)

Bayle de las coronas Clarins Scena Tellas- Sale

Neptuno (Cantando)

A coronar una Virgen,
Oy sale el mar y la tierra,
Esta ufana con sus flores,
Aquel armado de perlas.
Con esquadras de jasmines
La tierra soberbia viene;
El mar perlas esparciendo
De armas blancas se guarnece.
Ya se topan, ya se embisten,
Y alentados se acometten;
Que bizarra escaramuça,
Valelde cielos, valelde.

Terra (Sahe cantando)

Yo soy la tierra florida,
Que en el año mas alegre

Al campo triste doy gala,
Crystal a la turbia fuente.

Mar (Sale cantando)

Yo soy el mar, que en piedras
Por preciosas e bellas,
A los cuerdos mas prudentes
Harè oy loco de piedras.

Fl. 47

Neptuno (Cantando)

Vengan todos a comprar,
Que no harà bien quien no precia
Destas flores de candura
Destas piedras la fineza.

Primeira Figura (Sae cantando)

Yo dorados Allelias
Comprar quisiera,
Pues dan mates al oro
Y a todas las perlas.

Mar (Cantando)

Las perlas a las flores
Se llevan vantage,
Que para la corona
Son el mejor mate

Neptuno (Cantando)

Dize bien, dize bien
Yo lo confiesso,
Que no hay allelias
Dò brillan las perlas.

Segunda Figura (Sae cantando)

Yo compro las Musquetas,
Que por alentadas
Han de servir pues lustran
Con señas blancas.

Mar

Ni las Musquetas
Pueden oy servir d'adorno
A corona tan linda,
Que es toda de oro.

Neptuno (Cantando)

Dize bien, dize bien
Es cosa cierta,
Que en corona de oro
No lustra Musqueta.

Terceira Figura

Quiero flores azules,
Que dan por lindas,
A las saphira zelos
Al cielo embidia.

Mar (Cantando)

Ni flores azules
Pueden oy servir,
Que zaphiras suelen
En el oro luzir.

Neptuno (Cantando)

Dize bien,dize bien
No lo ignoro,
Que saphiras azules
Son azul y oro.

Quarta Figura (Sae cantando)

Yo comprarè la Rosa,
Pues con su nacar
Sobresalen sus hojas
De esmeralda.

Mar (Cantando)

El carmin de la Rosa
Tiene mi Rubin
Que se afrenta la Rosa
Y se torna jasmin.

Neptuno (Cantando)

Dize bien, dize bien,
Quede sin servir
El carmin de la Rosa
Adò está el Rubin.

Quinta Figura (Cantando)

Yo escogo el clavel
Para remate
De corona tan linda
Que es su esmalte.

Mar

Ni claveles purpures
Oy se me opponem
Que minas de corales
En mi se esconden.

Neptuno (Cantando)

Dize bien, dize bien,
Es cosa clara
Son tus perlas claveles
Que ambar exalan

Sesta Figura (Cantando)

Los jasmins me quedan
Para la compra,
Estos quiero offerecer
Mande los pongan.

Mar (Cantando)

Solo brincos de plata
Nella se engasten,
Que corona de flores
Presto se acaba.

Neptuno (Cantando)

Dize bien, dize bien,
No pida mas
Que quien plata no tiene
Jasmines no da. (Falla)
Vistas de Flora sus flores,
Y del mar tantas riquezas,
Mando que solo sus perlas
Se pongam en la cabeça.
Y formando una corona
Se offresca aquella Princeza
Applaudiendo con mil vivas
Ser de victorias la Reyna.
Clarins — Scena Coroas — Sae a Ilha de San Miguel em triumpho

Chorus Primus

Concita plausu fama per orbem,
Deferat alis gesta tuorum
Concinat inter magna triumphos,
Graecia quondam vidi in orbe;
Plaudat et inter quos canit alta
Roma superbos sordida nunquam
Pulvere virtus. Clara tuorum,
Insula Victrix: Personet ergo

Fama triumphi.
Victor Yo, Victor Yo
Yo Triumphe...[44] (Clarins)

Chorus Secundus

Fama Britanos concine victos
Littore nostro: jam Michaelis
Sint volare plena triumphis
Herculis ultra ducta columnas.
Personet ergo fama triumphi.
Victor,Yo, Victor Yo,
Yo triumphe[45]

Chorus Tertius

Jam tua cedant, Persa trophea
Urbibus actis urbe triumpho.
Sanguine fuso, caede cruenta
Clara tuorum parta trophea.
Nunc ego Victrix ducta triumpha:

(44) - Coro Primeiro
Que a forma, estimulada pelo aplauso leve pelo mundo os teus feitos, cante os triunfos entre os grandes, que outrora a Grécia viu no mundo.
Aplauda e celebre a Roma altiva, entre soberbos, a virtude imensa dos teus. Ilha vencedora, ressoe a fama do triunfo.

(45) - Coro segundo
Canta, ó fama, os vencidos britânicos no nosso litoral. Já consente voar, cheia de triunfo de S. Miguel, para além das colunas de Hércules, ressoe a fama do triunfo.

Defero palmam porto coronam
Sanguine nullo parta meorum.
Victor Yo, Victor Yo,
Yo triumphe[46] (Clarins)
(Accedit Insula ad triumphatricis aram,et eam solam palma, ac corona digna modulatur)

Tu decus coeli, et superum nova gloria Virgo
Tu Triumphatrix, Salve o clarissima Princeps,
Coelicolum spes fida hominum! spes fida salutis
O quam te memorem, Virgo? Tibi Tartara cedunt
Tuque domas crebi Manes, ditemque superbum
Te dirae Eumenides metuit te janitor orci.
Tu bellatricem superas virtute Camillam
Ipsa tibi palmam concedit Mantua, Pallas,
Vicerit illa licet florentes aere catervas,
Et clypes caput abscissum gerat ista Medusae.
Alcides quanvis geminos eliserit angues.
Straverit et vastum Nemea sub rupe leonem
Lernaeamque manu valida laceravit Hydram;
Cederit ille tamen, quanvis non illa fuissent
Fabula vana, tuis que suos conferre triumphos
Non ausus Tibi divinos sacraret honores:

(46) - Coro terceiro
Ó Persas, já cedem os vossos troféus aos feitos dos cidadãos levados pelo triunfo ao mundo. Derramado o sangue, abate os troféus partas, pelos teus claros triunfos.
Agora, eu vitorioso, levada pelo triunfo, ganho a palma e a coroa bem merecidas.
Chega-se a ilha (de S. Miguel) ao altar do triunfo e a ela só se entregam a palma e a coroa.

Te solam magis horribilem prostasse gigantem
Diceret, et solam capitis septemplicis Hydram
Dilaniasse. Crebi cum formidabile monstrum
Pressisti,atque feri domuisti colla draconis
Ergo triumphalem manibus virgo inclyta palmam
Accipe et hac frontem victrici accinge corona
Plaudite, vos superi, digno modulamine, quando
Non opus est nostroe tantum memorare triumphum.(47)

fl. 48V.

Chorus

Plaudite coeli, concine terra,
Virginis ergo mira trophea
Victor Yo, Victor Yo
Yo Triumphe...(48)

(47) - Tu, honra do céu e dos deuses, ó nova virgem gloriosa, tu, triunfadora, salvé ó carís-sima princesa, esperança fiel dos homens e deuses, esperança fiel da salvação, como te recordarei, Virgem? A ti cedem os infernos, também tu dominas os cruéis manes, e teme-te a feroz Eumenides, porteira de Orco. Superas na força a belígera Camila, a ti te concede a palma, Mantua. Tu, Palas, vencerás florescentes exércitos nas nuvens e esta traz a cabeça cortada de Medusa.
Alcides arrastará todavia as duas serpentes e vencerá o grande leão de Nemeia com a pedra, e dilacerará a hidra de Lerna com a mãe; vencerá também aquele, embora não sejam fábu-las vãs, os teus que arrastam os seus triunfos, não afrontarão as tuas divinas honras.
Diante de ti só ousará prostrar-se o horrível gigante e dilacerarás, só, a hidra de sete cabeças.
Esmagaste o monstro com ferocidade e dominaste o pescoço de fero dragão. Recebe, portanto, nas mãos, ó Virgem, a palma triunfal e cinge a fronte com a coroa vencedora.
Aplaudi, deuses, com digno canto, pois não é conhecido tão grande triunfo.

(48) - Coro
Aplaudi céus, canta, ó terra, os troféus admiráveis da Virgem.

Insula coronam Triumphanti Virgini sistit.

Mens erat ex auro pulchramTibi ferram coronam
Argentove tuum cingere Diva caput:
Cum tamen argentum, neque sit sine sordibus
Non digna est meritis illa corona tuis.
Gratius ex nitidis surgit diadema lapillis,
Perpetuus quorum stat sine labe nitor
Ostentans niveos crystallina gemma colores
Plurima virginei signa decoris habet.
Hoec te Narcissi speculum melioris adumbrat;
Dum speculum referens Te quoque gema refert.
Obscuras inter carbunculus emicat umbras
Nulla tuum iminuit criminis umbra jubar
Explicat illaesum carbunculus igne nitorem:
Non ausa est culpa, loedere flama tuum
Tu quoque celestes referens, saphire, colores,
Sidereos mores Virginis esse probas.
Declinat radiis Amethisthus fluminis ictum:
Tu prohibes summi tela trisulca Jovis.
Lathiferos morsus, serpentem illudit Jaspis;
Tu caput aspideum conteris Alma pede.

FL. 49

Non ergo ex gemmis renuas hanc Virgo coronam
Sistit in obsequium quam tibi noster amor.
Ecce coronatum totum tuum reddo triumphum

Virgo Triumphalis nam fuit ille tuus.
Ecce Triumphatrix Virgo, tibi reddo triumphum,
Tu mihi nam totus sola triumphus eris
Virginis ergo sonet tantum Victoria, Victor[49]

Chorus

Victor Yo, Victor,
Yo Triumphe, Yo
Triumphe

FINIS Laus Deo, Deiparaque Sanctissima à Victorià

(49) - A ilha apresenta a coroa à Virgem triunfante.
Tinha em mente trazer-te uma coroa de ouro ou com prata cingir-te a cabeça, ó Deusa. Como porém a prata, nem limpa é ou será digna dos teus méritos, surgirá o diadema de pedras brilhantes, mais brilharás, sem ruína ostentando as níveas cores da cristalina gema, e terás os vários sinais da glória da Virgem.
Isto deslumbra-te, como a Narciso o espelho, também te referirá o brilho. Enviará as sombras obscuras para entre os carvões. Nenhumas sombras serão mandadas para te obscurecer e surgirá o verdadeiro brilho.
Não é audaz a culpa, inflamará o teu brilho. Tu própria também reflectirás safiras, cores, costumes sidéreos da Virgem. Declinará o ritmo do rio ametisto. Tu perturbarás os retratos fendidos em três, pelo sumo Júpiter. Jaspe engana as latíferas mordeduras da serpente. Tu, alma, calcarás com o pé, a cabeça da serpente.
Não renegues, portanto, ó Virgem, esta coroa, seja-te dado em obséquio todo o nosso amor.
Eis coroado todo o teu triunfo, Virgem triunfal, ele foi, com efeito, teu.
Ó Virgem triunfante a ti entrego o triunfo. Não será só para mim o triunfo, mas ressoará somente a vitória da Virgem.

Insulana, LIV-1998
pp. 175 a 220

A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA EM PONTA DELGADA*

Maria de Lurdes Vieira Pacheco Teixeira Dias

INTRODUÇÃO

No ano lectivo de 1874/75, o inspector Jacinto Pacheco de Almeida realizou uma inspecção às escolas do concelho de Ponta Delgada, entre Maio e Julho de 1875.

Inscrevia-se esta actividade nas funções atribuídas ao Conselho Superior de Instrução Pública, encarregado pelo Decreto de 20 de Setembro de 1844 da Direcção Regimento e Inspecção geral de todo o ensino e educação pública - segundo o artigo 155º ,do citado Decreto.

No período de tempo referido, o inspector visitou 86 escolas livres e 11 públicas, preenchendo para cada uma delas um inquérito em que fazia a caracterização da Escola, referindo o seu estado de conservação e higiene, identificava o professor, atribuindo-lhe uma classificação que

---

* Inspecção efectuada em 1875 às Escolas Primárias das freguesias da Matriz, de S. José e S. Pedro, pelo Inspector Jacinto Pacheco de Almeida.

no impresso utilizado variava entre o medíocre e o distinto, mas a que o inspector acrescentou mais dois níveis o «medíocre menos», e o «mais que regular», infelizmente este bem menos atribuído que aquele.

Eram ainda registadas as disciplinas ensinadas e o processo de ensino utilizado, manuais escolares em uso, bem como a frequência e o aproveitamento escolares.

O inquérito aplicado às escolas não mantidas pelo Estado, nelas incluídas as municipais, era menos minucioso que o aplicado às escolas mantidas pelo Estado, e fornecem um manancial de informação precioso para o conhecimento do estado da instrução primária, no concelho, à data do inquérito.

É o estudo destes inquéritos que constitui o objecto do trabalho ora apresentado. Embora os tenha lido na totalidade, dado o grande número de escolas inspeccionadas, limitar-me-ei à análise dos que dizem respeito às escolas das freguesias da cidade, num total de 42 particulares e 3 públicas. De ressalvar ainda, que, por limitações de tempo e características do trabalho, aspectos relacionados especificamente com os manuais utilizados, vencimentos de professores e aproveitamento escolar, não são objecto deste estudo.

Os originais dos inquéritos encontram se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, tendo tido deles conhecimento através de José Maria Teixeira Dias, que os referenciou no dito Arquivo, no decurso das suas pesquisas sobre História da Educação nos Açores.

Todas as citações feitas em grafia actualizada, apresentadas no corpo da trabalho, dizem respeito exclusivamente aos citados inquéritos, não podendo, no entanto, indicar o número das páginas, pelo facto de estas se não encontrarem numeradas.

Conforme já referido, as inspecções às escolas constavam do Decreto que promulgara a Reforma Geral da Instrução Pública, de Costa Cabral.

Por este Decreto tornara-se livre a criação de Escolas e Colégios, ao mesmo tempo que obrigava os seus responsáveis a apresentarem " *ao administrador do Concelho, e ao comissário dos estudos, e na sua falta ao reitor do Liceu do Distrito, uma declaração do objecto e local do seu estabelecimento, acompanhada dos documentos que justifiquem, que eles pela sua boa morigeração, pela de todos os empregados da empresa, e pelas habilitações literárias dos professores, são dignos de dirigirem a educação dos alunos que concorrem a esses estabelecimentos*[(1)]".

No entanto, relativamente a muitas das Escolas de Ponta Delgada, tal exigência não era cumprida, havendo várias que, em 1875, não tinham dado conhecimento da sua existência às autoridades competentes.

Preconizava ainda este Decreto que a habilitação dos professores de instrução primária se obtinha pela frequência, com aproveitamento, da Escola Normal, pelo período de um ano, para os professores do 1º grau, e de dois para os do 2º.

O ingresso na Escola só era permitido a quem tivesse 18 anos, - havia em Ponta Delgada professores com 15 e 16!!!-, e fizesse as quatro espécies de contas, possuísse as primeiras noções de Gramática Portuguesa, e tivesse conhecimentos suficientes da Religião do Estado. Para além destes conhecimentos, não podia padecer de moléstia contagiosa, ou outra que o incapacitasse para o magistério, e tinha de ser, reconhecidamente, morigerado.

Para ser titular de uma cadeira de instrução primária era necessário submeter-se a um concurso e exame público, oral e escrito, realizado no liceu sobre todas as disciplinas objecto do estudo na Escola Normal.

---

1 - Decreto de 20 de Setembro de 1844, in *Reformas do Ensino em Portugal,* Tomo I, Vol. I.

Outra das inovações do Decreto de 20 de Setembro de 1844 foi a criação de uma disciplina designada *Notícia dos Métodos de Ensino e legislação respectiva à instrução primária*.

Até então, o método oficialmente em vigor, desde o Decreto de 7 de Setembro de 1835, de Rodrigo da Fonseca de Magalhães, era o mútuo, aprovado no *Regulamento Geral da Instrução Primária*.

Para a sua divulgação, no ano seguinte, 1836, Passos Manuel, no seu *Plano de Instrução Primária,* determina que em cada capital de Distrito, incluindo Ponta Delgada, Horta, Angra e Funchal, haja uma escola de ensino mútuo, que funcione ao mesmo tempo como escola normal. Como incentivo à utilização do método, preconiza um aumento de ordenado para os professores que o aplicassem no seu ensino.

No entanto, e apesar de toda essa aposta, o método simultâneo continuava a ser o mais utilizado.

Em que consistiam estes métodos de ensino?

No *Regimento das Escolas Açorianas,* publicado em 1882, em Angra do Heroísmo, Manuel Francisco de Medeiros Botelho, inspector residente da circunscrição escolar dos Açores, elucida-nos no capítulo I «Modos ou Processos de Ensino» acerca dos 4 modos: «o individual, o mútuo, o simultâneo e o misto.»

Do primeiro, o individual, nem se ocupa, dizendo apenas :*"deve ser banido das nossas escolas como o fora já das nações mais cultas*[(2)]*"*.

Apesar de tão mal conceituado, tal método era utilizado por 18 dos 42 professores das escolas livres inspeccionadas. No entanto, nenhum dos três professores das escolas oficiais o utilizava.

---

2 - Botelho, Manuel Francisco de Medeiros, *Regimento das Escolas Açorianas,* pág.5.

O modo mútuo consistia em dividir os alunos em grupos, de acordo com os seus conhecimentos, sendo cada grupo ensinado por um aluno com nível de conhecimentos superiores ao do grupo, o chamado «monitor».

Tinha este processo a vantagem de permitir que um só professor ensinasse grande número de alunos, com quem não mantinha contacto directo, mas apenas através do monitor e da sua presença na sala. Ficavam assim prejudicados aqueles alunos, porque, à partida, o monitor tinha sempre competências inferiores às do mestre, não podendo: *"guiar na educação intelectual e moral, na formação do carácter e do espírito os seus condiscípulos, porque tal influência só pode nascer da sabedoria , da idade, da experiência e da autoridade, que podem encontrar- se no professor, mas nunca no aluno monitor*[3]*"*.

Ou porque estivessem conscientes dos inconvenientes deste processo, ou porque, em muitas das escolas o número de alunos era bastante reduzido, o que é certo é que, em Ponta Delgada, apenas um professor o utilizava.

No modo simultâneo, o mestre leccionava, conjuntamente, toda a classe, dividida em grupos que estudavam ao mesmo tempo e pelos mesmos livros, o que o professor ensinava, sendo o estudo seguido de perguntas que os alunos faziam entre si, desenvolvendo-se assim : *"uma nobre e indispensável emulação*[4]*"*.

Em escolas muito grandes, com oitenta ou mais alunos, o professor não podia pôr os grupos ou classes a trabalhar, todos ao mesmo tempo, ficando desocupados alguns, durante muito tempo.

---

3 - Id, Ib. pág. 7.

4 - Id. Ib.

Este processo que a legislação citada procura fazer substituir pelo modo mútuo, sem sucesso, é utilizado, em Ponta Delgada, por 9 professores das escolas particulares e 1 das públicas.

Dados os inconvenientes dos processos mútuo e simultâneo, o modo misto ou mútuo - simultâneo, *" é o sistema de ensino por excelência, aproveitando do modo mútuo numa certa medida os processos materiais e o emprego judicioso e oportuno dos monitores e ajudantes; e do modo simultâneo o ensino directo do mestre em todas as matérias que demandam desenvolvimento e maiores esforços de razão, deixando para os monitores e ajudantes todos os objectos de estudo que exigem mais exercício de memória, do que aplicação de inteligência*[5]*"*.

É a utilização deste modo de ensino que é também aconselhado aos professores na sequência da inspecção realizada em 1866 e constante de um conjunto de regras, chamadas *Instrucções dadas ao Professorado*.

Nelas se recomenda: *" a todos os professores e professoras que para ordem e facilidade de ensino, estabeleçam, entre seus discípulos, grupos turnos ou classes de estudantes, da mesma matéria, que estudem e exercitem as mesmas lições mutuamente, como diálogos, em argumentos uns com os outros, sempre debaixo da direcção magistral; recebendo assim cada turno as explicações dos senhores perceptores, e apresentando aos mestres o resultado final do estudo, e o exercício de cada lição*[6]*"*.

Apesar destas instruções, dos 42 professores das escolas particulares, inspeccionadas em 1875, apenas 13 o utilizavam, e das públicas apenas 1 !.

Nas Instruções atrás referidas, lembra-se aos professores que, quer os ensinamentos, quer as correcções devem ser praticados :*" com doçura, benevolência e brandura, procurando insinuar-se no ânimo dos discípu-*

5 - Id. Ib. pág. 5.

6 - Anónimo, *Instrucções,* pág. 6.

los; usarão de todos os meios carinhosos, e benignos para que as crianças tenham docilidade e submissão, não aborreçam as lições e tenham verdadeira dedicação e amizade pelo Mestre[7]*"*.

Chega-se mesmo a proibir os castigos corporais, tratamentos bárbaros, severidade, rigor, modos repelentes e grosseiros, expressões ásperas e violentas e a propor a : *"utilidade de conferir menções honrosas, e quaisquer distinções em prémio aos que mais adiantados e mais distintos se tornarem em qualquer das matérias de ensino*[8]*"*.

No entanto, em 1875, a concessão de prémios era uma raridade, não tanto quanto a prática de castigos que nalguns casos eram mesmo exagerados.

Já vimos que a reforma de Costa Cabral marcou uma ruptura com o ensino mútuo. Por volta de 1850, António Feliciano de Castilho regressara a S. Miguel e publicara o seu *Método de Leitura Repentina,* que foi aprovado pelo Conselho Superior de Instrução Pública .

Em São Miguel instigara Castilho a fundação de escolas gratuitas de leitura repentina, de que não há notícia nesta inspecção que vai ser analisada.

Não deixa de ser estranho que apenas um professor, à data em estudo, utilize o Método Português de Castilho!.

O que é certo é que num *Almanach* de 1865, se pode ler que naquele ano a *Sociedade das Letras e das Artes em São Miguel,* se achava em decadência e" *presentemente apenas mantém uma escola na cidade*[9]*",* mas ainda tinha várias no concelho de Ponta Delgada .

---

7 - Id. Ib. pág. 4.

8 - Id, Ib. pág. 6.

9 - Dias, José Maria Teixeira, A Sociedade dos Amigos das Letras e das Artes em São Miguel, in, *Actas do IIº Congresso da Sociedade das Ciências da Educação,* Pág 248.

Mais tarde, em 1885, Aristides Moreira da Mota, em sessão da Câmara de Ponta Delgada, e a propósito da atribuição do nome do poeta à rua onde vivera, refere :*" a recente extinção daquela sociedade e da sua última escola*[10]*"*.

De qualquer modo, o método de Castilho, por portaria de 25 de Outubro de 1852, foi lançado em regime experimental, e no Relatório do Conselho de Instrução Pública de 1852/53, afirma-se que de início fora aceite com grande entusiasmo, mas que, terminado este período era pouco utilizado, considerando-se, no entanto, não haver tempo ainda suficiente para uma avaliação correcta.

O mesmo terá acontecido em Ponta Delgada.!

A maior parte das escolas particulares destas freguesias era mista, 28 em 42, 10 masculinas, quase todas nocturnas, e apenas 4 femininas. Na freguesia de S. José não funcionaria à data nenhuma escola pública, pelo menos não há a ela referência, nesta tão exaustiva inspecção, havendo uma para cada sexo na freguesia de S. Pedro e uma masculina na freguesia da Matriz.

A população escolar era constituída por 1547 alunos, sendo 758 meninas e 789 meninos e sendo de realçar que nas freguesias de S. Pedro e S. José, a frequência do sexo feminino era superior à do sexo masculino.

Nas *Instruções* emanadas da inspecção de 1866, recomenda-se expressamente às senhoras professoras que: "*o seu ensino seja ministrado com esmerada dedicação, imprimindo, no coração das suas alunas virtude, e sentimentos graves, e fazendo-lhes compreender bem a doçura dos laços íntimos da família o valor das virtudes religiosas e o respeito-*

10 - Id. Ib.

so conceito que merece da sociedade a mulher instruída dotada de um bom coração, de qualidade e sentimentos virtuosos, que deve transmitir à sua família. É esta a maior felicidade, e as mais ricas jóias da mulher na sociedade[11]". Tudo isto tendo em vista que: "*educar a mulher é educar a família*[12]*"*, e é possível a professora conseguir estes objectivos:" *em vista das disposições dóceis, com que em geral a natureza dota o sexo menos forte*[13]*"*.

Apesar de toda esta importância que se dizia dever ser dada à educação das raparigas, de um modo geral, o número de escolas oficiais femininas é menor, a sua frequência escolar é menor, as escolas normais para a formação de professoras mais tardiamente criadas, que as para o sexo masculino...

A este nível, no entanto, e contrariamente ao que ia acontecendo no país, a situação da instrução feminina no distrito de Ponta Delgada vai melhorando. De um modo geral no ano de 1862 o número de escolas aumentou, sendo de quatro, 3 rapazes e 1 rapariga, o número de alunos por cem habitantes. " *a título comparativo o distrito de Ponta Delgada (1para 98) juntamente com o de Évora (1 para 54) era o que apresentava maior número de raparigas a estudar, mas o nível do sexo masculino (1 para 34), ele encontrava-se com o de Santarém (1 para 35) na cauda dos distritos portugueses*[14]*"*.

Este quadro parece continuar a afirmar-se, porque em 1875, à data da inspecção em análise, frequentavam as escolas particulares das freguesias rurais do concelho de Ponta Delgada 675 rapazes contra 915 raparigas.

---

11 - Anónimo, ob. cit., pág. 5.

12 - Id, ib.

13 - Id. Ib.

14 - Dias, Fátima Sequeira, O Concelho de Ponta Delgada no século passado, in *Açoriano Oriental* de 1 de Outubro de 1998.

Tal situação confirma-se no *Mapa Estatístico das Escolas Primárias Oficiais e Particulares*, no ano lectivo de 1876/77, publicado no Diário do Governo, nº.27 de 1879. De acordo com ele, Ponta Delgada era o único distrito no país, em que a frequência escolar feminina era superior à masculina – 63.4 alunas para 53.2 alunos por mil habitantes – ultrapassando e em muito o distrito de Évora – 28.7 raparigas por mil habitantes.

Mesmo relativamente à instrução do sexo masculino, em 1876/76, o distrito de Ponta Delgada distanciara-se já do de Santarém, encontrando-se então no 13º lugar da lista dos 21 distritos do continente e ilhas adjacentes.

A que se deve tal situação? Será que os rapazes, sobretudo os do mundo rural, tinham de ajudar os pais na agricultura, principal ocupação das gentes açorianas, ficando as meninas desocupadas e, ao frequentar a escola, podiam aprender as artes domésticas, indispensáveis à sua vida adulta de dona de casa e mãe de família ?

Vejamos agora, mais detalhadamente o que, sobre cada uma das escolas inspeccionadas escreveu o inspector Jacinto de Almeida numa linguagem tão viva e colorida, tão personalizada que, cada uma das escolas de 1875 perpassa com nitidez sob o nosso olhar de leitor.

Freguesia da Matriz de São Sebastião

Na Freguesia da Matriz de São Sebastião frequentavam as escolas livres, 252 alunos e 164 alunas, distribuídos por 8 escolas mistas e 4 masculinas. A escola oficial masculina era frequentada por 25 alunos, o que perfaz uma população de 277 rapazes.

É a freguesia que detém o maior número de professores classificados com " regular" e é curioso verificar que os professores mais bem classificados utilizavam de modo geral os métodos simultâneo e misto, enquanto que o individual, considerado o menos adequado era apenas utilizado por três professoras, duas das quais classificadas com a nota mais negativa, o medíocre menos. É também a freguesia em que maior número de professores recorre a prémios, 5 em 12, consistindo estes em livros e objectos escolares pagos pelo professor, se bem que todos eles igualmente recorram aos castigos morais e ao uso moderado da palmatória, à excepção das duas professoras classificadas com medíocre, que abusam do seu uso.

E é curioso verificar que são duas professores com idades limites as que recorrem a este castigo exagerado: uma, Eugénia Maria Pereira, de 60 anos, e Maria Margarida Pereira, de 21, ambas solteiras.

A primeira tinha escola mista na Rua do Frias, frequentada por 13 alunas e 20 alunos e era *"mulher antiga endurecida num modo rude de exercer as tarefas com todos os rigores e temores bárbaros, muito comuns no ensino antigo e hoje reprovado. O proveito é quase nulo, nem pode ser outro porque o seu modo de ensinar repelente, sem ordem nem método,*

não pode ter outro resultado que não seja antes tornar tímidas e estúpidas as crianças. ... E com em tantas outras ocasiões, regista ....*Não se devera tolerar ensino em tais condições agravado pela ausência de tudo o que caracteriza moral e materialmente a escola regular*(15)*"*

Ainda mais incisivo na sua crítica é o Inspector em relação à escola que Maria Margarida Pereira explorava – é este o termo por ele utilizado – na Rua da Arquinha, inexistente no ano anterior e frequentada por 5 rapazes e 15 raparigas. Ouçamo-lo: *" Não passa de um escândalo intolerável apresentar a ensinar com uma crassa ignorância como a desta professora, em tudo quanto é competência e regras de ensino, apresentando em todo o sentido, uma verdadeira e rude caricatura escolar. E ainda mais repreensível se torna este escárnio porque é o efeito de mirar só ao lucro e especular com a falta de escolas oficiais explorando o sacrifício dos pobres pais, além de pobres, ignorantes; e que desejando dar às filhas a riqueza da instrução, não estão habilitados para apreciarem o mérito da professora e o proveito escolar...* E remata, categórico: *Por princípio da moralidade não se devera tolerar semelhante abuso*(16)*"*.

No entanto, para os moradores da Rua do Frias, havia a possibilidade de melhorar um pouco na instrução recebida, frequentando a outra escola da mesma rua, cuja professora se chamava Maria Georgina Rebelo, de 26 anos de idade e igualmente solteira.

Possuía esta professora: *"muita dedicação e vontade de acertar na tarefa que processa"* no entanto *"habilitada com competência medíocre, ressente-se a escola e o aproveitamento desta grande falta, devendo,*

15 a 92 - A.N.T.T.- Ministério do Reino, Livro 1077.

porém, confessar-se que esforço e trabalho preenchem muito[17]*"* Mas, dadas as suas características, o Inspector deposita nela esperança de melhorar o seu ensino, sobretudo se obtivesse título de capacidade, de acordo com o Decreto de 20 de Setembro de 44 *:"produziria um ensino muito proveitoso e aceitável porque tem vontade e dedicação que são qualidades essenciais que tanto faltam no geral do Magistério*. E não dá por mal empregues as instruções que lhe deixou *"certo que as aproveitará*[18]*"*.

Estranhamente, no entanto, tem esta escola menos alunos que a outra da Rua do Frias, se bem que a diferença não seja muito acentuada: tinha 31 alunos contra33. Relativamente ao ano anterior, não há referência ao número de alunos que a frequentava, enquanto que na da Professora Eugénia, embora faltassem os registos, há a indicação de que, de acordo com a "memória" da professora tinha 13 alunos.

A Rua do Colégio podia-se considerar como sendo a rua das escolas, nada menos que quatro, duas masculinas e duas mistas.

São estas, as mistas, as que têm professores menos qualificados. São ambas qualificadas de "medíocre". Uma delas, Maria Carlota Guilhermina Medeiros, de 56 anos, solteira, "obteve título de capacidade" que lhe proporcionou :*"o preciso conhecimento das funções boas de uma escola de proveito",* pelo que *"a escola manifesta, no todo, que a professora conhece o modo de ensinar com proveito, embora tenha muito a desejar em método, disciplina e noutras condições* Procurou orientá-la,: *"aconselhando também à professora mais algum estudo sobre o moral e material próprio da profissão*. No entanto, não parece ter muita confiança no efeito destas orientações *"se é que a sua dedicação e idade o permitiriam!*[19]*"*.

Tinha esta escola 7 alunos e 15 alunas, faltando a indicação dos inscritos no ano anterior, mas de acordo com a "lembrança" da professora, foram 13 raparigas e 5 rapazes que a frequentaram.

Embora possuísse condições higiénicas e pedagógicas, faltava-lhe mobiliário suficiente e próprio para a função a que se destinava.

A outra escola mista da rua tinha como professora Maria Peregrina Silveira Cordeiro, casada, de trinta e seis anos de idade. Com condições higiénicas e pedagógicas, possuía mobiliário, se bem que impróprio. Era frequentada por 5 alunos e 16 alunas, número este superior ao do ano anterior, que era apenas de 11 alunos. Possuía também esta professora título de capacidade, segundo o Decreto de 20 de Setembro de 44,: *"habilitação que se reflecte em todo o movimento escolar... conquanto a sua competência não seja de uma perfeição completa*. É que *"há na escola método menos correcto, alguma perturbação nas suas funções*, mas reconhece *"é preciso porém confessar que mesmo assim, habilitada previamente com o título, a professora e a escola distinguem-se muito do geral daquelas a quem falta aquela habilitação oficial*[20]*"*.

Quer numa quer na outra escola mista da Rua do Colégio, se ensinavam, além de ler, escrever, contar e doutrina, disciplinas comuns a todas as escolas por menos apetrechadas que fossem, a gramática, o desenho, a história e a corografia.

Mas quem quisesse aprender Línguas, e fosse do sexo masculino, podia frequentar a escola masculina do Padre João Luís Amorim, de 42 anos, *"eclesiástico de reconhecida competência, que, além da sua capelania, se entregava com dedicação à sua escola"*. Era este professor tão competente que "*expôs a exame de admissão ao Liceu, na última época,*

quinze alunos que ficaram todos aprovados e muitos com distinção. A organização escolar e método, a disciplina e ordem em todo o movimento escolar e o proveito dos alunos fazem-lhe honra e nada deixam a desejar, a não ser a mobília e as alfaias escolares que estão menos em harmonia com o seu zelo e exigências pedagógicas(21)*"*.

Este professor organizava os seus próprios programas para todas os disciplinas que leccionava, incluindo as duas línguas estrangeiras, o que não passa despercebido ao Inspector: "*A vantagem de aí se leccionar Inglês e Francês com proveito tem dado boa concorrência e proveito à escola que este professor dirige com aceitação, empregando meios menos comuns de brioso estímulo, para mais pronunciado proveito dos alunos*(22)*"*.

Não há dúvida que a escola era concorrida. No ano em curso era frequentada por 69 alunos e ano anterior tinha 70.

Tão considerado quanto este professor era João Jacinto Borges, solteiro de quarenta anos, professor na outra escola masculina da Rua do Colégio. É antigo no magistério livre. É dotado de toda a dignidade e regular e notável: *"metódico nas suas formações escolares. É proveitoso o seu ensino pela sua provada competência, pelo método", - o misto- "e por todas as condições de ordem de ensino em todas as matérias*(23)". Ensinava ele, além das disciplinas habituais, a gramática, a história, corografia, a geografia, o desenho, a 21, e no ano anterior, 24 alunos. *"Circunstâncias alheias à sua vontade não lhe deixam atender mais às exigências pedagógicas da sua Escola. Porém, não tem isso influência na boa educação que dá, com carácter honesto, grave e sisudo*(24)*"*. Daí que o inspector lhe atribuía a classificação de "mais que regular".

Igualmente "mais que regular" era Manuel Jacinto da Ponte, de trinta e dois anos, casado, e professor na escola masculina da Rua Fonte Velha.

Também nesta se ensinava inglês, além de história, corografia e desenho. Possui ele: *"em escala grande toda a competência para este magistério, desempenhando não só o seu dever por modo que faz honra à classe*[25]*"*. Utilizava o método simultâneo puro, com os seus 71 alunos o que leva o Inspector a afirmar que: *" a sua escola é muito frequentada e o proveito normal*. No entanto, "*na parte material e pedagógica é que há muito a desejar e no movimento de funções alguma coisa a corrigir*. Feitos os reparos adequados *"sua aptidão não descuidará as instruções que lhe dei sobre o assunto*[26]*"*.

Mas não se ficavam por aqui os professores classificados de "regular" e que de acordo com os critérios actuais, seriam classificados de "bom". Na Rua do Garcia (Frade) dirigia a escola masculina, de 34alunos, Amâncio José Dias Furtado, casado, de quarenta e nove anos, que já fora professor oficial nas Furnas e que na altura,: *abriu escola livre e sua competência é do magistério oficial, que nunca atingiu a classificação de "bom"* No entanto o inspector, apesar de referir a competência reconhece também que ele, embora compreenda bem *"todos as exigências que devem acompanhar o serviço perfeito da sua profissão... parece menosprezar as condições perfeitas em que deve exercer o ensino, mirando só ao lucro para subsistir*[27]*"*.

Na 1ª rua do Conde, na Escola da professora Teresa Guilhermina Borges Machado, solteira de 35 anos, 5 rapazes e 27 raparigas aprendiam, pelo método misto além do ler, escrever e contar, gramática, história e corografia. Tinha esta professora o seu título de capacidade conforme preconizava o dec. 20/09/44 pelo que possuía *"competência muito regular"*. O aproveitamento dos alunos é notório *"segundo os seus tempos de frequência",* e apesar da escola não ter condições higiénicas e pedagógi-

cas, funcionava com alguma organização, dado ser possível saber-se que, no ano lectivo anterior, era frequentada por 5 alunos e 18 alunas, o que normalmente não fica registado, dada a inexistência de escrita. É o resultado da exigência imposta pelo Dec. de 20/09/1844 que segundo o inspector *"deu nesta especialidade um proveito muito grande*(28)*"*.

O Recolhimento de Santa Bárbara, na rua do mesmo nome é *"uma escola recomendável*" frequentada à altura por 6 rapazes e 30 raparigas, que aprendiam *"civilidade"* além das disciplinas habituais, através do método misto, com a professora Madalena Júlia Gonzaga, solteira, de 50 anos de idade de quem o inspector afirma *"merece consideração a competência da professora e o bom regime escolar*(29)*"*.

É outra das poucas escolas em que se regista o número de alunos do ano anterior, 31, dado que o *"zelo da professora, o seu método e ordem nas funções escolares são em verdade pouco comuns, e daí a boa origem do aproveitamento*" e isto *"apesar da mobília, utensílios e a mesma casa da escola estarem em condições muito desfavoráveis para este mister.* É que, *"a habilitação de título de capacidade da professora a coloca em circunstâncias de serviço utilíssimo*(30)".

Ainda na Rua dos Mercadores, os dois sexos podiam frequentar a escola mista de Aurora Matilde de Sequeira, solteira de 26 anos, professora de "*competência regular*" mas "*nem na regularidade do seu movimento, nem em método, nem em classificações, nem em exigências pedagógicas está isenta de justa censura"*. Por isso *"nem em tais condições pode ser satisfatório o proveito*". E recomenda *"precisa mais estudo sobre todas as atribuições do magistério, o que junto à sua dedicação e esforço podiam dar em serviço muito regular e proveitoso*(31)*"*.

Era esta escola frequentada por 6 rapazes e 20 raparigas que aprendiam pelo método misto, incentivando-os a professora com prémios que consistiam em objectos de recreio, como era habitual, entre as poucas escolas que a eles recorriam.

Contrariamente à situação das escolas livres, que, conforme se disse, apresentam nesta freguesia, um quadro menos negro do que nas outras duas, a escola oficial, única na freguesia, não merece a qualquer nível, comentário positivo do inspector.

Situava –se ela na 1ª Rua do Conde alugada ao Sr. José Maria Costa e Silva e é *" um verdadeiro escárnio que ofende a civilização moderna, é um casebre velho, arruinado, imundo, sem ventilação, nem luz, sem dependência para retretes, e o mais lastimoso em todas as condições morais, materiais, higiénicas e pedagógicas. A sua mobília são os estragos mutilados do mobiliário escolar antigo, levados ao maior grau de desasseio e de ridículo. Não possui outras alfaias ou utensílios. Entrar ali escandaliza o génio mais indiferente se considera que a instituição da escola pode chegar a tal grau de degradação e miséria na primeira paróquia do arquipélago, sede de uma paróquia e de uma câmara opulentas e ricas, a quem competia fazer outras honras a uma escola oficial única, hoje na paróquia para instrução popular.* Tudo fruto da indiferença dos mais directos responsáveis *" nem jamais o professor reclamou contra semelhante escárnio nem a Câmara, Junta e Comissão respectivas, empregaram nunca a mais ligeira providência contra tal escândalo e sobre as quais pesa uma responsabilidade que as deve corar de vergonha em frente do progresso e da civilização*[32]*"*.

Era professor o eclesiástico José Augusto da Ponte, de 46 anos de idade, vitalício, com 25 anos de serviço e habilitado pelo magistério ofi-

cial, mas que nunca desempenhara o seu cargo *" com zelo e assiduidade."* E reza assim *" afectado há nove anos duma paralisia que o traz em estado apático e estúpido hoje ainda menos cumpre o que exige a sua posição. A escola em condições de proveito é uma legitima consequência da acção de tal professor, sua infeliz situação atrai de uns o dó, de outros a irrisão. A escola é apenas frequentada por pequeno número de alunos, cujas circunstâncias de indigência não permitem que frequentem outra e o serviço da escola é feito com tal desordem e inconsciência, com tal desmazelo e abandono que é a maior lástima mesmo no que ao professor lembra entreter as classes, porque no geral dos ramos do ensino não se dá a mais leve noção*(33)*"*.

Mas não se fica por aqui *" Método, ordem, disciplina, condições pedagógicas, escrituração, proveito ao menos medíocre, são coisa que ali não existem*". E termina, desalentado *" E eis a única escola oficial, principal foco de instrução popular da paróquia que funciona na primeira freguesia dos Açores a pouca distância da sede do município e da junta de uma igreja opulenta e rica.*(34)*"*.

Com semelhante panorama não será difícil concluir do aproveitamento escolar dos alunos. Era a escola frequentada por 25 alunos mas com capacidade para 60, apesar das péssimas condições também descritas pelo inspector. *" À vista das considerações que fiz sobre a escola, a sua mobília, sobre o professor e o serviço escolar, fica manifesto qual será a frequência e qual será o aproveitamento !"* Para tão grave situação, só uma solução *" Em primeiro lugar que fosse aposentado o actual professor, atendendo ao seu estado de saúde melindrosos e incurável, ao seu serviço de 25 anos e que provido de novo nesta cadeira um professor hábil e activo, escolhida casa própria para a escola e constituída sala nas indispensáveis condições materiais, morais e pedagógicas se regenere assim*

nesta paróquia com toda a dignidade que lhe pertence uma escola oficial de verdadeira honra para a localidade e proveito real do povo ", porque *" deixar continuar este escárnio é afrontar a augusta instituição da escola e ludibriar a civilização* .E não se dispensa de tomar providências *" neste proveito falarei á Junta e á Câmara mas não confio na sua iniciativa, se o governo não determinar providências terminantes*(35)*"*.

É esta a freguesia que melhores resultados apresenta, relativamente à classificação dos professores das escolas particulares, não se passando, porém o mesmo na oficial. Dos seus 12 professores particulares, 7 são classificados com *regular* e *mais que regular* e apenas 2 com *medíocre menos*.

É também a freguesia que tem menor número de escolas, das quais apenas 1 não deu conhecimento da sua existência às autoridades competentes.

A população escolar em número de 441 alunos é em maior número masculina, enquanto que o corpo docente é maioritariamente feminino, sendo este que obtém as classificações negativas.

As instalações e equipamentos escolares são objecto de crítica pela sua inexistência ou falta de condições.

Freguesia de São José

Nesta freguesia foram inspeccionadas 15 escolas particulares, uma das quais municipal. Destas, 11 eram mistas, 1 feminina, 1 masculina diurna e 2 masculinas nocturnas. Eram frequentadas por 276 alunos e 286 alunas.

As condições higiénicas e pedagógicas deixavam muito a desejar, bem como o mobiliário, quase sempre insuficiente e desajustado, conforme afirma a nossa fonte, que , se nalguns casos se limita a afirmar a sua inexistência, noutros classifica mesmo de " péssimas " estas condições.

Apenas a escola que ficava na 2ª Rua do Conde e o Internato Feminino tinham condições higiénicas e pedagógicas e mobiliário suficiente e próprio. A primeira era masculina e frequentada por 35 alunos É de salientar, aliás, que esta é a única escola livre cujo professor tem uma capacidade literária considerada distinta " *que é homem ilustrado e de instrução variada*(36) o que, se em valor absoluto é já um a tributo valioso, em valor relativo, tem ainda peso maior, já que o inspector teve oportunidade de classificar cerca de uma centena de professores..

Usava este professor o método simultâneo puro, ensinando na sua escola todas as disciplinas do ensino oficial e ainda Francês e Inglês, no que era coadjuvado por dois professores para o ensino destas línguas. Os programas de todas as disciplinas foram por ele elaborados.

Aplicava castigos, sobretudo morais, mas também usava, sem abuso, da palmatória. De realçar que ao lado do castigo havia prémios, situação essa que se verificava também e apenas no Internato Feminino da Rua de Sampaio e que consistiam em livros escolares e de recreio.

Lamenta o inspector que este professor, secular de trinta e seis anos, casado, chamado Horácio Velasco Correia e Silva pensasse abandonar o magistério em breve, dado que *" é verdade para sentir que sejam poucos os estabelecimentos de instrução livre em tais circunstâncias e que esses mesmos vão acabando sem expectativa de se substituírem nas mesmas condições*(37)*"*.

Também a escola nocturna que funcionava na sacristia da Igreja Paroquial tinha mobiliário suficiente e próprio, condições pedagógicas sofríveis, mas faltavam-lhe condições higiénicas. Era esta escola mantida por Associação e subscrição do padre António Luciano da Horta, enquanto que todas as restantes, à excepção da municipal eram " *empresa própria do professor* ". Frequentada por 141 alunos, surgira a Escola Nocturna, por iniciativa do referido padre, considerado "*desvelado promotor e protector da Escola que existe por enérgica acção sua como benemérito obreiro da instrução popular e em especial da sua paróquia*. O professor, de seu nome, Manuel Augusto Cordeiro, solteiro, de 26 anos de idade, tinha um ajudante :*ambos hábeis no magistério mas menos apurados em processos de ensino, ordem, disciplina, e em mais condições em que deveriam manter uma escola tão concorrida, e em que só uma organização escolar aperfeiçoada pode produzir proveito satisfatório*(38)*"*.

Não se esqueceu o inspector de apelar para a fiscalização do P.e António da Horta, no tocante às observações que deixou escritas, incluindo orientações sobre a escrituração da Escola.

Além desta Escola Nocturna, frequentada apenas por alunos do sexo masculino, existia ainda uma outra, recentemente criada, com 22 alunos, a funcionar numa dependência da Igreja Paroquial, sem condições de espécie alguma, cujo professor, António Mariano Tavares, de 15 anos de

idade, merece do inspector o seguinte comentário: " *esta escola é dirigida por uma criança e funciona há poucas semanas. O professor fez exame de instrução primária em Maio último. Não o considero à altura do cargo, porque manifesta limitada habilitação para compreender e desempenhar com proveito o seu cargo com alunos adultos que é preciso manter em disciplina e respeito que manifestamente, não guardam a professor tão novo* ". E termina :" *só obrigado pela legislação como o Decreto de 20 de Setembro de 1844 é que seria devidamente habilitado e dirigiria uma escola verdadeiramente útil*(39)".

Com estas características só podia ser classificado de medíocre.

As restantes escolas, todas elas mistas, eram dirigidas por uma professora, dado que além das disciplinas teóricas- ler, escrever, contar e doutrina, acrescentadas em alguns casos pela Gramática, Corografia, Aritmética, e Sistema Métrico- era necessário ensinar às alunas os lavores femininos, actividade esta que um professor não poderia ensinar. Curioso que o inspector, sendo homem, tinha competência para examinar o estádio de desenvolvimento das alunas nestas actividades!

Uma das escolas mistas era municipal e não beneficiava de melhores condições materiais e pedagógicas que as restantes particulares. Funcionava na Rua Formosa, e a professora, Adelina Augusta Raposo, solteira de 33 anos, utilizava o método mútuo no ensino das suas 83 alunas e 16 alunos. Desta escola afirma o inspector " *É esta uma escola municipal e seja dito com vergonha que, como todas as da municipalidade toca o rastilho do escândalo em falta de proveito, em desleixo, em perturbação de funções e, completa desordem de movimento, na falta de lição em quase todos os ramos, em condições da maior irregularidade*

morais, materiais e pedagógicas". E mais adiante *" A Câmara não sabe que existe esta e demais escolas municipais, com pouca excepção, senão para pagar ao professorado... é na cidade de Ponta Delgada que isto se dá e não é melhor a sorte das escolas rurais "*. E conclui *" É revoltante que se abra à sociedade uma escola assim à custa dos dinheiros públicos. O resultado é um epigrama escolar de que se mofa e que não tem frequência regular por sua inutilidade*.(40)*"*.

Todas as restantes professoras das escolas mistas foram consideradas como possuindo uma capacidade literária medíocre ou mesmo menos de medíocre, à excepção de uma delas, Maria Madalena Vieira, de 20 anos de idade, professora na escola situada na Rua Formosa e considerada regular pelo inspector. Esta escola, criada naquele ano de 1875, era frequentada por 5 rapazes e 15 raparigas, que aprendiam a ler, a escrever, sistema métrico, gramática, história, corografia e doutrina, acrescida dos lavores femininos.

Da professora regista o seguinte, " *É esta escola dirigida por uma professora nova, há pouca saída da escola, com uma instrução regular ainda que imperfeita. Manifesta a disposição mais pronunciada para o magistério, dominada por grande dedicação, solicitude e desejo de acertar... tendo escola só há pouco tempo é louvável o adiantamento das crianças, com quanto a ordem escolar, o método e a disciplina se ressintam da acção duma professora novata e inexperiente na tarefa* ". E augura *: organizada a Escola, com todas as exigências materiais, morais, intelectuais e pedagógicas, será uma excepção honrosa nas escolas livres do seu sexo*(41)*"*.

À incompetência e falta de habilitação das restantes professoras das escolas mistas atribui o inspector toda a desorganização escolar e consequente falta de aproveitamento dos alunos.

Ouçamo – lo relativamente a Cartola Joaquina Simões, casada de 78 anos e professora numa escola da Rua da Alegria : *" Está abaixo de toda a critica este simulacro de escola pela crassa ignorância e idade da professora. É contudo, além disto, intolerável o seu rigor que chega a castigar as crianças por sistema de barbaridade tresloucada a que a tem levado a idade. Em circunstâncias tais ganhariam as crianças que se lhes não tolerasse a escola, pois nada aprendem e ainda debaixo de um jugo próprio para as tornar estúpidas e tímidas*(42)*"*.

Esta escola era frequentada por 7 alunas e 8 alunos que aprendiam por *" livros e jornais absurdos para o ensino"*, e com recurso a castigos que incluíam o uso imoderado da palmatória.

Na rua do Carvão existia também uma escola mista, dirigida pela professora Maria Cândida, solteira de 70 anos, frequentada por 6 alunos e 7 alunas que aprendiam pelo método individual. *" A professora não revela que tivera nunca habilitação para ensinar o pouco que declarou e hoje pela sua avançada idade, em estado caquéctico é e a sua escola um simulacro de ensino, verdadeira nulidade entre as mediocridades escolares. O que ali ainda predomina é o terror do modo antigo de ensinar agravado numa velhice rabugenta e intolerante que derrama nas crianças notável terror e nenhum proveito*(43)*"*.

Mas não é só a idade avançada que explica tão catastrófico ambiente escolar.

Branca Flora de Chaves Arnaut, com 15 anos de idade, abriu escola mista, na Rua da Alegria, com total ausência de condições materiais e pedagógicas. Através do processo de ensino individual ensinava a 6 rapazes e 14 raparigas. Dela nos diz o inspector : "*A professora é uma crian-*

ça saída da escola, imperfeitíssima em tudo e mesmo nos ramos que se propõe ensinar. Não tem, não pode ter ainda consciência do seu lugar e responsabilidade. Ignora tudo o que é constituição escolar. A escola é uma caricatura a que dá lugar a liberdade absoluta de ensino". E sugere o inspector " *aquele simulacro de ensino me obrigou a aconselhar-lhe como primeira medida que se instruísse. É dos casos em que as disposições do Decreto de 20 de Setembro de 1844 fariam talvez apresentar um professor útil, aproveitada a vontade de ensinar em idade tão nova*(44)*".*

Ainda na Rua do Carvão ensinava também a uma classe mista de 31 rapariga e 9 rapazes com a frescura dos seus dezanove anos, Elisa Leopoldina da Silva, com *" muita dedicação mas muita falta de habilitação regular para o magistério. O proveito é o mais que se pode dar com uma aptidão imperfeita, porém há tudo a desejar no método, na disciplina e na ordem e em todas as exigências materiais e morais da escola. A professora ainda muito nova é um génio aproveitável e se a liberdade absoluta do ensino não lhe facultasse ensinar nestas condições de certo se habilitaria convenientemente*(45)*"* O inspector deixou –lhe as suas instruções sobre toda a conveniente organização escolar, mas Elisa Leopoldina da Silva, declarou *" Não valer a pena desde o momento em que segundo as disposições superiores tanto lucram os professores habilitados, como os que nenhuma habilitação têm*(46)".

E conclui o inspector *" Efectivamente é o que se observa na generalidade do ensino livre*(47)*"* .

Na Rua João do Rego, se se fosse rapariga, neste último quartel do século XVIII, podia –se optar pela escola de Maria da Glória Machado, ou de Isabel Maria Rosa, ambas jovens, a primeira de 19, a segunda de 21 anos de idade.

As duas utilizavam o mesmo método, o individual, ensinavam as mesmas disciplinas, utilizavam s mesmos castigos morais, fortalecidos pela palmatória, só que a primeira, *" no que ensina não deixa de produzir um certo efeito, conquanto a professora não tenha habilitações perfeitas. O seu método não é o melhor nem as funções escolares de ordem satisfatória. Note –se que a professora tem dedicação pelo ensino, mas que não está á altura de o dar em condições perfeitas materiais e morais, porque desconhece esses preceitos quase completamente. Se estudasse com interesse o que lhe falta seria muito aceitável a sua escola, segundo as disposições que manifeste, embora sejam poucos os ramos, de ensino que exerce*[48]." enquanto que a segunda, Isabel Maria da Rosa, *" está abaixo de toda a critica, pela crassa ignorância da professora e irrisório desalinho escolar em todo o sentido. É um arrojo intolerável permitido pela liberdade absoluta do ensino. É uma especulação interesseira que, pela falta de cursos oficiais explora o suor do pobre. Permitir que se ensine em tais condições é um escândalo que precisa reprimir –se*[49]*"*.

Talvez a população se apercebesse das diferenças entre as duas, já que a Escola da primeira era frequentada por 5 rapazes e 20 raparigas enquanto que a de Isabel Maria Rosa tinha, apenas 13 alunas.

Na Rua da Fontinha também se podia frequentar uma escola mista, dirigida pela professora Carlota Emília Pimentel, solteira de 52 anos, em cuja memória o inspector não confia para saber da frequência escolar no ano lectivo anterior já que escrituração era praticamente inexistente em todas estas escolas livres. Possuía esta professora titulo de capacidade, segundo o decreto de vinte de Setembro de 44, porém " *aferrada ao sistema antigo de ensinar com rigor e temor e não atendendo ao método aperfeiçoado e correto, nem a uma disciplina benévola, tem a escola em grande desordem de funções, as crianças em grande atraso e possuidoras de uma timidez e medo*

altamente repressivas. No meio de tudo isto, predomina o desleixo e o desprezo completo de ensinar muitas disciplinas a que se propõe e em que declarou eram matriculadas as discípulas ... em todo aquele regime escolar ressalta que a professora não tem a competência conveniente para ensinar o que declarou ". E termina afirmando não confiar na utilidade das instruções que lhe deixou dada a sua idade e "*má disposição, endurecida nas irregularidade da sua função*(50)*"*. Tinha a Escola 6 alunos e 30 alunas.

Não mais bem servidos se encontravam os alunos que frequentavam a escola mista situada na Rua de Santa Clara, da professora Luzia Cândida Soares Rodovalho, viúva da 56 anos de idade. Apesar de mais velha que a sua colega Carlota Pimentel, o inspector confia mais na sua memória para obter informação sobre o número de alunos que frequentou a escola no ano anterior, referindo que foram 8 rapazes, enquanto que no ano em curso (1874/75) havia 8 rapazes e 37 raparigas. No entanto, o grande mal desta Escola é "*a competência irregular e imperfeita da professora, que é causa imediata do pouco aproveitamento, da perturbação e desordem escolar, de método difícil de ensinar com regularidade e organização anómala de modo que o proveito da escola, como ele é, deve-se unicamente ao ímprobo trabalho da professora"*. E acrescenta *"Mostrei-lhe praticamente como com método e arte poderiam ser mais suaves e proveitosas as suas funções morais e materiais desde o método até à escrituração, deixando-lhe instruções escritas que lhe sirvam de guia e em que lhe faço sentir que as habilitações regulares da professora são o primeiro elemento para escola regular*(51)*"*.

Maria Sibila Pereira, solteira de 34 anos, ensinava na Rua da Esperança em escola mista frequentada por 9 alunos e 7 alunas. No ano

lectivo anterior e de acordo com a lembrança da professora, de que o inspector não duvida, havia 13 rapazes e 26 raparigas.

A diminuição da frequência será devida ao mau funcionamento da escola? Vejamos o retrato que dela traça o inspector: *"Há todo o atraso nesta Escola devido em parte à falta de método, à perturbação da falta de ensino de muitos ramos* (que deviam ser ler escrever, contar, sistema métrico, gramática, história, corografia) *desleixo e a uma habilitação muito imperfeita da professora que revela grande ignorância em aptidões e funções regulares do professorado a que se dedica. Só toca uma instrução cheia de erros e imperfeições dada nas piores condições escolares, pelo lucro que lhe pagam pais incapazes de lhe reconhecer o mérito e o proveito das crianças. A educação dada em tais circunstâncias é desfruto social que os poderes públicos não devem tolerar*(52)*"*.

Será que os pais de 1875 se aperceberam do estado da escola e não matricularam os seus filhos ?

A classe abastada do sexo feminino podia frequentar uma boa escola que além de receber alunas externas funcionava também como internato feminino, na Rua do Sampaio. Tinha capacidade para 5 alunas internas e 55 externas. No ano de 1875, o número de internas encontrava-se preenchido e além disso era ainda frequentada por 22 alunas externas. Era dirigido por uma professora de origem britânica, Mary Mae Leo Maston, solteira de 48 anos, e coadjuvada por uma professora externa para *" ler, escrever e um professor para desenho*(53)*"*. Também se aprendia o Inglês.Com uma capacidade de considerada regular pelo inspector, tece – lhe a ela e à sua escola grandes elogios: *" É este um muito considerado estabelecimento de instrução variada que tem notável frequência da classe abastada da terra e da colónia inglesa. É mantido em toda a ordem e disciplina, sendo a sua organiza-*

ção de funções muito satisfatória o aproveitamento em todas as disciplinas do ensino. A professora e as professoras auxiliares têm provada competência, sujeitos a um regime bem reflectido e ordenado. Os métodos são a propósito e a ordem do ensino metodicamente dirigida para produzir proveito real ". E remata *" Tem esta escola justa simpatia e é muito considerada com louvável classificação no seu género*(54)*"*.

Possuía este internato condições higiénicas e pedagógicas, além de mobiliário suficiente e próprio. É de realçar ainda que é a única escola em que, nas actividades manuais femininas, se incluía a confecção de flores.

Nesta freguesia não foi inspeccionada nenhuma Escola oficial. Por inexistência? Por, estando embora criada, não se encontrar provida? No *Mapa Estatístico*, anteriormente mencionado, estavam criadas no Distrito de Ponta Delgada 72 escolas, mas apenas 55 em exercício. Talvez por não estarem em funcionamento, esta seja a única das três freguesias urbanas, do concelho de Ponta Delgada, em que funciona uma Escola municipal.

De qualquer modo, as escolas da freguesia, além da falta de condições pedagógicas e higiénicas possuíam 75% de professores classificados com medíocre e medíocre menos, e 25% de professores classificados de regulares e um distinto. Maioritariamente o corpo docente era feminino, 12 em 15, e havendo apenas 2 professoras, classificadas de regular, estando todas as restantes engrossando a percentagem dos classificados negativamente.

A população escolar é a mais elevada da cidade- 562 alunos – sendo o sexo feminino ligeiramente superior ao masculino.

Das suas 15 Escolas, cinco não tinham dado conhecimento da sua existência às autoridades competentes.

Freguesia de São Pedro

Na freguesia de São Pedro foram inspeccionadas 15 escolas livres, frequentadas por 184 alunos e 226 alunas, distribuídos por 4 escolas nocturnas masculinas, 8 mistas e 3 femininas.

Além destas foram ainda inspeccionadas 2 escolas oficiais frequentadas por 52 rapazes a masculina, e 82 raparigas a feminina, o que perfaz um total de 308 alunas e 236 alunos.

Uma das escolas particulares feminina era o Asilo da Infância Desvalida, situada na Rua Nova da Mãe de Deus. Era, de acordo com a nossa fonte *" um recomendável estabelecimento que merece especial cuidado à instituição que o mantém "*. Referia –se á " *Sociedade Promotora do Asilo da Infância Desvalida*(55)*"*.

A sua directora, Violante do Céu Martins, solteira de 43 anos, classificada com " regular " é *" hábil no seu emprego e o adiantamento é satisfatório e não menos a ordem material e moral de todo o estabelecimento*. Neste internato *" São recolhidas, sustentadas e educadas 25 asiladas, com grande proveito das desvalidas que até se tornam mulheres honestas e prestáveis para todo o serviço doméstico*.(56)*"*.

O internato tinha capacidade para 36 internas que eram admitidas ao longo do ano, conforme as vagas e as necessidades. *" É este internato fiscalizado por uma direcção externa de cavalheiros e uma interna de donas de alta jerarquia*(57)".

Havia prémios pagos pela instituição e castigos apenas de carácter moral. Considera o inspector que existiam condições higiénicas e pedagógicas e que o mobiliário era suficiente e próprio para o fim a que se destinava.

O mesmo não acontecia na escola da mesma Rua, mantida pela " Associação Filhas de Maria " que além de não possuir condições higiénicas e pedagógicas dispunha de um mobiliário que, se bem que suficiente era desadaptado ao fim a que se destinava. Era dirigida pela professora Liliana Ernestina Ferreira Pimentel, solteira de 41 anos de idade *" muito incompetente e medíocre* " . Nesta Escola : " *não se guarda método definido, nem organização de proveito de ensino... antes predominam os exercícios místicos para louvor de uma religião absurda e condenada pelos ideais liberais que marcham com o Evangelho*. E continua " *é esta escola um verdadeiro instrumento de reacção, em que se ensinam e mal as matérias escolares, como habilitação para fins reservados, um dos quais é o fazer da mulher pedra angular do ultramontanismo"*. E desabafa *" Não se devera tolerar escolas com tão condenadas instruções pois se na aparência iludem com o rasgo da caridade, não passam em verdade de zelo farisaico*(58)*"*.

Era esta instituição frequentada por 34 raparigas, não havendo referência à frequência do ano lectivo anterior.

De notar que aqui, contrariamente ao que acontecia no Asilo da Infância Desvalida não havia prémios, apenas castigos de carácter moral e palmatória, o que, diga –se, era prática corrente em todas as escolas que temos vindo a analisar.

Ainda na Rua Nova da Mãe de Deus, havia uma outra escola, esta mista, que começara a funcionar em 1874/75 com 3 alunos e 25 alunas.

Também esta não tinha condições higiénicas nem pedagógicas e o mobiliário além de insuficiente não era adequado.

A professora, Teolinda de Medeiros de 29 anos, casada, *" posto que declarasse que ensinava todas as disciplinas que indicou* "– ler, escrever, gramática, sistema métrico, história pátria, doutrina cristã, meia, croché, bordar a branco e cor – *" não o faz e naquelas a que chega o seu ensino, é muito medíocre o proveito, apesar do esforço que parece empregar para que as crianças tenham utilidade. Sem competência, muito limitada e ignora completamente as condições em que se deve manter o ensino em relação à ordem, ao método definido e às exigências pedagógicas. Na escola há em tudo uma perturbação incompreensível em tudo sem excepção*[59]*"*.

O processo de ensino utilizado era o misto, recorrendo a professora a castigos de carácter moral e ao uso da palmatória. Não havia prémios.

À semelhança da Rua Nova da Mãe de Deus, também na Rua Direita do Peru funcionavam 3 turmas, se bem que em apenas dois edifícios. Num deles havia uma turma mista durante o dia, frequentada por 18 rapazes e 35 raparigas, e, à noite, uma turma masculina de 8 alunos, leccionada pela mesma professora, Maria Isabel Soares, solteira de 65 anos. As condições higiénicas e pedagógicas, bem como o mobiliário apresentavam as mesmas deficientes características que as existentes na generalidade das outras escolas.

Da mista nos diz o inspector que *" É uma escola concorrida, devido à densa população paroquial e falta de escolas regulares na localidade que satisfaçam a procura de instrução. Tem graves imperfeições e erros na ordem do ensino e condições escolares, materiais e morais"*. Sugere : *atendendo à concorrência de ambos os sexos, seria muito para desejar*

que esta Escola se regenerasse em condições de verdadeiro proveito". No entanto duvida que : *" a professora avançada em idade e endurecida em magistério imperfeito é rebelde a toda a regeneração e aperfeiçoamento*". Apesar disso, deixa-lhe instruções sobre método, ordem, actividade e disciplina *" mas não confio que tenha coragem e disposição para tanto, nem mesmo para a escrituração que lhe cumpre manter* . Para o que parece a professora ter coragem é para usar *" com algum abuso a palmatória,*(60)*"*, além da repreensão na classe mista, enquanto se fica por este último castigo, na turma nocturna.

Através do processo de ensino individual, aprendiam as 2 turmas as disciplinas habituais, além dos lavores indispensáveis à educação feminina.

Quem morasse na Rua Direita do Peru ou imediações podia optar pela outra escola mista da rua, cuja professora, Isabel Emiliana de Benevides, solteira de 29 anos, tem boa vontade *" mas menos aptidão e competência para atender a grandes erros, incorreções, e imperfeições em todas as condições materiais e morais da sua escola"*. E isto porque lhe falta *" a instrução necessária para trocar a perturbação escolar, a indisciplina a irregularidade do método para tocar pelo menos alguma coisa que torne a escola regular e proveitosa*(61)*"*.

Esta professora, classificada de medíocre, através do processo de ensino simultâneo, ensinava as disciplinas usuais a 5 rapazes e 20 raparigas, mas, as suas funções ressentiam-se *" de grande falta de competência*. (62)".Talvez por isso, além dos habituais castigos morais, repreensão e palmatória usava ainda a penitência de pé e de joelhos para manter a ordem na sala de aula que não tinha condições higiénicas nem pedagógicas, nem mobiliário suficiente e próprio.

Os residentes na Pranchinha, embora dispusessem de duas escolas mistas e uma nocturna para o sexo masculino só podiam contar com professoras consideradas *" menos de medíocre "* . Agravavam a situação as péssimas condições higiénicas e pedagógicas e a inexistência de mobiliário suficiente e próprio.

A masculina nocturna era frequentada por 18 alunos a quem Maria Augusta Borges de 18 anos, solteira, através do processo de ensino individual ensinava a ler, escrever, contar e doutrina, mas *" a sua manifesta incompetência produz na escola erros bárbaros e irregularidades incompreensíveis de tal modo que é tudo uma perturbação e desordem que desorienta. A professora não conhece regra alguma do ensino e imagine-se que anomalia de escola com o acréscimo de funcionar numa casa arruinada e na mais intolerável imundice! Só a dedicação de quem aprende, porque são quase tudo adultos, é que consegue algum proveito porque a professora mira só o interesse, não emprega regra alguma, nem tem aptidão para melhor serviço*[63]*"*.

No ensino diurno as coisas não corriam melhor. Se bem que, igualmente classificadas com medíocre menos, uma delas, a professora Rosa Migaíl de Medeiros, casada, 38 anos de idade *" é pena que não tenha instrução que a tornasse mais competente*" . É que apesar disso *" conhece o seu dever e tem empenho no aproveitamento das discípulas. Ensina pouco, porém esse pouco reflecte bem nas crianças que tem uma certa aptidão para o emprego*[64].

Leccionava esta professora 3 alunos e 13 alunas através do processo individual recorrendo à repreensão e à palmatória sem abuso, e excluídos os prémios. Mas o inspector confia nas instruções que lhe deixou *" Ensaiei-lhe método e ordem escolar e deixei-lhe preceitos a este respeito*

e sobre escrituração escolar, o que tudo observado como mostrou ter vontade, será no seu pouco uma escola aproveitável(65)*"*.

Igualmente de capacidade menos de medíocre, mas sem o interesse e o empenho revelados pela professora anterior é a outra professora da escola da Rua da Pranchinha. *" É esta um escola intolerável por condições materiais e morais. O desasseio, a desordem e o atraso escolar e incompetência da professora são repreensíveis em alto grau ! É desconhecida ali a ordem escolar, o método, a disciplina, e a consciência do dever. Só se olha ao proveito sem responsabilidade moral*(66)*"*.

A responsabilidade por tal situação deve –se a Maria Júlia Martins, solteira de 45 anos de idade, que através do processo de ensino individual, ensinava 33 alunas e 7 alunos, cujo aproveitamento era muito fraco uma vez que *" acusa vário desleixo, porque aquele atraso e falta de lição em vários ramos do ensino dá –se com crianças de cinco, seis e sete anos de frequência ! "*. E insurge –se o inspector *" não devera tolerar –se que assim se desfrutasse e enganasse o público*. " Mas, tem esperança " *Recebeu recomendações que lhe deveriam estimular a consciência e meditar na sua responsabilidade*(67)*"*.

Maria Júlia Oliveira, de 45 anos de idade *" é uma pobre viuva de um pescador, que vendo-se em miséria, adoptou fazer muito com ínfimas habilitações. Dá escola numa casa imunda e sem carácter algum de escola*(68)*"*.

Ficava ela na Rua do Negrão e funcionava em regime diurno – 14 alunas e 15 alunos – e regime nocturno – 7 alunos. *" se lhe concorrem á escola é isso devido a uma densíssima população sem suficientes escolas públicas"*(69)*"*.

Parece que, já neste tempo, quem não sabia ou não podia fazer mais nada, ensinava, porque *" a fome a obriga a especular com o*

pouco e incorrecto que sabe. São crassos os erros dos ensino e linguagem que transmite a discípulos e discípulas sem consciência do que faz e do que ensina". E em jeito de balanço *" é das escolas que é mais proveitoso não se tolerarem porque são uma perfeita irrisão escolar*(70)*"*.

Igualmente má era a escola mista da Rua do Poço, frequentada por 2 rapazes e 12 raparigas, criada naquele ano de 1874/75 por Maria José da Rosa de 23 anos, casada, classificada de «menos de medíocre».

De um modo geral o inspector alonga-se em análise global da escola, no entanto relativamente a esta apenas diz *" Não me detenho na sua apreciação e só direi que é uma arrogância intolerável pretender ensinar sem a consciência de uma crassa ignorância cujos efeitos escolares são legitima consequência em todo o sentido*(71)*"*.

A escola não possuía nenhum mobiliário, nem condições higiénicas ou pedagógicas. O recurso à palmatória ou a castigos morais era habitual, não havendo prémios na aprendizagem do ler, escrever, contar, meia, croché, cozer, bordar a branco e cor, que se fazia utilizando o processo individual de ensino.

Igualmente muito má era a escola da Rua do Cabo. *" A casa da escola é um poço imundo e pestilento, intolerável, rodeado de habitações de pescadores em iguais e piores condições. Toca o limite de tudo o que há de mais desasseado, mal cheiroso e nauseabundo*(72)*"*.

A professora, Maria José de Melo, 28 anos, solteira, *" é inteiramente inábil, a ponto de crianças de 3 e 4 anos de frequência estarem na primeira classe e atrasadíssimas no ensino da leitura e escrita e não menos nos lavores*(73)*"*.

Era esta uma escola feminina, frequentada por 10 alunas que eram ensinadas pelo processo individual. Mas, " *é um verdadeiro ludíbrio e escárnio com que se recebe o dinheiro do pai ignorante. Nem tal escola pelas condições higiénicas, nem tal professora por tão ignorante e sem consciência deverão tolerar-se*(74)*"*.

No entanto, o inspector não desiste *" Sobre tudo recebeu muitas admoestações e conselhos, especialmente sobre o imundíssimo estado da escola*(75)*"*.

Mas não era tudo assim tão má na freguesia!

No edifício do Liceu, no actual edifício da Biblioteca Pública, antigo convento da Graça, funcionava uma turma nocturna do sexo masculino, constituída por um número apreciável de alunos, 96, e que no ano anterior era frequentada por 89.

"A escola seria de notável regularidade se a sua mobília e utensílios não estivessem em lastimável estado(76)*"*. Era professor nesta escola João Oliveira Raposo, casado de 32 anos de idade que acumulava com a função de guarda de gabinete de Física do Liceu e de amanuense do Comissariado de Estudos. Tinha este professor *" manifesta competência e a escola, aparte de ligeiras faltas e imperfeições de fácil correcção é legítima consequência proveitosa da sua aptidão em todas as suas funções*(77)*"*.

Era esta escola, contrariamente à grande maioria das outras que eram empresas dos professores, pagas pelos pais dos alunos, mantida por uma associação designada de *" Auxiliadora da Instrução"* cuja constituição é *" puramente maçónica, em condições que não são manifestas*(78)*"*.

Este professor era o único que usava o Método Português de Castilho de entre todos os inspeccionados por Joaquim Pacheco de Almeida .

Igualmente merece louvor uma escola na Rua do Mercado. Era uma escola mista, em que além das disciplinas habituais se aprendia também o inglês. A sua professora, Marianina Ivens, viúva de naturalidade britânica, de 74 anos de idade *" com quanto já idosa, é coadjuvada por 3 filhas de aprimorada educação e apuro que com boa e competente professora de Português, fazem desta escola um estabelecimento de educação muito apreciável e de reconhecido proveito no ensino das duas línguas*". A própria organização escolar merece destaque: *"As pessoas que ensinam têm entre si dividido e classificado o trabalho com método e ordem muito especial para regular o proveito no ensino... A regularidade escolar em todas as suas funções morais e materiais são dignas de louvor devido às habilitações perfeitas das três filhas da professora*(79)*"*.

Só é pena que escola tão bem organizada, com professoras tão competentes, só fosse frequentada por 10 alunos, cinco de cada sexo. De qualquer modo, no ano anterior funcionara apenas com 5.

Na freguesia de São Pedro foram inspeccionadas duas escolas públicas, uma de cada sexo.

A feminina tinha como professora Margarida Augusta Seixas de Carvalho, viúva de 57 anos de idade, com a categoria de vitalícia e frequentada por 82 alunas.

A sala de aula *" É espaçosa, com luz suficiente e ventilação* ". Situava–se na Rua da Graça, junto ao liceu. No entanto " *a mobília é deficiente hoje principalmente pelo seu estrago e nunca foi a conveniente que pertence a uma escola desta ordem e se tem satisfeito ainda que imperfeitamente, é porque a Câmara tem oferecido para ali algum móvel*(80)*"*.

Mas o mal era geral e parece que de todos os tempos *" Esta como todas as escolas oficiais não tem, nem nunca teve, a dotação de mobí-*

lia que as exigências do ensino reclamam e que o progressivo aperfeiçoamento no assunto determina. Não se concebe que uma mobília escolar de uma escola destas na actualidade seja exclusivamente uns bancos informes, sem costas, quatro mesas bancos estragadas, um ridículo quadro preto, uns cabides, uma limitada mesinha para a professora, três ou quatro cadeiras ligeiras e mais nada(81)*"*.

E quanto a material escolar ? *" Utensílios absolutamente nenhuns, nem da Câmara, nem da Junta respectiva "*. E, então como agora : *" deste modo é impossível um normal ensino que produza proveito*(82)*"*.

Será que as características e competência da professora se sobrepunham a tão básicas necessidades ? *" A professora com 33 anos de serviço deveria reformar –se e assim tratar de restabelecer o cuidado e a solicitude em todos os ramos do ensino, o verdadeiro aproveitamento escolar, o método a ordem e todo o movimento escolar da escola que são os ramos manifestamente descurados. Com quanto a regular competência da professora em idade mais nova e energia desse à escola bom impulso para proveito real, hoje o cansaço da vida que tem trazido à escola um certo desleixo, tem prejudicado muito o nome e a estabilidade desta escola. É a ajudante que faz quase tudo, sem todavia, se levantar a escola à altura dos seus primeiros anos, porque não a considero com a competência regular para corrigir o mal que precisa mais aptidão e cuja responsabilidade ela vê só deve caber á professora da cadeira*(83)*"*.

Será que os alunos conseguiam ultrapassar quer as deficientes condições físicas da escola, a sua falta de material e de recursos pedagógicos, a falta de zelo da professora ? *" A frequência é regular e o aproveitamento também o seria se se optasse na escola por um método mais aperfei-*

çoado e correcto, se não houvesse desprezo de alguns ramos de ensino, se a escola tivesse ou as alunas apresentassem os indispensáveis utensílios para os exercícios e se o movimento regular da escola, em todos os seus ramos, fosse dirigido com menos indiferença e mais solicitude e zelo da parte de quem dirige a escola. É que isto de *" confiar tudo à aplicação das crianças sem se empregarem os meios actuais e energia para esse aproveitamento é pouco, maximamente quando quem aprende não tem as substâncias convenientes para lição e exercícios*(84)*"*.

Infelizmente esta carência não era apenas sentida nesta escola *" este inconveniente que predomina no geral das escolas do país só poderá desaparecer quando todas as escolas tiverem uma dotação especial de livros e utensílios que se forneçam gratuitamente às crianças de reconhecida pobreza e indigência que avulta na escola "*. E para grandes males, grandes remédios *" esta necessidade está reclamando uma acertada providência legislativa"*. E remata com um principio pedagógico ainda hoje credível *" se é grande mal a incompetência da professora, o seu desleixo e a sua indiferença no cumprimento do dever esta falta* (a de material pedagógico *) não concorre menos para o atraso escolar "*. *Quem devia obviar a isso demite –se " e as câmaras e juntas e particulares que o podiam atenuar muito, têm, em geral, relutância quase insensível de o fazerem*(85)*"*.

No edifício do Liceu, velho e arruinado, renovando–se, graças ao governo, funcionava a escola masculina, numa miserável sala aonde a renovação ainda não chegara. Já funcionara num outro espaço em ruínas e delas se refugiara na sala que *" de modo nenhum pode servir a este mister, pelo seu espaço limitado, pelo desasseio e ruína e pela pouca ventilação e luz*(86)*"*.

Também aqui os recursos materiais e pedagógicos eram inexistentes *" despida de utensílios escolares indispensáveis, com uma mobília em frag-*

mentos, em que tudo falta do que exigem as condições morais, materiais e pedagógicas, é impossível persistir ali e nestas circunstâncias esta escola". Mas a situação era, felizmente, transitória *" já por providência do governo está em construção uma sala especial para este fim; então melhorará de sorte, mas entendo de toda a conveniência que a aula seja dotada com uma mobília e utensílios completos em que se satisfaçam a todas as exigências morais, materiais e pedagógicas, como a civilização reclama*. " E chega mesmo a propor o tipo de material pedagógico adequado *" devem as suas alfaias afinar pela escola " Fradesco da Silveira " ou por outros modelos que as exposições têm apresentado"*. E conclui *" é esta a oportunidade de a constituir em condições de ser modelo em todo o sentido material para as restantes escolas do distrito, segundo o local que ocupa*(87)*"*.

O professor Francisco de Sales Resendes de trinta e seis anos, casado e com 16 anos de serviço é *" hábil e competente, ainda que a tarefa aturada de muitos anos o tenha tornado frenético e aborrecido da vida e destes defeitos se ressente o movimento escolar e seu proveito menos pronunciado*(88)*"*.

Temos de convir que um professor com apenas 16 anos de serviço e 36 de idade não teria ainda razões para tal cansaço, no entanto o inspector parece não pensar assim e sobre ele acrescenta *" são boas as suas funções escolares dirigidas com método e inteligência, mas seriam de mais amplo proveito se não estivesse cansado na solicitude e zelo que o emprego demanda, para completo proveito e bem merecido nome da escola, que tinha aptidão para manter nessa altura e conservar no distrito conceito que pertence a uma escola neste centro e que deve gozar da consideração de primeira, na capital do distrito*(89)*"*.

Era a escola frequentada por 52 alunos e *" posto que a frequência se mantenha na altura indicada, o seu aproveitamento não satisfaz a uma apreciação razoável "*.E são logo apontadas as causas *" pouca actividade e zelo*

do professor, as más condições morais e materiais da escola e um descuido de alunos e pais em apresentarem os indispensáveis livros e utensílios para as lições que dá como resultado que para muitos dias ou semanas essas crianças não recebem as lições necessárias e daí grande atraso(90)*"*.

E apresenta as condições para o sucesso : *" Não pode haver proveito real numa escola, sem aptidão e solicitude no magistério, aula em todas as condições boa, aplicação nos alunos, dirigida com actividades e critérios e utensílios e livros a tempo e a propósito. Se falta algum destes elementos, a escola acusa –o logo. É o que acontece com esta.*(91)*"*.

Que solução ? *" Estimule–se o professor, constitua–se a escola nas devidas condições materiais, morais e pedagógicas, empregue–se empenho na aplicação dos alunos, forneça a escola livros e utensílios aos pobres que entram na escola, a cujos pais é penosos trazer os filhos muito do que as lições exigem e a escola será de completo proveito para o povo que é destinada.*(92)*"*.

Não era muito animador o panorama das Escolas, quer públicas, quer privadas, nesta freguesia. Das 15 privadas, 4 não tinham dado conhecimento da sua existência às entidades competentes. Pecavam por falta de equipamentos, possuíam instalações impróprias, professores pouco competentes...

A maioria do corpo docente era feminino e nas escolas particulares apenas 2 professoras são classificadas de «regular», enquanto que todas as restantes o são, negativamente.

Nesta freguesia, a segunda em número de alunos a frequentar as escolas, 544, a frequência escolar do sexo feminino é superior à do sexo masculino.

CONCLUSÃO

Em jeito de conclusão, dir-se-ia que o problema da instrução, em Ponta Delgada, assentava, fundamentalmente, em três vectores:

Falta de instalações e equipamentos;

Falta de professores habilitados;

Pouca frequência escolar.

Embora a obrigatoriedade de ensino fosse uma imposição legal, desde a Reforma de 1836, o que é certo, é que, em 1938, o Dr. Francisco Ataíde Machado de Faria e Maia, no trabalho apresentado no Primeiro Congresso dos Açores, referia que 72% da população da Ilha era analfabeta.

Infelizmente, ainda hoje o analfabetismo existe; ainda hoje há falta de instalações e equipamentos; ainda hoje há falta de professores habilitados. Se um longo caminho foi percorrido, mercê do desenvolvimento social e económico, ainda falta resolver muitos dos problemas estruturais que já em 1875 o inspector detectou.

Num aspecto, no entanto, e este fundamental e basilar, se evoluiu: o de dar à instrução o lugar que ela ocupa, no conceito mais vasto que é o de educação : *" A educação é mais ampla que a instrução, porque abrange todos os meios de cultivar todas as faculdades do Homem, segundo os princípios para que os recebemos da Natureza; a instrução, porém, é um desses meios, destina-se a exercitar só uma espécie dessas faculdades, isto é, as intelectuais*[93]*"*.

---

93 - Herculano, Alexandre cit. in Dias, F. S. , ob. cit.

As preocupações deixaram, pois, de centrar-se, apenas, na instrução e passaram para a educação ao longo de toda a vida, única capaz de proporcionar a todos e cada um a felicidade que anseiam e merecem.

BIBLIOGRAFIA

I- Fontes

A. N. T.T. -Ministério do Reino, livro 1077.

Diário do Governo, Ano 1879, nº 27 de 4 de Fevereiro

Legislação in Reformas do Ensino em Portugal, Ministério da Educação Tomo I, Volume I.

II- Livros e Jornais.

Botelho, Manuel Francisco de Medeiros, *Regimento das Escolas Açorianas,* Imprensa da Junta Geral, Angra do Heroísmo, 1882.

Dias, Fátima Sequeira, Concelho de Ponta Delgada no século passado, in *Açoriano Oriental* 26 de Setembro a 1 de Outubro de 1998.

Id. *Ponta Delgada, 450 Anos de Cidade,* Ed. da Câmara Municipal, 1996.

Dias, José Maria Teixeira, A Sociedade dos Amigos das Letras e das Artes em São Miguel e a Instrução, in *Actas do IIº Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, Braga, 1995, vol I, Págs. 363 - 369

Fernandes, Rogério, *Os Caminhos do A B C,* Sociedade Portuguesa e Ensino das Primeiras Letras, Porto Editora, Porto, 1994.

Gomes, Joaquim Ferreira, *Estudos para a Educação no século XIX,* Instituto de Inovação Educacional, 2ª ed. 1996.

N.N. Instrucções dadas ao Professorado.

Vários- *Actas do Iº. Congresso dos Açores*, Lisboa, 1938.

Insulana, LIV-1998
pp. 221 a 275

A AVENTURA DA ARTE E O NOSSO DESTINO COLECTIVO.

José Maria de França Machado

A Arte é uma forma de comunicação. É a mais perfeita forma de comunicação. As estruturas que utiliza para se manifestar adequam-se ao nosso pensamento que, nas suas duas componentes, razão e sentimento, as apreendem com tanto maior facilidade quão mais próximas elas se encontram daquilo que designamos como um campo estético.

O artista é um homem igual aos outros, tanto nas suas aptidões mentais como nas emocionais, apenas se diferenciando no talento.

A Arte pertence a todos nós, aos que a produzem e aos que a usufruem. E um artista sem público é uma figura que não existe.

O divórcio entre o artista e o público é fruto de um equívoco sociocultural. Não existem razões ontológicas para esse divórcio. Afinal é bem mais simples o caminho que leva ao entendimento desse universo de exaltação do que muitas vezes pensamos.

Comunicar! Aqui começa e aqui se esgota a actividade do artista. O ser humano que se confina no espaço delimitado pela sua pele existe para além dela. Melhor, existe na relação desse espaço interior com o resto do Universo. A condição humana depende dessa relação e o indivíduo afirma-se tanto mais quão maior for o seu conhecimento do espaço exterior. Mas esse conhecimento apresenta dificuldades. Tal como o conceito de infinito é uma tendência para... (ninguém sabe o que é o infinito mas todos temos apetência por ele), o conhecimento é uma tentativa de... (o conhecimento para ser total teria de ser infinito, por isso impossível). Toda a actividade do pensamento é a procura do conhecimento. Conhecimento do mundo, conhecimento de si próprio, qualquer desses conhecimentos dependendo um do outro, formando o seu conjunto um conhecimento global que se confunde com a própria consciência. O conhecimento temo-lo através dos sentidos e é uma reflexão sobre as sensações. Posteriormente chegar-se-á às ideias e aos conceitos. Todo este processo tem, pela própria natureza do sujeito e dos canais de trasmissão, muitas limitações. O homem como ser pensante e possuidor de consciência reflexiva, não admite essas limitações. O seu objectivo é tornar-se deus e assim, obtido o conhecimento absoluto, tornar-se o ser infinito que para existir só necessita de si próprio. Saber que esse objectivo não é alcançável não o impede de procurar as relações vitais entre a ideia de si e do mundo, traduzidas na relação física que o verbo existir implica. Nessa demanda se encontram os filósofos, os artistas, os matemáticos e os cientistas. Em todos os seus trabalhos encontramos conceitos de forma, estrutura, equilíbrio. Seja o filósofo à procura de uma caracterização do ser, o cientista na determinação da lei que explica o fenómeno físico, o matemático na procura da equação que justifica o pensamento abstracto ou ainda o artista na elaboração da relação formal do espaço e do

movimento, etc, todos terão alcançado o seu objectivo se no fim existir uma lei, uma fórmula, um raciocínio que sejam uma expressão harmónica do seu pensamento. Esse resultado só o satisfará se apresentar um equilíbrio das partes no todo o que, em última instância, remete para a Estética. Esta, que durante muito tempo se confundiu com a Natureza ou com a Moral e o Bem, considerada actualmente como o estudo das obras de arte enquanto geradoras de sentimentos e pensamentos abstractos, se possível, traduzidos em leis, é entendida, neste texto, como a qualidade que as obras de arte possuem e lhes permite alcançar um estatuto superior, precisamente chamado de estético.

Nas filosofias idealistas a ideia é o absoluto a partir do qual todos os seres justificam a sua existência. Assim tudo se explica em função da ideia. Daqui podem derivar alguns erros tais como o de designar para a arte uma finalidade: a de procurar a Beleza absoluta. Ora, uma das descobertas do pensamento actual foi a de que tudo é relativo, pelo que temos de excluir da Estética o conceito de Belo no sentido tradicional. Melhor será o de útil se a este termo der-mos a conotação de eficaz. Assim a qualidade da arte seria a da sua própria eficácia no alcance dos objectivos a que se propusesse. Objectivos que têm de passar, necessáriamente, pela procura da harmonia das coisas.Esta perspectiva daria mais liberdade ao estudo da Estética como ramo da Filosofia ou como Ciência.

Os gestaltistas consideram o que parecem ser estruturas inatas do pensamento. Se são inatas ou não ainda está por demonstrar, mas existem de facto. A actividade mental, para se desenvolver, tem necessidade de forma e de estrutura o que se manifesta, desde logo, na própria linguagem onde os fonemas se articulam em combinações bem estruturadas. A própria

Natureza desenvolve-se segundo estruturas complexas e a vida, ela mesma opondo-se à entropia, cresce segundo estruturas e leis de causa e efeito. A "Forma" é, portanto, um elemento intrínseco da matéria e o ser humano, produto que é "..do pó das estrelas", participa naturalmente dessa contingência. Não seria de esperar que o pensamento* procedesse

* Definir o pensamento é uma tarefa complicada.Logo à partida estamos a trabalhar em causa própria.Eu para definir o pensamento tenho que pensar o que não me permite o afastamento suficiente para ser isento.A minha posição sobre o assunto é que o pensamento é o resultado de complexas elaborações cerebrais(reacções electro-químicas) que de tão perfeitas e por nos darem consciência de nós próprios nos leva a considerá-lo uma entidade autónoma , aquilo que nos dá humanidade.Dizer que o pensamento é puro espírito é afirmar que ele pode existir fora da matéria.Ainda ninguém conseguiu ou sequer tentou produzir pensamento desligado do cérebro.Sem um cérebro saudável não é possivel pensar com coerência.Quando se diz que o espírito é superior à matéria e que o nosso comportamento se deve reger pelas exigências do espírito não estamos,implícitamente, a dizer que a razão(consciência reflexiva dos nossos actos) recomenda que para um bom desenvolvimento,em termos de humanidade,nos devemos comportar de acordo com determinados princípios intelectuais.A matéria rege-se por princípios físicos,a mente por princípios morais.Aqui há uma dicotomia.A matéria não pode alterar os princípios porque se rege,o pensamento pode.
Agora convém separar inteligência de pensamento.A inteligência existe sem pensamento. O pensamento serve para tornar consciência da inteligência.A Natureza é profundamente inteligente.Assistimos todos os dias a maravilhas naturais informadas por uma lógica(sucessão de acontecimentos coordenados)perfeitamente deslumbrante.Essas maravilhas existem desde sempre.O facto de nós,homens,chegados tão tardiamente a este mundo,sermos capazes de apreciar essas maravilhas não nos concede nenhum lugar de previlégio,tanto mais que o mais natural é o nosso desaparecimento do Universo.Olhar para os milhões de anos que já passaram e para os biliões que estão para a frente cria-nos uma vartigem,uma espécie de buraco negro na corrente do pensamento,que alguns preenchem com a figura de Deus.Outros utlizam a noção de Infinito que é tão impensável(impossibilidade de ser pensado) como impensável é Deus.Deus,no entanto,preenche outra necessidade do homem que é a componente afectiva do pensamento.Pelo que a noção de Deus é mais humana do que a de Infinito puro e simples.Deus tem que ser infinito,o Infinito não tem que ser Deus.Em qualquer dos casos estamos no beco sem saída do Pensamento.
E, no entanto,essa não saída deveria contentar-nos.Porque ela dá-nos a medida da nossa precaridade e,no fim de contas,da nossa humanidade.Se não fosse essa não saída seríamos todos deuses e o mundo seria muito aborrecido.
Concluindo,o pensamento é matéria?É,pelo menos,um produto da matéria,logo sugeito às mesmas leis.Mas um produto refinado,tão excepcional que pode fabricar leis suplementares para melhorar o desepenho do homem neste mundo material.No fundo a Moral é a tentativa de melhorar esse desempenho.Tal como as leis de Deus.

de modo diferente. Acontece que o homem é um ser vivo com consciência. A consciência de si como ser autónomo mistura-se com o conhecimento do Universo numa inter-relação vital para a sua existência de ser enquanto ser. Essa inter-relação verifica-se, de imediato, com o outro – o que participa das mesmas necessidades, da mesma apetência de absoluto - donde o impulso ontológico para a comunicação. Contudo comunicar não é fácil. O ser consciente que é o homem sabe que o conhecimento jamais será completo e que o universo que consegue interiorizar chega-lhe através dos sentidos e submetido a uma teia de relações formais que lhe permitem formar uma ideia da realidade, estabelecer uma teoria que jamais o satisfará. Mas a necessidade de conhecimento e comunicação é total. É aqui que entra o artista.

Na impossibilidade de acesso directo à realidade, o que seria possível se possível fosse uma empatia total, o homem utiliza estruturas elaboradas a partir da realidade, segundo métodos racionais que permitem alguma aproximação. Julga-se que a informação fornecida pelos orgãos dos sentidos ao cérebro, provoca neste um determinado estado electroquímico, criando aquilo que poderíamos designar como um "campo mental". Esse campo é, na sua essência, uma estrutura abstracta traduzida em duas componentes inseparáveis: uma de ordem racional, outra de carácter afectivo. Quanto mais próximo dessa abstracção forem as informações fornecidas ao cérebro mais fácilmente ele as reconhecerá. Pelo que, em boa verdade todas as informações terão que possuir algo de abstracto sem o qual não seriam recebidas pelo cérebro. O pensamento, que será a manipulação dessas informações, é na sua essência uma actividade abstracta. O que a arte partilha com a matemática é a capacidade de formulação ao nível do abstracto. Leonardo D'Avinci afirmava, num lampejo de génio,

que a arte era coisa mental. O exemplo da poesia é lapidar. O leitor de um poema está muito mais perto do poeta lendo a poesia do que escutando um discurso sobre esse poema. E isso pelo facto de, no poema, as palavras estarem organizadas duma forma estética, estruturada ao nível do abstracto, de modo a dispararem no cérebro o campo que, inter-reagindo com toda a unidade corporal, vai produzir a emoção impossível de conseguir no dicurso directo. A emoção é uma das componentes básicas do conhecimento uma vêz que é um produto genuino da actividade cerebral.

Uma circunferência é o lugar geométrico dos pontos de um plano que se encontram à mesma distância de um outro ponto chamado centro. Esta é a definição da Geometria Plana para o círculo. Na Geometria

Analítica há uma fórmula para a mesma definição. E se quizermos filosofar podemos imaginar um círculo com o raio igual a zero ou, então igual a infinito. No primeiro caso não temos círculo nenhum. Ou temos um círculo infinitamente pequeno o que é diferente de nada. Ou temos um círculo reduzido a um ponto, também infinitamente pequeno. Ou seja temos o círculo reduzido a uma abstracção já que o ponto é uma abstracção geométrica, não tem existência real. Quando se considera um ponto com existência real temos de admitir que ele é formado por uma infinidade de pontos, tenha o tamanho que tiver. E aqui temos o caso de um elemento que para existir tem que implicar o noção de infinito. Imaginemos agora que o raio do círculo vai aumentando. Nós podemos acompanhar, mentalmente, esse crescimento até um certo ponto. Mas quando o raio é infinito isso já não podemos acompanhar. É como se o círculo fosse crescendo até se escapar do nosso pensamento tal como se escaparia do nosso campo visual. Dizemos então que o círculo é infini-

tamente grande, o que também é diferente de nada ou de tudo. Podemos até dizer que o círculo infinitamente grande se confunde com o círculo infinitamente pequeno. Em termos de pensamento somos tão incapazes de apreender um como o outro. Vemos assim os abismos para onde nos pode levar o pensamento e a real dificuldade de termos um conhecimento correcto das coisas.

Vejamos agora o que diz um poeta (Ana Hatherly) sobre o círculo:

I
O cículo é a forma eleita:
É ovo, é zero,
É ciclo, é ciência.
Nele se inclui todo o mistério
E toda a sapiência.
É o que está feito,
Perfeito e determinado,
É o que principia
No que está acabado.

II
A viagem que o meu ser empreende
Começa em mim,
E fora de mim
Ainda a mim se prende.

A senda mais perigosa
Em nós se consumando,

Passamos a existência
Mil círculos concêntricos
Desenhando.

III
Se o círculo como meta
A nenhum ponto leva,
Ninguém distinguirá o vencedor
De entre os vencidos.

E assim ficam os prémios todos
Recebidos,
Ou só invalidados?

A poetisa também nos leva para abismos insondáveis. Mas porque será que nessa viagem nos sentimos menos sós? Podemos não ter uma tradução em termos perfeitamente perceptíveis da mensagem da poetisa. Mas não será que temos um conhecimento muito maior, mais completo, embora não completamente racional, do seu universo interior? Não estaremos mais perto do conteúdo do seu discurso, por via da emoção, e, por conseguinte, em melhor sintonia com o que se passa para além da nossa pele?

É, portanto, ao nível da categoria estética, que o conhecimento atinge o mais elevado grau e que a comunicação é mais possível. Nenhum objecto será artístico se não possuir a capacidade de gerar os elementos abstractos que lhe permitam entrar nesse domínio. Por seu lado a cultura facilita a criação dos campos mentais propícios ao conhecimento. Em

princípio quanto mais culto for um indivíduo mais sensível será às formas artísticas e melhor acesso terá ao conhecimento. Mas aqui há que definir o que se entende por cultura.

A cultura não é mais do que o conjunto de hábitos, tradições, conhecimento acumulado de um povo. Uma pessoa culta é a que está de posse desses hábitos, tradições e conhecimentos. Há depois aquilo que chamamos erudição, que é um acrescento de conhecimentos que, se forem difundidos e assimilados pelo corpo social se podem transformar em cultura. Ora o grau ou natureza de conhecimentos de um povo é indiferente para a criação de objectos estéticos e para o seu usofruto. Para as estruturas abstractas do cérebro é indiferente o grau de complexidade das formas que lhe chegam pelos sentidos. Desde que as reconheça funciona tudo bem. Os problemas começam quando lhe são fornecidas formas que entram em choque com tudo o que ele aprendeu. Por que motivo a arte popular (a genuina arte popular) e a arte dos chamados povos primitivos têm tanta aceitação junto dos artistas e intelectuais?Precisamente por reconhecerem nela as mesmas estruturas abstractas de qualquer verdadeira forma de arte. Nos povos industrializados acontece um fenómeno que não tem nada de interessante. Grandes camadas populares foram mantidas, com violência, longe da informação e das suas raízes culturais, criando nas suas mentes um vazio estrutural gerador de graves conflitos sociais. Nesse sentido podemos afirmar que um povo inculto é um povo bruto. É um povo à deriva, incapaz de se reconhecer no corpo social como um todo, refugiando-se naquilo que é mais imediato e mais simples – a opção por um clube de futebol, o que lhe permite ter a sensação de pertença, a meu ver da pior maneira possível.

Uma pintura abstracta pode ser extramamente concreta, como uma pintura figurativa pode, toda ela, possuir os elementos abstractos citados. O que cada uma tem de evidenciar é a capacidade de participar do nível superior, só possível quando, da forma do objecto, da sua cor, etc. se podem inferir os elementos abstractos atrás referidos. Esse nível é aquele onde se estabelecem as estruturas mentais procuradas por todos os homens enquanto seres dotados de razão. É por isso que se enchem os auditórios, as galerias e os teatros. Todos procuram participar dessas fornmas estéticas que alguns têm o talento de descobrir mas que são vitais para todos. Porque as estrturas que suportam a obra de arte são uma totalidade na qual o artista, com inteligência, sensibilidade e imaginação, atinge o ponto de equilíbrio entre a emoção e a razão capaz de o pôr em simultaneidade de vibrações com o outro, isto é, em situação de ressonância.

Algumas pessoas têm uma real dificuldade em conviver com as obras de arte. O problema não é novo, está generalizado e em nada diminui essas pessoas. Muito se tem falado e escrito sobre o assunto atirando a culpa , muitas vezes, para os artistas que vivem num mundo à parte, outras vezes, para o Ensino que não fornece aos alunos uma Educação Visual adequada. É verdade que as crianças que se habituam a ver obras de arte numa idade em que não fazem muitas perguntas, mais tarde terão esse contacto facilitado. Mas haverá sempre uma grande massa de pessoas com reais dificuldades no usufruto da arte.

Uma pessoa nessa situação sente-se desprotegida. E se algumas, alicerçadas numa ingénua ignorância, mostram desprezo pelo assunto, o normal é sentirem o desconforto de não terem acesso a um mundo que pressentem exaltante.

"De artista e de louco todos temos um pouco". E de médico também, etc. Das várias versões do ditado há um adjectivo comum:"louco". Louco rima com pouco mas confere ao homem essa grande capacidade para a loucura. À partida todos podemos vir a ser loucos. Ou médicos, ou artistas, etc. As qualidades para qualquer profissão existem em todos nós. Não em doses iguais para cada um. Os talentos distribuiem-se de forma diversa por cada pessoa e, se as coisas correrem bem, cada um fará o que o seu talento determinar. É normal as coisas não correrem bem. Mas é por todos participarmos de todos os talentos que é possível entendermo-nos uns aos outros. O paciente vai ao médico e consegue perceber, mais ou menos, o que ele diz. Assim deveria acontecer com a arte. Perante uma obra de arte o cidadão deveria ser capaz de entender, mais ou menos, o que está a vêr. Porque, se é verdade que a doença faz parte do nosso dia a dia, os princípios da arte não estão arredados do nosso cotidiano. Confrontamo-nos todos os dias com problemas de forma, cor, textura, etc. Desde o carro que queremos comprar até às cortinas para a janela todos os dias rondamos o mundo da arte sem contudo dar-mos conta disso. Todos os dias fazemos escolhas, isto é utilizamos o gosto, numa atitude que tem muito a ver com a arte.

Na ilha de S. Miguel é costume, quando se leva um visitante , pela primeira vêz à cratera das Sete-Cidades, vendar-lhe os olhos destapando-os apenas quando o visitante se encontra à beira do abismo. Pretende-se assim que este sinta o impacto da deslumbrante visão das lagoas. Ao fazer-se isso provoca-se no cérebro da pessoa um choque electro-químico que lhe provoca um grande prazer. Esse prazer advém do facto de as impressões que chegam ao cérebro estarem estruturadas duma forma perfeitamente adequadas à natureza humana que, como se sabe, tem uma

predisposição inata para o prazer. Pode-se dizer que, sendo o homem um produto da Natureza, estará, naturalmente, predisposto para sentir prazer na sua contemplação.

Ao descer a encosta da montanha a paisagem modifica-se. Os campos aparecem recortados em pequenos rectângulos, muitas vezes emoldurados por renques de hortências, pontilhados, aqui e ali, por manadas de vacas e pequenos bosques. Tudo feito pela mão do homem, obedecendo a uma lógica que, mesmo quando fortuita, não deixa de ser racional. Passamos, portanto, de uma imagem resultante de fenómenos naturais para outra modificada pelo homem onde é constante a presença da sua vontade. E achamos esta segunda paisagem igualmente bela e adequada ao nosso sentimento. Não será abusivo considerar esta segunda paisagem próximo da obra de arte. A obra de arte não é mais do que a organização da matéria de acordo com a vontade do homem. Segundo critérios estéticos, está visto.

Quando chegamos à cidade confrontamo-nos com outro tipo de arte. Agora é a paisagem urbana: edifícios, ruas, largos, percursos feitos pelo homem com preocupações funcionais mas também artísticos. Estamos nos domínios da Arquitectura e do Urbanismo que são genuínas formas de arte. As casas querem-se bonitas, as praças agradáveis. Gostamos ou não gostamos e damos a nossa opinião. Lidamos com a arte todos os dias, interferimos nela cotidianamente.

Mas o que é que é comum a tudo isso?O que é que uma paisagem tem a ver com uma casa que as torna igualmente agradáveis ao homem?Precisamente, o homem.

Como vimos a "pele" é a fronteira que torna cada pessoa uma unidade isolada e singular. Nessa fronteira existem sensores que permitem a comunicação com o exterior. São os orgãos dos sentidos que permitem a cada um relacionar-se com o mundo exterior. E a pessoa só existe nessa relação inter-activa. O cérebro é a unidade central que processa toda a informação, com uma tal rapidêz que chega a não ser consciente. Consciente e inconsciente são níveis diferentes da mesma entidade. E se o inconsciente é fundamental para operações vitais que garantem a existência do ser vivo , é ao nível do consciente que a plenitude do ser humano se realiza.

A comunicação chega ao intelecto por via de sinais captados pelos orgãos dos sentidos. Esses sinais serão melhor captados se estiverem convenientemente organizados. A essa organização dá-se o nome de linguagem. Linguagem é, precisamente, um conjunto organizado de sinais. Conjunto *naturalmente* organizado, isto é, de acordo com as leis da natureza. Embora existam no mundo centenas de línguas e dialectos é sempre possível traduzir uns nos outros. É que não é possível formar-se uma língua estranha às estruturas de formação da linguagem. O aparecimento desta sofreu, em todos os tempos e lugares, o mesmo tipo, de génese. Parece que o Universo, ao formar-se, estabeleceu leis que não podem ser alteradas. O próprio acaso não está isento de leis. O povo até diz uma grande verdade quando fala nas "leis do acaso".

O homem é um ser reflexivo. Reflete sobre si próprio e sobre o Universo. Ao processar-se a comunicação entre o seu interior e o exterior ele consciencializa a sua autonomia, relativa, face a tudo o que o rodeia. Sente-se uma unidade com identidade própria. O mito do primeiro homem resulta dessa consciência autonómica. Mas, ao mesmo tempo, ele sabe que

essa autonomia só se mantém enquanto permanecer a relação recíporoca com o exterior. Daí a necessidade imperiosa de comunicar. Um homem isolado do exterior não tem consciência de si próprio. Ora a forma mais perfeita de comunicar é a da arte porque é a que utiliza as estruturas que mais se aproximam da parte reflexiva da inteligência. São estruturas infinitas que jamais serão conhecidas na totalidade porque não explícitas. No entanto quanto mais perto nos encontrarmos delas mais perfeita é a comunicação e mais realizada será a nossa humanidade. É precisamente o nível do estético o que aumenta a nossa humanidade. E é esse nível que tem a ver com a paisagem, com a arquitectura, o urbanismo, enfim, com todas as formas que nos rodeiam. Não é de admirar que pessoas que vivam em bairros degradados, que não conheçam a maravilha da paisagem, a quem jamais foi proporcionado o contacto com obras belas, não tenham gosto e exijam para si apenas um arremedo de humanidade.

Já vimos como nos podemos emocionar perante uma paisagem modificada pelo homem. Embora a intenção primeira não fosse uma intervenção estética esta acabou por resultar porque algumas leis foram, inconscientemente, seguidas. Quer dizer que os homens que modificaram a paisagem não se afastaram da sua humanidade. Nós podemos não conhecer as leis mais profundas da estética e, no entanto, situarmo-nos perto delas. Essa proximidade é-nos revelada pelo prazer que as formas nos proporcionam. A criação artística pode ser conseguida por meios muito simples ou muito elaborados e dar-nos um grau de prazer semelhante. Pensemos na Ode à Alegria de Bethoven. É uma estrutura musical complexa, com dezenas de instrumentos na orquestra, quatro vozes principais, um coro, tudo feito dentro das regras da composição, harmonia e contraponto. É uma peça musical poderosa a que difícilmente alguém da civilização oci-

dental poderá ficar indiferente. Pensemos agora numa melodia do folclore açoriano, a uma só voz, acompanhada pela viola da terra. Julgo que também será difícil alguém ficar indiferente. Não vamos comparar as duas peças musicais. A de Bethoven, sem nenhuma dúvida, é mais universal. Transporta-nos para níveis muito superiores de usufruto estético. Mas ambas se situam perto dessa zona onde a simultaneidade do raciocínio e da emoção são postos a vibrar. E isso é próprio da obra de arte.

Por vezes a criação artística é de uma desconcertante simplicidade. O tema musical de alguns filmes, por exemplo de "O terceiro homem" ou de "Jonny Guitar", e "A pomba da Paz" de Picasso são de uma concepção tão simples que qualquer um de nós se sente capaz de os ter realizado. E, no entanto, foram feitos por grandes artistas.

Será que somos todos artistas?Infelizmente não. Todos temos um pouco de artista. Mas, no sentido global do termo, os artistas são poucos. Os artistas não se fazem. Nasce-se artista. Não é que os artistas sejam seres diferentes dos outros homens. Têm as mesmas qualidades e defeitos, os mesmos anseios, os mesmos aborrecimentos. Têm coisas para dizer como todos nós. Os artistas apenas são diferentes no talento. E o talento é a capacidade para tornar visível o que se pretende dizer. O talento pode ser exercitado, melhorado. Mas ou se tem ou não se tem. Contudo o talento de um artista é um património comum. Não é só dele. Um artista isolado dos outros homens não é um artista. Na ausência de quem lhe receba a mensagem o artista perde o sentido e a motivação.

Como vimos a arte só existe em função da comunicação. E a comunicação só é possível quando existe um sujeito emissor e um sujeito recep-

tor. A grande tarefa do artista é descobrir as formas que só ele sabe descobrir mas que são uma apetência dos seus contemporâneos. Nenhum artista pode trabalhar para o passado. Não faz sentido. Mesmo que vá buscar soluções formais do passado tem sempre que inseri-las num contexto que permita abrir caminhos para o futuro. Por vêzes há desfazamentos. Pode acontecer a obra de um artisata não ser compreendida pelos seus contemporâneos. Mas, se ele for um artista genuíno, mais cedo ou mais tarde acabará por ser compreendido. Há muita complexidade nesse entendimento, muita dessintonia. A arte é um produto cultural e numa sociedade organizada existem vários níveis de cultura. Desde a arte popular até à mais erudita há várias faixas de linguagem com igual valor de autenticidade. Por vêzes não é fácil descobrir essa autenticidade e existem logros deliberados. Muitas vêzes tornam-se necessários estudos académicos para fazer a destrinça entre o que tem e não tem valor. E é aqui que muita gente se perde. Acontece com muita frequência o cidadão comum sentir-se marginalizado perante o fenómeno artístico. Mas, a maior parte das vêzes isso acontece porque a pessoa parte para a descoberta com preconceitos préviamente adquiridos.

O primeiro passo a dar quando se pretende observar uma obra de arte é por de lado qualquer pressuposto. Estar aberto a todas as propostas, não recusar nemhuma à partida e tirar as suas conclusões só depois de alguma meditação. Não é sempre à primeira que se pode entender uma obra de arte. Há, contudo, um factor que tem de ser tomado em conta antes de mais nada.

Lembram-se do visitante a quem tapam os olhos na cratera das Sete Cidades?Ao destaparem-lhe os olhos todo o seu ser reage instantâneamente à visão que tem na frente. Com a obra de arte acontece o mesmo.

Qualquer pessoa, culta ou inculta, quando vê pela primeira vêz um quadro reage por inteiro às formas e cores que se lhe apresentam. Antes de saber o que quer dizer a pintura o organismo reage à estrutura que observa. E, gosta ou não gosta!Nada pode evitar essa primeira reacção. Só depois desse primeiro momento é que o cérebro começa a processar a informação que recebe, de acordo com as informações que já possui. Aí o juizo que faz sobre a obra está condicionado aos conhecimentos que tem. Quanto maior for o conhecimento do indivíduo sobre a matéria mais rigoroso será o seu julgamento. Mas o juízo que faz é sempre posterior àquele primeiro impacto e respectiva reacção.

Para experimentar esse primeiro impacto não é necessário possuir conhecimentos teóricos. Muitas vêzes a ausência de conhecimentos é mais favorável do que a existência de apenas alguns. Esse primeiro impacto tem sempre duas componentes:uma de ordem racional e outra de ordem afectiva. Uma não existe sem a outra. E o observador quando se aproxima do objecto é uma entidade complexa com algumas experiências na sua história. Ninguém vai a uma exposição ou a um espectáculo qualquer sem ter visto outras coisas. Todas essas coisas foram moldando o seu complexo razão-emoção que se vai modificando ao longo da vida. As experiências acumuladas estão sempre presentes nas experiências futuras. Razão pela qual, mesmo ao nível do incosciente, a reacção instantânea perante uma obra de arte é diferente, na mesma pessoa, consoante ela tiver tido muitas ou poucas experiências anteriores. Chama-se a isso a formação do gosto. Há de resto um evidente paralelismo entre o vários orgãos dos sentidos no que toca à formação do gosto. Não é necessário ser-se um escanchão para apreciar um bom vinho mas é indubitávelmente necessário ter-se bebido vários vinhos bons para se ter algum gosto na

matéria. O mesmo se passa com a arte da culinária cujo usofruto é sempre acompanhado de algum prazer espiritual.

Para evitar confusões convém fazer alguma distinção entre a já referida 9ªSinfonia de Beethoven e um bife com batatas fritas. Digamos que a música está mais perto das esferas espirituais. Mas isso é no pressuposto de que o espírito é autónomo da matéria, o que não parece evidente. Uma pessoa em coma profundo não deixa de ser um ser vivo. Mas é um ser em disfunção. O que acontece é que o cérebro mantém em funcionamento as zonas essenciais para as funções vitais. Mas as outras, como o pensamento abstracto, estão suspensas. Digamos que a pessoa tem a sua humanidade bastante reduzida já que não consegue estabelecer a ponte entre o seu metabolismo e a sua razão. Ou seja a razão não existe separada da emoção. O homem não é a junção de dois seres:o ser racional e o ser emotivo. Sentimento e razão não existem separados. Logo, embora se aceite que a música proporciona um prazer mais espiritual do que a comida, isso deve-se apenas ao facto de a comida ser , para a sobrevivência do indivíduo, um produto de primeira necessidade e de uso cotidiano indispensável. Se fossemos obrigados a ouvir todos os dias a 9ªSinfonia acabaríamos por a detestar até à repulsão.

Não há notícia de que alguém tenha morrido por não ouvir música. Já quanto à comida sabemos como é. Contudo não existe nenhum povo, culturalmente definido, que não tenha a sua própria expressão musical. Daquilo que conhecemos da história não existe presença humana sem expressão artística. E não pode ser de outro modo tendo em vista o que dissemos sobre a comunicação.

O moderno conflito entre o público e a arte é um resultado directo da Revolução Industrial. Nessa altura transferiu-se uma enorme massa de

camponeses para as cidades. Primeiro tiraram-lhes as terras, depois meteram-nos em fábricas e em bairros miseráveis, e deram-lhes o dinheiro suficiente para não morrerem à fome. Se morriam de doença isso não tinha efeitos nos lucros das empresas uma vêz que quem não trabalhava não ganhava e havia sempre alguém para suprir a baixa. Assim se criaram os impérios industriais e assim se fez a massa proletária. Os trabalhadores rápidamente se transformaram numa massa de pessoas culturalmente à deriva. Foram afastados das suas origens culturais e integrados num ambiente hostil acultural e analfabeto.

Até essa altura os mentores da grande arte tinham sido a aristocracia e o clero. A partir da Revolução Industrial emerge a burguesia como a classe que tem poder de compra e, portanto, como a classe que tem acesso directo ao poder. Essa classe, emergente e triunfante, reclama para si o tipo de arte que glorifica a sua ascenção. Com a queda da aristocracia o artista adquire uma certa liberdade e começa a pintar para si próprio sem a garantia de que vai conseguir vender a sua obra. Quer isso dizer que nada o condiciona na génese do seu trabalho. Surge a Crítica de Arte, a História da Arte e as teorisações sobre o fenómeno artístico. Surge também o chamado "gosto oficial", isto é, o gosto da burguesia ligada ao poder. Dá-se aqui uma dicotomia cultural entre os teóricos e os artistas que os acompanham, e o poder e os artistas que para ele trabalham. Acontece uma outra dicotomia entre as elites culturais, incluindo as oficiais, e a grande massa proletária mantida à margem da cultura. É neste momento que se dá a fractura entre o público e os artistas. Os artistas inovadores vão sempre descobrindo novas formas que se situam cada vêz mais longe do público que por motivos de ordem social não acompanha o desenvolvimento cultural.

Será interessante comparar o caso dos negros americanos que deram origem aos blues, ao jaz e ao Godspeal, com os dos proletários ocidentais que não deram origem a nada de culturalmente válido. Os escravos americanos foram transplantados para uma sociedade perfeitamente hostil e segregadora. Eles tiveram necessidade de manter entre si as suas raízes culturais por uma mera questão de sobrevivência física e mental. Os proletários europeus não mudavam de país, não sentiam necessidade de identidade cultural.

Outro factor veio contribuir para afastar o artista do público: a massificação da informação. Mais informação podia ser melhor informação. Mas não foi o que aconteceu. Subordinada às leis do mercado a informação foi tornando-se sempre pior num ciclo vicioso que ainda não terminou. Criaram-se assim nichos de cultura elevada, vedada ao grande público. Ora a arte é essencialmente uma actividade cultural. Como tal só as elites intelectuais estavam próximo dela. Pelo que o chamado divórcio entre o público e o artista é, antes de mais nada, uma luta entre a cultura e a ausência dela. Essa luta está ganha, à partida, pelos mentores da anticultura. Os média , suporte por excelência para qualquer divulgação cultural , estão também sujeitos às leis do mercado . Alguns artistas tentaram aproveitar os produtos das sociedades de consumo para produzirem arte para todos. Mas acabaram por produzir um produto cultural novamente só perceptível às elites. Curiosamente os regimes que tentaram obrigar os artistas a produzirem uma arte para as massas conseguiram apenas que eles fizessem uma arte sem alma, retrógada, asfixiante para os próprios a quem se destinava.

Mas, afinal, como é que o produto artístico nos pode dar prazer?.

Imaginemos uma folha de papel branco. Chamemos a essa folha um campo visual. Um campo é um espaço onde se passa qualquer coisa bem definida. Portanto a folha de papel é um campo, não neutro. Há o branco que é mais ou menos branco, há a textura do papel que é mais ou menos liso, há a luz que torna visível o papel e que é mais ou menso intensa, mais ou menos quente, etc. Seja como for estamos em presença de um campo estável, perfeitamente estruturado. Podemos considerar esse campo como um espaço previligiado, independente daquilo que o rodeia. É um espaço singular com um determinado valor intrínseco. Se olhar-mos para a folha de papel temos uma reacção instintiva que nos pode dar ou não prazer. Em seguida elaboramos um raciocínio que pode ser: "Trata-se de uma folha de papel branco". À partida nada distingue este processo do que sucederia se olhásse-mos para uma pintura. E é perfeitamente admissível que um pintor assinasse essa folha de papel e a colocasse numa exposição. O acto de comunicar estava completo. Depois viria o juízo sobre a obra e o espectador poderia concluir que o artista estava a comunicar o seu vazio interior ou a dar uma informação sobre a sua incapacidade para comunicar seja o que for. Mas mesmo que o pintor estivesse a comunicar que não conseguia comunicar isso já era uma comunicação e portanto já inserível nos mecanismos da arte.

De qualquer modo a folha branca era percebida pelo cérebro como tal e criava um determinado campo electro-químico. Imaginemos agora que fazemos um risco na folha de papel. O campo visual nunca mais é o mesmo. Muda de estado. Passa a ser um espaço habitado. A folha de papel foi alterada e a impressão causada já nada tem a ver com a anterior. O risco podia ser uma linha graciosamente horizontal o que provocaria uma sensação de quietude, poderia ser afirmativamente vertical o que

daria uma impressão de austeridade, poderia ser oblíqua criando uma sensação de dinamismo ou podia ser uma linha complexa que produzisse uma simultaneidade de emoções.

Por outro lado a linha podia estar a meio da folha, mais acima ou mais abaixo, sugerindo a linha do horizonte ou a passagem de um objecto veloz. Podia dividir a folha em duas partes que passavam a relacionar-se entre si, procurando cada uma obter a supramacia do terreno ou solicitando a ajuda de outra linha para alcançar os seus objectivos. Isto é, a partir do momento em que a linha foi desenhada é como se o papel tomasse vida própria à procura do equilíbrio inicial. Claro que o papel é um suporte inanimado e aceita tudo o que lá queiramos por. Tudo se passa no cérebro. A folha só está viva porque o cérebro projecta nela a sua inquietação e só através dela pode readquirir a calma desejada. Está iniciado o processo da Criação. Daqui para a frente o problema torna-se cada vêz mais complexo uma vêz que cada linha que se junta pede novas respostas num processo que só termina quando à imagem do papel corresponde um estado de equilíbrio no cérebro. Tudo se passa entre linhas, espaços, texturas, estruturas, num conjunto abstracto que de concreto tem apenas o papel, os riscos do lápis e a reacção electro-química no cortex cerebral. Levando este raciocínio ao absurdo diríamos que o cérebro só descansa quando a folha estiver preta. Felizmente para nós esse equilíbrio pode ser alcançado muito antes disso. Pode até dar-se o caso de o primeiro risco ter sido colocado com tal maestria que o equilíbrio fique logo encontrado. Veremos como há génios capazes dessa proeza.

Claro que as linhas que se colocam no papel podem querer representar alguma coisa conhecida, por exemplo uma galinha. Mas ao represen-

tar a galinha o fenómeno artístico é o mesmo. Passa-se entre linhas, espaços, cores, etc. , que, ao organizarem-se de acordo com as necessidades cerebrais acabam representando uma galinha. Mas neste processo a galinha é secundária. Se apenas se pretende representar uma galinha qualquer representação serve. Se o que se pretende é representar, *artísticamente*, 0uma galinha então é necessário percorrer todo o processo. É por esse motivo que a representação artística de coisas conhecidas não tem que ser realista. As leis a que a representação artística tem que obedecer são as leis da arte não as da realidade. A arte não é a cópia do real. A arte é em si mesma uma realidade autónoma que , muitas vêzes, se serve do real para alcançar os seus fins. Nem faria sentido que assim não fosse já que seria tarefa vã representar uma galinha tal e qual. O original será sempre mais completo que a sua representação.

No termo"representação"temos a chave para separar a arte da realidade. Quando dizemos que a arte serve para *representar* a realidade afirmamos que estamos a fazer outra coisa que não é a realidade. Estamos a representá-la, isto é , estamos a criar um substituto. E se estamos a"criar" estamos a inventar. E se estamos a inventar é porque estamos a descobrir algo que antes não existia. Como é que esse algo pode ser igual ao que existia?Se assim fosse não estaríamos a fazer arte.

Agora a galinha pode ser utilizada para fazer passar uma mensagem que a ultrapasse largamente. Voltemos à pomba de Picasso. Toda a gente vê que se trata de uma pomba. Mas uma pomba real não é assim. Também é fácil verificar que a pomba é portadora de uma mensagem. Ela tem no bico um ramo de oliveira que sabemos ser um símbolo da paz. É, portanto, "A Pomba da Paz" e veícula essa mensagem. O desenho é de uma

grande simplicidade, parece feito apenas com um traço e não necessita de mais nada para nos apaziguar o espírito. É uma genuína obra de arte feita por um génio do nosso tempo. A mensagem que transmite é tão mais profunda quão mais bem resolvido, em termos artísticos, está o desenho.

Estes argumentos levam-nos directamente à arte não figurativa. Neste tipo de arte o que ocupa mais a atenção do artista são as relações formais dentro do quadro. O artista está mais preocupado nos mecanismos da criação artística do que na transmissão de uma mensagem. Isto nunca é assim tão simples porque um quadro abstracto acaba sempre por ter uma mensagem. Por exemplo, podemos iaginar um quadro abstracto pintado com cores frias de modo a transmitir-nos um sentimento de tristeza. Ou um quadro com cores quentes a transmitir alegria. E podíamos continuar com os exemplos. De resto este tipo de arte aparece num momento específico da História e insere-se num desenvolvimento lógico do pensamento do século XX. Mas é bom que se saiba que as formas abstractas não são exclusivas desse século. . Desde os primórdios da humanidade que elas aparecem, quer em representações antropomórficas abstractizantes, quer em sinais de que desconhecemos em absoluto o significado.

Uma maneira de entendermos melhor a arte abstracta é pensarmos na música. Uma nota musical é apenas isso. Pode ter alguma correspondência na natureza, principalmente no canto das aves, mas, em si, uma escala musical é apenas um conjunto de sons codificados. As aves canoras emitem sons interligados numa harmonia que é agradável ao ouvido. A cotovia, por exemplo, desenha um canto que tem uma correspondência quase exacta nalgumas formas musicais. O compositor ao construir uma peça musical procura criar harmonias estéticas. Pode pretender represen-

tar fenómenos naturais como uma tempestade, ou um campo de trigo ao Sol, etc. E pode, muito simplesmente, pretender dar-nos prazer. Em qualquer dos casos ele só trabalha com relações abstractas embora os sons sejam bem concretos. Também será curioso verificar como a música varia consoante a civilização que a produz. A música oriental é uma melodia ininterrupta. A ocidental é uma sucessão de sons e de silêncios. Caricaturando podemos dizer que, para um oriental, a música ocidental parece que está sempre a acabar, e, que, para um ocidental, a música oriental parece que nunca vai acabar. Essa diferença musical tem a ver com a forma como as diferentes civilizações evoluiram e com as descobertas que foram fazendo. Actualmente existe uma série de influências recíprocas em todos os domínios artísticos o que prova que as estruturas primordiais da linguagem artística são universais.

Analisemos agora uma outra questão da produção artística. "A Pietá" de Miguel Ângelo é uma das obras primas mundiais mais vêzes reproduzidas para enternecimento dos crentes. Essas reproduções pululam pelas casas de artigos religiosos. Entre o original e a reprodução vai uma distância que qualquer leigo pode entender. Na reprodução tudo está errado:as proporções, o desenho das formas, o volume. É tudo de uma confrangedora inépcia. Mas o que ressalta disto tudo é a completa falta de autenticidade. Quem faz essas reproduções não está preocupado com a Arte. Nem sabe o que isso é. Procura apenas ganhar dinheiro à custa da obra genuína. Um cristo de Rosa Ramalho também revela uma grande inépcia na representação do corpo humano. Contudo um Cristo desta ceramista é consiserado arte, Arte Popular, e merece todo o respeito. O que será que aproxima Rosa Ramalho de Miguel Ângelo e a afasta definitivamente da reprodução referida?Precisamente a autenticidade. A lin-

guagem plástica dos seus trabalhos é tosca comparada com a maestria do grande escultor italiano. Mas, na sua rusticidade, ela consegue criar harmonia no nosso intelecto. E, curiosamente, ao pretender fazer uma obra genuína, ela acaba por utilizar os mesmos elementos abstractos da criação estética, simplificando os planos e os volumes, interligando-os entre si de tal forma que o produto final acaba por possuir uma coerência intrínseca e original. Quando modela o barro as formas saídas das suas mãos estão de acordo com o seu universo estético. Há uma correspondência perfeita entre o seu sentimento e a sua obra. E nós, ao observarmos os seus trabalhos, sentimos a mesma correspondência com o nosso estado interior. É arte da mais genuina porque ela aspira apenas à sua própria totalidade. E, embora reconheçamos a grande distância que vai dela a Miguel Ângelo, sentimos que na sua ingenuidade ela nos aproxima desse universo onde também camimha o escultor renascentista. A primeira coisa a procurar num artista é a autencidade o que quer dizer honestidade intelectual.

Nada existe sem forma. Os próprios fluidos adaptam-se à forma esférica da Terra e obedecem às forças graviticionais. O termo "informal" designa o que não obedece a forma convencional. Mas isso não significa que não haja forma. O próprio pensamento tem forma. A Natureza explode nas mais variadas formas. Experimenta todas as de que é capaz. Umas são mais conseguidas e perduram no tempo, outras mostram-se pouco adequadas e acabam por desaparecer. A forma é uma necessidade da matéria. O ser humano, racional, necessita imperiosamente da forma. O intelecto tem uma apetencia visceral pela forma de tal modo que perante uma forma incompleta o cérebro completa-a mentalmente. Se desenharmos convenientemente três ângulos o cérebro completa o triângulo. Se

desenharmos uma circunferência incompleta o cérebro atribui à parte que falta o valor de um ponto de luz. O que o artista faz durante toda a sua existência é procurar formas que lhe dêm a chave do Universo.

A forma tem uma existência dinâmica. Quando uma forma é encontrada torna-se, imediatamente, necessário encontrar outra.

O pensamento, para evoluir, necessita constantemente de formas novas. Só pela força, pela coação política ou religiosa, é possível manter uma forma durante muito tempo. A arte egípcia manteve alguns cânones durante vários milénios. Isso só foi possível devido ao poder do Faraó e, principalmente, pela força do clero. Mas mesmo dentro do formalismo egípcio há evolução e, sempre que era possível iludir a vigilância religiosa, o artistas quebravam a regras.

Nas sociedades democráticas onde não existe controlo da forma os artistas procuram todas as formas possíveis numa eloquente afirmação da liberdade do espírito humano. Basta assistir aos desfiles de moda para se notar a procura frenética de novas formas. Os estilistas podem procurar apenas a notoriedade, o sucesso a qualquer preço, mas, mesmo assim, estão a participar dessa necessidade primeira do espírito. Por isso não é de admirar, e é de aplaudir, a proliferação de movimentos artísticos, de correntes de pensamento, que existiram no século XX.

De resto essa necessidade não é de agora. Sempre foi assim. Mesmo na Pré-história, desde que existem registos da actividade humana. Alteravam-se constantemente a forma dos utensílios, para os tornar mais eficazes, e, do mesmo modo, se alteravam as formas artísticas. Mesmo na

arte das cavernas há evolução e, quando mudava o estilo de vida, mudava radicalmente o estilo de representação. Nesses primórdios da arte os artistas pintavam as paredes com figuras animalistas e humanas com movimentos e preocupações anatómicas. Essas preocupações figurativas tinham a ver com atitudes naturalmente relacionadas com a magia e a caça. Não sabemos exactamente o que levou o homem primitivo a essas realizações mas podemos aceitar que elas obedeciam à crença de que, desse modo, os caçadores teriam algum ascendente sobre os animais durante as caçadas. Essa pinturas, que hoje nos maravilham pela qualidade estética, não são verdadeiramente realistas. Os artistas passam por cima de muitos detalhes e dão-nos imagens com uma invulgar capacidade de síntese. No levante ibérico essa síntese é levada mais longe quando nos são mostradas figuras humanas em corrida onde o engrossamento das pernas e a sua abertura nos mostram mais a ideia de velocidade do que a caracterização das pessoas. As deusas da fecundidade são outro exemplo de não naturalismo onde o que é fixado é a ideia da fecundidade com um exagerado desenvolvimento das partes anatómicas relacionadas com a procriação. Se quizermos falar de realismo nestes casos, só o poderemos fazer relativamente a um realismo intelectual. Nos monumentos megalíticos existem numerosas inscrições perfeitamente abstractas cujo significado é impossível conhecer. São também da Pré-História os amuletos antropomórficos onde a figura humana é estilizada quase ao limite do decifrável.

Porque motivos teve o homem primitivo necessidade de criar essas formas?Já referimos motivos ligados à magia e à caça. São suposições e pouco mais podemos avançar. Mas essas realizações mostram um notável grau de abstração e uma proximidade da *ideia* das coisas quase moderna

que prova que, desde que o hominídio se tornou um ser racional, os mecanismos cerebrais se fixaram sem grandes alterações até aos nossos dias. Essa oscilação entre formas realistas e abstractas sempre existiu. Contudo, só há relativamente pouco tempo o problema se tramsformou num conflito. Podemos supor que esse conflito existiu sem que dele tivéssemos notícia. Sabemos das convulções iconoclastas do século XIV . Mas , nesse caso, havia motivações religiosas que nada tinham a ver com a antinomia figurativo-abstracto dos nossos dias.

Quando se fixa uma forma ela evolui sempre para a complexidade. Esta parece ser uma lei da vida das formas. Uma forma clássica vai sempre dar a uma forma barroca.

Uma forma clássica é o resultado da evolução de uma forma primitiva. Procuram-se determinados cânones, ou medidas, até se chegar a uma forma que é a que melhor responde a um determinado pensamento civilizacional. As formas vão acompanhando a evolução do pensamento que , por seu lado, é acompanhado de modificações políticas e sociais. Umas não existem indepentes das outras. A arte é um produto social. Atingido o ponto de esgotamento da procura estaríamos perante o melhor mundo possível. Não é o que acontece porque o melhor mundo possível é uma utopia e porque os sujeitos dessa transformação nunca têm a consciência de terem alcançado a perfeição. Por isso a procura continua. Só que, esgotado o caminho que leva ao classicismo, a procura dirige-se sempre para a complexidade. O classicismo contém sempre uma enorme força potencial que o projecta para o movimento. O estaticismo das artes clássicas é apenas aparente. Por dentro da calma e ponderação de uma obra clássica pode-se sempre descobrir a vontade de movimento. E aparece sempre o

artista genial que quebra as amarras e dá um passo em frente. Foi Praxísteles na Grécia clácissica, Miguel Ângelo na Itália do Renascimento, Gioto, também no Renascimento, etc.

O Barroco não pode existir sem o clacissismo. No fundo o Barroco é a conclusão do clacissismo. A linha curva substitui a linha recta. Melhor a linha recta encurva e inclina-se para transformar em dinamismo a quietude clássica. O Barroco acaba por dissolver as formas clássicas até ao paroxísmo terminando por esgotar o vocubulário formal. Nessa altura acaba esse tipo de arte, normalmente ao mesmo tempo que a civilização que estava na sua origem e começa a procura de um novo classicismo.

No século XX as formas artísticas multiplicaram-se a um ritmo alucinante. Hoje em dia só é possível conhecer todas as formas artísticas recorrendo a um dicionário especializado. Essa proliferação deveu-se à afirmação das democracias ocidentais quando o Estado e as classes dominantes perderam poder em benefício do cidadão comum. Se fizermos uma rápida leitura da História Universal da Arte verificamos que, durante milénios, a arte foi assunto de Estado. Mesmo quando a Igreja se sobrepunha ao Estado ela funcinava como um autêntico estado. Era ela quem definia os cânones, e era ela o principal cliente dos artistas. Destes conhecem-se poucos nomes. Quantos nomes de artistas do antigo Egipto chegaram até nós?E da Idade Média?No entanto aí estão as obras a mostrar a genealidade dos seus autores. Nessas circunstâncias não é de admirar que levassem muito tempo a sofrerem alterações. Os estilos estabeleciam-se lentamente, duravam o tempo das civilizações e morriam, normalmente em grandes convulsões. Desde sempre a arte foi uma das visibilidades dos regimes. Os artistas identificados com os regimes eram exaltados. Os

outros eram desprezados ou simplesmente escorraçados. Hoje em dia os artistas adquiriram o direito de cidadania, pelo menos nas democracias, e podem influenciar o próprio gosto oficial. Mas só no século XX é que isso se tornou evidente e foi necessário travar muitas lutas. De qualquer modo os artistas libertos da tutela do Estado não tiveram mais barreiras à sua imaginação e puderam afirmar tudo que queriam. Há contudo um conflito sempre latente entre o mundo da arte e o da política. Em si mesmo esse conflito não é mau. Pode ter um papel regularizador. Do mesmo modo que os artistas têm liberdade para apresentar as suas propostas também a crítica de arte tem liberdade para exercer o seu ministério. O confronto das ideias, das influências, das afirmações e cedências serve para, pelo menos, isolar os pseudo-artistas. Mais cêdo ou mais tarde permanece o que é autêntico e desaperecem os oportunistas.

A libertação da forma pode levar ao sentimento de que os artistas foram longe de mais. Pode parecer que eles fizeram uma fuga para a frente esquecendo o público, a quem em última instância se destinam as obras, que nelas não se reconhece, retirando assim legitimidade à obra de arte. Que sentido faz produzir obras de arte para um público que não as entende?Primeiro há que desfazer alguns equívocos.

Para o leigo o problema coloca-se, principalmente, entre o figurativo e o não figurativo e, dentro deste, entre o naturalista e o não naturalista.

O Naturalismo é um termo ambíguo que está conotado com a representação da paisagem. Os artistas que se reclamavam do naturalismo defendiam os valores da Natureza e propunham-se representá-la em todos os seus aspectos. Podemos considerar que há um naturalismo barroco,

como há um romântico, e até um naturalismo positivista. O naturalismo acabou por ser identificado com o ruralismo em oposição ao citadino. Para o leigo o termo naturalismo quer dizer "parecido com o natural" e nesse sentido tem mais a vêr com o Realismo que foi um movimento artístico de meados do século XIX. Mas fiquemo-nos pelo "parecido com o real". Já vimos que as formas de carácter abstracto aparecem desde os primórdios das manifestações artísticas. Mas, muita da arte que nós consideramos como representativa da realidade, não o é assim tanto. Se analizarmos a arte anterior aos gregos verificamos, fácilmente, que o natural é muito modificado na sua passagem para o universo artístico. Os corpos são sempre estilizados, deixam-se de fora muitas particularidades e as atitudes são tudo menos naturais. O objectivo é glorificar o rei, o deus ou o herói e as formas obedecem a regras muito rígidas. Qundo chegamos aos gregos a representação começa por ser muito rígida e vai, lentamente transformando-se até atingir a plenitude da época clássica. Mas mesmo nessa época o que nós temos é uma idealização das formas. As Vénus e os Apolos são deuses e são representados com formas humanas muito pouco realistas. A perfeição dos corpos, mesmo os dos herois está longe do comum dos mortais. Ninguém vai acreditar que o cidadão grego possuísse um corpo como o Apolo de Belvedere. O povo grego era um povo como qualquer outro, mortal e imperfeito. A partir dos gregos a representação do corpo humano oscila entre tentativas de realismo e a mais informal das representações. No Renascimento há uma revalorização do homem e voltamos a novo academismo mas a cópia do natural afasta-se sempre da realidade. Aliás a arte só procura, verdadeiramente, copiar o real, tal e qual, com o advento da fotografia. Nessa altura, alguns artistas de menor qualidade, tentaram copiar o realismo fotográfico e fizeram-no " tão bem" que se torna difícil destrinçar a sua pintura de uma fotografia.

Escusado será dizer que, nesse aspecto, a máquina é sempre superior ao homem e que esses malabarismos pictóricos acabam por ser a negação da própria pintura. De resto, a proliferação desse tipo de pintura foi um dos catalizadores para a reacção impressionista que abriu as portas à arte moderna.

Se compararmos um quadro neo-clássico, por exemplo "A Morte de Marat"de David, com um quadro impressionista, também por exemplo "A Ponte Japonesa"de Monet encontramos diferenças que saltam logo à vista. No primeiro temos um desenho muito rigoroso das formas que delimitam as cores. No segundo temos a pulverização do desenho, e as cores parecem percorrer o quadro com inteira liberdade. Neste as cores romperam os limites do desenho e criaram elas próprias o seu desenho que resulta, não de um prévio limite feito à priori, mas do encontro entre as várias cores. Estas, por sua vêz, são colocadas quase como saíram dos tubos de tinta criando as diferentes tonalidades, não na tela, mas no cérebro. Isto é, para se criar uma determinada tonalidade o artista não faz a mistura na paleta, coloca as cores lado a lado, em pequenas porções, e a mistura acaba por se fazer na cabeça do observador. È fácil perceber a dificuldade que os apreciadores de David, que foi um grande pintor, tiveram em aceitar as propostas impressionistas. Só que as propostas destes últimos tinham uma tal intencionalidade que não foi possível pará-los. Pela primeira vêz os artistas descobriam que a pintura tinha um valor intrínseco, só dela enquanto entidade autónoma. Pela primeira vêz o artista descobria que podia pintar sem que a pintura necessitasse de uma justificação exterior a ela própria. A partir daí o pintor podia pintar com inteira liberdade, só pelo prazer e necessidade de misturar cores numa tela. Eventualmente essa mistura de cores podia representar alguma coisa.

Isso não aconteceu de um dia para o outro. Mas foi da revolução impressionista que saiu toda a arte moderna.

Um quadro de Cézane, pintor conotado com os impressionistas, é uma autêntica revolução pictórica. Por exemplo num dos seus quadros sobre o Monte Sainte Victoire podemos ver como ele alterou completamente as cores que seriam naturais e como reduzui a paisagem a planos de cor. A paisagem parece facetada como um cristal e, no entanto, não deixa de ser uma paisagem perfeitamente reconhecível. É um quadro que permanece fiel à realidade mas onde as formas e as cores são tratadas em termos que podemos considerar abstractos. O importante não é a representação do Monte Sainte Victoire mas a relação entre as formas e as cores.

Num quadro de Gauguin, por exemplo "Mulher com uma flor", o pintor *ignora* a profundidade de campo e a perspectiva e resolve a pintura dividindo o quadro em zonas de cor. É curioso notar como neste caso podemos considerar a rejeição da profundidade e planificação do fundo como um passo em frente, um progresso em termos pictóricos, tal como consideramos um progresso a necessidade de Gioto, no início do Renascimento, de fazer exactamente o contrário. Gioto foi o introdutor da paisagem na arte ocidental pela necessidade que sentiu de dar vida ao fundo dos quadros.

Esta aparente contradição não tem nada de insólito. A Pintura está sempre em evolução, umas formas geram as outras e é neste contexto de movimento permanente que temos que as considerar. Para ilustrar esta afirmação um bom exemplo é o de Piet Mondrian. Este pintor é um abstracto puro. Alguns dos seus quadros reduzem-se a rectângulos de várias

cores separados por traços de cor negra. Mas ele não começou por aí. Há uma célebre sequência de pinturas sobre uma árvore que mostra de que modo o seu pensamento evoluiu de um naturalismo muito construído para a pura abstração. Se, no primeiro quadro, a árvore é o suporte para a composição vemos como o pintor vai gradualmente preocupando-se, cada vêz mais, apenas com os elementos estruturais e cromáticos até esquecer completamente a árvore original. No fundo o que o preocupava desde o início eram as leis abstractas da composição. A árvore serviu apenas como ponto de partida para um pensamento que ainda não tinha alcançado a maturidade. Poderemos afirmar que o último quadro nos leva mais perto do campo do estético?Sim, em termos do racicínio do pintor. Talvêz, se pensarmos que os conceitos, embora pontuados de dados concretos, são entidades abstractas.

Vejamos sucintamente o caso de Platão. Este filósofo grego afirma que todos os corpos têm um certo grau de beleza. Há corpos mais belos do que outros pelo que é sempre possível imaginar um corpo mais belo. Levados ao limite chegaremos ao conceito de uma beleza infinita que será o Belo. Todos os corpos participam dessa Beleza, em maior ou menor grau. Mas a essência da Beleza é esse conceito infinito que o nosso espírito não pode abarcar. Tudo isto é muito discutível mas serve para ilustrar a necessidade do intelecto em aproximar-se do abstracto quando quer explicar coisas que têm a ver com a arte. Platão não identificava a arte com o belo absoluto. Ele afirmava que a beleza da pintura era relativa. A beleza absoluta encontrava-se nas figuras geoméricas, nas cores puras e nos sons puros. Uma coisa parece certa, qualquer tipo de arte tem que conter os elementos abstractos que servem de *onda portadora* aos elementos concretos que queremos representar.

Quando se analiza a forma numa obra de arte o que é necessário verificar é se as partes se harmonizam num todo. Se não existem discrepâncias e se as formas não se anulam mútuamente.

Quando vamos a uma exposição ou compramos um quadro para por na parede fazemo-lo para sentir prazer. Se compramos um quadro para cobrir uma parede e combinar com os moveis de uma sala já estamos a resolver problemas de composição decorativa. Também se podem comprar quadros para especular financeiramente com eles. Mas, em princípio, a finalidade do quadro é dar-nos prazer. E um quadro deve ser usufruído sem muitas preocupações. Contudo qualquer iniciado pode tentar descobrir os motivos desse prazer. Pode tentar descobrir os esquemas formais que suportam a pintura, as suas combinações de cores, os ritmos que possui, etc. Não é por isso que vai ficar a gostar mais do quadro, mas certamente que o fica a conhecer melhor. O entendimento de uma pintura faz-se por aproximações sucessivas. É quase impossível ficar-se a conhecer tudo o que ela tem para nos dizer numa primeira aproximação. Muitas vêzes não é possível esgotar toda a informação de uma pintura numa só geração. Acontece com frequência, para não dizer sempre, que, passada uma geração, novos elementos surgem do quadro porque só nessa altura o desenvolvimento cultural o permite. Por outro lado o desenvolvimento cultural dá novos enquadramentos às propostas da pintura que passa a ter um acréscimo de significado. Poder-se-á dizer que esse acréscimo é fictício já que o próprio autor do quadro não tinha pensado nele. Mas temos que ter presente que uma pintura é feita para o presente do pintor e para o futuro da sociedade a que se destina. Quando um pintor expõe um quadro este autonomiza-se relativamente ao seu autor. O quadro é do pintor mas é igualmente do público e passa a ter uma existência que já não

depende do pintor que, muitas vêzes, se surpreende com o percurso cultural da sua obra. Acontece com alguma frequência que pintores que não conheceram o sucesso são altamente apreciados pela geração seguinte. E o contrário também se verifica.

Uma pessoa que compra um quadro vai descobrindo nele, ao longo do tempo, sempre coisas novas, principalmente quando procura adquirir conhecimentos na matéria. O que começou por ser a resolução dum problema simples de decoração doméstica pode mostrar-se uma experiência rica de consequências.

A composição de uma pintura é o modo como os elementos estão distribuídos no espaço da tela. O que se pretende é que, ao olharmos para ele, sintamos que há equilíbrio. Podemos comparar um quadro a uma balança. Se pusermos uma massa muito pesada do lado esquerdo temos que compensar com algo equivalente do lado direito. Algumas vêzes essa compensação pode ser feita apenas com a côr. Uma forma grande pintada com uma cor fraca pode ser compensada com uma forma mais pequena pintada com uma cor forte. Um elemento grande pode ser equilibrado com vários elementos mais pequenos, e assim por diante. Existem depois as linhas estruturais do quadro. Essa linhas, normalmente, não são expressas, isto é, não são desenhadas. É como se elas existissem por baixo da pintura. É possível descobri-las através de um simples exercício mental. Não é importante descobrir essas linhas para se poder apreciar o quadro. Mas elas lá estão a estruturar a pintura.

Na arte pré-histórica não havia essa preocupação. Os artistas limitavam-se, no máximo, a tirar partido dos acidentes do suporte, fosse a pare-

de de uma gruta ou um osso de rena. Eles pintavam e gravavam as pinturas umas por cima das outras. É esse, aliás, um dos argumentos para afirmar que a arte rupestre tinha fins mágicos e não decorativos. Mas muito cêdo se impuseram as leis da composição que, por exemplo no Egipto, eram muito rigorosas. Também por este lado podemos verificar como a conformidade com o real, ao longo da História, poucas vêzes se verificou. Para além do Egipto e de todo o Médio Oriente, passando pela Grécia e Roma, a composição obedece a leis codificadas. Na idade média a adequação da composição faz-se em função do suporte, quer se tratasse das catedrais ou das iluminuras nos textos sagrados. No próprio Renascimento cuja grande descoberta, para além da recuperação do homem clássico, foi a Perspectiva, a composição tem muito pouco de real ou naturalista. O desenvolvimento das cenas em decores muito rigorosos, em termos das leis da Perspectiva, dão-lhes um aspecto de encaixotamento muito longe da realidade. E a explosão do Barroco leva-nos quase ao surrealismo. Quando Gioto introduz a paisagem fá-lo por razões meramente composicionais pouco se preocupando com o seu aspecto nada realista. O que ele genialmente descobriu foi que precisava de alguma coisa que lhe desse solidêz ao quadro. Essa coisa encontrou-a na paisagem.

Por seu lado a paisagem, durante muitas centenas de annos, foi um acessório da pintura. Antes de Gioto ela simplesmente não era utilizada. Não há nada para trás que nos indique a utilização da paisagem como tema principal de um quadro. No Renascimento, depois de Gioto, é-lhe reservado o papel de identificadora regional. Por vêzes ela aparece através de uma janela e serve para identificar a região onde a cena tem lugar. No pré-Romantismo, e mais ainda no Romantismo, a paisagem não tem valor enquanto tal mas sim como elemento caracterizador de determina-

dos estados de alma. É sempre uma paisagem modificada, mais ou menos esplendorosa de acordo com o grau de itensidade que se quer dar à mensagem veículada pela pintura. O mesmo acontece em Inglaterra, onde John Constable, de quem Corot reclamava a paternidade, nos mostra a paisagem com muitos pormenores mas onde se encontra uma exaltação que ultrpassa a mera representação. É preciso chegar aos artistas da Escola de Barbizon para que a paisagem adquira o direito de ser representada por ela própria. Mas aí depara-se um problema. A paisagem não pode ser reproduzida. Já vimos que a arte é representação e não reprodução. Qualquer elemento que seja representado numa pintura deixa de ser ele próprio no sentido restrito do termo. Um retrato é a representação de uma pessoa, mas é mais do que isso. O pintor põe sempre, se for um bom pintor, alguma coisa de si próprio, pelo que o retrato é tanto a representação de um indivíduo como um pensamento do pintor. É difícil saber se o que aparece num retrato tem mais do personagem retratado ou do artista que o pintou. O mesmo acontece com a paisagem. Dois artistas diferentes não pintam a mesma paisagem do mesmo modo. Pelo que a defesa do naturalismo paisagista é mais a defesa da liberdade de pintar como e o que se quer do que a da paisagem enquanto tal. A esse respeito os próprios pintores se enredaram em grandes contradições.

A Escola de Barbizon não era própriamente uma escola em nenhum dos sentidos. Tratava-se de um grupo de artistas que, na segunda metade do sédculo XIX, se reuniu nas imediações da floresta de Fontainbleau, numa localidade chamada Barbizon, para fugirem ao bulício da cidade. Defendiam a excelência da vida campestre e consideravam que a Natureza era a verdadeira mãe do homem e que nela se encontravam todas as verdades. Pintaram paisagens e cenas campestres com alguma

sensibilidade. No fundo fizeram mais do que isso. Acabaram por fazer estudos de ambiências lumínicas e deram origem ao realismo. Milet, que foi um bom pintor desse grupo, e teve uma merecida fama, dá-nos uma paisagem suporte para as suas ideias que oscilavam entre um campesinato místico, vivendo uma vida quase de contemplação e a denuncia social como no caso de "As respigadeiras" onde se vê um grupo de camponesas a apanhar as sobras do trigo que ficaram no campo enquanto ao longe os proprietários se encontram em amena cavaqueira indiferentes ao grupo popular. Como grande pintor que era conseguiu permanecer ao nível do verosímil. Milet era muito apreciado por Van Gog um pintor que atravessou o mundo artístico como uma estrela cadente, ignorado pelos seus contemporâneos, cuja obra só foi devidamente entendida depois da sua morte. Courbet acabou por se tornar o chefe de fila do Realismo. Rousseau e Daubigny dedicaram-se mais à paisagem própriamente dita fazendo estudos da atmosfera e emprestando aos seus quadros uma certa serenidade e nostalgia. E embora afirmassem que o que pretendiam era representar a natureza tal como ela se apresentava, acabaram, ainda bem, por a transformar em belas telas quase irreais de uma beleza arrebatadora. Há, contudo, um mérito de dimensão imensa para os artistas de Barbizon. Ao afastarem-se de Paris e da arte oficial transferiram a pintura do mundo dos deuses e dos hiróis para o do homem comum e abriram o caminho aos impressionistas com as consequências que se conhecem. Pintores de menor craveira intelectual desembocaram no naturalismo sentimentalista onde, apesar de tudo, alguns conseguem bons pedaços de pintura. Mas é com Van Gog e com os impressionistas que a paisagem vai servir a pintura e libertar os artistas de uma longa tradição de tenebrismo.

Quando se fala de desenho devemos evitar o equívoco de o confundir com a linha. A linha é um elemento abstracto que pode, ou não, coincidir com o desenho. O traço é um elemento concreto e coincide sempre com o desenho. O desenho é um conceito vasto e é o que dá forma às coisas. Numa composição pictórica existem linhas que não são explícitas. Têm que ser reconstituidas mentalmente. Por outro lado a linha tem uma conotação simbólica. Podemos dizer que um movimento segue uma determinada linha. Podemos referir uma linha melódica. Podemos falar de alinhamentos físicos, políticos ou morais. O desenho, pelo seu lado, é sempre uma coisa concreta. Pode resultrar de um traço expresso ou do encontro de dois elementos que, na zona de fronteira, tomam uma determinada forma. Por exemplo um bailarinho descreve um movimento que pode ser designado como um desenho. Podemos falar do desenho de uma cadeira e estamos a falar da sua forma. Um retrato pode ser um desenho. O desenho de uma maçã pode resultar da diferença de cor entre esta e o fundo. Há, portanto, muitas maneiras de se fazer um desenho sem ser com um material riscador.

Em certa medida o desenho confunde-se com a forma. Contudo o desenho tem, tradicionalmente, uma conotação bidimensional. Pode-se falar do desenho de uma escultura como a infinidade de perfis que geram a sua forma mas o conceito é mais perceptível se referir-mos uma forma traçada num papel com um objecto riscador. Esse é o siginificado mais generalizado da palavra desenho.

O valor de um desenho depende de vários factores sendo o principal a qualidade do traço. O desenho pode servir para organizar os espaços e os volumes, para estruturar um quadro e caracterizar personagens. Está

sempre presente em qualquer tipo de arte. Tem valor em si próprio e pode, só por si, ser uma obra de arte. O Desenho é, de resto, uma disciplina autónoma no universo das artes plásticas.

Na apreciação de um desenho, para além da composição, ritmo, textura, etc. , é fundamental a qualidade do traço, como já referimos. O traço pode ser fino ou grosso, rigoroso ou expressivo, escuro ou claro. Normalmentre um desenho compõe-se de várias espessuras de traço correspondendo o mais grosso às zonas de sombra e o mais fino às zonas de luz. Um traço que se interrompe e recomeça pode significar um ponto de luz no local da interrupção. O traço pode ser firme ou displicente correspondendo a cada um situações e objectivos diferentes. De um modo geral podemos dizer que um traço espontâneo, com espessuras variàveis, esmagamentos e suspensões é mais interessante do que um traço uniforme. Mas isto não é uma lei universal. Tudo depende da habilidade do artista e não existem catálogos para averiguar a qualidade de um traço. A melhor maneira de se aprender a julgar a qualidade de um desenho é ver muitos desenhos de bons artistas até se ter interiorizado a ideia do bom desenho. Não é um exercício difícil. A Banda Desenhada normalmente tem bons desenhos e pode ser uma boa iniciação para quem quiser aprender a apreciar o desenho.

A correspondência do desenho com o real obedece aos mesmos trâmites de qualquer outra forma de expressão artística. O desenho é uma realidade que vale por si própria. O desenho de um objecto não é o objecto. Pode acontecer que a lógica formal de um desenho o afaste de uma representação naturalista. O que é necessário ver é se todas as partes do desenho se harmonizam entre si, ou seja, se o desenho tem uma lógica inter-

na correcta. Num desenho cubista não interessa se um olho está no sítio anatómicamente correcto. A *anatomia* do desenho pode ser diferente da real. A "Guernica" de Picasso é um bom exemplo.

É um quadro de grandes dimensões onde o desenho tem uma importância fundamental. É um desenho cubista e para o percebermos convém dizer alguma coisa sobre o Cubismo. Cézane, pintor ligado aos impressionistas e já aqui referido, descobriu que, na representação pictórica, se podia simplificar os volumes com planificações sucessivas. Isto dava uma maior consistência à pintura ao evidenciar a génese geométrica das formas. Uma cabeça humana era, na sua essência, formada por uma esfera, um ovoide e um cilindro onde se podiam inscrever as características pessoais. É assim que nas escolas de Belas-Artes se ensinavam os alunos a construir uma cabeça. Os cubistas levaram mais longe essa pesquisa principalmente depois que descobriram a arte africana. Os escultores africanos faziam essa planificação hà muito tempo e os seus trabalhos tinham uma força e uma autenticidade verdadeiramente surpreendentes aos olhos dos ocidentais. Era de tal qualidade o seu trabalho que ninguém punha em questão a sua estética. Eram trabalhos de uma verdade insofismável. Os cubistas verificaram que essa arte estava muito próximo das suas pesquisas. Nessa altura, já a fotografia era uma arte perfeitamente estabelacida e o cinema já era a sétima arte que todos conhecemos. O cinema é uma arte temporal, isto é, toma corpo durante um determinado espaço de tempo. Um filme dentro de uma bobine não é cinema. Só o é durante a projecção. É-o também na permanência das imagens na nossa memória. O cinema é uma arte geradora de imagens durante um certo tempo que nos criam uma mitologia remanescente. A pintura, pelo seu lado, é uma imagem fixa no tempo e no espaço. Comparada com o cinema a pintura

é de uma confrangedora imobilidade. Em termos de imagem fixa o que mais se aproxima da mobilidade cinematográfica é a Banda Desenhada. Porque a B. D. , ao colocar numa prancha cenas sucessivas do desenvolvimento de uma acção, dá-nos uma forte sugestão de movimento. O cubistas tentaram em certa medida, e numa prineira fase, dar-nos a sensação de desenvovimento temporal colocando no mesmo desenho vários momentos de um movimento. Um rosto, por exemplo, pode ser-nos mostrado com uma vista de frente e outra de perfil para nos dar a ilusão de uma rotação. Por outro lado, as duas vistas silmutâneas pretendem dar uma visão mais completa da realidade do que apenas uma. No fundamental o cubismo assenta nestas premissas, simplificação e planificação das formas com respectiva geometrização, silmutaneidade de vistas de um mesmo objecto. É também característica dos cubistas, nums mais do noutros, a acentuação das formas com uma finalidade expressionista. O Expressionismo foi buscar a sua origem a Van Gog. Este artista ímpar teve uma vida atormentada e acabou suicidando-se depois de passar por um hospício. Os seus quadros e desenhos rompem frontalmente com toda a tradição pictórica como se essa tradição fosse uma camisa de forças. Van Gog *rebenta* com tudo, com o desenho com a composição, com a cor. O seu desenho é violento, as formas são representadas com torções dramáticas, a cor é a que lhe interessa na composição, a tinta é trabalhada pelo pincel como se este fosse uma espátula. O que resulta de tudo isto é um grito de liberdade para a pintura e uma afloração de sentimentos nunca antes conseguidos. Afloração de sentimentos naquilo que eles têm de mais profundo. Quase próximo da sua essência abstracta. Os cubistas, na sua primeira fase, tentaram, também, levar esse expressionismo para a sua pintura.

A Guernica representa o bombardeamento da cidade do mesmo nome pela aviação franquista durante a guerra civil de Espanha. Esse bombardeamento teve como finalidade castigar os apoiantes dos republicanos e dar uma machadada de morte nos anseios autonómicos do país basco. É difícil imaginar o que foi o horror dessa guerra e é arrepiante lembrar que os franquistas tinham por grito de guerra "Viva la Muerte". O que nos vem à ideia é a destruição dos bens , o esfrangalhamento dos corpos, o estupor perante a dor, o horror da bestialidade humana. É tudo isso que o quadro nos mostra e, ainda e apesar de tudo, a esperança. Numa primeira leitura nós vemos os corpos desconjuntados, uns vivos, outros mortos, as arquitecturas partidas, os animais assustados. Dpois começamos a decifrar os vários simbolismos. Uma mão segura uma espada partida e a mesma mão tem um ramo de oliveira. Um homem transporta um candieiro como quem procura adivinhar o futuro. Uma mulher grita um grito inaudível, sem esperança, um grito petrificado no nada da morte. Um cavalo contorce-se e mostra uma língua em forma de punhal como uma ameaça futura aos carrasacos. Um touro surge das profundezas do incosciente para nos ameaçar com um terror primitivo. Uma porta abre-se para o vazio deixando antever uma luz do limbo que não vem iluminar a cena. Um candieiro eléctrico acende-se como testemunha inerte da convulsão humana.

Picasso podia ter feito o mesmo quadro com um desenho de poética tradicional. Mas teria conseguido dizer a mesma coisa?Ele terá tido necessidade de uma nova linguagem para poder colocar na tela todo o tumulto de informação que tinha para nos dar. Muito se disse sobre a"A Guernica", mas muito ainda haverá para dizer. Este é sem dúvida um quadro do qual as gerações futuras tirarão muitas conclusões.

O desenho desenvolve-se segundo um vocabulário formal que se costuma designar por estilo. Estilo é, em última instância, o desenho de um tipo de arte, de uma determinada época ou de uma civilização. Podemos falar do estilo egípcio ou grego, ou do eslilo Luis XV. Tudo tem a var com as formas artísticas, logo com o desenho. Aqui, também podemos falar de linha , porque o desenho das formas de um estilo estende-se a todo o corpo social e a toda a produção humana. O estilo aplica-se às obras de arte, ao vestuário, à arquitectura, ao mobiliário, enfim a tudo o que é produzido . Normalmente o estilo está associado a dois tipos de linha:à linha recta e à linha curva. Essas duas linhas alternam-se ao longo da História e coabitam com muita dificuldade. Estão sempre ligadas a diferentes atitudes mentais e desenvolvimentos civilizacionais. A linha recta é própria dos classicismos e dos regimes austeros , a linha curva pertence aos barroquismos e à festa. Quando se deu a Contra-Reforma o estilo barroco foi oficialmente adoptado pela Igreja. Era um estilo que convidava à festa. As igrejas tornaram-se feéricas na tentativa de cativar os fiéis. Quando se dá a reação ao Barroco escolhe-se a linha recta que é a linha do Neo-Classicismo.

Modernamente apareceu um derivado do desenho, ligado à sociedade de consumo e ao mercado, designado por Design. O Design é também o desenho mas associado exclusivamente aos produtos manufacturados e destinados à produção em larga escala. Tem uma dupla função: tornar mais belos os produtos industirais e, fundamentalmente, mais funcionais. Não há confusão possível entre Desenho e Design. O Design é reproduzível *ab infinito*, o Desenho é único. Evidentemente que os meios gráficos actuais permitem reproduzir um desenho quantas vêzes se queira. Mas o Desenho artístico não é feito com essa finalidade, enquanto que o

Design tem essa finalidade como condição primeira. Claro que há a gravura e a seregrafia que são objectos artísticos que têm implícita a sua reprodução. Mas a sua génese parte do pressuposto de objecto único. Tanto as gravuras como as serigrafias são numeradas e assinadas pelo autor precisamente para lhes conferir o carácter de unicidade. Podemos comparar o Desenho e o Design como um têxto escrito à mão e no compuntador. No têxto do computador temos apenas as palavras, mecânicamente executadas, transmitindo o seu significado. No têxto escrito à mão, para além da mensagen escrita, temos o registo da própria personalidade do escritor de tal modo que a letra de quem escreve é uma espécie de impressão digital da sua personalidade. Nesse sentido o Desenho é mais rico do que o Design porque carrega uma real carga emotiva. Com as novas tecnologias essa fronteiras ficam mais difusas. Mesmo em termos filosóficos já é com alguma dificuldade que se pode afirmar que o Desenho tem mais consequências. Pelo que ainda a melhor definição é de separar os dois campos afirmando que o Desenho não tem como objectivo ontológico o útil, no sentido de *utilitário,* enquanto que o Design só tem como objectivo essa qualidade. O valor do Design mede-se pela funcionalidade do objecto. O seu valor estético depende intrínsecamente dessa funcionalidade. O valor do Desenho depende exclusivamente dele próprio e da sua capacidade para nos emocionar.

A cor é uma qualidade da luz. A luz é composta por uma variada gama de radiações que se propagam com diferentes comprimentos de onda e de frequência. Nesse sentido podemos dizer que há luz visível, a que é captada pelos olhos, e luz invisível a que não conseguimos vêr. Em termos de arte só nos interessa a luz visível, aquela que vai do vermelho ao violeta. Tanto a radiação infravermelha como a ultravioleta já não é percep-

tível aos nossos olhos. A luz visível é composta pelas cores do Arco-Íris que toda a gente conhece. A chuva funciona como o um enorme prisma que decompõe a luz branca nas suas várias componentes. A cor dos objectos provém da capacidade que as várias substâncias têm de absorverem algumas radiações reflectindo outras. São essas radiações reflectidas que nos dão a cor dos objectos. Em boa verdade os objectos não têm cor. A sua cor resulta da luz que recebem. Se num quarto escuro iluminarmos um objecto com luz de uma cor particular obteremos resultados que nos surprendem pelo insólito. Normalmente os pintores trabalham com luz branca, que é a luz do Sol, mas outro tipo de artitas pode trabalhar com luz artificial, isto é, com as várias radições de luz. As cores podem ser obtidas subtraindo à luz branca algumas radiações ou adicionando cores puras umas às outras. No primeiro caso designamos as cores como cores de subtracção e no segundo como cores de adição. A subtracção das cores faz-se com filtros especiais e a adição faz-se juntando a cores préviamenta subtraídas ou pigmentos de cor. A manipulação das cores de subtracção utiliza-se mais nos teatros e em espectáculos musicais. É também utilizada nas artes gráficas. As cores de adição utilizam-se na pintura e nos ècrans de televisão. Tudo isto em termos muito gerais já que o normal é utilizar-se os dois métodos simultâneamente. Por exemplo, na aguarela utilizam-se os dois métodos já que as aguadas transparentes funcionam como filtros de subtracção. As cores dividem-se em dois grandes grupos: as primárias e as secundárias. As cores primárias são aquelas que não podem ser decompostas: o amarelo, o vermelho e o azul. As cores secundárias são obtidas com combinações das primárias: o verde, o laranja e o violeta. Modernamente, e principalmente no domínio das artes gráficas, designam-se as cores primárias por amarelo, azul ciano e magenta. As cores podem ser quentes: amarelo, vermelho e laranja. Ou frias: o azul, o

violeta e o verde. Há ainda uma outra designação que relaciona as cores entre si: complementaridade. As cores complementares das primárias sãos as obtidas pela mistura das outras duas. Assim a cor complementar do amarelo é o violeta que é obtido com a mistura do azul com o vermelho, etc. Podemos também dizer que há cores semelhantes ou contrastantes conforme se aproximam ou afastam numa escala chamada Rosa das Cores. As cores semelhantes tendem a anular-se mútuamente e as cores contrastantes tendem a exaltar-se. Cor dominante é aquela, que numa composição, se sobrepõe às outras. Durante muito tempo a teoria da cor dominante era indispensável a uma boa pintura. A cor dominante era a mais empregue, misturada em diferentes quantidades por toda a superfície do quadro.

De toda esta teoria se infere as infinitas possibilidades de combinação das cores entre si. No fim o que se procura sempre é que as cores sejam combinadas de modo a criar harmonia. Mas esta harmonia tanto pode ser conseguida com cores semelhantes como com cores contrastantes. Não existem regras universais para a combinação das cores. É possível ver, numa pintura, um personagem de cor verde ou azul sem que isso provoque qualquer estranheza. Tudo depende das cores que estão à sua volta. Um quadro é sempre uma representação. De resto a Natureza não é reproduzível. Existem inumeros quadros que representam, por exemplo, uma manhã. Mas como é que se transpõe para uma tela a frescura duma míriade de gotas de orvalho, o suave acariciar da brisa no nosso rosto, o som longínquo dos ruídos campestres, o cheiro da terra humedecida, o chilrear dos pássaros? E tudo isso faz parte do despertar de uma manhã. O mais que se pode fazer é despertar no cérebro a memória de outras manhãs. E para isso temos que utilizar os meios de que dispomos: um suporte, tintas

artificiais, pinceis e pouco mais. É muito pouco para a grandiosidade e magia de um simples amanhecer.

A cor está directamenta relacionada com a forma e com o desenho. Um pintor pode desenhar, préviamente, o seu quadro e pintar depois as diferentes zonas em que dividiu a tela. Nessa tela pode aparecer um traço, mais ou menos espesso, a separar as diferentes zonas de cor. Com isso pode pretender dar mais expressividade e dramatismo à pintura. Mas o traço não é necessário para definir as formas. Uma jarra vermelha recortada num fundo amarelo não necessita de nenhum traço para mostrar a sua forma. O desenho da jarra resulta da diferença de coloração. Além disso a fronteira entre as cores de um quadro muitas vezes não é bem definida. Pode acontecer que a passagem de uma cor para outra se faça de forma quase imperceptível. E pode também acontecer que a cor invada ostensivamente as várias zonas do quadro numa lógica pictórica que não tem a ver com o natural.

Uma noção ligada à pintura é o de plasticidade. Designam-se por artes plásticas as que englobam a pintura, a escultura e a arquitectura. Artes plásticas não é o mesmo que artes visuais. Estas abragem um campo muito mais vasto que chega até ao cinema. O termo "plástico"tem a ver com a manipulação. É plástico o que pode moldado com as mãos. Nesse sentido tem mais e ver com a escultura. A escultura tem alguma coisa a ver com a pintura principalmente no baixo-relevo. Mas em termos gerais a escultura reclama o volume e necessita que se ande à volta das peças para as captarmos na totalidade. A escultura modela o espaço envolvente e é essa modelação que é essencialmente plástica. O mesmo se pode dizer da arquitectura, onde o material moldável é o espaço. Podemos conside-

rar que uma arquitectura é um espaço modelado de modo a ser habitado e que a escultura é uma forma que modela o espaço com fins únicamente plásticos. O termo plástico aplicado à pintura é menos evidente. O que não impede que os pintores durante muito tempo tivessem da pintura uma visão plástica. Embora um quadro seja uma superfície e como tal tenha duas dimensões isso não impede que se pretenda dar a ilusão das três dimensões. No próprio tratamento das figuras se pode pretender que mostrem algum volume. Isso consegue-se utilizando o claro escuro. Modelar um rosto dando-lhe uma cor que vai escurecendo nas zonas de sombra é uma forma plástica de resolver o problema. O próprio material da pintura, as tintas, podem ser trabalhadas de uma forma mais plástica ou menos plástica. Um pintor que recuse o plasticismo resolve o assunto utilizando várias cores. Por exemplo, em vêz de escurecer uma cor pode utilizar outra que obtém o mesmo efeito. Contudo vamos encontrar no Neo-Plasticismo uma concepção da pintura que nada tem a ver com o que atrás foi dito. Mondrian utilizava linhas verticais e horizontais que devidiam o espaço do quadro em rectângulos de cores lisas. O que podemos reter é que há pintores que se preocupam com os problemas do volume e a materielidade da represemtação e há outros que se preocupam, fundamentalmente, com as relações cromáticas.

A cor é um elemento da maior importância na escultura e na arquitectura. Na escultura a cor provém dos materiais utilizados. Mas desde sempre os escultores tiveram preocupações com a cor. Desde logo nas peças fundidas em bronze. Todas as estátuas das nossas praças feitas nesse material levam uma pátine para lhes tirar a cor do metal. Muitas vezes o próprio bronze é pintado. Toda a estatuária greca era pintada. O que nós conhecemos dos gregos foi o que nos chegou depois dos tempos terem limpo toda a tinta.

Na arquitectura nem é necessário enfatizar a importância da cor. Desde a utilização da cor por razões estéticas até às psicológicas há todo um campo de aplicação da teoria da cor. Sabemos que o verde é uma cor relaxante e que o vermelho é excitante. Ninguém vai pintar um hospital de vermelho, pelo menos no interior. Os ambientes de trabalho requerem cores suaves e pouco agressivas. Os de lazer já admitem cores mais excitantes.

No exterior dos edifícios as cores instalam-se muito vezes de acordo com o clima ou com tradições acumuladas ao longo dos tempos. Toda a gente sabe que o Alentejo se veste de branco. O branco é a cor que reflete mais luz o que torna as casas mais frescas. Não há leis para pintar os edifícios. Contudo há valores culturais a peservar. É um problema complicado quando a aculturação de um povo se torna evidente. Mas na definição de um programa para um núcleo habitacional é preciso fazer pesquisas muito profundas para conciliar o gosto das pessoas com o tradicionalmente correcto. Por vezes a aculturação é tão grande que a memória da tradição se perde. Normalmente isso é sinal de que outra cultura se está estabelecendo. Nesse caso o melhor é dar tempo ao tempo. Pior do que dar liberdade aos cidadãos é facultar-lhe o pastiche, a imitação do antigo, que é sempre um produto sem alma.

Conteúdo é o que está dentro de. . . O conteúdo pressupõe o cotinente, o que contém. Em arte o conteúdo refere-se ao siginificado. O conteúdo de uma forma é o seu siginificado. É a mensagem que ela possui, ou seja, a informação que transmite. Conteúdo e forma são dois elementos inseparáveis da obra de arte. Se a forma está bem conseguida o conteúdo é bem expresso. Se a forma é mal conseguida o conteúdo pode nem estar

presente. Não podemos aproximar o conteúdo de uma obra de arte com qualquer expressão escrita. As formas artísticas têm uma gramática e sintaxe próprias e por isso é que existem. Se tudo o que uma obra de arte transmite pudesse ser traduzido em vocabulário verbal desapareceria. Ninguém se daria ao trabalho de pegar nos pincéis se pudesse dizer por palavras o que diz com a pintura. Podem dar-se explicações verbais sobre um quadro, mas essas explicações nunca dizem tudo. No século XX a explosão de formas artísticas lançou o caos nos espíritos. Uma vez que as formas sugerem outras formas a velocidade de aparecimento de novas formas levou os artistas quase ao delírio. Surgiram movimentos que pura e simplesmente advogaram o desaparecimentoda arte. Descobriram que podiam fazer passar a sua mensagem sem o suporte artístico. Convém dizer que nessa altura o termo artes plásticas se passou a confundir com o de artes visuais. Os meios técnicos postos à disposição das pessoas em geral, logo também dos artistas, veio permitir uma nova forma de transmissão de informações quase sem limites. Que as formas tradicionais tivessem sido portas em causa não é de admirar. Uma das qualidades tradicionais da pintura que é a perenidade no tempo deixou de ser fundamental. Hoje em dia é possível, fotografar, filmar, registar em fita magnética, qualquer evento e guardá-lo para a posteridade. Essa libertação do artista quanto ao registo da sua obra levou-o a dispensar os meios tradicionais até ao ponto em que o acto artístico passou a valer por si próprio dispensando o próprio registo. Daí a solicitar-se o público para interventor do acto artístico foi um passo. São relativamente frequentes as instalações onde o acto artístico é realizado pelo público que intervém voluntária ou involuntáriamente. Aqui torna-se evidente o ditado "De artista e de louco todos temos um pouco". Porque o artista necessita do público a quem dirige a sua mensagem. Fazê-lo participar do processo é um acto

altamente democrático e vai à essência do que é a comunicação artística. Feita a comunicação o ciclo está completo e a obra pode ser dispensada.

Por outro lado a discussão teórica que sempre esteve associada à obra de arte pode ser feita sem ter presente o objecto artístico. Isso parece uma contradição se pensarmos num objecto tradicional. Mas arte foi sempre comunicação. Quando se teoriza sobre a comunicação pode-se fazê-lo em termos verbais o que, como já vimos, não substitui o vocabulário artístico. Mas na discussão da génese do fenómeno artístico e das suas consequências, tem-se a tendência para menospresar o objecto de arte. A coisa passa-se como se o objecto pudesse ser virtual. É quase um regresso à ideia como entidade superior à realidade. E assim teríamos um conteúdo sem forma, pelo menos forma física. Foi nessa base que surgiu a arte conceptual que apesar de tudo sempre utiliza objectos para dar corpo às suas concepções. Aconteceu um fenómeno semelhante com os dadaístas. Estes artistas que, afinal, estão na origem do surrealismo e da arte conceptual, começaram por romper com a arte tradicional e a proclamar a morte da arte em geral. Fizeram-no de várias maneiras incluindo manifestos e intervenções provocatórias mas foi principalmente através do uso de objectos insólitos, apresentados como obras de arte, que eles lavraram o seu ptotesto. A mensagem passou e abriu caminho às vanguardas e os seus objectos de provocação acabaram por ser recuperados como autênticas obras de arte. E são-no, porque colocados no seu contêxto históricos, foram o veículo de uma informação de cariz intelectual, tão válido como um vaso grego ou um busto renascentista.

A chamada arte de vanguarda é sempre a mais difícil de entender. Não há uma mas várias vanguardas. O vanguardistas são uma espécie de

bandeirantes da arte. Eles caminham no fio da navalha percorrendo trilhos que antes ninguém trilhou. Correm o risco de se perder. Mas podem acabar num novo classicismo. Com os meios técnicos postos à sua disposição possuem infinitas direcções para seguir. A arte actual tornou-se uma aventura mais ou menos solitária. Mesmo quando se formam grupos o que mais os caracteriza é a individualidade de cada elemento. Perante as vanguardas devemos ter a postura do neófito. Não recusar nada à partida. Primeiro tentar perceber. Depois, se a barca parecer segura, embarcar também. Se se possui um espírito suficientemente aventureiro podemos questionarmo- nos depois. Mas aventura da arte é sempre compensadora. Não se pode viver sem ela. Faz parte daquele lado da existência em que sentimento e razão vão juntos à procura do nosso destino colectivo.

Insulana, LIV-1998
pp. 277 a 281

A MORTE DE UMA LÍNGUA

Newton Sabbá Guimarães

De maneira um tanto escandalosa, a Dra. Tracy K. Harris publicou **The Death od a Language**. The History of Jude Spanish, e alerta para o próximo fim do velho judeu-espanhol, essa língua tão extraordinariamente misturada da definição de Rosetti (**Istoria Limbii Române**, 1978) e que tem sido uma das características principais dos sefarditas, havendo mesmo estudiosos, como Hain Vidal Sephiha, que não compreendem sefardismo sem a língua judeu-espanhola. Yitzchak Keren, em recensão estampada nas páginas de "Sephardic House", outono de 1997, vol. 10, nº 6, sugere, um tanto candidamente, que se os "Sefardim decide to learn and use the language, its future may not be as grim as Harrs portrays". Mas aí está o primeiro grande e sério problema: como fazer para que sefarditas estudem e falem a língua se não existe um orgão da comunidade interessado nesse renascimento? Não há uma academia disciplinadora, não há revistas e livros ao alcance dos falantes, não há uma elite falante que seja capaz de escrever boas obras originais ou traduzir para o judeu-espanhol obras atuais como acontece, de modo feliz, com o iídiche. Há, episódica e esparsamente, grupos isolados que se propõem a estudar e

continuar a cultivar o judeu-espanhol, que teimam em chamar, de modo errado, de ladino, quando este é a forma arcaica e altamente arcaizante da língua escrita dos velhos textos religiosos ou de exegese bíblica que os sefaradim usavam. A "Sephardic House", de Nova Iorque, é uma dessas antidades, e difunde livros, revistas, discos, cassettes, promove encontros e até mesmo reprersentação de peças teatrais. Há na Sorbona uma cadeira de língua judeu-espanhola e uma na Universidade de Jerusalém, o que serve para cimentar e dar autonomia à língua, não mais a colocando na qualidade de mero falar dialetal do espanhol como tantas vezes se disse, mesmo porque não é verdade que um falante de espanhol moderno seja capaz de entender com facilidade o judeu-espanhol nas duas grandes variantes dialetais, a levantina e a marroquina. Contudo, estas manifestações esporádicas ficam circunscritas a pequenos espaços e estes dominados muita vez por persolanidades ciosas de suas importâncias culturais que quase os isolam. Depois, em parte por uma distorção da Linguística atual, os raros cultores prendem-se a aspectos especializaddíssimos, discutido o sexo dos anjos em **papers** vaidosíssimos em que uma erudição esotérica se dá mãos com uma perfeita inutilidade para a grande maioria. Que se fizesse este tipo de estudo, mas que se promovessem traduções de livros famosos do presente ou se reeditassem as boas obras de comentários bíblicos do passado ou obras laicas publicadas na Salônica em começos deste século antes da **shoah**.

No Brasil, onde há numerosa comunidade sefaradi, pouquíssimos são os que ainda falam ou escrevem a língua. Os poucos que tentaram fazê-lo, por lhes faltar base linguística, não obstante a boa vontade, acho que trouxeram mais confusão que ajuda à pobre língua moribunda. Aliás a confusão é generalizada em parte por uma falta de regulamentação ortográfica universalmente aceite pelos "ladinisants", depois

por um mais sólido conhecimento da língua e pelos perigos da re-hispanização e, no nosso meio, pela influência da língua oficial. Não há uma elite culta que se dedique ao judeu-espanhol nem há escolas onde se possa ensiná-lo como disciplina autónoma e como língua viva. Há mesmo um completo desinteresse pelo assunto. Quando preparava o estudo **O Judeu-Espanhol — Uma língua em extinção**, escrevi a muitas entidades sefárdicas no Rio e em outros locais e o silêncio foi total. O Prof. Corrêa Neto de Niterói, entrou em contacto com numerosas organizações no País, mas recebeu o mesmo frio silêncio como resposta. Deve haver muito material em judeu-espanhol em poder de membros da comunidade espalhados por este imenso Brasil e se se reunissem, quantas coisas não poderiam ser feitas em prol da língua que, aos poucos, morre.

Vendryès, linguista eurditíssimo e sabedor de incrível número de línguas, na conferência "La morte des langues" (in **choix d'études linguistiques et celtiques**, 1952) diz que nem sempre as línguas podem ter a sua morte anunciada e após estudar as muitas formas de uma língua morrer, lembra que é muito difícil salvar uma língua se não há firme vontade de mantê-la viva e que "elle ne reste vivante que dans la mesure ou on la fait vivre" (p.46). Pode ser um truísmo, admito, mas não se pode contradizer a afirmativa. Será que existe por parte dos sefarditas o firme interesse em manter viva a sua língua? Por outro lado temos de admitir, também, que no mundo asurdamente prático de hoje, é mais útil saber-se bem o inglês, o espanhol, o chinês, o japonês, o árabe, pela importância dos mercados internacionais, que preocupar-se alguém com o corso, o feroês, o bretão, o náuhatl, o máori, o albanês, o macedônio ou o judeu-espanhol. Será que há ainda lugar para visionários, quixotes e sonhadores há menos de dois anos do final do século XX?

O conhecimento do judeu-espanhol poderá trazer muitas surpresas para o falante do espanhol moderno e explicar-lhe coisas que nem de longe imagina. especialmente para o hispano-americano, que conserva, fonética e lexicalmente, aspectos para sempre sumidos do espanhol do reino, algumas vezes conservados apenas dialetalmente. Para o judeu de origem e rito sefardi, o judeu-espanhol é um "retour au passé", um reencontro com Sefarad e sua cultura esplendorosa. Quem sabe quantas expressões que usa no seu dia a dia a falar outra língua não terão a sua explicação correta com o aprendizado do judeu-espanhol ou não lhe entregarão, generosas, seus tesouros semânticos escondidos? Se falta uma gramática, existem bons dicionários bilíngues como o **Ladino Dictionary** de Albert Morris Passy, para o inglês e o de Pascual Recuero para o espanhol. Livros em moderno judeu-espanhol há muitos, mas, por desgraça, nem todos de bom nível cultural, há muita tolice, muito artigo popular de terceira e muita coisa forçada que até entristece, pessoas possivelmente bem intencionadas e que, de uma remota origem sefardita, se põem a escrever em "ladino" (sic), que nada mais é do que espanhol adulterado com uma que outra palavra ou giro nitidamente judeu-espanhol, como as poesias de Isabelle Medina de Sandoval e outros colaboradores da publicação novaiorquina citada acima. Entretanto nesse deserto infértil de poemas aleijados em judeu-espanhol igualmente aleijados surgem uns raros bons nomes como o de Margalit Matitiahu em **Alegrika**, ou Avner Perez, possivelmente o maior nome da poesia na língua do presente, ou a delicada poesia de Beki L. Bahar, cujo antológico "La kaye del bezo", merece conhecido e traduzido a outras línguas. Há artigos e contos e reportagens publicados em "Aki Yerushalayim", a única revista em judeu-espanhol a sair regularmente. É preciso, porém, muita tenacidade para poder levar avante tais estudos. Os escolhos são inumeráveis: preçp dos livros, dificuldade de consegui-los,

indiferença dos líderes das comunidades sefarditas, baixa qualidade intelectual da maioria dos trabalhos… É certo que o estudo sério compensa. O judeu-espanhol é um tesouro dos mais ricos, língua belíssima, plástica, harmoniosa e com a sedução de que está para sumir - e quem não desejará ser o seu depositário? É preciso fazer algo antes que desapareça de vez!

Prof. Dr. Newton SABBÁ GUIMARÃES
23 de Agosto 1998.
Brasil

Insulana, LIV-1998
pp. 283 a 302

" JUSTIÇA DA POVOAÇÃO"*

Carlos Melo Bento

A História que eu vou contar baseia-se nas referências que a propósito da descoberta e povoamento de S. Miguel o imortal Gaspar Frutuoso faz duma ocorrência muito curiosa, cuja apreciação aprofundada do ponto de vista jurídico se realiza aqui e agora pela primeira vez.

Quem foi Gaspar Frutuoso todos o sabemos. Este ilustre sacerdote micaelense, formado pela Universidade de Salamanca em vários cursos, entre 1549 e 1565, nasceu na então vila de Ponta Delgada em 1522, tendo vivido entre nós como pároco na Vila da Lagoa e na então ainda Vila da Ribeira Grande onde faleceu em 1591(1).

A sua categoria era tal que chegou a ser convidado para Bispo, dignidade que não aceitou num século de Igreja Triunfante e de Contra - Reforma.

Não resistindo como tantos ao apelo da ilha, viveu e morreu em S. Miguel e escreveu a mais bela e preciosa História dos Açores, subindo ao limbo dos divinos escritores, cujo estilo fascinante tem prendido gerações e gerações de leitores apaixonados.

*) Conferência proferida na Vila da Povoação a convite da Câmara Municipal presidida pelo Dr. Carlos Ávila, em 4 de Julho de 1996

1) Rodrigues, Rodrigo, *Notícia Biográfica do Dr.Gaspar Frutuoso*, ed. I.C.P. D., 1991.

Ele próprio escreveu de si e das suas preocupações. De si, para explicar porque o seu escrever sobre S. Miguel era mais rico: *" Por ser ao presente minha morada, de que sei mais particularidades, hei-de dizer muitas miudezas* "[2] *... " que somente pertencem aos naturais desta ilha* "[3]. Das suas preocupações ou até, melhor, das suas exigências de investigação, fê-lo ao dizer que procurou os " *fundamentos" "verdadeiros", "pelo melhor modo que me foi possível saber*"[4].

Depois esclareceu o leitor sobre o método que usou na investigação, distinguindo expressamente:

a) Muitas **inquirições** , isto é, interrogatórios, a pessoas determinadas, sobre assuntos e questões já estudadas e investigadas pôr ele.

b) **Perguntas**, com o que parece dizer: questionar esta ou aquela personalidade sobre determinada dúvida.

c) E **vigílias**, ou seja, o estudar pela noite fora os apontamentos, os manuscritos e os livros que ele cita em profusão, como é o caso dos próprios "*Lusíadas* " cuja primeira publicação é de 1572, quando o nosso maior Historiador tem 50 anos de idade e vive neste fim do mundo! Mas, acrescenta Frutuoso: - Nunca deixei de falar a verdade sabida por receio de quem quer que fosse (*" sem ter aceitação de pessoa, para deixar de falar a verdade sabida"*)[5]

Mas que pessoas inquiriu Frutuoso?

a) Os contemporâneos que viram e ouviram

b) Alguns antigos dignos de fé desta ilha que ele directa e pessoalmente ouviu[6], sobre as coisas que eles ouviram dos já falecidos.

---

2) *Saudades da Terra*, edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1971, Livro 4º, volume I, página 5.
3) Idem ibidem.
4) id.ib.
5) id.ib.
6) id. p . 6

E como relatou ele tudo ?

- Com o rosto descoberto, sem pejo, nem empacho[7].
E o que relatou ?

A verdade, reprovando fingimentos e ditos fora de propósito e fora de razão e aprovando os razoáveis[8].

Do descobrimento em especial ele próprio afirma que se utilizou de " *memórias e escritos dos antigos e por tradição deles, que de mão em mão, ou de memória, veio ter às mãos e à lembrança dos moradores presentes que nela agora vivem* "[9].

DESCOBERTA DE S. MIGUEL

Das muitas coisas que se discute e provavelmente se discutirá ainda por muitos anos e bons, é a data do descobrimento dos Açores em geral, e de S. Miguel em especial.

Tenho subscrito sistematicamente a versão frutuosiana devido talvez a este meu açorianismo radical e à tal história de que os naturais destas ilhas aqui residentes sabem mais particularidades emiudezas delas que os outros

7) id. ib. Usado como significando *impedimento*.
8) id.ib.
9) id. p. 8

A verdade é que apesar dos documentos entretanto aparecidos, os grandes historiadores como Damião Peres continuam a afirmar que a tese de Frutuoso é igualmente defensável[10].

Assim, para o nosso homem, S. Miguel foi descoberta em 1444 durante o reinado de D. Afonso V ainda criança, sob a regência do famoso e autoritário Duque de Coimbra, o Infante D. Pedro, o das *Sete Partidas*, que trouxe ao nosso primeiro Donatário seu irmão, D. Henrique, o Navegador, os mapas de que este se serviu para conduzir as "*descobertas*" açorianas.

Quando Gonçalo Velho foi aqui mandado pelo infante, de Sagres (ou de S. Vicente)[11], navegou primeiro entre Santa Maria e S. Miguel sem atinar com esta; é curioso notar que Gonçalo Velho se fazia acompanhar dum piloto que talvez fosse Vicente[12] ou o Diogo de Sines ou Silves da carta do catalão Valsequa.

A propósito, diga-se que não há memória de serem atribuídas as descobertas a pilotos, simples (e indispensáveis) técnicos, a quem não era dado o comando de expedições cuja companente militar é permanente. Isto para dizer, de passagem, que a célebre tese do descobrimento dos Açores em 1427 não exclui em caso algum o conando de Gonçalo Velho pois este não era piloto e sim um fidalgo, categoria social que na época, teve o monopólio absoluto da chefia das expedições oficiais.

Os descobridores de S. Miguel com Gonçalo à cabeça, chegaram aqui em 8 de Maio de 1444, dia do ***aprarecimento*** do Arcanjo S. Miguel. E, curiosamente, o povoamento desta nossa ilha começa a 29 de Setembro do mesmo ano, dia da ***dedicação*** do mesmo Arcanjo que por coincidên-

10) *História dos Descobrimentos Portugueses*, Vertente, 3ªed. 1983, p. 71
11) id. p. 63
12) *Saudades da terra*, Livº. IV, vol I, p. 9

cia era então patrono de Portugal, qualidade que manteve até 1640, e ao que parece era o Santo da especial devoção do Infante D. Pedro, Regente do reino nessa data.

Os primeiros descobridores que aqui se demoraram poucos dias[13] *"desembarcaram"* entre *"duas frescas ribeiras de claras, doces e frias águas, entre rochas e terras altas, todas cobertas de alto e espesso arvoredo de cedros, louros, ginjas e faias"*[14] tudo formando *"espesso mato"*

Fora um preto da Guiné que, num dia de Verão, vira pela primeira vez esta ilha, da Serra do Norte de Santa Maria. Isto senão acreditarmos na tese cartaginense ou na tal grego que setenta anos antes de Gonçalo Velho aqui estivera com carneiros que lançara na Lagoa mas que, infelizmente, não sobreviveu muito tempo, à expreriência zoológica.

A segunda expedição, ou seja a de Setembro de 1444, que não se sabe bem quem comandou, trouxe gado e aves e sementes de trigo e legumes, e outras coisas necessárias.

Só que o piloto que marcara S. Miguel por dois grandes picos, um a ocidente e outro a oriente da ilha, ficou desnorteado porque o do ocidente se fora, deixando no seu lugar as Sete Cidades e, pelo mar, espalhados, pedra - pomes e troncos de árvores. Mas essa é matéria da área específica do Professor Doutor Victor Forjaz em que por razões telúricas (e outras de menor proporcionalidade mas igualmente óbvias) me escusarei de penetrar.

Apesar disso, a segunda expedição conseguiu reencontrar as marcas que a primeira deixara entre as duas ribeiras onde se fundará, pouco tempo depois, a primeira *"povoação de gente"*[15] que erguemos aqui

13) id. p. 10
14) id. p. 9
15) id . p.12

nesta ilha e que, para diferençar das outras, se passou a chamar *"Povoação Velha"*, orgulhoso toponímico que marca o início da grande aventura micaelense no seio do Povo Açoriano. Foi junto onde esteve a Igreja de Santa Bárbara, onde foi dita a primeira missa seca que em S. Miguel se rezou[16].

Assim, em 29 de Setembro de 1444 chegaram os primeiros *"habitadores"*[17].Vale a pena saber quem foram esses heróis que tiveram a coragem de para cá vir, construindo as raízes da frondosa árvore micaelense que tantos serviços e tão bons vem prestando a toda a humanidade civilizada.

Foram eles, **Jorge Velho** e sua mulher **África Anes**, **Pedro de S. Miguel** e sua mulher **Aldonça Roiz**, **João de Ródes** e **João de Arraiolos ou de Araújo**.

Eram estes nossos seis avós naturais de África e criados do Infante D. Henrique. Criados no sentido de pessoas criadas ou educadas em sua casa e não no sentido actual de empregados domésticos. A estes chamou Frutuoso mouriscos[18] e cavaleiros fidalgos de África, os quais vieram provavelmente na companhia de gente de *sangue limpo*, os nobres fidalgos, também da casa do Infante, ou sejam: **Gonçalo Vaz Botelho**, o Grande, fundador da Povoação Velha e de muitas outras, nesta ilha e sua mulher[19], **Afonso Anes do Penêdo** e **Rodrigo Afonso, Afonso Anes**, o columbreiro, **Vasco Pereira**, **João Afonso d´Abelheira**, **Pedro Afonso**, **João Pires**, **Gonçalo de Teves Paim** que foi Almoxarife, ou seja o Director de Finanças da época, e seu irmão **Pedro Cordeiro** que era ao

16) *Famílias Antigas da Povoação*, ed. Câmara Municipal da Povoação, 1945, p.124
17) *Saudades da Terra*, Livº. 4º, p. 12.
18) id. p. 16 e 17
19) id. p.18

mesmo tempo Escrivão do irmão e Notário Público, ou Tabelião como então se dizia[20]. Há porém quem diga que este grupo de Gonçalo Vaz só veio 5 anos mais tarde que o dos mouriscos. Quem era esta gente?

Gonçalo Vaz Botelho filho do Comendador - Mor da Ordem de Cristo (senhor espiritual desta ilha), era o mais velho e o mais importante de todos, pois chegou mais tarde a primeiro Ouvidor do Secular pelo Rei, e portanto o chefe da expedição colonizadora, que Frutuoso considera dos principais povoadores desta ilha de S. Miguel[21]; ficou conhecido por *O Grande* por o ser em tudo, nos filhos, em obras de virtude, no exemplo e nos bens.

Gonçalo de Teves Paim era francês natural de Paris e o Infante deu - lhe grandes poderes para distribuir terras, o que o colocava, em importância, logo a seguir ao capitão do Donatário, nesta altura, o próprio Gonçalo Velho Cabral[22].

Jorge Velho era sobrinho do Rei de Fez e era afilhado de baptismo de Gonçalo Velho[23]. Pela proximidade das datas convenço-me que este príncipe árabe, depois casado com África Anes nas primeiras núpcias dela, tinha servido de moeda de troca com o infante D. Fernando, que morreu cativo em Fez, depois do desastre de Tânger, em 1439. Escrevi ao Cronista - Mor do Reino de Marrocos e ao Prof. Dr. Abdel Hadi Tazi[24] e ainda aguardo a confirmação desta minha suspeita.

África Anes era filha de Gonçalo Anes natural de Salamanca, e enviuvou muito nova deste nosso primeiro povoador de quem teve dois filhos que deixaram nesta ilha larga geração de apelido Jorge.

---

20) id. p. 15
21) id. p.129 e 132
22) id. p.58. Será pôr via deste francês, de seu irmão Pedro Cordeiro e da sua larga descendência que deriva o nosso "ú"?
23) id. p. 63.
24) Membro da Academia do Reino de Marrocos

Afonso Anes do Penêdo: viveu depois em Vila Franca e seu filho João, na Ribeira Grande. Frutuoso considera-os fidalgos[25]. A saída desta gente da Povoação resultou também das primeiras sementeiras de trigo não darem fruto mas apenas grossos caules, pelo que a Povoação Velha foi "*enjeitada por estéril* " tornando-se porém depois ironicamente no celeiro da ilha[26].

Afonso Anes Cogumbreiro era descendente dum Anes da Costa que vivia na Raposeira do Algarve e que o Infante D. Henrique seu amigo pessoal, cognominou de *cogumbreiro pela razão* de ter muitos filhos como os cogombros.

Era casado com uma Fuã (ou fulana) Carneira (ou Carneiro como diríamos hoje) natural do Porto, estabeleceu-se depois em Ponta Garça e deixou larga descendência.

Pedro Cordeiro era Notário de Vila Franca do Campo (a primeira capital), e de toda a ilha, e tinha 4 filhas muito formosas e virtuosas, deixou também larga descendência; era como vimos , irmão do Almoxarife, conforme o testemunho que Frutuoso invoca, nem mais nem menos do que o de Pedro Soares Albergaria filho do capitão de Santa Maria[27] que morreu na Índia.

Este Pedro Cordeiro fazia escrituras em pergaminho e eram "*breves e de poucas regras, rematadas com palavras mui judiciais e discretas*"[28].

Quando estes primeiros povoadores chegaram a S. Miguel, porém, não estavam sozinhos nesta ilha. E aqui começa a história que nos vai ocupar hoje.

---

25) *Saudades da Terra*, vol. I, p.235
26) id. vol. I, p. 262
27) id. p. 59
28) id. Livº 2º, p. 19

É que, algum tempo antes, tinham chegado ao lugar da Povoação Velha, fugidos de Santa Maria, num pequeno barco bem aparelhado, uma mulher e dois homens.

Quem eles fossem ao certo não no-lo quis dizer Frutuoso, tão prolífero sempre na identificação dos seus personagens.

Trata-se dum caso passional de que ele dá nada menos que sete versões, naturalmente registadas do contar dos tais antigos que ele particularmente consultou, como se disse.

As linhas gerais dessa história são no entanto estas: em Santa Maria, um jovem e uma jovem apaixonaram-se loucamente, mas as regras sociais então em vigor não permitiam que se casassem.

Por uma das várias versões recolhidas, pode-se concluir que eles não podiam casar porque o rapaz pertencia a classe social inferior e o pai da rapariga não consentia no casamento desigual, que aliás é então proibido por lei, já que as Ordenações Afonsinas, concluídas desde 28 de Junho de 1446, na Vila de Arruda e elaboradas, por João Mendes e Rui Fernandes, impediam tais casamentos, sob penas graves, se não fossem autorizados por quem de direito.

Bastava ainda que, sendo ela cristã, o namorado fosse mouro ou judeu para tal casamento lhe ficar também interdito.

A outra versão recolhida dá a mulher por casada com outro. Neste caso, o adultério era castigado com a morte de ambos[29].

Fosse para fugir ao pai ou ao marido, o certo é que o jovem (antes dos 25 anos não se atingia a maioridade legal) conseguiu um cúmplice para a sua aventura.

Parece realmente que foi este amigo quem facilitou a pequena embarcação, por certo à vela, dizendo até alguns que foi ele quem concebeu o plano e convenceu os outros.

29) *Ordenações Afonsinas*, ed. da Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, livro V, título XII

São duas as versões de adultério. Numa, o marido da jovem fora assassinado pelo amante, obrigando-se este a fugir para escapar da Justiça, o que torna a fuga precedida de homicídio; na outra o marido enganado acaba por reaver a irrequieta consorte.

Numa ou noutra versão, a circunstância da organização policial estar muito no princípio e sem meios explica a facilidade com que fugiram de Santa Maria e se mantiveram em S. Miguel sem serem incomodados senão por eles próprios, como veremos, mas depois de entre o espesso arvoredo terem construído pelo menos duas pequenas choupanas em que viviam.

Quando os primeiros povoadores, digamos, oficiais, desembarcaram, ficaram maravilhados com os rastos e sinais de gente que encontraram na terra e na areia. Aqui também as diversas versões variam ligeiramente.

Uma delas afirma que foi a mulher de Gonçalo Vaz que, ao caminhar por entre o feno alto que havia junto da ribeira do oriente junto onde esteve a ermida de Santa Bárbara encontrou, sobressaltada e cheia de medo, o cadáver de um homem com que ficaram pasmados todos os outros que chamou aos gritos.

Alvoraçados com esta inesperada aparição, os homens e as mulheres recolheram aos navios e[30] no outro dia, voltaram mas já armados até aos dentes e assim andaram vários dias até descobrirem o que se passara.

E afinal o que foi que realmente aconteceu?

Bom, é que o amor é uma coisa louca e os açorianos viriam a ter fama universal de grandes amorosos. O companheiro do amante da jovem e bela Dulcineia acaba por se apaixonar por ela, ou ela e ele um pelo outro.

E esta nova paixão vai dar lugar a novo homicídio. Um dos rapazes é assassinado pelo outro e, pelos vistos, ali deixado ao Deus - dará, sem se preocupar em dar-lhe sepultura, a não ser que o crime ou a luta tivessem

30) *Saudades. da Terra*, Livº. 4º, Vol. I, p. 16

tido lugar, por incrível coincidência, no próprio dia da chegada dos Mouriscos, ou de Gonçalo Vaz ou de todos.

É curioso ainda tentar saber qual dos mancebos foi morto pelo amigo e qual deles foi enforcado, pois ainda aqui a história diverge.

Para uma das versões foi o namorado cego de ciúmes que matou o amigo por este lhe querer roubar o amor de mulher fatal. Para a outra, foi o companheiro que matou o amante, para poder desfrutar dos amores da irresistível filha de Eva.

Qual das versões é a verdadeira não sei, porque o cronista não dá elementos suficientes. Deixo por isso à vossa imaginação este enigma dos primórdios do nosso povoamento.

Dúvidas também surgem quanto a saber como foram descobertos os sobreviventes.

É que, para alguns, foi a mulher, enfadada e farta do jovem amante e dos trabalhos que a sobrevivência dos três naquela terra erma e destituída de todos os confortos da civilização implicava, quem se entregou aos colonos e contou tudo.

Para os outros, porém, não foi nada disto que se passou. Quando os homens da expedição oficial iam trabalhar e montear, as suas cabanas eram assaltadas, e até queimadas, roubando-se-lhes roupa e comida. Por isso, armaram uma esparrela. Fingiram que se embarcaram todos num batel ou nos próprios navios, deixando porém, pelo menos dois espias dentro das cafuas ou choupanas. O jovem apaixonado, não desconfiando da artimanha, foi apanhado em flagrante delito.

Ainda outra versão diz que o homem se entregou voluntariamente e contou toda a sua tragédia, mas a mulher cheia de vergonha fugiu para as bandas do Nordeste onde depois a encontraram muito *"disforma, negra e*

descorada “, junto duma ribeira que por essa razão ainda hoje se chama a “Ribeira da Mulher”.

Se seguirmos porém uma preocupação jurídica deste fascinante capítulo da nossa história, vamos acreditar naqueles que contam que o homicida foi apanhado e dados os furtos e os incêndios e a situação suspeita em que se encontrava, Gonçalo Vaz mandou pô-lo a tormentos(31) para lhe arrancar a confissão, considerada então a rainha das provas, e o desgraçado confessou tudo direitinho, tim-tim por tim-tim.

E é neste ponto que o pobre homem, assassino por amor, é julgado sumariamente, condenado à morte e executado por enforcamento numa das muitas árvores ali existentes, um Zimbro, uma Faia ou Ginja ou outra qualquer(32), *num alto duma baixa rocha, junto da ribeira que fica do lugar para a parte poente*.

E como reagiu o homem quando foi condenado? - *Alegou defesa* !!! - diz Frutuoso ao relatar uma das versões(33). E é neste preciso momento que começam as tropelias à rigorosa lei do processo penal então em vigor. Gonçalo Vaz ou Jorge Velho, conforme se acreditar que foi *“o grande”* ou o regente mourisco a ditar a sentença, mandou as Ordenações Afonsinas às urtigas e ditou e executou a sentença de morte de imediato. A pena de morte apesar de abranger uma área muito vasta que ia desde o crime de lesa majestade contra o Rei, passando pelo adultério(34) até à

31) O tormento podia ser por açoites mas a confissão arrancada por tormentos tinha que ser ratificada pelo réu, longe da sala e dos instrumentos do tormento, sob pena de ser nula. Os tormentos deviam ser dados três vezes até à confissão e deles estavam livres os companheiros do Rei em certas batalhas, excepto em casos graves (*Ordenações,* Livº. V, tit.87) . Do despacho que ordenava o tormento podia apelar-se suspensivamente (id. Livº.V, tit. 88)

32) *Saud.Terra*, ibidem, p. 263

33) id. p. 12

34) *Ordenaçõe*s, Lº , tit. XII

sodomia, nunca podia ser aplicada do pé para a mão, sem respeito pelo direito da defesa, com inquirições escritas das testemunhas da acusação e defesa, com libelo acusatório e principalmente com recurso(35) que no caso dos Açores, era obrigatório para o próprio Rei, passando pelo Infante Donatário. O Rei tinha proibido expressamente que o próprio Gonçalo Velho pudesse aplicar tal pena e a de talhamento ou corte de membro (mão ou língua) sem esse recurso obrigatório. E a questão não era meramente teórica como veremos.

Para já, os nossos primeiros "*habitadores*" foram obrigados, imediatamente após o enforcamento, a eleger entre si, juiz, escrivão e alcaide, o que significa que o Infante os mandou um pouco desorganizados apenas dando *carta com regimento* a Jorge Velho como Regente dos Mouriscos e provavelmente entregando a chefia da expedição a Gonçalo Vaz, pois talvez partisse do pressuposto que a organização judicial mariense fosse então mais que suficiente, ou que funcionasse supletivamente, já que a autoridade máxima, o capitão era pessoa capaz de governar, além da sua ilha de Santa Maria, uma pequena expedição colonizadora pelo menos na sua fase inicial. O que é estranho é que tendo eles eleito juiz, escrivão e alcaide, não tivessem feito logo o que eram obrigados por lei a fazer, ou seja, elaborar o auto, ou devassa ou corpo do delito, proceder á inquirição das testemunhas, do réu e eventualmente da co-ré, tudo rodeado do cerimonial costumeiro(36) e ordenado, nesse tempo extremamente solene (com pregão obrigatório ao som dos tambores), do essencial da sentença rigorosa(37). Que eles tinham pressa em executar tal sentença , não há dúvida, porque o fizeram, justificando-se por quanto ele lhes havia quei-

35) Id. Livº.V, Tit. 4º
36) *Saud.da Terra, ibidem*.
37) "*Foi sentenciado que o enforcassem*".Id. I . 13.

mado as primeiras casas cobertas de palha, ramo ou feno que fizeram, facto que teria enfurecido sobremaneira os " julgadores ".

E aqui nova lei foi violada duas vezes. É que, por um lado, eles foram juízes em causa própria. Só por isso, e se lhe tivessem dado direito de defender-se, o que aliás o Réu pediu como vimos, este poderia ter conseguido a anulação do julgamento. Além disso, a pena de morte era rodeada de cautelas tais que, a que era decretada pelo próprio Rei, só podia ser executada 20 dias depois de lida(38), para prevenir os casos em que o julgador por qualquer sentimento de fúria ou outro que perturbasse a serenidade necessária, se precipitasse. Mas os julgadores povoacenses alegariam que tinham *"suspeitas e receios*" e aqui a coisa ficou preta para o nosso homem. Não se esqueçam de que este tinha roubado a mulher a outro a quem matara, e*"cesteiro que faz um cesto faz um cento* "... E a verdade é que a sentença que contra ele foi proferida, assentou no adultério(39), crime que só depois da Revolução de 25 de Abril de 1974 deixou de existir em Portugal.

A reacção do pobre homem foi " *alegar defesa* " e por certo o fez até que a corda acabasse com os seus dias. Só que depois da execução da sentença, aquele grupo de cidadãos portugueses, tementes a Deus e fidelíssimos vassalos do seu Rei, por quem arriscavam desde há muito as suas vidas, perceberam que tinham cometido um grave desacato, já que ninguém no Portugal de quatrocentos podia impunemente fazer justiça por suas próprias mãos. Alguns anos depois, quando D.João II quis matar por traidor, o seu cunhado D. Diogo, Duque de Viseu, e Senhor desta ilha, mandou-o julgar pelo seu Supremo Tribunal ou Casa da Suplicação, e porque não havia no Reino pessoa de tão elevada categoria como a do

38) *Ordenações,* Lº V, Tit. 70
39) *Saud. da Terra*, vol. I , p.13

Réu, irmão da Rainha e cunhado do Rei que pudesse executar a sentença foi este que teve de matar o cunhado à punhalada, que aos juizes apenas coube segurar o Réu para não poder desacatar o real algoz.

Mas Gonçalo Vaz saiu-se com um despacho sem apelação[40]. Julgo que foi Gonçalo Vaz o juiz deste pleito porque mais tarde foi-lhe dado o cargo de Ouvidor do rei, que exercia funções judiciais superiores, talvez numa forma de salvar posteriormente as aparências, ratificando o processado... O escrivão do processo foi por certo o Pero Cordeiro, que além de o ser da Fazenda era notário público.

Num despacho sem apelação! Ainda hoje se diz duma decisão logo cumprida, que não teve apelo num agravo. Trata-se de dois tipos de recursos: aquele interpõe-se da sentença final e o agravo, em regra, dos erros processuais.

Depois da execução, houve discussão entre os expedicionários porque acabaram por concluir *"que tinham mal feito "*.É que, diz o cronista, *" o enforcaram logo sem mais forma nem figura de juízo* "[41] depois de "*consultarem todos juntos entre si "*.

Mas a verdade é que, feita tal justiça, perceberam que quem ia ficar mal na fotografia eram eles todos pelo crime (também grave) de abuso e usurpação de poder, pelo qual podiam perder os ofícios, os bens e as cabeças conforme desse na real gana, como se pode ver no livro 2º título 3º das *Ordenações Afonsinas*.

---

40) id.vol. I. p.14.As *Ordenaçõe*s consagravam casos daqueles sem Apelação (livro 5º, tit. XXXVI,p.141)

41) id. I, 16. As *Ordenações* admitiam certos processos sem " *ordem, nem figura de juízo* ", nos casos de esbulho violento de propriedade (tit.XXXVI, do livro 5º), a fim de apressar os processos, o que hoje corresponde à *restituição provisória de posse*. As *Ord*. impunham ainda neste caso que o feito fosse julgado no lugar do crime, para aí se poder melhor saber a verdade (2º Vol, tit.56)

Santa Maria não estava tão longe que o homem não pudese ser amarrado a bordo de um dos navios e enviado para as suas Justiças e lá, uma vez instaurado e instruído o processo, como devia ser, e enviado ao Desembargo do Paço ou à Casa da Suplicação, aí confirmariam as culpas e a pena máxima ... ou não!

Todos tinham sido culpados daquele disparate. Os próprios Mouriscos tinham gritado: " *Forcate, Forcate e depois tirate inquiricione"*. Fora de questão estava o encobrimento, isto é, enterrar o homem e esquecer o caso. Nem as suas consciências de crentes o permitiam. Pelo menos os chefes sempre se trataram à lei da nobreza e, quer se acredite quer não, eles tinham uma lei diferente da dos outros cidadãos, e a mentira e a desonra não estavam nos seus costumes.

Daí, embora às avessas, o processo foi finalmente instaurado: *" fizeram autos de suas culpas ",* tiraram "*devassa* " em que todos testemunharam[42]. Não sei é como conseguiram instaurar um processo decente com o próprio Juiz, o Ministério Público e o Escrivão a deporem como testemunhas! Não me consta na História do Direito Português que alguma vez tivesse acontecido tal coisa. E por isso, este caso chegou, como não podia deixar de chegar, aos ouvidos do Rei.

É que os autos, uma vez feitos, jurados e assinados, seguiram viagem até Gonçalo Velho; estando ou não em Santa Maria ele era a máxima autoridade açoriana, no executivo e no judicial já que leis só os Reis e em casos muito especiais as podiam fazer.

---

42) " *Bem sabedes como por mim é mandado, que em todos os feitos de morte, que aconteceram em vossos julgados, façam inquirições devassas, tanto que essas mortes fossem feitas, para se saber a verdade, por qualquer forma que essas mortes foram feitas*". Ord. L. 5º, tit.. 34

Gonçalo Velho não deve ter gostado da coisa. O Rei tinha sido expressamente desobedecido contra Regimento passado e as Ordenações violadas. Ele próprio fora desautorizado, pelo seu imediato inferior hierárquico. Gonçalo Velho era Comendador da Ordem Militar de Cristo o que equivale porventura ao cargo de general hoje em dia. A Ordem de Cristo tinha ao tempo sede em Tomar e era a herdeira da maldita Ordem do Templo, mas não deixava de ser a mais importante e poderosa Ordem Militar; talvez se lhe aproximassem a de Santiago de Espada, com sede em Palmela, mas a de Avis e a do Crato, eram-lhe, a meu ver, menos importantes.

Gonçalo Velho era porventura um dos braços direitos do Infante que o mandara buscar à costa de África, para além do Bojador, onde andava em cata de Preste João e, quem sabe, da sonhada Índia.

Aliás, estas ilhas eram consideradas já como necessárias à torna viagem das descobertas de África e não é gratuitamente que D. Henrique enviara Gonçalo Velho a descobrir os Açores, de cuja existência o Navegador tinha a certeza, nem é impunemente que à primeira ilha se dá o nome da Mãe de Deus como se fizera à consagrada Mesquita de Ceuta.

Gonçalo Velho não se deve ter contentado muito com a Justiça da Povoação. Pelo contrário. O processo foi enviado ao Infante, que por certo abriu a boca de espanto perante a afoiteza do Mourisco e/ou Gonçalo Vaz. Sentenciarem à morte e executarem a sentença sem lhe darem conhecimento prévio nem sequer lhe pedirem licença!

O Infante não era pessoa de grandes sorrisos ou diplomáticas cortesias. Perante ele os vassalos sentiam um pavor incontrolável. Quem olhar a estátua do Infante que se encontra na fachada sul dos Jerónimos e que foi feita 60 anos depois da sua morte, compreenderá esta referência dos cro-

nistas ao carácter do príncipe que nada teve a ver com a efígie que se consagrou da Crónica da Guiné da Biblioteca de Paris.

Henrique era guerreiro; desde os 16 anos que matava gente e acima dele só existia o Rei. E os reis que ele conhecera foram o Pai que o amava, o Irmão que o estimava como poucos e o pequeno sobrinho que D. Pedro, o Regente representava.

Este Pedro era o outro irmão que lhe trouxera os mapas da Europa. Henrique jogava em casa com o famigerado enforcamento da Povoação.

Ainda assim, a casa do Infante, em S. Vicente, junto de Sagres, não teve poder de arquivar o processo e este foi enviado a Lisboa para o Rei menino, representado por seu tio D. Pedro, legalista e autoritário, cioso dos poderes centralizados do Rei, que seu pai tivera que desbaratar, e que só teve uma alternativa: ordenar a prisão de todos! Nem outra posição era possível legalmente. Os justiceiros da Povoação tinham que ser apresados e levados a ferros a Lisboa.

Os do conselho do Rei, da sua Casa da Suplicação, ou seja o Supremo Tribunal de Justiça a que o Rei presidia, não podiam aconselhar outra coisa.

Gonçalo Velho deve ter ouvido a sentença, sem pinga de sangue. E agora? Agora, foi montar a cavalo e ir pedir a intervenção directa do Infante!

É que o precipitado Gonçalo Vaz Botelho também ele muito da casa do Infante, era nem mais nem menos que filho do Comendador - Mor da Ordem de Cristo, ou seja uma espécie de Vice - Chefe de Estado Maior do Exército de hoje.

O Infante, ao receber a notícia de que o Regente ordenara a prisão de Gonçalo Vaz e de Gonçalo Teves Paim e dos outros nobres encarregados de povoarem a nova ilha descoberta, alguns deles "privados" de Reis, isto é que privavam com eles, terá ficado muito preocupado, pois não lhe estava a ser fácil conseguir gente boa para povoar as ilhas desertas e perdidas em Mar Oceano.

Pôr outro lado, a mulher de Gonçalo Vaz estava grávida, argumento que não terá deixado de ser usado; grávida do que viria a ser Nuno Gonçalves o primeiro micaelense.

Se aquele grupo escolhido a dedo e conseguido a custo de promessas, aventuras e riquezas sem conta, fosse preso, toda a colonização dos Açores se teria gorado ou transformado.

As primeiras espigas de trigo não tinham dado certo, os vulcões faziam das suas, enchendo a terra de cinzas e pedras pomes, e os ouvidos com estrondos terríveis e aterrorizadores. Já sem processos de Justiça, todos se queriam vir embora, o Infante é que não consentia porque a terra dava legumes e estes se multiplicavam com facilidade. Agora, meses e talvez anos de trabalho (que a Justiça naquele tempo era tão rápida como hoje) se iriam perder. O Infante com 48 anos, e sempre solteiro, montou a cavalo e zarpou para Lisboa *"falar"* com os outros irmãos; a muito custo lá conseguiu convencê-los de que o enforcado tinha mesmo que ser condenado à morte pelos crimes que cometera e que não fazia sentido prender-se gente importante só por questões processuais.

D. Henrique por si perdoava, só que não era a ele que isso competia e sim ao Rei na pessoa do Regente que entretanto até já mandara prender os usurpadores. Os outros infantes todos advogaram a causa dos nossos primeiros povoadores, o que mostra que o caso deu que falar e muito na Corte do Rei.

A questão não deve ter sido fácil de resolver.

Mas D. Pedro, talvez convencido por tão pragmática argumentação, para mais ainda muito afectado pela prisão do irmão Fernando em Fez e no auge do seu poder que então ninguém na Corte se atreveria a disputar, acabou por mandar arquivar o processo, depois de perdoar as penas.

Penso ser desnecessário discursar sobre o efeito que o perdão real teve nos nossos primeiros povoadores. Deve-se talvez ao acto de clemência soberana do príncipe D.Pedro em nome do seu real sobrinho, o Senhor Rei, o mui alto e poderoso D.Afonso V, o estarmos hoje aqui nesta sala.

Gaspar Frutuoso ao escrever sobre a Justiça da Povoação tem estas palavras que por certo não deixarão de nos fazer meditar!

“*Foi tão violenta neste princípio, nesta terra, a justiça que não pôde nela durar muito*” (*Saudades da Terra*, Livro IV, Volume I, página 12).

Insulana, LIV-1998
pp. 303 a 382

A ASSISTÊNCIA E A MISERICÓRDIA DE PONTADELGADA

Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues

A assistência tem sido vista sob critérios diferentes conforme a época, e a sua história está marcada por períodos que refletem as grandes alterações que sofreu ao longo do tempo. Um dos períodos mais importantes inicia-se com o cristianismo, que lhe dá como objectivo essencial a realização das OBRAS de MISERICÓRDIA.

Na antiguidade a assistência médica andou ligada às funções sacerdotais, embora já existissem médicos leigos, como entre os povos: babilónico, assírio e egípcio[1]. Com o cristianismo " A idéia verdadeiramente nova e a concepção dominante foi de a assistência aos doentes ser imposta como um dever, tanto ao indivíduo como à comunidade: um dever ético e religioso, ao qual ninguém podia subtrair-se"[2]. A medicina científica, de

---

1 "Origens e formação das Misericórdias Portuguesas", por Fernando da Silva Correia, 1944, Lisboa.

2 Castiglioni, "Histoire de la Medicine", trad., Paris.

Hipócrates, começara a perder o seu prestígio, principalmente devido à sua impotência perante as epidemias que assolavam o Império Romano.

A realização das obras de misericórdia obrigava a visitar os doentes e exigia a assistência médica domiciliária. Inicia-se a fundação de edifícios próprios e nasce o primeiro hospital em Constantinopla. Passou a dar-se mais importância à alma, e a assistência médica, embora mantendo as práticas hipocráticas, humanizou-se.

Desde o século X ao século XVI a assistência foi orientada pelo cristianismo e a partir de Carlos Magno, com o desenvolvimento do ensino nos conventos, o progresso foi notável. Depois, com a destruição do Império, o feudalismo e as lutas permanentes, para além de outros factores, a miséria aumentou com todas as suas consequências. A caridade tomou, então, um papel preponderante e a assistência organizou-se com base nas igrejas e nos mosteiros, principalmente dos Beneditinos e Franciscanos, que tratavam os pobres no domicílio ou nas enfermarias dos hospitais anexos aos conventos.

Nem todos os hospitais eram só para tratamento dos doentes, pois essa designação tinha um sentido mais lato, eram instituições onde se praticava a caridade, como nos hospícios ou albergarias e eram normalmente administrados por religiosos. Os doentes de peste ou de lepra eram tratados à parte; os primeiros no domicílio e os segundos nas gafarias. Nos grandes hospitais o tratamento dos doentes pobres estava ao cuidado dos "físicos"e alguns tinham médico privativo.

Depois da criação das universidades a administração dos hospitais começou, também, a ser feita pelos médicos leigos, ajudados pelos frades, ou por administradores nomeados pelos municípios, pelas confrarias, ou pelos instituidores. Muitas vezes não passavam de um quarto ou de uma pequena enfermaria, criada por uma doação ou instituída por testamento.

As CONFRARIAS, que na idade média desempenharam um papel tão importante, eram diferentes das corporações de misteres, pois nelas se combinavam as duas funções, profissional e de assistência social e nos fins do século XV a administração dos hospitais, em grande parte por falta de recursos, foi-lhes confiada.

As confrarias cristãs, que se dedicavam principalmente à assistência, eram associações de pessoas da mesma, ou de diferentes profissões, que se proponham realizar uma ou mais OBRAS de MISERICÓRDIA.

Não se pode deixar de referir a importância que tiveram os testamentos na assistência desde o século XII ao XVI, pois cada qual procurava remir os pecados distribuindo terras e outros bens, para a realização de obras piedosas. As instituições assim criadas eram muitas vezes constituidas nas próprias casas dos doadores, após a sua morte. Era o que sucedia normalmente com as gafarias.

As Confrarias do Espírito Santo ou do Santo Espírito e os hospitais do mesmo nome, espalharam-se, por todo o País, principalmente por iniciativa da rainha Santa Isabel[3]. Assim aconteceu também nos Açores, sendo criado em 28 de Junho de 1483 o Hospital Vila Franca do Campo, na Ilha de S. Miguel, pelo testamento de Isabel Gonçalves, que deve ser o mais antigo estabelecimento de assistência que se conhece nos Açores[4]. Em 1492 funda-se em Angra do Heroísmo um Hospital, ligado à Confraria do Espírito Santo.

Até 1470 não havia médicos nos Açores, pois por essa altura o Capitão João Soares de Sousa ou Albergaria, donatário de Santa Maria e S. Miguel, deslocou-se à Madeira para consultar médicos, como diz Gaspar Fructuoso: « dali a poucos anos veio a enfermar a dita sua mulher

[3] "Notas Históricas", Angra do Heroísmo, João Afonso, Edição da Santa Casa da M., 1970.

[4] Dr. Urbano Mendonça Dias, "A Vila", v. 1º, pág. 12-15.

Beatriz Godiz e não podendo achar, nem sentido melhoras em sua enfermidade a levou o dito capitão à ilha da Madeira, para lá lhe buscar alguns remédios de médicos, que cá nestas ilhas ainda não havia».

D. João III passou carta de cirurgião, em Santa Maria, a Sebastião Vaz Falleiro, que era filho de João Vaz Falleiro, o das virtudes, e da sua segunda mulher, Genebra Pires, filha do primeiro homem que nasceu nos Açores, João Pires. João Vaz Falleiro era de Viseu ou da Covilhã e foi dos primeiros povoadores de Santa Maria; sobre ele escreveu Gaspar Fructuoso: «...dos enfermos que de muita parte o buscavam, aos quais ele curava por amor de Deus só com ervas e azeite, sem mais outra mezinha.....e seus filhos, netos e bisnetos, todos tem esta virtude de curar.....se diz que achando-se ele no reino foi chamado para curar ou a el-Rei D. Manuel ou à Rainha e tendo a cura bom sucesso lhe agradeceu sua Alteza, dizendo-lhe que pedisse mercê».

Gaspar Fructuoso no Lº 4º, nas genealogias, cita 5 cirurgiões:

1º- Mestre António, casado com Ignes d´Albernaz- no cap.º 36- ; este é o cirurgião António Rebelo, que testou a 6-9-1598 em Ponta Delgada, em que fala na sua filha Isabel do Monte; teve outra filha, Marcella, batizada na Matriz de Ponta Delgada a 31-3-1537 .

2º- Mestre Gaspar, o velho- cap.º 4º- deu o nome à rua.

3º- Mestre João, marido de Grimanesa Tavares (cap.º 15); este era cirurgião em Viana; a mulher foi madrinha na Matriz da Ribeira Grande a 15- 4- 1558.

4º- Mestre Luís- Cap.º 27- pai do licenciado Manuel Mergulhão, marido este de Antónia de Benevides, filha de Pedro Alvares de Benevides. O licenciado Manuel Mergulhão era cavaleiro de Cristo e desembargo de el-rei; como tal aparece em uma procuração feita em Lisboa em 25-3-1547, estando para partir para a Índia como Vedor da Fazenda Real.

5º- Mestre Pedro, cirurgião, pai de Juliana Rodrigues, mulher de Rui Gonçalves que era neto de João Alvares do Olho- Cap. 31 - Mestre Pedro foi casado com Lianor Cabeceiras como consta do testamento de Isabel Roiz, mulher de Ibonel de Bettencourt. Mestre Pedro cirurgião foi fiador de arrematante de miunças na Ribeira Grande, em 3-4-1548.(R. R.)

No Lº 3º do Registo da Câmara de Ponta Delgada, que começa em 1555, na folha 240 e seguinte, está a " Carta de medicina de mestre Loureço Estaco, natural de Angra do Heroísmo". D. Sebastião mandou escrever que: « que Mestre Lourenço Estácio era auto e suficiente para usar da arte e ciência da medicina e que pode usar a dita arte em todas as cidades, vilas e lugares da dita ilha da Terceira e S. Miguel , sómente e isto enquanto não houver " físico graduado pela minha universidade de Coimbra ao menos com o grau de bacharel.....". Mais a diante o rei refere " e mando que curando algum físico ou outra pessoa alguma em as ditas ilhas não sendo graduado pela dita universidade ou não mostrando minha carta passada pela chancelaria e assinada pelo meu físico-mor posto que seja graduado incorra em pena de 30 libras....." feita em 1567. Mestre Estácio foi, a seu pedido, autorizado, pela Câmara de Ponta Delgada a exercer a sua arte nesta cidade e Ilha de S. Miguel.

-Fructuoso no Cap.º 61 do Lº4, contando as proezas de Simão Lopes d´Almeida, diz que "este um dia deu muitas cutiladas num Pedro Gonçalves, e depois o trouxe ás costas pondo-o em casa e em seguida foi à Ribeira Grande de onde mandou ao ferido, para o curar, o mestre Pedro Vaz, o melhor cirurgião que então havia nesta ilha".

- Fructuoso fala do médico Gaspar Gonçalves na Pag.º 257 do livro 4º (genealogias).

Em 1560 foi feita mercê a Gabriel Mendes para curar por três anos os enfermos da Misericórdia de Ponta Delgada : " Eu El Rey faço saber.....

que pela boa informação que me foi dada do Bacharel Graviel Mendez morador na dita cidade que nela cura de medicina e de cirurgia ei por bem e me praz que por tempo de três anos...elle cure os enfermos da confraria da misericórdia e espritall da dita cidade..... que nisso ade levar ei por bem que aja doze milreis em cada um dos ditos três anos que lhe serão pagos à custa da imposição que el Rey meu senhor e avô que santa glória haja concedeu à dita cidade pelo que vos mando que lhe façais pagar os ditos 12 milreis aos quartéis do ano....." (Arquivo dos Açores, vol.VIII, Pag.ª 128)

No fim do século XV a assistência em Portugal sofreu profunda remodelação, em que tiveram um papel preponderante: D. João II, D. Leonor, D. Manuel, o Cardeal Alpedrinha (D. Jorge da Costa) e Frei Miguel Contreras.

As condições degradadas dessa época; a decadência das instituições religiosas com os consequentes abusos; a falta de recursos para manter a grande quantidade de mosteiros e as lutas entre as várias ordens religiosas, criaram a necessidade da mudança. Em Portugal, uma das medidas mais importantes foi a reunião de vários hospitais no Hospital de Todos os Santos, mas outras não foram de menor impacto: os compromissos então meticulosamente redigidos com as várias instituições e a reforma da legislação que regulava a assistência; a maior intervenção régia; a fundação da Confraria da Misericórdia de Lisboa e a publicação por D. Manuel do "Regimento das Capelas e Hospitais", com o objectivo de fiscalizar todas as Instituições de Assistência.

A primeira Misericórdia a ser criada foi a de Lisboa e o estudo da sua história é indispensável para o conhecimento das outras que logo se espalharam pelo País. Infelizmente a maior parte dos documentos dos seus primeiros tempos de existência desapareceram com o terramoto de 1755,

nomeadamente o "Compromisso" que deve ter sido redigido quando da sua fundação em 1498 pela rainha D. Leonor, como consta do Compromisso escrito em 1516 . A confraria teria 100 irmãos e contava com a caridade de toda a gente. A escolha do provedor e dos conselheiros ou oficiais era feita por eleição indirecta anual. Depois de lido o Compromisso toda a irmandade elegia dez irmãos que depois escolheriam entre todos o novo provedor e os novos conselheiros. De entre os conselheiros eram todos os meses escolhidos os dois mordomos e também o escrivão. Metade dos eleitos deviam ser " de maior condição " e a outra metade de " oficiais mecânicos " e o mesmo era regulamentado para a Irmandade no seu todo.

A idade mínima para ingressar na Irmandade eram os 25 anos e os irmãos tinham de saber ler e escrever e possuir tempo livre para se dedicarem ás tarefas que lhe eram destinadas

Tinha a Santa Casa uma bandeira com Nossa Senhora da Misericórdia pintada dos dois lados ou então de um lado a descida da cruz e do outro a figura de Nossa Senhora da Misericórdia. A Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada tem uma bandeira, cuja fotografia se encontra na monografia elaborada em 1953 pela mesa da altura, quando era provedor o Dr. Ernesto Hintze Ribeiro, que foi escrita com dados colhidos do arquivo pelo Sr. Cristiano Férin. Trata-se de um documento escrito à máquina, com numerosas fotografias do Hospital no edifício que pertencia ao antigo convento de S. Francisco e que no século XIX foi adaptado para esse fim.

Só no compromisso de 1516 é que são referidas as obras de misericórdia, as sete corporais são: « remir os cativos e visitar os presos; curar os enfermos; cobrir os nus; dar de comer aos famintos; dar de beber aos que tem sede; dar pousada aos peregrinos e pobres; enterrar os mortos ».

« A irmandade era formada por 100 homens de boa fama e sã consciência e honesta vida, tementes a Deus e da dita confraria ». « se alguns

dos irmãos não acatasse os princípios do compromisso, seria admoestado pelo provedor e quando não quisesse emendar-se, seria demitido pela Mesa ».

As propriedades deixadas à Misericórdia eram leiloadas pelo melhor preço e não podiam ser arrematadas pelos irmãos que pertencessem à gerência. Como se sabe isto nem sempre foi cumprido.

Na distribuição dos cargos feita no dia seguinte à eleição, o provedor procurava escolher para cada um deles a função para que fossem mais aptos: dois dos conselheiros, um oficial mecânico e o outro de melhor condição, eram encarregados de visitar os doentes pobres a quem distribuíam todas as semanas pão e dinheiro. A totalidade do dinheiro gasto era escriturado. Dois outros visitavam os presos e levavam-lhes comida às quartas-feiras e domingos. Um dos conselheiros acompanhado do escrivão visitava os pobres envergonhados a quem davam esmolas. A outros dois conselheiros incumbiam de receber as esmolas dadas pelos defuntos ricos e tinham a seu cargo outras tarefas extraordinárias. O mordomo da capela passava ai o dia e recebia as esmolas e cuidava dos enterros ; o mordomo de fora cuidava da remissão dos presos pobres e desamparados Os pedidores de pão eram três ou quatro em cada freguesia e eram escolhidos entre os irmãos ou outras pessoas que o quisessem fazer.

A Misericórdia de Lisboa tinha desde o princípio um médico permanente e dois capelães.

D. Manuel deu muitos privilégios à Irmandade:. o provedor e os doze oficiais estavam, durante o ano da sua gerência, dispensados de exercer qualquer cargo no concelho; não lhes poderiam ser tomadas as suas casas e dependências e estavam isentos de pagar vários impostos; tinham prioridade quando fossem buscar carne para os doentes e presos;

o procurador da Misericórdia era o primeiro a ser ouvido em todas as audiências; o rei autorizava a Irmandade a enterrar, todos os anos no Dia de Todos os Santos, os enforcados; só a Misericórdia podia fazer peditórios a favor dos doentes e presos; os oficiais da Misericórdia estavam dispensados de se incorporarem contra vontade em procissões da confraria em outras lugares.

Em 1618 é criado um conselho consultivo, o Definitório ou Junta, constituído por 10 a 20 irmãos eleitos anualmente, normalmente eram irmãos com experiência da vida da confraria, de preferência antigos mesários, doutores em leis e teólogos.

No arquivo da Misericórdia de Ponta Delgada existe uma segunda edição, datada de 1674, impressa na Oficina de Francisco Vilela do " COMPROMISSO DA MISERICÓRDIA DE LISBOA "que foi elaborado por ordem do REI e assinado por o duque de Vila Hermosa, Conde de Fialho" e que no último capitulo, o LI, se escreveu : « E porque até agora se regeu, e governou esta casa, e Irmandade por outros Compromissos, os quais todos por este ficam derrogados, e se derrogam, se não usará deles daqui em diante em cousa alguma por nenhuma via.....Manuel do Rego o fez em Lisboa a dezanove de Maio de seiscentos e dezoito. Christovão Soares o fez escrever».

Neste compromisso a Misericórdia de Lisboa fica com seiscentos irmãos: " trezentos Nobres, e trezentos Oficiais, e os vinte Letrados, que além deste numero custuma a haver."

Na página 1ª-verso se refere: « A primeira que seja limpo de sangue sem alguma raça de Mouro, ou Judeu não somente em sua pessoa, mas também em sua mulher se for casado, como está determinado, e se pratica, e usa na Irmandade da Misericórdia por um acordo da mesa, e junta, que está no livro primeiro dos acordos a fol. 254 feito em 25 de Maio de 1598

e confirmado per outro acordo da mesa, e junta, feito a 8 de Junho de 603 que está no dito livro fol. 301.....». O Marquês de Pombal acabou com a restrição aos cristãos-novos, em 1773.

Penso que em Ponta Delgada as restrições relativa aos cristãos-novos, nunca terão sido levadas muito a sério. Até porque em 1516 não havia impedimento de algumas minorias, como os cristãos novos, serem irmãos da Misericórdia e muitas delas aceitavam mulheres, como sucedia em Ponta Delgada, onde o primeiro irmão foi do sexo feminino, Mor Enes, mulher de João Moreno. Embora com o Compromisso de 1577 passem a ser aceites só os cristãos velhos e se dificulte a entrada de mulheres, na Misericórdia de Ponta Delgada ainda se encontra a entrada como irmão, de Isabel Correia, em 11-11-1587, mas é a última até ao fim do século VI.

Muitas das Misericórdias copiaram o compromisso da de Lisboa para conseguirem mais facilmente a sua homologação. O compromisso primitivo foi alterado em 1577 e depois em 1618. Segundo Isabel de Guimarães Sá: « os habitantes locais fundavam uma confraria (chegam a aparecer donativos à misericórdia local antes dela existir) demoravam algum tempo a solicitar a sua homologação ao poder central, que por sua vez podia atrasar o processo, geralmente protagonizado pela preocupação fundamental por parte das misericórdias em requererem os privilégios inerentes à sua congênere de Lisboa. Finalmente, aparecia o documento régio que confirmava esses privilégios e a partir desse momento a nova misericórdia tinha existência oficialmente reconhecida ».[6]

Costa Goodolphin em "As Misericórdias, Lisboa, 1897 " publica a lista das várias Misericórdias e as respectivas datas da sua fundação, as dos Açores são: Angra-1498; Vila da Praia-1498; Ponta Delgada- 1500. Na

6 "Quando o Rico se faz Pobre", Lisboa, 1997.

mesma lista a do Funchal aparece com a data de 1511, embora já existisse o hospital fundado por Zarco em 1454 e que foi depois substituído por outro construído em 1483, por doação de Álvaro Afonso e Catarina Vaz.

Depois da criação da Misericórdia de Lisboa D. Manuel promoveu por todo o País a formação de confrarias da Santa Casa da Misericórdia. Em 14 de Março de 1499 escreveu às personalidades do Porto sugerindo a criação da Misericórdia nos mesmos moldes da de Lisboa. Nos arquivos de algumas Misericórdias existem cópias do compromisso de Lisboa de 1516 (do primeiro como sucede no Porto?).

Segundo os dados fornecidos por Costa Goodolphim[7], com um ou outro confirmado ou retificado por outros autores, a lista da fundação das Misericórdias, publicada :

1498 — Lisboa, Pereira, Vidigueira, Goes, Montemor-o-Velho, Lagos, Tavira, Cabeço de Vide, Valença, Angra do Heroísmo, e Vila da Praia.

1499 — Porto, Évora, Montemor-o-Novo, e Albufeira.

1500 — Coimbra, Beja, Barcelos, Proença, Lousã, Alandroal, Portalegre, Alhos Vedros, Póvoa do Varzim, Mação, e Ponta Delgada.

1501 — Setúbal

1502 — Santarém

.....

..... Carlos da Silva Correia, que refere as mesmas datas[8], refere que: «A respeito das datas da fundação de certas Misericórdias è natural haver confusão com a da instituição de confrarias ou hospitais anteriores.....».

---

7 "As Misericórdias", Lisboa, 1897.

8 "Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas", pág, 582, 1944, Lisboa.

Em relação às dos Açores, tendo em conta os documentos que conhecemos, não nos parecem correctas as referidas datas, nem nos parece possível que, por exemplo: as Misericórdias de Angra e da Praia sejam anteriores à de Évora, criada pela própria D. Leonor que foi irmã da confraria.

Em Angra do Heroísmo havia um hospital desde 1483, pertencente à Confraria do Santo Espírito[9], mas a data da formação da Misericórdia é apontada por Drummond[10] para o ano de 1508: «Anno de 1508- Privilegiou neste anno El-Rei D. Manuel a misericórdia d'Angra por alv. de 3 de agosto concedendo-lhe a irmandade dos 13 irmãos.....» , o que me parece ser confirmado pelos documentos atrás referidos. A criação da Praia da Vitória é referida pelo mesmo autor na pag. 94 do 1º vº. : «Anno de 1516- Concedeu El-Rei a 20 de Dezembro deste anno, às misericórdias do Reino os estatutos dos 13 irmãos, pelos quais se governam as da Vila da Praia, Vila Nova e Vila de S. Sebastião nesta ilha». Depois na pag. 98 do 1º- v. escreve: «Concedeu El-Rei D. Manuel os privilégios dos 13 irmãos à mesa da Misericórdia da Vila da Praia por alvará de 11 de julho deste anno; e porque o capitão e variadores duvidaram entregar-lhes a administração do hospital, sendo já em tempo de El-Rei D. João III , este o confirmou como tudo se evidência da cópia, letra -R-.». Drummond refere ainda : «Foi o primeiro deixador à Santa Casa André Dias Salleiro, no anno de 1520».

Quanto à de Ponta Delgada, sem dúvida a primeira a ser criada na ilha de S.Miguel, pois em Vila Franca o que existiria era um Hospital datado de 1482, não nos parece que a sua fundação possa ser anterior a 1504 ,

---

9 "O Hospital de Angra nos Séculos XV e XVI", João Afonso, 1970, edição da Santa Casa da M.

10 "Anais da ilha Terceira", vº 1º, pág. 90).

porquanto no testamento de Pedro Afonso e de sua Mulher Beatriz Roiz, lavrado a 6 de Julho de 1504, em Ponta Delgada, se refere o seguinte: « e mandam os ditos seus testamenteiros, que sendo caso que se nesta Vila de Ponta Delgada se fizesse Hospital que da dita sua fazenda dêem uma cama para os pobres do dito hospital.....».

Não haver hospital nessa data não quer dizer que a confraria da Misericórdia já não estivesse criada através do seu compromisso, que infelizmente desapareceu, conforme dá a entender o seu provedor , que ao receber a instituição após a sua eleição em 1711, fez a relação dos livros recebidos e a trasladou para o livro do Tombo II. Ai se pode ver que o primeiro a ser nomeado é o "Livro Compromisso", tendo sido escrito a lápis (" falta ").

O Dr. Ernesto do Canto, em carta datada de 21-2-1895, sem destinatário, mas que se encontra uma cópia no arquivo da Misericórdia, refere: « O Padre Cordeiro- História Insulana, p. 221- Trata da Misericórdia de P.D. a propósito de Margarida de Chaves- mas vale muito mais fé o que escreveu Francisco Afonso na Margarida Animada, transcrito no Arq. dos Açores, v. 1º , p. 208 e 209 »

Segundo o que escreve Ernesto do Canto, Margarida de Chaves era bisneta de Afonso Anes, dos Mosteiros e de sua mulher Catarina Anes, instituidores do Morgado e Capela de S. João Baptista da Misericórdia de Ponta Delgada.

Francisco Fernandes (Castelhano) e sua mulher, sogros de Gaspar Dias, eram benfeitores da Misericórdia e no seu testamento feito a 9 de Junho de 1544, em Ponta Delgada, há várias verbas relativas à misericórdia e ao respectivo hospital. Afonso Anes teria feito testamento em 1540 e a bisneta, a venerável Margarida de Chaves, nascido em 1530.

Termina a dita carta da seguinte forma: « Acerca da fundação da misericórdia tens que te contentar com o pouco que diz Cordeiro e Francisco

Affonso, só te recordarei que o Hospital só tinha 20 camas, na rua de S. João de Deus no local em que houve o teatrinho da Sociedade Philarmónica. Até à reforma de Nicolau António Borges tudo era pouco para festas de Igreja, Sermões - 7 capelães, procissões etc.

D. João VI creio que só fez uma coisa boa, qual foi a de incorporar todos os bens das misericórdias na coroa, por não terem licença régia, abolindo todos os encargos, e dando-os assim livres às Misericórdias para melhor satisfazerem as despesas de beneficência - (doentes, expostos Etc), por alvará de 15 de Março de 1800. (no arquivo da Misericórdia de Ponta Delgada existe um exemplar, de uma edição de 1818, feito na tipografia de Bulhões, em Lisboa).

Até então a misericórdia não provava senão o egoísmo dos testadores que a consideravam um cómodo administrador, que por três ou cinco por cento, ficava eternamente a dizer missas por suas almas ou a dar dotes (de 420$000 reis) às parentes para serem freiras. Pela instituição do Capitão Ignacio de Mello só o bisavô do Dr. Pereira, recebeu dotes para 7 filhas!

Assim é necessário não confundir a antiga Misericórdia com a actual nem atribuir aos antigos testadores um intento caritativo e desinteressado que eles não tiveram!».

No Livro de Lembranças de 1614-15 lê-se na pag. 3 e verso : « Frei Manuel Roiz Pereira- Aos padres da dita Igreja de S. Pedro se pagão quatro mil e quinhentos reis. da capela, véspera, e missa cantada que se diz na ermida de S. Gonçalo pela alma do dito frei Manuel na forma de seu testamento que está no livro do tombo, pag. 84-verso e para as vésperas e missa que se diz nesse dia do Santo se manda a cera que se recolhe outra vez nesta casa. O dito Frei Manuel pelo dito seu testamento dispos que se dissessem duas missas cada semana (que são duas capelas) e que em vida de sua irmã, Isabel Pereira, se não dizia mais que uma .....Mas parece que também se deve considerar que o dito ins-

tituidor limitou que da esmola de cada capela se dessem dois mil reis. e que por uma que se diz somente se dão quatro mil. Esta esmola das vésperas, e missa cantada e a cera que se dá, e a pouca fazenda que esta casa possui do dito instituidor e outras muitas obrigações que pelo dito testamento ficarão a esta casa»

José de Torres afirma que Catarina Simoa foi a fundadora da Misericórdia de Ponta Delgada[11]. Catarina Simoa pode ser a mulher de Barão Jácome, filha de Martim Simão, morador na Terceira, no lugar dos Altares, pais de Aires Jácome Correia. (G.F. L-4º, v. 1º, p.136), mas ao consultar o volume « Lembranças do ano de 1614-15» do arquivo da Misericórdia de Ponta Delgada, penso tratar-se da mulher de Aires de Oliveira que deixou os seus bens à Misericórdia por testamento, feito já depois da morte de Maria Simoa, sua mulher, que entretanto já dispusera a favor da mesma Misericórdia[12].

Gaspar Frutuoso refere-se à misericórdia de Ponta Delgada quando descreve esta cidade, mas não refere a data da sua criação, o que ele escreveu foi o seguinte:

« Se estes mosteiros, no espiritual, ajudam muito as almas, com seus sacrifícios, orações, doctrina, conselho e exemplo, não menos é enobrecida e ajudada, no temporal, esta nobre cidade, com um Sprital e Casa da Misericórdia que junta tem, para que juntamente os irmãos da Casa remem ambos os remos, e ajudem e sirvam aos enfermos e sãos.

A Rainha D. Lianor, mulher que foi de el-Rei D. João, segundo do nome, e irmã de el-Rei D. Manuel, foi uma muito virtuosa e católica cristã e não se contentando fazer, como fazia em sua vida, muitas e grandes

---

11 "Arquivo Pitoresco", 1-305, ou Esperança 106, 55.

12 Testamento de Aires de Oliveira e sua mulher Maria Simoa, pág. 23 do Livro do Tombo Antigo. Estes testamentos encontram-se também no Livro do Tombo, pág.62-verso.

esmolas a pobres, ordenou como também, depois de sua morte, fossem muitos pobres providos em suas necessidades, e para isso instituiu a insigne confraria da Misericórdia nestes reinos, sendo ela regente d'eles, no tempo que el-Rei D. Manuel, seu irmão, era ido a Castela com a Rainha, princesa D. Isabel, sua mulher, a fazerem-se jurar por principes d'aqueles Reinos; para a qual confraria el-Rei D. Manuel deu de juro, cada ano, de esmola, um conto de reis para sustentação de orfãos, e quinhentos mil reis para outras obras-pias. Dali por diante, à imitação desta confraria, se instituíram outras e se fundaram Casas de Misericórdia em muitas partes de Portugal e nestas ilhas, não havendo tais confrarias em nenhuma parte do mundo, nem em Castela, senão as que em Portugal então, de novo, se fundaram; e ainda que na cidade de Angra depois disto se fundou uma Casa de Misericórdia, onde se curam muitos enfermos e fazem muitas obras-pias, nesta cidade de Ponta Delgada está fundada esta Casa da Misericórdia, não tão rica de edifícios mortos, mas riquíssima de corações vivos e acesos em muita caridade, com que se servem e curam os enfermos, e agasalham e provêm os pobres nela, pelos irmãos da Casa, com tanta diligência, amor, fervor e cuidado, sobretudo com grande despesa e gasto de suas próprias fazendas, que não duvido, senão que os bens que nela se fazem defendem esta terra dos graves castigos, que porventura por seus pecados merecem seus habitadores. E esta Casa da Misericórdia é bóia que sustenta em peso toda esta ilha, para que se não vá ao fundo; ainda que não tivesse outra coisa mais que esta Casa, esta é a maior nobreza das nobrezas e maior grandeza das grandezas, que enobrece esta nobre cidade de Ponta Delgada, e por ela fica enobrecida e engrandecida toda a ilha; e para ser mais nobre, agora se vai edificando uma suntuosa e custosa igreja da advogação do Espirito Santo, por outra que tem , com uma capela de S. João Batista, ser muito pequena. Por os

moradores desta cidade gastarem tão largo nesta Casa e, sendo senhores, se fazerem criados e escravos dos pobres dela.....»[13].

Na Margarida Animada escreveu Francisco Afonso de Chaves e Melo: « como a Igreja era tão pequena que não passava do portão por onde hoje se entra para o pátio da Sacristia e Hospital, aonde acabava a rua, que vinha de Nossa Senhora da Ajuda, Barão Jácome sendo provedor desta Santa Casa querendo fazer o novo e majestoso templo, que hoje existe, fez troca por outras casas das em que nasceu a venerável Margarida de Chaves em cujo sítio se principiou a Igreja».

Numa monografia da Santa Casa da Misericórdia datada de 29 de Junho de 1953, que, como no inicio se escreveu : « foi feita apenas por desejo de cumprir com a louvável iniciativa da Comissão Distrital de Assistência de Ponta Delgada ao procurar reunir notícia de todas as Instituições do Distrito», refere-se ao desconhecimento da data correcta da formação da confraria, mas a esse respeito o autor escreveu o seguinte: « A fundação da Misericórdia de Ponta Delgada deve ter seguido de perto a de Lisboa. .....Escreve Frutuoso que a Confraria da Misericórdia de Angra foi fundada depois de o já terem sido muitas no Continente e Ilhas. E segundo Ferreira Drummond a Irmandade Angrense estabeleceu-se em 3 de Agosto de 1508. É natural dada a importância de Ponta Delgada e de não poderem haver muitas mais povoações da sua importância nos arquipélagos portugueses do Atlântico que nas misericórdias ilhoas que antecederam a de Angra, e que são referenciadas na crónica frutosiana, figurasse a de Ponta Delgada. ».

« Carrego em receita sobre a caixa 2.600 reis. que pagou a mulher de Francisco Gil do aluguer da loja do granel que está defronte de Margarida

---

13 Gaspar Fructuoso, "Saudades da Terra", Lº 4º, vol.2º, pag. 78.

de Chaves, Luis Rabelo, escrivão» (do livro de Receitas e Despesas de 1574-75, p.15).

De 1498 a 1502 foi Capitão do Donatário João Rodrigues da Câmara, que não consta na lista de irmãos. Depois ficou a fazer o lugar seu irmão Pedro Rodrigues da Câmara até 1504, data em que o sobrinho atingiu a maioridade e passou a governar. Estes últimos dois já aparecem como irmãos, o que nos leva a pensar que a Confraria da Irmandade não se terá formado antes de 1502.

A referida monografia refere que « começou a vida da Misericórdia de Ponta Delgada, possivelmente a correr na Matriz numa das suas capelas, passando pouco depois a sede para o antigo Largo da Misericórdia, hoje Largo João Francisco Cabral, ocupando a área limitada ao nascente pela rua Manuel Nunes da Silva, ao poente pela rua Manuel Inácio Corrêa, antiga rua do Valverde, ao norte certamente pela travessa do Aljube, e ao sul pelo já referido largo.».

A primitiva ermida de S. João Baptista devia estar situada na embocadura da Rua do Aljube, como se depreende de uma acta da Mesa, onde se diz que a sacristia da Ermida Velha e o celeiro foram demolidos para dar saída à Rua do Aljube. « Em 1569, no sítio em que nasceu a venerável Margarida de Chaves, o provedor Barão Jácome deu começo à Igreja da Misericórdia da invocação do Espírito Santo, encontrava-se onde estão hoje os escritórios de Bensaude e Comp.ª.....As cozinhas e padarias estariam mais para o lado da rua Nunes da Silva. A grande cisterna ficaria mais para junto da rua do Aljube. O consistório ficava junto à Ermida Velha.»

As receitas da Santa Casa eram constituídas pelas ofertas e pelas dádivas dos particulares, havendo por parte do estado a entrega de duas arrobas de açúcar pagas e assentadas nos quintos da Ilha da Madeira e de

Janeiro de 1550 em diante pagos cada ano nos direitos dos açucares de S. Miguel e ainda por provisão de 18 de Junho de 1568, D. Sebastião fez mercê de 40.000 reis pagos pelo feitor da Fazenda Real, no dia de S. João Batista e de cuja aplicação era fiscal o Prelado diocesano. " D. Sebastião por graça de Deus rei de Portugal.....faço saber aos que esta carta virem que eu passei uma minha carta para que houvesse por bem que no bispado de Angra se dessem esmolas duzentos e oitenta milreis em cada um ano à custa da minha fazenda pagos pela maneira nela declarada de que o treslado que se tirou do livro da fazenda da ordem onde estava registado o seguinte: D. Sebastião.....faço saber aos que esta carta virem que havendo eu escrito.....a obrigação que tenho como governador e perpétuo administrador do dito mestrado nos bispados.....ordenar que se faça nele esmola segundo se determinou no despacho da mesa da consciência.....principalmente onde os prelados não têm rendas com que possam inteiramente cumprir com esta obrigação ey por bem e me apras que no bispado de Angra se deem em cada um ano à custa da minha fazenda..... esmolas de duzentos e oitenta milreis que com os vinte milreis mais das que ja tenho feito esmola .....dos quais duzentos e oitenta milreis ey por bem fazer esmola ao hospital da cidade de Angra de sessenta milreis em cada um ano alem dos vinte milreis que ja tem, juntar oitenta milreis cada um ano aos..... aos muitos doentes que dontinuadamente nele..... com curso das armadas que à dita cidade vão ter cada ano e muitos outros navios assim destes mesmos como estrangeiros. Ao hospital da cidade de Ponta Delgada da ilha de S. Miguel quarenta milreis em cada um ano..... ».

«Aos dois dias de Julho de 1578 na casa da Misericórdia na mesa do consistório. Se achou por conta que se fez por o muito ilustre Sr° provedor ter gastado nesta casa este ano em trigo que veio dos seus moinhos da

Ribeira Grande para esta casa vinte ecinco milheis e além disso que dava duas arrobas de açucar branco cada um ano na sua redizima que tem Vila Franca enquanto não mandar o contrário.....e assim disse que prometia dar a esta casa uma cruz de prata com o peso de 15 marcos de prata e quer que a dita sirva na dita casa e se não possa desfazer em algum tempo nem vender.....e fazendo-se que o provredor que que fizer a pagará a ele ilustre senhor e aos seus herdeiros.....»

No "Livro do Tombo 1º" do arquivo da Misericórdia de Ponta Delgada os primeiros documentos arquivados são " Os privilégios", dos quais o mais antigo é datado de 1513 : « Nós D. Diogo Pinheiro vigário geral no espiritual e temporal de toda a ordem e cavalaria do mestrado nosso senhor Jesus Cristo em a Vila de Tomar, e Santiago de Santarém e santa Maria de África em Ceuta, Tatuão, Tanger e Santa Maria de Alcácer em África, e das Ilhas da Madeira e dos Açores, e Cabo Verde, da Etiópia, e das Índias.....A vós Rodrigo Ennes capelão da villa de Ponta Delgada da ilha de Sam Miguel, ou a outro qualquer que o cargo tiver, saúdo em Jesus Cristo. Vos fazemos saber que a nós enviou a dizer para sua informação o provedor e oficiais, e irmãos da misericórdia dessa dita villa em como na cidade de Lisboa o provedor e oficiais recebiam por suas esmolas as ofertas das missas que mandavam dizer por bem do qual nos pediam por mercê, e por fazermos serviço a dita misericórdia mandássemos que a offerta das ditas missas que por ordenança cada semana mandavão cantar, e dizer fosse, da dita misericórdia para dela fazerem suas esmolas assim como as levavão os oficiais da dita misericórdia de Lisboa. E mais nos foi apresentada com a dita petição uma certidão do provedor e officiais da dita misericórdia perque nos fazim saber que por parte da misericórdia dessa dita villa lhes fora requerido a maneyra e custume que tinhão em sua confraria acerca das esmolas que trazião as mis-

sas, e que a maneira que eles tinham era a seguinte que porquanto a sua capela está dentro na see que todas as ofertas, de pão, e de vinho que as ditas missas vem ao cabido da dita see, e todas as outras ofertas de ouro, de prata, e doutras quaisquer qualidades a dita confraria da dita misericórdia para as obras da dita misericórdia assim ao domingo como pela semana em todos dias..... Vos mandamos a vós dito capelão que agora sois, e aos que pelo tempo forem que daqui por diante de todas as offertas que se derem as ditas missas da dita misericórdia vos dito capelão leveis o pão e o vinho somente, e o dinheiro, ouro, prata, outros vestidos e outras quaisquer coisas que se de offerta derem vos as deixai levar os ditos officiais da dita misericórdia sem lhes pordes a isso qualquer embargo para delas fazerem o que sentirem ser serviço de Deus.....Dada em Villa de Santarem sob nosso sinal e sello aos vinte e quatro dias de novembro António do Canto por Pedreennes do Canto a fez a mil e quinhentos e treze annos.- D. Diogo Pinheiro-»

Os privilégios régios, que segundo o documento foram requeridos por Gaspar de Viveiros, morador na vila de Ponta Delgada e provedor da Misericórdia, foram dados: « Nos ELRey fazemos saber a quantos este nosso alvará virem que a nos apraz e havemos por bem que os officiais da misericórdia da villa de Ponta Delgada da nossa ilha de S. Miguel gozem e usem dos privilégios e liberdades que por nos são dadas aos sobre ditos officiais das misericórdias desta nossa cidade de Lisboa, e do Funchal dos quais privilégios, e liberdades queremos que lhe sejam inteiramente cumpridos, e guardados como se nelles contem por lhes fazermos esmolla. E por isto o mandamos.....Feito em Lisboa aos trinta dias do mês de ..... Afonso Mexia o fez no anno de mil e quinhentos e quinze.....Assinado por ELRey Dom Manuel nosso senhor que Deus tem.....».

TRESLADO DE UM INSTRUMENTO PUBLICO TIRADO DA MISERICÓRDIA DE LISBOA; E OUTROS ALVARÁS DE S.A.

«Saibam quantos este insstrumento dado em pública forma virem que no ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil quinhentos e quinze annos em vinte e sete dias do mes de julho na cidade de Lisboa dentro na casa , na mesa da confraria da misericórdia. Logo aqui apareceu Gaspar de Viveiros morador em a Villa de Ponta Delgada; e requereu a João Fernandez contador de ELRey nosso Senhor, e provedor agora é da dita confraria que lhe mandasse dar o terslado de hum previlégio que ELREy nosso Senhor tinha dado à dita confraria e bem assim de outros alvaras do dito senhor para os levar para a confraria da dita Villa que eu desse este público instrumento ao dito Gaspar de Viveiros o treslado daquelas coisas me ele apontasse que para a dita confraria cumprissem. E eu ceder em esse instrumento o treslado de uma carta que de ELRey nosso senhor que a dita confraria da misericórdia da cidade de Lisboa tem escrita em pergaminho, e selada com selo pendente, e assinada pelo dito senhor..... Dom Manuel pela graça de Deus .....A quantos a esta carta virem que havendo nos respeito ao continuo trabalho que o provedor, mordomos, escrivão, e irmãos da confraria de nossa Senhora da Misericórdia desta nossa cidade de Lisboa levam e para que nosso Senhor possa por elles ser melhor servido e com menos opressão e trabalho possam sofrer e fazer aquelas coisas que a seus encargos, e a bem da dita confraria pertencerem; por lhes fazermos esmola temos por bem e queremos que aqueles oficais que em cada hum anno servirem a dita confraria e para o serviço dela forem ordenados segundo a forma de compromisso, e constituição sejam privilegiados..... Dada na cidade de Lisboa a 25 dias de Junho de 1513. ELRey».

TRESLADO DA PROVISÂO POR QUE CONCEDEO ELRey NOSSO SENHOR QUE O PROCURADOR DA CASA FALLASSE PRIMEIRO NAS AUDIENCIAS DOS CORREGEDORES; E JUIZES

« Eu ELRey faço saber a Vos meu corregedor com alçada na correição da minha ilha de S. Miguel, que os irmãos e provedor da confraria da misericórdia da vila de Ponta Delgada enviaram dizer por sua carta, que eu tinha concedido a misericórdia da minha cidade de Lisboa que o seu procurador falasse nas audiências primeiro que todos os outros.....e visto seu requerimento ei por bem e me praz que o procurador da dita misericórdia fale primeiro em vosso auditório, e assim dos juizes da dita Ilha que nenhuns outros procuradores .....Fernão da Costa o fez em Evora aos .....de Maio de mil e quinhentos e trinta e cinco.....Aos 14 dias do mes de Agosto de 1537 nesta villa de Ponta Delgada da ilha de S. Miguel em as pousadas onde pousa o Doctor Francisco Toscano corregedor com alçada por ELRey nosso senhor em estas ilhas de S. Miguel e Santa Maria; per Antonio Borges, fidalgo, e provedor, da casa Santa misericórdia da dita villa de Ponta Delgada foi apresentado este alvará atras escrito do dito senhor ao dito corregedor, e lhe requereu que o cumprisse .....».

Em 1583 insurgiram-se os irmãos da Misericórdia por terem sido violados os seus privilégios, pois lhes tinham tomado as moradias para instalar os militares da Armada e foi-lhes favorável a sentença, dizendo que os 13 irmãos que servissem cada ano não podiam ser obrigados a terem hospedes, conforme os antigos privilégios, que deviam ser guardados.

A primeira doação feita á Misericórdia de Ponta Delgada, que consta do Livro 1º do Tombo do arquivo daquela Santa Casa : « Saibão quantos este instrumento de doação virem que no ano do nascimento de nosso

Senhor Jesus cristo de mil quinhentos e dezassete anos, aos doze dias do mês de Agosto do dito ano, em Vila de Ponta Delgada da Ilha de S. Miguel nas casas de morada de Catharina Rodrigues, Dona Mulher que foi de Nuno Gonçalves que Deus haja.....que ela tinha umas terras no termo da Vila Franca, de nove moios.....que tudo doava para a confraria e obras da Santa Misericórdia desta Villa de Ponta Delgada.....».

Por tudo isto nos parece, como mais provável, que a constituição da Misericórdia de Ponta Delgada se desse entre 1504 e 1513.

Como vimos nos documento citados são referidos dois dos primeiros Provedores: Gaspar de Viveiros em 1513 e António Borges em 1537.

No Arquivo da Santa Casa existe um livro designado por " Primeiro Livro da Irmandade, 1576-1616 " onde estão registados, nas primeiras folhas os nomes dos primeiros irmãos, desde a sua formação, parece- nos que estão, mais ou menos por ordem cronológica. O que nos parece certo é que são todos anteriores a 1576 e , conforme o indicado no respectivo livro, pela letra "F" colocada antes de cada nome, a grande maioria já teria falecido em 1576; (Nota do DR. Hugo Moreira: Rodrigo Rodrigues na cópia que fez deste livro, e que se perdeu, escreveu, entre outras notas à margem, que estes nomes são muito anteriores a 1570). Irmãos contados até 1576, altura em que o livro começou a ser escrito, são 439, sendo 19 mulheres; a partir de 1576 foram aceites como irmãos 248, sendo 5 mulheres. Temos, portanto que durante o século XVI foi de 687 o total de irmãos da Misericórdia de Ponta Delgada, sendo 24 do sexo feminino.

Não sabemos quantos irmãos formavam a Irmandade no início, mas calculamos que fossem os mesmos cem da Misericórdia de Lisboa e o seu número aumentou rapidamente, atingido segundo nos parece os 600, mas em 27 de Março de 1654, conforme disposição régia de 1613, e a

pedido da mesma, a irmandade foi reduzida: « que levados do zelo do bem redito e aumento desta casa puseram e deram a execução a dita Provisão Real sendo para a tal fação há tantos alcançada, sem que houvesse no decurso deles quem reduzisse a dita Irmandade a limpeza, perfeição numero e reformação.....». Nessa data ficaram 120 irmãos de maior condição e 120 de menor. Era então Provedor o Capitão Gaspar de Medeiros de Sousa, conforme consta do Livro do Tombo, a folhas 186, do arquivo da Misericórdia de Ponta Delgada.

No arquivo da Misericórdia de Ponta Delgada encontramos livros designados por: " Livros de receita e despesa ", que respeitam ao século XVI; o primeiro refere-se ao ano de 1560-61 e o último ao de 1599-1600. Estes livros começam no dia primeiro do mês de julho e terminam a 30 de Junho do ano seguinte.

As rubricas são normalmente, conforme as do livro que respeita ao ano de 1577, as seguintes: 1) Na primeira página encontra-se a constituição da mesa da Santa Casa: a) Provedor. b) Escrivão. c) Conselheiros. d)" Repartição dos irmãos nos meses que vão servir".

2) Índice dos capítulos e respetiva paginação:

- Receita ..... Pag. 5
-Despesa ..... Pag. 30
-Receita do trigo ..... Pag. 72
-Despesa do trigo ..... Pag. 77
- Pessoas providas de pão, dinheiro e trigo ..... Pag. 82
-Pessoas providas de fato ..... Pag. 90
-Inventário das camas e roupa ..... Pag. 93
-Título das cousas da igreja ..... Pag. 103
- Título dos defuntos que enterra o auto ..... Pag. 108

- Título dos irmãos que enterra o auto ..... Pag. 114
- Titulo dos pedidores das portas ..... Pag. 115
- Titulo dos pedidores dos lugares e das vilas ..... Pag. 117
- Titulo das pessoas que recolhe a casa para curar ..... Pag. 119
- Titulo da renda de trigo, vinho e galinhas que tem a casa .... Pag. 124
- Do vinho ..... Pag. 132
- Dos presos que a casa ajuda ..... Pag. 133

No " Livro da Receita e despesa do Anno de 1587 ate dia de Sancta Isabel do anno de 1588 " encontra-se descrita a constituição da Misericórdia da seguinte forma :

Provedor o Licenciado Bartolomeu de Frias; escrivão da casa, Francisco Lobo.

Conselheiros

Gaspar de Brum da Silveira ; Paulo Antonio; Manuel da Fonseca Falcão; Pero Chales; Francisco Lobo; Matheus Correa; João Moniz, alfaiate; Sebastião Alvares, Belchior Gonçalves; Belchior Gonçalves, torneiro.

Partição dos meses

Gaspar de Brum da Silveira e Mateus Correa ..... Julho e Janeiro.
Paulo Antonio e João Martins ..... Agosto e fevereiro.
Paulo Antonio e G. Manuel ..... Setembro e Março.
Manuel da Fonseca e Sebastião Alvares ..... Outubro e Abril
Pero Chales e Belchior Gonçalves, ? ..... Novembro e Mayo
Francisco Lobo e Belchior Gonçalves ..... Dezembro e Junho

Serventes da Casa

Gonçalo Affonso; Jerónimo Vaz; Francisco Gonçalves; Manuel Costa; Jerónimo Affonso; Maria Gonçalves; Isabel Moniz, enfermeira; Anna Roiz, cozinheira; Isabel Manoel, amassadeira; Anna Gonçalves, lavadeira.

O Licenciado Diogo Dias, físico da casa. Já no ano de 1575 aparece o mesmo físico, com o mesmo ordenado de 6000 reis anuais.

Manuel Pires, cirurgião.

O procurador da casa, Jeronimo Moreira.

Gaspar Miranda, solicitador.

Salvador Francisco, Capelão-Mor.

Francisco da Cunha, Capelão.

Cosme Nogueira, Capelão

Francisco das Povoas, Capelão.

Gabriel Francisco, Capelão.

Embora a Santa Casa tenha sido considerada rica nem sempre, as receitas e despesas, registadas nos livros do seu arquivo, desde o ano de 1560, pois para trás nada consegui encontrar, vão nesse sentido. No ano de 1578-79 o saldo foi negativo em 40$636 reis. Nesses anos o trigo rendeu 60 moios e o vinho 6 pipas e dois quartos.

No primeiro livro de receita e despesa, de 1560-61, quando era provedor Francisco de Arruda e escrivão Baltazar Rebelo, a receita foi de 197.698 reis e a despesa de 209.429 reis.

No ano de 1570-71 , era provedor o licenciado Bartolomeu de Frias e escrivão Francisco Lobo, a receita foi de 239.246 reis e a despesa de 383.573. Nesse ano o Capelão- Mor recebia de ordenado 10.000 reis e os restantes contratados conforme consta desse livro :

Físico- Diogo Dias, com o ordenado de 6.000 reis.

Sangrador- Manuel Fernandes com o ordenado de 1.000 reis.

Cirurgião- Francisco Preto, ordenado de 6.000 reis.
Amassadeira- Barbara Pires 2.400 reis.
Ama da casa- Ordenado de 1.700 reis.

Conforme neste livro se pode ver as receitas são: 1) Esmolas de irmãos ou outros quando do enterramento de familiares. 2) Esmolas da bula. 3) Outras esmolas. 4) Rendas de bens e foros da Misericórdia:“ carrego em receita três mil reis os quais entrarão dos corenta alqueires de trigo que devia a terra da travessa de Samgonçalo e os pagarão os oleiros rendeiros da dita terra”. 5) Esmolas dos que eram aceites como irmãos. 7) Esmolas recolhidas pelos pedidores. 8) Esmolas de doentes e defuntos tratados pela Santa Casa: “ carrego em receita 1.400 reis os quais deixou a casa pera os pobres Ines Lagarta que faleceu na casa”. 10) “ carrego em receita 1.500 reis tantos são do asno que se vendeo pelo este preço por ser manco e não aver quem mais desse por ele”. 11) “ carrego em receita 1.600 reis os quais derão os officiais da camara para o azeite para a procissão...”. 12) Carrego em receita 20.000 reis que tantos pagou Maria Simoa molher de Barão Jacome Rapozo da obrigação do testamento de seu marido os quoais deo por seu mandado....se meterão na arca do tezouro”. 13) Outras esmolas: “Carrego em receita 8.696 de 13 quintais de pastel granado que se tiverão de esmolas e se venderão .....”.

Quanto às despesas: 1) Uma verba importante era periodicamente entregue aos mordomos de serviço para despesas da casa e para pagarem a botica. 2) Outras: “ Lanço em despesa 300 reis que se derão aos serradores que serrarão os paus para forrar a despensa. 3) “ Lanço em despesa 3.200 reis com que se comprou uma peça de pano de Londres com que se vestirão pessoas pobres”; “ Lanço em despesas 2.600 reis quantos custou hum asno aparelhado que se comprou a João da Costa para serviço da casa”.5) Milreis de ordenado da lavadeira da casa; “ Lanço em despesas

mil reis que se pagarão ao boticario da Ribeira Grande das mezinhas que deu sendo provedor Francisco d´Arruda para uma moça doente que faleceu na Ribeira Grande a qual curava o doutor Gaspar Gonçalves que tantos se liquidarão pelas receitas pelo bacharel Diogo Dias".6) " Lanço em despesas 200 reis que se derão ao pedidor da Ribeira Grande para uma mulher pobre".7) Despesas com o pessoal, alguns permanentes outros não: " Lanço em despesas a 20 de Dezembro 2.000 reis tantos se derão a Salvador Francisco Capelão- Mor da casa de 20 missas que na casa os capelãis....."; " Lanço em despesas 240 reis que se derão a mulata de Sebastião Roiz pera alimentos da menina que cria da mulher doente de Santa Clara"; 800 reis dados ao tangedor de orgãos; " Lanço em despesas 2.000 reis que mandou dar o provedor para... furtos dos prezos que forão por apelação ao dezembragador à Terceira"; " Lanço em despesas 400 reis tantos mandou pagar o sr. provedor a mestre Francisco Preto das sangrias que fez na casa depois que enfermou Manoel Fernandez sangrador".

Do mesmo livro, do ano de 1570-71, consta (Pag. 119) " Pedidores para o vinho: Gonçalo Pires Leal nas vinhas de cima e Francisco Gil ; Gonçalo Pires e Manoel Fernandez para pedirem por baixo; Em Rosto de Cão Jorge Fernandez; na Vila da Lagoa Domingos d´Aguiar escrivam da Câmara".

No mesmo livro, Pag 85, consta: " Inventário das cousas da sacristia, prata e ornamentos que entregou o padre Luís Cabral e se entregarão ao padre Pero d´Araujo": Hum turibulo de prata com a sua caixa; uma poma de prata com a sua cruzeta e caixa; um calice dourado de prata; um calice branco de prata; uma naveta de prata com sua colher de prata; um missal grande; dois missais pequenos; um passonario; dois livros de canto que estão no coro; um bautisterio; quatro pedras de ara; um antifonano manual; três corporais; uma buceta de ostias; umas tezouras; seis galhe-

tas; um frontal de cetim azul e vermelho; um frotal de pano azul; um frontal de branco e vermelho; três toalhas dobradas do altar mor; duas toalhas do altar ...singelas; uma toalha grande de seda verde e vermelha; duas do sacramento; nove toalhas de mãos grandes e pequenas com franjas e sem elas; uma de rede; um pano pintado da cruz; um veo de Ecce Homo; uma escova; uma bolsa dourada; duas goardas da Holanda uma verde outra de vermelho; quatro corporais; dois fruteiros; três guardas mesas do altar que se pregão no altar; quatro guardas com que se cobrem os corporais; umas guardas de franja azul ao redor; um paleo de damasco vermelho com suas varas; um menino de...com um saio e duas camisas; uma vestimenta de veludo carmesim; uma vestimenta de chamalote preto e outra de vermelho; uma vestimenta de cetim amarelo; uma vestimenta de chamalote preto de sanastros de veludo vermelho; um frontal de chamalote preto; um manto de seda da Índia; um pano de pulpeto preto; um pano da estante do altar de chamalote preto; umas cortinas azuis; umas cortinas vermelhas de sarja acabadas; umas cortinas brancas; dois castiçais de estanho; quatro castiçais de latão grandes.

No ano de 1572-73, era provedor Pero Castanho e escrivão Cristóvão Dias, a receita foi de 725.240 reis e a despesa de 699.620 reis. Teve portanto um saldo positivo de 26.620 reis. A 18 de Março foi lançada a despesa de 4.000 reis gastos na compra de 8 arrobas de azeite. A 31 de Março " lanço em despesa 1.000 reis que custarão seis canudos de antona que se deram para o casamento de Beatriz Mendes órfã que casou a confraria... este ano".

No ano de 1574-75 a receita foi de 566.957 reis. e a despesa de 560.515 reis.

No ano de 1575-76 a receita foi de 461.700 reis. e a despesa de 486.043 reis. Cada irmão membro da mesa pagou do seu bolso 4366 reis.

No ano de 1577-78, era provedor o Capitão do Donatário Rui Gonçalves da Câmara e escrivão Francisco Lobo, as receitas form. de 450.666 reis e as despesas de 493.006 reis.

Na Pag. 30-verso: " Lanço mais em despesa 4.000 reis tantos se gastaram e fica a casa devendo a Francisco Lobo que os emprestou por não aver dinheiro na casa".

Na pag. 32: " Disseram os mordomos que gastaram mais da sua bolsa que lhes ficam devendo a casa 7.000 reis".

No ano de 1578-79 o saldo foi negativo em cerca de 40.000 reis. Nesse ano o trigo rendeu 60 moios e o vinho 6 pipas e dois quartos.

No ano de 1579-80, era provedor João de Brum e escrivão Gaspar Dias, as receitas foram de 662.320 reis e as despesas de 662. 326 reis. O fisico Diogo Dias continua a aparecer com o ordenado de 6.000 reis anuais.

Nos anos de 1580-81 tiveram as seguintes receitas: esmolas-131$376; laudémios 20$000; enterros 22$660; peditórios 23$220; bula 11$o54; rendas 52$400; foros 16$890; pastel 103$570; trigo 94$230; rendas das terras, artigos usados e doces 4$380; obrigações testamenteiras 5$140, mesa 1$630; novos irmãos 15$000; esmolas para obras 60$000; vereadores da Câmara 12$000. Num total que se aproximava dos 600$000 reis, em que as esmolas representam a grande fatia das receitas arrecadadas.

Nas despesas aparecem entre outras: ordenados 28$340; Gastos dos mordomos com os pobres da Casa 22$800. Este período foi deficitário.

No ano de 1584 está lançada a receita de 15.200 reis. pagos pelo pagador dos soldados do Castelo, Jhoam de ?, do ordenado dos meses de Setembro e Outubro para ajuda do custo dos mesmos soldados. Em Novembro esta receita foi de 7.600 "esmola dos soldados" e no mês de Dezembro foi de 7.200; em Janeiro de 8.000; Fevereiro 6.000; Março

7.480 mais 760 reis.; Abril 6.400; Maio « Carrego em receita 7.480 reis. que tantos entregou nesta mesa Baltazar de Armenteiros em nome de Joham de C.....»; Junho 7.400.

Neste ano de 1584-85 a receita somou um conto cento e noventa e dois mil, duzentos e noventa e nove reis-1.192.299 reis- . Como se vê foi superior a outros anos, penso que deve ter sido por terem sido, nesse ano, dadas muitas e vultuosas esmolas para a obra da Igreja nova. Só da mesa da Misericórdia, da qual era provedor António Brum da Silveira, no mês de Junho de 85, está lançada a esmola de 96000 reis.; no mesmo mês, do Sr. Conde, a esmola de 30.000 reis e muitas outras para esse mesmo fim.

Nesse mês a despesa total com a Igreja nova foi de 655.220 reis.

No mesmo livro e na página 49 foram lançados 2.240 reis que se gastaram com as amêndoas para os doentes. No mês de Outubro pagaram-se a boticário 7.500 reis « das mesinhas e purgas». A despesa total do ano com a botica foi de 57.080 reis.

Nesse ano foi lançada a despesa de 6.000 reis « do seu ordenado de curar » a Salvador Andrade, cirurgião e a mesma quantia foi paga ao físico da casa, ? (pag. 124). O capelão- mor recebeu de ordenado 11.000 reis. Simão Luz, sangrador , recebeu 1600 reis. A despesa somou nesse ano 1.192.259 reis, sendo uma parte importante gasta com a obra da Igreja nova. O saldo de 1584-5 foi positivo em 40 reis.

No livro de receitas e despesas de 1589-90, quando era provedor Francisco de Arruda da Costa, podemos ver que o físico da casa continua a ser o Licenciado Diogo Dias; sangrador Manuel Pires, dos portugueses; sangrador dos soldados ? Domingos; capelão- mor Salvador Francisco; solicitador Gaspar Miranda.

Nesse ano continuam as receitas dos soldados; Julho-6.820 reis; Agosto-6.700; Setembro-6.670; Outubro 6.800; Novembro 6.640;

Dezembro-6.640; Janeiro-6.640; Fevereiro 6.600; Março-6560; Abril-7.000; Maio-6.480; Junho-6.900. No total de 80.450 reis.

O total da receita desse ano foi de 946.090 reis e nela já não encontramos esmolas para obras da Igreja como no ano de 1585.

Nas despesas vê-se que o físico Diogo Dias continua a receber os 6.000 reis para curar os doentes da casa; o sangrador recebeu 2.400 reis; o capelão-mor recebeu 20.000 reis; o cirurgião, Manuel Pires, 6.000 reis. A despesa total desse ano foi de 948.040 reis, ficando portanto um saldo negativo de 2.040 reis.

Em 1613 a requerimento da Confraria: " foi exarado um alvará, em que foi determinado ao provedor e aos irmãos que dali em diante servirem que não arrendem as terras de antemão, nem à conta delas peçam dinheiro algum, nem façam mais despesa que do que aquela que poderá ser suprida com as rendas da Santa Casa ou as esmolas que conseguirem, sob pena de pagarem de suas fazendas tudo o que a mais despenderem." (livro de registo a ps. 185-verso).

Deste livro transcrevemos algumas das receitas e despesas que foram "carregadas", pelo interesse que julgamos que têm: « Carrego em receita sete mil e quarenta reis Tantos deu Baltazar Armenteiros para provimento dos castelhanos soldados que se curam na casa».

« Carrego em receita oitocentos reis que tantos deu Gaspar de Brum da Silveira ». do mês de julho desse ano as outras receitas, que vieram dos peditórios e esmolas, somaram- três mil e quatro centos e setenta reis-.

No mês de Agosto consta: «carrego em receita trinta e outo mil quatrocentos e quarenta reis que mandou dar o marquês de Santa Cruz e ainda dos enfermos da armada que recolheu a casa».

« Carrego em receita três mil e oitocentos e dez reis tantos quantos deu de esmola à casa Miguel ? francês que faleceu na casa».

« Carrego mais dois mil setecentos e oitenta reis que trouxerão de esmola nos navios da armada».

« Carrego em receita quinhentos reis quantos pagou Nicolau Gomes do enterramento de Diogo Pires».

Neste mês de Agosto as receitas totais somaram- cinquenta e oito mil setecentos e noventa e cinco reis.

As esmolas feitas pelas despesas com os soldados espanhóis continuaram e foram, durante o ano de 1587 e até junho de 1588, representando a parte mais importante das receitas entradas.

Quanto às despesas : « lanço em despesa dez mil e quinhentos e trinta reis quantos derão em despesa os mordomos do mes de Julho que gastaram na casa com os pobres e enfermos».

No mês de Agosto as despesas referidas são : « Lanço na despesa quatro mil e quinhentos reis quantos se pagaram a Januário Fernandes, boticário, das mezinhas que deu perra os enfermos ». As despesas desse mês somaram cinquenta e nove mil e quinhentos e noventa e cinco reis e como as receitas tinham sido de cinquenta e oito mil setecentos e noventa e cinco reis o saldo é de zero!

Em Janeiro de 1587 : « Lanço em despesa dois milreis que se deram da arca a Manuel Pires cirurgião da casa por conta do seu ordenado de curar».

Em Março : « Lanço em despesa que se tiraram da arca e se pagaram a mandado do provedor mil reis os quais se pagarão a Baltazar Gomes tangedor dos orgãos a conta do seu ordenado ».

Em Junho : « Lanço em despesa mil e duzentos reis que se pagaram do aluguer da casa em que vive a mulher de João Jorge por ser pobre».

« Lanço a despesa de cinco mil e quatrocentos reis que tantos se tiraram da arca do tezouro e se deram ao padre Andre Barbosa beneficiado na igreja matriz das duas capelas que se acabou neste mes de junho ?

Isabel hua pela alma de Belchior Roiz escrivão da câmara e outra pela alma de Guiomar Alvares».

« Lanço em despesa quatro mil reis que tanto se derão a Manuel Pires cirurgião da casa com os quais ficou pago dos seis mil reis do seu ordenado».

« Lanço em despesa seis mil reis quantos se tiraram da arca do tezouro e se deram ao Licenciado Diogo Dias fisico da casa do seu ordenado»

Nesse ano entrou na Santa Casa " cinquenta e oito moios e quarenta e seis alqueires de trigo". " Soma a despesa do trigo, produto de dadas, muitas delas obrigadas por testamentos, ou de rendas de propriedades da Misericórdia, cinquenta e cinco moios e sete alqueires de trigo. « fiqou na casa corenta alqueires entre trigo e farinha»." Por vir o trigo muito lento ao granel teve muita quebra".

Neste livro de receita e despesa do ano de 1587, na pag. 59, temos "Titulo das pessoas que são providas de esmolas de pão, trigo e dinheiro": Trinta e seis recebem ao todo : 61 pães por dia, e 12 destas recebem cerca de 300 reis por semana (20 a 30 reis por semana). Uma lista de 10 pessoas recebem 22 alqueires de trigo por mês (2 a 3 alqueires por mês).

São ainda dadas de trigo, farinha e dinheiro a outras pessoas, mas sem regularidade, como por exemplo " As Ledas foram providas de dois alqueires de trigo pela Festa." São ao todo 11 dadas, no total de: 7 alqueires de trigo; 60 reis e 1 tostão. Na mesma folha aparecem mais sete pessoas a receber os totais de : 12 pães por dia e oitenta reis por semana.

Na página 71 deste mesmo livro encontramos " Titulo das pessoas providas de fato ": Gaspar Roiz de Sousa ouve de esmola um roupão de cach...".No total de 25 pessoas, a maioria "por ser pobre".

Nesse ano foram recolhidas " Titulo das pessoas que se recolheu na casa para curar": " Na enfermaria dos velhos": 3 do sexo masculino e 5 do feminino. " Na enfermaria dos homens": 46 , entre os quais muitos

estrangeiros (soldados espanhóis), o Mezas, espanhol, e das outras ilhas: da Terceira (Mateus Francisco, boticário e outros), de Santa Maria (Agostinho de Seixas ?), da Graciosa (Domingos Lopes e outros). Do sexo feminino foram internadas 31 doentes. Numa rúbrica à parte temos 48 " enfermos da armada".

Ao todo foram internados no Hospital da Misericórdia de Ponta Delgada no ano de 1587, 133 doentes de várias ilhas, alguns estrangeiros e em maior número do sexo masculino, julgo que devido ao grande número de soldados do exército e da armada. Normalmente dos internados uma parte significativa era de fora da Ilha. No ano de 1574-75 «dos que se recolheram nesta casa para se curarem este ano de 1574», que foram em número de 83, 22 eram de fora: 1 era de Porto Santo; 1 do Brasil; 2 da Terceira; 1 de Lisboa; 1 piloto de navio: 2 da Graciosa; 1 de Santiago; 1 da Vila da Praia; 1 do Perú; 1 de S. Jorge; 1 de Santa Maria; 1 de Cabo Verde; 2 de Aveiro; 1 de Viana; 1 do Faial e 5 vieram num galeâo. Dos 83 faleceram 12.

A Misericórdia de Ponta Delgada enviava, por vezes doentes para as termas ou caldas das Furnas; a primeira notícia sobre isso aparece no ano de 1574: « Hieronimo de Lisboa mulato aleijado se recolheu aqui por o deitarem fora os marinheiros com sua mãe que estava doente e faleceu na casa. Veio do Brasil. Vai se curar às caldas".

Nesse ano a Misericórdia enterrou 99 pessoas de ambos os sexos. Alguns destes foram: António de Brum a 11- 7-1587 ; Agostinho de Seixas a 12-8-1587; Maria Gonçalves, preta, a 3-9-1587; António Machado, em 20-1-1588; António Borges, irmão da casa, em 23-4-1588. Como se pode ver para além de irmãos da Misericórdia e seus familiares, foram enterrados outros por serem pobres e alguns, poucos, que davam esmola para o serem, como sucedeu com Belchior Roiz do maranhão, que enterrou a filha e deu de esmola quatro arráteis de linho.

“ Inventario das camas e roupa da casa que carrega sobre a enfermeira Isabel Moniz: (pag.103)

Na enfermaria da “banda do norte” nove camas tem os seus proprietários: « A primeira cama da banda do norte que se diz de Dona Isabel junto a porta da capela tem sua corrediça, travesseiro e fronha e duas almofadinhas enfronhadas, um cobertor azul e dois colchões».As outra são de : António Enes dos Mosteiros; Beatriz Roiz, Jorge Nunes; António Borges, Sebastião Luís; Francisco Orelhudo, Francisco Mendes e Beatriz da Costa.

“ Camas da banda do sul “: « A primeira cama da banda do sul na enfermaria dos homens entre a capela e a porta tem letreiro que diz “ Gaspar Dias e Ana de Medeiros”.....». As outras são de: Manuel Dias, da casa são as outras três (esta é a enfermaria dos homens).” Camas da enfermaria das mulheres”(da banda do norte) :São cinco camas, das quais três pertencem à casa, as outras: a segunda pertence a Gaspar de Leme e a terceira a Manuel de Viveiros. “ Camas na enfermaria das mulheres da parte do sul “: São cinco camas, as quais são todas da casa. “ Enfermaria dos castelhanos “: « Da enfermaria da loge onde estão os castelhanos ha seis camas em seis catres e tem seis colchões e seis enxergões, cinco lençois, tres travesseiros enfronhados e um pano encerado dos suadouros».

O Hospital da Misericórdia de Ponta Delgada, nessa época tinha cinco enfermarias e um total de 30 camas. Prestava serviços de internamento a pobres e ricos, não só de Ponta Delgada, mas também de toda a ilha de S. Miguel e de outras ilhas. Alguns desses serviços eram pagos, como sucedeu na época do domínio espanhol, em que os soldados espanhóis eram clientes frequentes do estabelecimento. Algumas das camas tinham sido doadas por irmãos que as mantinham e que eram normalmente gente importante. (alguns dos que aqui vimos são dos primeiros povoadores e fidalgos).

Na página 116 do mesmo livro temos: “Titulo dos pedidores da casa e de fora”:

João Roiz, tecelão na rua da cruz, pedidor da Misericórdia.
Gaspar Raiz, carpinteiro, pedidor da Misericórdia.
António Gonçalves Ruivo, pedidor da Misericórdia.
Rodrigo da Costa, pedidor da Misericórdia.
Belchior Pires, tocador, pedidor da Misericórdia.
Marcos da Costa, pedidor da Misericórdia.
João Roiz, serralheiro, pedidor da Misericórdia.
João Francisco, barbeiro, pedidor dos presos.
João Nobre, pedidor dos presos.
Gaspar Fernandes, pedidor dos presos.

Lázaros:

Hub filho de Tomé Lopes , da Calheta.
Bartolomeu Gonçalves, carpinteiro.
João Gonçalves, o galego.
Sebastião Luís, tanoeiro.
Francisco Nunes.
Gaspar Nunes, penitente.

Na lista dos presos que a misericórdia ajudava constam 13 pessoas, sendo duas do sexo feminino, uma das quais estava presa juntamente com o marido. (pa.119)

Ordenados no ano de 1588

Francisco das Povoas, capelão da casa ..... Dois milreis.
Isabel Manuel, amassadeira ..... Dois mil e seiscentos reis.
Manuel Pires, cirurgião da casa ..... Seis milreis.
Licenciado Diogo Dias, fisico da casa ..... Seis milreis.
Gaspar Miranda, procurador da casa ..... Três milreis.

Padre Salvador Francisco, Capelão-Mor da casa ..... Doze milreis.

Bar Gomes, tangedor de orgão ..... Dois milreis.

- No ano de 1591, era provedor Dom Manuel Gouveia, Bispo de Angra, e escrivão Francisco Lobo. Neste ano a receita foi de 431.118 reis e a despesa de 495.100 reis.

No livro desse ano Pag.35-verso: " Lanço em despesa 1.000 reis que se deram a Francisco das Povoas cantor da casa".

Boticário João Fernandez; na pag. 40: "Lanço em despesa 7.000 reis quantos se derão a Alvaro Moniz pedreiro para fazer..... de Santa Barbara que cahio com o tremor".

Cirurgião da casa - Mestre Manoel com o soldo de 6.000 reis.

Capelão mor da casa- Padre Salvador Francisco com o ordenado de 20.000 reis.

Físico da casa- Licenciado Diodo Dias com o soldo de 6.000 reis

Pag. 44: " lanço em despesa 3.200 que custou 1 arroba de cera pera a casa"; " ....12.100 reis tantos se pagarão a Diogo Mendes sindico dos padres de S. Francisco".

Sangrador-barbeiro da casa- Antonio L. com o ordenado de um ano de 2.400 reis.

Cozinheira de serviço- Ines Pires recebeu 3.000 reis por 1 ano de serviço.

Enfermeira da casa- Jeronima Silvestre como ordenado de 3.000 reis.

" Lanço em despesa 6.000 reis que se pagarão a Antonio de Gois cantor do seu soldo."

"Foram pagos 30.000 reis por sete peças de pano e uma de sarja....."

No ano de 1593, era provedor o Licenciado.....de Frias e escrivão António das Povoas, a receita foi de 642.985 reis e a despesa de 664. 901 reis.

No ano de 1598, era provedor Gaspar Dias e escrivão o Licenciado João Moreira.

Era o físico da casa o Licenciado Gaspar Gomez com o ordenado de 12.000 reis; cirurgião mestre Manuel Pires com o ordenado de 6.000 reis; sangrador António Francisco.

Nesse ano a receita foi de 783.170 reis e a despesa de 783.220 reis.

No ano de 1599-60, era provedor Gaspar Dias e escrivão o Licenciado João Moreira. O físico da casa era o Licenciado Gaspar Gomez; cirurgião mestre Manuel Pires; sangrador António Francisco. Nesse ano a receita foi de 773.100 reis e a despesa de 773.960 reis.

Neste último ano do século XVI foram lançadas esmolas destinadas à obra da nova Igreja.

Do " Livro antigo dos contractos da casa, 1576 ":

Obrigação do Capelão Mor, Sebastião Fernandez

Em os dez dias do mes de Julho de 1575 na casa da misericordia e consistorio dela estando ai na mesa o Sr. Aires Jacome Correa como provedor da dita casa e mais conselheiros pareceu o padre Sebastião Fernandes.....e foi contente de servir na dita casa de Capelão Mor e ter a cargo os enterramentos e sacristia e mais obrigações da Igreja e cantar a capela das quartas feiras ele o aceitou fazer assim da maneira que o fez ate agora e melhor se pode fazer consolando os enfermos da casa confessando e sacramentado e por isso servir ate ao dia de Santa Isabel do ano de 1576 e a casa lhe dara de ordenado 10.000 reis em dinheiro e a casa e achando se outra melhor se lhe dara perto da casa".

Contrato de Ana Franca, a lavadeira

Em os dez dias do mes de julho de 1575 na casa da misercordia na mesa do consistorio.....pareceu Anna Franca com a qual se tratou que

lavaria toda a roupa das pessoas da casa e enfermos e roupa da igreja e sacristia por tempo de um anno que se acabaria no dia de Santa Isabel do anno de 1576 e ela aceitou fazer de boa vontade e com toda a limpesa e deligencia e se lhe dara cinza para as barrelas e sabão para a roupa da igreja o senhor provedor prometeu dar 2.600 reis e se davam na casa dois p.....cada dia....."

Contrato com Isabel Dias, amassadeira

Em os dez dias do mes de Julho de 1575 na casa da misericordia no consistorio.....se contratou com Isabel Dias moradora na rua do Maranhão para aver de amassadeira na casa e fazer todo o serviço do forno amassar e peneirar e todo.....a casa do forno e amassaria e ela acertou fazer bem..... com toda a deligencia e limpeza como ate agora fez e fara ate ao dia de Santa Isabel do anno de 1576.....o senhor provedor que prometeo mandar dar por o dito serviço 3.000 reis em dinheiro contado.."

Assento com Simão Ferreira, solicitador da casa

Em os vinte sete dias de Outubro de 1577 na casa da misericordia da cidade de Ponta Delgada ..... estando na mesa o mui ilustre Sr. Rui Gonçalves da Camara provedor e os conselheiros se tomou assento com Simão Ferreira solicitador para haver de solicitar as demandas e fazenda da casa ate dia de Santa Isabel do ano de 1578 em tudo o que lhe for mandado sobre arrecadação das dividas e demandas e todos os mais negocios tocantes a casa ele aceitou fazer..... e pelo trabalho lhe mandava pagar o Sr. provedor 4.000 reis e os pagarão com trigo ou em dinheiro "

Quitação que deu mestre Francisco Preto, cirurgião

"Em os dois dias de Julho de 1578.....se pagarão a Francisco Preto cirurgião da casa seis mil reis em dinheiro os quais recebeu da tença que tem da casa em cada um anno por curar os pobres da casa... "

Quitação que deu o Licenciado Diogo Dias, físico da casa

"Em os dois dias do mes de Julho de 1578 na casa da misericordia.....senhor provedor mandou pagar ao Licenciado Diogo Dias fisico da casa 6.000 reis em dinheiro que lhe dão de tença em cada um anno na dita casa por curar os pobres... "

Contrato com Manuel Pires, Cirurgião

" Aos 12 dias do mês de Julho do ano de 1577 na casa da Misericórdia .....Compareceu Manuel Pires cirurgião que na dita casa curou no tempo atrás e aceitou servir e aceitou servir na dita casa cirurgião ate ao dia de Santa Isabel do ano de 1588 com o soldo de seis mil reis por ano assim da maneira que serviu o ano atras com a obrigacão que têm os cirurgiões...."

Contrato com o Sangrador

"Aos 12 dias do mês de Julho do ano de 1577.....a Simão Alvares sangrador para sangrar e barbear os enfermos e pobres da dita casa o que ele aceitou fazer ate ao dia de Santa Isabel do ano de 1588 por preço de Simão Alvares e merecendo mais o deixou de esmola aos pobres da casa e se obrigou a fazer bem e com toda a deligência....."

.....obrigação de Isabel Moniz enfermeira

" Aos 13 dias do mês de Julho do ano de 1577.....foi chamada à mesa Isabel Moniz moradora na dita cidade e o Sr. provedor contratou com ela para servira dita casa de enfermeira tendo todas as obrigações de limpeza e fidelidade e guarda da roupa ate ao dia de Santa Isabel do ano de 1588 para o que lhe mandou pagar 2.000 reis.....".

Maria Dias contratada como Enfermeira a 5 de Agosto de 1565 com o oedenado de 2$600 reis.

Em 1613 a requerimento da Confraria foi exarado um alvará: " Em que foi determinado ao provedor e aos irmãos que dali em diante ser-

virem que não arrendem as terras de ante-mão, nem à conta delas pessam dinheiro algum, nem façam mais despeza que do que aquela que poderá ser suprida com as rendas da Santa Casa ou as esmolas que conseguirem, sob pena de pagarem de suas fazendas tudo o que a mais despenderem".[15]

- Lista dos primeiros irmãos da Misericórdia de Ponta Delgada, desde a sua criação até ao fim do século XVI, conforme o Primeiro Livro da Irmandade:
- Mor Enes ,mulher de João Moreno (alguém escreveu por cima- mãe da-).[16]
- João Marques, carpinteiro.
- Bartolomeu Sanhudo
- Francisco Fernandez.
- Sebastião Gil, sapateiro
- Gonçalo Pires , alfaiate.
- Domingos Gomes , currador.
- [17]Gaspar de Bettencourt (Betencor).

---

15 Livro de Registo da Santa Casa da Misericórdia, pág. 185-verso.

16 Gaspar Fructuoso, L.4º, v.2º, p.245, refere uma : "Maria Anes, mulher de João Moreno, bisavô do chançarel Belchior Gonçalves, que viveu 108 anos e tinha muitos filhos, netos, bisnetos e tresnetos.....era velha, muito virtuosa e devota, de muitas esmolas.». A pág. 78 do 1º vol. diz que Gabriel Afonso, filho de Afonso Anes da Costa, casou com Gilia Soares e teve um filho João Soares, que morou nos Mosteiros e casou com Mór Gil filha de Gil Vaz e de Maria Anes, filha de João Moreno.

17 Gaspar de Bettencourt (Betencor) era filho de Henrique de Bettencourt e de sua sobrinha Margarida de Bettencourt. Veio da Madeira para S. Miguel para herdar um vínculo de sua tia Maria de Bettencourt, mulher do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, que não teve filhos legítimos. O pai Henrique viveu nas Canárias com seu irmão Mathiew. Foi fidalgo-escudeiro por alvará de 12-5-1521. Casou em 1511, em casa de D. Violante, mulher do Conde da Castanheira e prima com irmã de sua mulher, Guiomar de Sá, dama do paço que testou em 1-8-1543 e faleceu em 1547. Gaspar de Bettencourt e a mulher doaram o terreno onde foi construído o Convento de S. Francisco, para onde no século XIX foi transferida a Santa Casa da Misericórdia. Foi Provedor em 1564-1565.

- [18][19]J[20]João da Castanheira.
- [21] Aires Pires.
- Pero Lopes, pescador.

  Jorge Gonçalves.[22]

  João Roiz, escrivão da Câmara

  João Gonçalves, pedreiro.

  Antão Roiz , sapateiro.

  Afonso Annes, de Almada[23].

  João Afonso Cadimo[24].

  Gaspar de Viveiros[25]

---

18 Foi um dos primeiros 19 povoadores de Santa Maria para onde veio antes de 1472, no tempo do segundo Capitão do Donatário, João Soares de Albergaria, onde teve dadas de terras, que vendeu quando veio para S. Miguel. Era loco-tenente do Capitão e desempenhava as funções deste quando ali aportou Cristovão Colombo em 1493 (Arq. dos açores, vº 1º, p. 325).

19 Depois foi um dos primeiros povoadores de S. Miguel. Foi o primeiro juiz nomeado pela Câmara de Ponta Delgada, quando foi eleito vereador em 1499.

20 Teve uma filha de Matos que casou com Fernão de Quental, que foi Ouvidor do Capitão Rui Gonçalves da Câmara.

21 Aires Pires

22 Jorge Gonçalves o cavaleiro, da ribeira Grande, pai de Catarina Jorge casada com João Cabral.

23 Afonso Annes em 1533 era vereador da Vila de Ponta Delgada, juntamente com Álvaro Lopes, o cavaleiro de Santo António. Era procurador dos misteres, juntamente com Álvaro de Miranda (G.F., Lº4º, v.2º,p.75).

24 Cadimo era alcunha, natural de Montemor-o-Velho, morador nos biscoitos junto de André Gonçalves de Sampaio, parece que foi morador na Calheta em Ponta Delgada (G.F., L.º 4º, p.17).Casou com Leonor de Meza, filha de Fernão de Meza, castelhano que veio fugido em 1520, da revolta das comunidades, já casado com Isabel de França, também castelhana.

25 Parece que veio da Madeira com seu tio Pedro Afonso de quem herdou um vinculo (Rodrigo Rodrigues, Lº4º das Genealogias). GF. refere que:«Sendo vereadores nesta cidade, quando era vila, Sebastião Barbosa da Silva e Gaspar de Viveiros, arrematada a obra de pedraria da dita Igreja de S. Sebastião em um conto e trezentos e cinquenta milreis....». Era provedor da Misericórdia em 1515. Fez várias assinaturas no livro da Câmara entre 1525-1535. casou cm Isabel Castanho (R.R. lº4º, pág. 21).

Garcia Roiz Camelo[26].

Lourenço Mendes de Vasconcelos[27].

Jorge Nunes Botelho[28]

Pero de Teive[29].

João Afonso Cequo[30].

Jordão Jorge, beneficiado.

Lourenço Aires Redovalho[31].

---

26 Filho de Rui Vaz Camelo, que já era falecido a 2-9-1570, como se vê da instituição do padroado do Convento de Santo André feito naquela data, pela filha Beatriz e seu marido Diogo Vaz Carreiro. Casou com Guiomar ou Leonor Soeira, tia do Licenciado Diogo Dias Soeiro. Casou segunda vez com Maria Travassos, filha do Contador Martim Vaz de Bulhões e de Isabel Botelho. Casou terceira vez com Margarida Gil, viuva (R.R. Lº 4º, p. 143). Foi provedor em 1541.

27 Casou com Margarida Cabral, filha de João Afonso Corcos e de Leonor Velha, filha de Pero Velho.

28 Jorge Nunes Botelho sucessor dos vínculos de seu pai, Nuno Gonçalves Botelho, primeiro homem que nasceu em S. Miguel e que fez testamento em 13-10-1504 em que não se refere à Misericórdia de Ponta Delgada. Viveu em Rosto de Cão, foi escudeiro. Sua mãe, Catarina Rodrigues fez a primeira doação à Misericórdia em 12-8-1517. Casou com Margarida Travassos Cabral, filha de Gonçalo Velho Cabral (R.R. Lº2º, p. 180). Tirou brasão d'armas em 1533 e esteve em Tânger e Arzila em 1510-1511 (Arqº. dos Açores, v.10, p.472).

29 Pero de Teive era filho de Gonçalo de Teive primeiro almoxarife em S. Miguel e primeiro desta família que veio para S. Miguel. Fez uma procuração em 1518. Foi segundo almoxarife em S. Miguel, cavaleiro fidalgo, esteve em África com o 5º Capitão do Donatário. Casou com Catarina de Mezas, filha de Fernão de Mezas que fugiu de Castela em 1520.

30 João Afonso Seco a quem se refere G.F. «Outros dizem que veio a peste a esta ilha da Madeira em uma caixa de, a qual esteve fechada na Vila de Ponta Delgada dois anos, em casa de João Afonso Seco, pai de Bartolomeu Vaqueiro, e não se abriu porque ficava lá seu dono; o qual vindo da ilha da madeira na era de 1523 (onde durou a peste lá muitos anos) em abrindo a caixa, logo se apegou na dita vila.....». (Lº4º.vº II, p.339).

31 « O avô de Lourenço Aires Redovalho era natural de França, nobre e rico, o qual vindo em uma nau sua ter a um porto de Portugal.....foi recolhido no alentejo, na casa de um homem dos principais da Vila.....casou com uma filha e teve uma filha e um filho. O filho Aires Pires Redovalho foi de Viana com trato para a Guiné, e tornando rico, veio ter muito doente a esta ilha de S. Miguel.... casou com Guiomar Roiz. Possuiu a Rua do Valverde. O filho chamado Lourenço Aires Rodovalho esteve em África, onde foi armado cavaleiro e foi na Vila de Ponta Delgada Juiz dos Orfãos e vareador; cuja mulher era do algarve, chamada Inês Correia». (Gaspar Fructuoso).

Pero Matozo.

Mendo de Vasconcelos[32]

Afonso Annes dos Mosteiros[33].

João Dias Caridade[34].

Álvaro Lopes, de Santo António[35].

Fernão de Meza.

Sebastião Roiz Panchina[36].

Pero Gonçalvez, sapateiro.

Fernão Gonçalves, amo[37].

Bartolomeu Afonso, rato[38].

---

32 «Homem nobre que casou com Brázea Galvoa, filha de Fernão Gonçalves Amo. «Da banda da serra com o mato de frescas faias e outras árvores é o Pico dos Genetes de Aires Jácome.....antre este pico e o das Ferrarias estão duas pontas de mar que alguns chamam de pontas do Mendo, por antigamente morar ali um fidalgo chamado Mendo de Vasconcelos.....». (G.F. Lº4º, vºII, P.88).

33 Veio da Madeira no tempo do Capitão Manuel da Câmara, Cavaleiro do Hábito de S. Lázaro, casado com Catarina Anes, fixaram-se nos Mosteiros. Fundaram a ermida de S. João Batista junto das suas casas em Ponta Delgada, que depois cederam para a Misericórdia, ficando a dita ermida a servir de capela-mor até à construção da Igreja do Espírito Santo. Os seus descendentes ficaram conhecidos por "morgados da Relva" e mais tarde por "morgados das Cracas". (Rodrigo Rodrigues).

34 Morador junto da Ermida de Nossa Senhora da Piedade, por ele feita. Era homem rico e dos principais da governança da cidade. Casou com Margarida Álvares de Benevides, filha de Álvaro de Roiz ou Afonso Álvares de Benevides, cavaleiro de África, que procedia dos marqueses de Fromista em Castela. Veio da Madeira já casado. Foi eleito procurador do Concelho, quando da elevação de Ponta Delgada a Vila. (R.R.)

35 Álvaro Lopes o cavaleiro foi vereador na Vila de Ponta Delgada quando se construía a Ermida de S. Sebastião, na Matriz de Ponta Delgada. Acompanhou o Capitão Rui Gonçalves da Câmara, segundo de nome, quando este acusado, foi chamado à corte.

36 Morador na Calheta em Ponta Delgada, filho de João Annes Panchinha.(R.R. Lº2º, P.172).

37 O Amo, casado com Maria Gonçalves, a Ama, porque criou o Capitão Manuel da Câmara. Irmão de João Gonçalves da Várzea dos Fenais, termo da cidade. (G.F).

38 Deve ser Bartolomeu Afonso Pereira, o Rato, a quem G. F. se refere « em casa de Bartolomeu Afonso Pereira, morador na dita Vila de Ponta Delgada, faleceram de peste 11 pessoas e um seu filho chamado Pedro Afonso Pereira, foi ferido da mesma peste, mas não morreu dela».

Rui Vaz: Gago.[39]

Pedro Alvares das Cortes[40].

João Alvares

Gaspar Ferreira[41].

Gaspar Perdomo[42]..

Francisco Fernandes, caixeiro

João Martins, sapateiro

Matias Roiz, sapateiro.

Diogo Martins, sapateiro.

João Gonçalves, alfaiate

João Afonso, sapateiro, da Fajã

Diogo Pires , tecelão

Pero Vaz[43].

Jorge Martins, sapateiro.

Diogo Dias , sapateiro

---

39 Era de Beja, filho de Lourenço Anes Gago, foi homem rico e poderoso, casado com Catarina Gomes Raposo, morou primeiro em Vila Franca e se mudou para os Fenais, uma das filhas casou com Jácome Dias Correia. (G.F, Lº4º, vºI, P.132).

40 Morador na Fajã, casado com Ana Pacheca, neta de Nuno Velho Travassos.

41 Homem nobre que veio de Portugal e teve aqui as rendas de el-Rei. Casou com Isabel de Braga e teve um filho natural Baltazar Ferreira, « muito valente homem e o mais forte cavaleiro sobre um cavalo, que quantos houve nesta ilha» (G. F). « Adiante está o pico de Gaspar Ferreira e o Pico de João da Castanheira, mais junto da cidade, sobre a qual, acima das terras de pão, está a Serra Gorda..... fez vir de Portugal cinco casais de perdizes que na era de 1561, por seu mandado, o licenciado Francisco Pires Falcão.....deitou acima da cidade, na Fajã de Gaspar Ferreira». (G.F.,Lº4º,,Vº1º,P.362)

42 Filho natural de Gaspar de Bettencourt e de Maria Dias, solteira. Foi legitimado, casou com Beatriz Velha, filha de João Afonso, o Corcos e de Leonor Velha. (R.R.,Lº2ª,P.185)

43 Filho de Pero Vaz Marinheiro, foi lealdor-mor dos pastéis, casou com uma irmã de João Fernandes Paiva de quem teve geração. (R.R.).

O Capitão Ruy Gonçalves da Cãmara[44].

Pero Jorge[45].

Diogo Nunes Botelho[46].

João Alvares do Sal[47].

Diogo Vaz[48].

Gil Afonso[49].

---

44 Segundo de nome e 5º Capitão do Donatário de S. Miguel, filho de João Gonçalves da Câmara e de sua mulher Inêz da Silveira, que faleceu com os outros filhos num naufrágio. Veio tomar posse da Capitania, por ter atingido a maioridade, em 1504 e casou com D. Filipa Coutinho. A capitania tinha sido governada, depois da morte do pai, pelo tio, Pedro Rodrigues da Câmara. Foi julgado e preso, tendo regressado a S. Miguel antes do terramoto de Vila Franca, onde lhe morreram todos os filhos excepto D. Manuel. Ainda em sua vida apareceu a peste em S. Miguel, 1526, principalmente na Ribeira Grande, onde faleceram 300 pessoas. Por essa altura verificou-se a revolta dos escravos mouros. Fez dois testamentos em que não se refere à Misericórdia de Ponta Delgada e faleceu a 20-10-1525. foi sepultado na Capela de S. Francisco e depois da morte da mulher trasladado para o Convento da Esperança. D. Filipa no última testamento que fez antes de morrer e já viuva, refere-se à Misericórdia.

45 Filho de Jorge Velho e África Annes era cavaleiro e morador em Ponta Delgada. Fez testamento com sua 1ª mulher, Ana Gonçalves, em 4-1-1525 e fez segundo testamento com a segunda mulher em 3-3-1528 a favor da sua neta Beatriz, filha de Gaspar Camelo; desse vínculo faziam parte as terras de Santa Catarina onde veio a ser erigida a Ermida do mesmo nome. (R:R:).

46 Era filho de Nuno Gonçalves Botelho e de Catarina Roiz, foi Almoxarife e depois Contador da Fazenda nas ilhas dos Açores. Em 1526 era morador em Rosto de Cão. Casou com Isabel Tavares, filha de Rui Tavares da Ribeira Grande. (R.R. Lº2º,P53).

47 Acompanhou o Capitão Rui Gonçalves da Câmara à corte . Dedicou-se ao comércio marítimo e fez fortuna. Comprou bens a Frei Estevão, um desses bens tinha sido comprado em 1492 por Lopo Dias, segundo escritura que se encontra no Arquivo da Misericórdia de Ponta Delgada e que é " O documento original mais antigo encontrado até agora nesta ilha de S. Miguel, num maço de papéis, muito antigos, que pertenceram a João Álvares do Sal, no arquivo da misericórdia de Ponta Delgada, para onde foram os bens de João Álvares do Sal, por seu filho Aires d'Oliveira os deixar» (nota que encontrei junto ao referido documento, escrita e assinada por Rodrigo Rodrigues, com a data de 1919. Ver Arq. dos Açores, VºXIII, onde Rodrigo Rodrigues publicou o referido documento.

48 Filho de Pero Vaz Marinheiro, que assim se chamava porque mandou fazer navios nesta ilha, e morava junto à praça de Ponta Delgada.

49 Gaspar Fructuoso ao descrever a costa norte, passa o Porto Formoso e refere «logo a espaço de um tiro de mosquete, está uma ribeira seca, que foi de um homem chamado Mateus Vaz; um tiro de arcabuz mais avante, está um ilhéu mais pequeno, em que esteve escondido um homem homiziado, e um Gil Afonso que rastejava os homens pelo faro, o foi buscar à Vila do Nordeste....».

Gaspar Camelo[50].

Simão de Viveiros[51].

Pedro Affonso Colombreiro[52].

Martim Vaz, contador de el-Rei

António Mendes, mercador

Gonçalo Castanho[53].

Alvaro Velho

João Lourenço Tição[54].

João Velho Cabral[55].

Duarte Affonso Moreno

Gonçalo Lopes , mercador

Álvaro Ennes da Ribeira Grande

Gonçalo Ennes da Ribeira Grande

António Borges [56].

Martim Alvares, mercador

---

50 Filho de Fernão Camelo Pereira que veio de Portugal no tempo de Rui Gonçalves da Câmara e de Leonor Cordeiro, filha de Pedro Cordeiro (R.R.Lª2ª, P.172).

51 Era irmão de Gaspar de Viveiros

52 Ou Pedro Afonso Da Costa Cogumbreiro, fez testamento em que deixa 4 moios de terra no Nordeste à Misericórdia de Ponta Delgada, Tirou brasão de armas em 2-12-1536. (R.R., Lº 2º,P.120).

53 Homem nobre natural de Viseu, escrivão na Vila de Ponta Delgada. Casado com Beatriz Calva, neta de Pero Vaz Marinheiro.

54 Escrivão de Resíduos em Ponta Delgada, a 12-6-1559 já era falecido.

55 Sargento-mor de S. Miguel. Filho de Gomes Gonçalves de Mergarde e de sua mulher Violante Velho. Casou com Ana Albernaz. Faleceu na Matriz de ponta Delgada a 26-10-1633. (R.R. Lº 2º, P.172).

56 Feitor da Fazenda em S. Miguel, Juiz da Alfandega na Terceira desde 1520 a 1552. Feito Cavaleiro de Cristo com a Teusa de 20.000 reis em 1552. Teve brasão d'armas a 13-4-1555 que vem no Arquivo Heráldico, Pág. 32, onde se vê ser filho de Duarte Borges e neto de Pedro Borges. Natural de Lisboa, a ele se refere Gaspar Fructuoso como António Borges de Sousa e diz que descendia dos Borges de Bragança. Casou com Isabel

Fructuoso Dias, mercador

Catarina Affonso, em Rabo de Peixe

João Martins, tabelião

Aires Lobo : Filho de André Lopes Lobo e de Guiomar Nunes Velho Cabral

Gaspar do Rego Baldaia[57].

João Roiz Camello[58].

Sebastião Gonçalves, dos poços.

Lopo Machado:

João Fernandes[59], orelhas.

Gonçalo Fernandes, sapateiro da Lagoa

Diogo Machado[60].

António Afonso

António Lopes, da Relva

Margarida Pires

Barbosa, filha de Rui Lopes Borbosa, morador na Calheta de Pero de Teive, e de Guiomar Fernandes Tavares. Foi Provedor da Misericórdia em 1537. (R:R:)

57 Filho de Gaspar do Rego e da primeira mulher, Maria Baldaia. Veio com os pais para S. Miguel no tempo do Capitão João Gonçalves da Câmara. Nasceu no Porto. Foi-lhe passada carta de brasão d'armas em 1524. Casou a primeira vez com Margarida Pires e a segunda com Margarida de Sá. Morreu em 21-3-1572. (R.R.)

58 Filho de Garcia Roiz Camello e da 1ª mulher Guiomar Soeira. Tirou brasão d'armas em 30-6-1536. Foi o primeiro Memposteiro dos Cativos (G.F.Lº4º, Cap.65) Casou a primeira vez com Maria Badilho da Terceira e a segunda com Catarina Corrêa, filha de Gaspar Gouveia e Solanda Cordeiro (R.R.Lº2º,P.195)

59 Deve ser João Fernandes de Sousa, o orelhudo, filho de Francisco Fernandes Castelhano e Maria Fernandes (cristã-nova). moradores em Santa Clara, em 1560 entregou os bens obrigados aos pios ao Dr. Gileanes da Silveira. Casou com Maria Rodrigues Castanho, filha de João Rodrigues Badilha. (R.R.)

60 Gaspar Fructuoso ao descrever o combate naval com a armada francesa, em frente a Ponta Delgada a 23-5-1582, refere-se a ele: «..filho de António Machado, que por ser bom arcabuzeiro e de grande ânimo, matou cinco ou seis dos inimigos e feriu outros» Casou com uma neta de Afonso Anes dos Mosteiros chamada Catarina. Esteve na Índia.

João Roiz, beneficiado
João Gonçalves, sapateiro
Luis Martins, boticário
Mestre Pedro[61]: Cirurgião
João Alvares, alfaiate da Lagoa: Rodrigo Rodrigues diz ter sido admitido em 1533.
João Roiz: Segundo Vigário de Santo António.(Igrejas e ermidas)
Nuno Fernandes, carpinteiro
João Fernandes Castanheira
Gonçalo Martins, sapateiro.
António Alvares, sapateiro.
Belchior Gonçalves, chaçarel
Ambrozio Castanho
Diogo Gonçalves, mercador dos Ginetes
Estevão Nogueira
Bento Gonçalves, beneficiado
Diogo Vaz Carreiro[62].
Daniel Fernandes, tabelião
Gaspar Vaz Fagundo.
Pedro Pacheco [63].

---

61 Mestre Pedro foi casado com Leonor Cabeceiras, como consta do testamento de Isabel Roiz, mulher de Ibonel de Bettencourt. Pai de Juliana Rodrigues, mulher de Rui Gonçalves que era neto de João Álvares do Olho. Mestre Pedro foi fiador de arrematante de miunças na Ribeira Grande em 3-4-1548. (R.R).

62 Filho único de Pedro Gonçalves Carreiro ou Delgado e de Catarina Jorge. Casou com Beatriz Rodrigues Camello, a velha, filha de Francisco Roiz Camello e Suzana Guiomar Soeiro, não tiveram filhos. Fundador do Convento de Santo André, fez testamento a 13-10-1571 e nomearam o sobrinho, Licenciado António de Frias para Padroeiro e administrador. Instituíram um vínculo para ele e outro para a sobrinha Beatriz Rodrigues Camello, onde constavam umas casas na quinta de Sant'Ana. (R.R.)

63 Filho de Antão Pacheco, ouvidor do Capitão do Donatário em vila Franca (R.R. Lº2º, P.130)

Fernão Gonçalves, sapateiro.
André Feio
Nuno Gonçalves Botelho[64].
António Gonçalves dos poços
Belchior Roiz, escrivão da Câmara
Gaspar de Freitas
Duarte Affonso
João Luis: Segundo vigário de Rabo de Peixe.
André Travassos[65].
Pedro Afonso, latoeiro
Fernão Gonçalves da Relva
Fernão Roiz de Braga
Estevão Alvares Rezende
Fernão Correa de Sousa
Afonso Annes de Chaves
Rui Pires, mercador
Afonso Enes, carpinteiro.
Brás Gonçalves, sapateiro.
Jácome das Póvoas[66].
Mestre Gaspar[67].

---

64 Deve ser filho de Jorge Nunes Botelho e de Margarida Travassos Cabral: Juiz de Resíduos em S. Miguel. Casou com Isabel de Macedo, filha de Fernão de Macedo, irmão do Capitão do Faial e de D. Maria, filha de Gonçalo Vaz Andarinho. R. R.

65 Filho de João Álvares do Olho e de Violante Velha, casou com Isabel Roiz de quem teve filhos. (R.R.)

66 Sogro de Paulo Pacheco, que é filho de Tomé Vaz Pacheco, morador entre o Porto Formoso e a Maia. Casou com Lucrécia de Resende, filha de Pedrálvares da Cortes e um filho, António Das Póvoas foi escrivão na cidade de Ponta Delgada. (R.R.).

67 Cirurgião que deu o nome à Rua do Gaspar, hoje Rua Dr. Bruno Tavares Carreiro.No livro de Receitas e Despesas de 1560, da Misericórdia de Ponta Delgada consta que em Junho de 1560 se pagou 2000 reis a Mestre Gaspar de meio ano que serviu quando entrou Mestre Gabriel.

João Alvares , porteiro.
Jerónimo do Quental
Miguel Gonçalves.
Pedro Afonso, rato.
Simão Pires.
Fructuoso Afonso, sapateiro.
Sebastião Dias.
Gonçalo Franco.
Gonçalo Fernandes, dos Fenais.
Heitor Dias.
João Cavaleiro.
Capitão Manuel da Câmara: Capitão do Donatário.[68]
António Fernandes, pesador.
João Anes, mercador.
Gaspar Vaz, inquiridor.
Sebastião Gonçalves, tosador.
Duarte Lopes, sapateiro.
Pero Fernandes , carpinteiro.
Manuel da Costa, da Lomba.
João de Almeida, da Lagoa.
António Pires, celeiro.
Gonçalo Alvares, alfaiate.
Fernão Roiz.
Afonso Anes , mercador.

68 Sexto Capitão do Donatário da Ilha de S. Miguel, nasceu em 1504 e faleceu em Lisboa a 13-3-1578. foi a África à conquista do Cabo de Gué e ai esteve cativo. Casou com Joana de Mendonça e Gusmão, que viveu sempre em Portugal, filha do Monteiro- Mor D. Jorge de Melo. (R.R. Lº1º. P.215).

Gaspar Fernandes, da alfândega.

Francisco Pires, mercador.

Francisco Gonçalves, sapateiro.

Amador Fernandes, tosador.

Francisco Correia, da Lagoa.

Francisco Frenandes, sapateiro da Ribeira Grande.

Manuel Garcia Mourato.

Amador Francisco.

Alvaro Lopes, alfaiate.

Pedro Afonso, à Cruz.

Gonçalo do Rego, bacharel.

Miguel Dias.

Amador de Teive: Filho de Pero de Teive.

Jácome Dias: É Jácome Dias Raposo, pai de Barão Jácome Raposo que está abaixo.

Pedro Alvares Benevides[69].

Barão Jácome Raposo[70].

---

69 É filho de Álvaro Roiz ou Afonso Álvares de Benevides, que foi cavaleiro de África e Alcaide de Ponta Delgada durante 33 anos. Casou com Isabel Castanho. Teve uma filha Beatriz Roiz de Benevides que casou com Amador de Teive. (R.R.).

70 « Até às Calhetas chega a freguesia de Rabo de Peixe e termo da Ribeira Grande; delas a outro terço de légua da rocha, de calhau e biscoito, que tudo se corre, (onde pescam também de tarafa e de cana), sai pouco ao mar uma ponta de terra, mais grossa que a outra é chã, que se chama o morro de Jacome Dias Raposo, por ser seu, onde está uma Ermida de S. Pedro, que ali mandou fazer o mesmo Jacome Dias, homem nobre e poderoso, cujas eram aquelas terras, em que tinha sua quinta e moradas, tão ricas que elas só pareciam um grande lugar povoado, com uma Ermida muito devota da advocação de Nossa Senhora das Candeias. Foi esta casa tão rica e abastada e tantos criados e criadas, escravos e escravas, de tantos hóspedes pobres e ricos visitada, que nela sempre encontravam bom agasalhado enquanto Jacome Dias viveu, e depois seu filho, Barão Jacome Raposo, e seu neto, Aires Jacome Raposo nela residiam, que parecia uma corte frequentada de gente de toda a sorte, onde se davam muitos jantares e ceias, e se faziam grandes e sumptuosos banquetes, sendo amparo de vizinhos e dos furasteiros do lugar dos Fenais, que está perto dela, cujos senhores fizeram em seu mui-

Pedro Roiz da Câmara[71]

Baltazar de Bettencourt[72]

Francisco Dias, currador.

Henrique do Quental.

Gomes Afonso, sapateiro.

Gaspar Martins

Catarina Roiz, mulher de António de Freitas

Pedro Dias, da Ribeira Grande

Gonçalo Mourato

Belchior Alvares

Manuel Vaz Pacheco[73].

João Alvares , careeiro.

Gonçalo Alvares, mercador.

Alvaro Pires , da Lomba.

Domingos Afonso Pimentel[74]

---

tas grandezas, com seus generosos e liberais ânimos, e movidos com grande caridade e piedade deram grossas esmolas a pobres e despenderam grande parte da sua fazenda em obras-pias; e foi uma das mais abastadas casas que houve nesta ilha e ainda o pode tornar a ser, se o seu senhor, Aires Jacome Correia, tornar à ilha.» (G.F. Lº4º,V2º,P.114-115).

71 Filho natural do terceiro capitão de S. Miguel, Rui Gonçalves da Câmara, primeiro desta família, e de Maria Rodrigues, solteira, da família dos Albernazes (G.F.).Em 1507 contratou com outro a construção da Matriz da Ribeira Grande, onde era morador. Fez nesta Vila o Convento de Jesus e foi loco-tenente do Capitão do Donatário seu sobrinho, governando a Capitania durante sete anos em que esteve ausente. Fez testamento em 1541 e deixou bens à Misericórdia de Ponta Delgada. Casou com D. Margarida de Bettencourt e Sá. (R. R. L.º1º, P. 221).

72 Foi provedor da misericórdia de Ponta Delgada em 1564 e vereador no mesmo ano. Casou com Maria Gonçalves. (R.R.):

73 Sobrinho de Tomé Vaz Pacheco que era casado com Ana Afonso, filha de Afonso Lourenço ou João Afonso Lourenço, que foi nomeado a 12-7-1492 Procurador do Número. (R.R. Lº1º, P.177).

74 Almoxarife da Fazenda real em S. Miguel de 1528 a 1535. Morou em S. Roque. Casou com Beatriz Cabeceiras, fizeram testamento a 29-9-1560 e vincularam as suas terras. (R.R. Lº1º,P.177).

Baltazar do Amaral
Aires Pires do Rego[75]
Bento Gonçalves, surrador
Belchior Afonso, rato
Sebastião Afonso, barbeiro
Pedro Gonçalves Carreiro
Diogo de Paiva , beneficiado
João Fernandes, em Vila Franca
João Gonçalves , carpinteiro.
Sebastião Gonçalves, surrador
Gaspar Afonso, mareante.
Pedro Fernandes, carpinteiro.
Rodrigo Alvares, carpinteiro.
André Fernandes, alfaiate.
Afonso Gonçalves, caldeireiro.
João Gonçalves, da grota.
Gonçalo Afonso, da Candelária.
Baltazar Afonso, rato.
Manuel Alvares.
Aires de Oliveira[76].
João Soares[77], Capitão da ilha de Santa Maria

---

75 Filho de Gonçalo do Rego, o velho, e da sua segunda mulher, Isabel Pires. Casou a primeira vez com Beatriz de Sousa e a segunda com Maria de Medeiros de quem não teve geração. teve vários filhos do primeiro casamento. (R.R.Lº1º, P.417).

76 Filho de João Álvares do Sal, deixou os bens que herdou à Misericórdia de Ponta Delgada.

77 João Soares de Albergaria, segundo Capitão do Donatário da ilha de Santa Maria, era sobrinho de Gonçalo Velho Cabral, primeiro Capitão. Nasceu antes de 1419 e morreu em Santa Maria em 1499, casou a primeira vez com Beatriz Godiz e a segunda com Branca de Sousa. João Soares de Albergaria vendeu a Capitania de S. Miguel a Rui Gonçalves da Câmara.(R.R.)

Nuno Gonçalves Pimentel[78]
Pedro Gonçalves, das naus.
Pedro Castanho.
Francisco Barbosa da Silva
Gaspar Homem
Isabel Vaz, mulher de Luiz Tavares
Guiomar Gil
Marcos Fernandes.
António Correia de Sousa
Rui Barbosa
Simão Alvares, alfaiate.
Rui Fernandes
Francisco Pires, Ferreiro.
António Roiz, ourives.
Simão de Abreu, alveitar (curandeiro de doenças de animais).
Gonçalo Lopes, carniceiro.
Baltazar Roiz Badilha
António Roiz, pedreiro.
João Lopes, tabelião[79].
Gaspar de Viveiros, clérigo.
Gaspar Roiz , alfaiate.
Francisco Preto, sangrador.
Lobo Gomes , carniceiro.
Gonçalo Enes Ramires

---

78 Casado com Margarida da Ponte, filha de Sebastião Jacome Correia e de sua mulher, Inês da Ponte. Era neto de João Afonso do Faial da Terra.

79 Deu o nome à Rua João Lopes ou dos Gulas, depois Rua do Lameiro e hoje Rua do Castilho.(R.R.)

Cristovão Dias, de Vila Franca
Bartolomeu Vaqueiro.
Isabel Faleira[80], da Ilha de Santa Maria.
Bartolomeu Nogueira.
Luis Gonçalves Caiado.
Gaspar Correia Rodovalho
Baltazar Martins Cidadão.
Baltazar Ferreira.
Rui Lourenço, serralheiro.
João Francês, sombreireiro.
João Cabral.
Pedro Alvares, celeiro
Domingos Afonso, na Ribeira Seca.
Sebastião Gonçalves, em Vila Franca
António da Costa da Ribeira grande
Amador da Costa
Guiomar de Oliveira, filha de Aires de Oliveira.
Mestre Gaspar, o moço.
Francisco Fernandes, sapateiro.
Jorge Gonçalves, de Santa Clara.
Domingos Pires, pedreiro.
João Fernandes, a Vila Franca.
Ana Jácome, filha de Joana Dias,
Manuel Vaz Pacheco.

---

80 Filha de João Vaz Faleiro, ou Melão, o das virtudes que veio da Covilhã para a Madeira onde casou a primeira vez com Estavinha Vicente, depois veio para Santa Maria onde D. Manuel lhe deu Terras por o ter curado de uma doença. Casou segunda vez com Genebra Pires, filha de João Pires, primeiro homem que nasceu em Santa Maria. Isabel Faleira casou com João da Fonte. (R.R.).

Pedro Dias, mercador.
Catarina de Sousa
Jorge Fernandes, de Rosto de cão.
Belchior Fernandes de Castro.
Francisco Pires, ferreiro pato.
Licenciado António Tavares.
Diogo Fernandes, capelão-mor.
Licenciado João Gonçalves.
João Alvares Rodovalho.
Maria Gonçalves, mulher de Pedro Alvares.
Diogo Gonçalves Correia.
Dom Fernando de Castro.
João Vaz, da Candelária: É o cavaleiro.
Gaspar Alvares, barbeiro.
Luiz Roiz, cirgueiro.
GonçaloPires, sapateiro.
Jorge Camelo da Costa.
Alvaro Marques.
Cristovão Gomes, cirgueiro.
Francisco Fernandes, alfaiate e medidor.
Gonçalo Pires Leal, ferreiro.
Domingos Fernandes, alfaiate.
Francisco Daniel.
Gabriel Mendes
Martim Afonso , pedreiro.
Salvador Gonçalves, granador.
Gonçalo Afonso, granador.
Gonçalo Afonso, cubridor.

Manuel Fernandes, barbeiro.

Heitor Rebelo de Castro.

Gaspar da Costa.

Francisco do Rego de Sá[81].

João Roiz, mercador.

Manuel de Lagoarde

Baltazar Rebelo[82].

Miguel Martins, engeminado!

Sebastião Fernandes Freitas.

Ibonel de Bettencourt[83]

João Crispinam

Beatriz Enes, mulher de Pedro Fernandes, surrador.

Manuel Pires, sombreireiro: tem à margem escrito f. a 6 de Junho de 86.

Jácome Dias, filho de Barão Jácome:

Baltazar de Armenteiros[84].

Francisco Pires, ferreiro.

---

81 «Teve Gaspar do Rego Baldaia trezentos e sessenta e seis moios de renda, tantos moios quantos dias o ano tem, afora muita renda de foros e dinheiro; seu filho o grã Francisco do Rego de Sá teve o mesmo, mas pretendeu servir a el-Rei e tem condição larga, com que gastou muito em coisas que sucederam no mar, andando por capitão.....» (G.F.Lº4º,V.2º,P.81).

82 Lealdador-mór dos Pastéis e morador em Ponta Delgada na Calheta de Pero de Teive. Consta ser filho de Marcos Rebelo ou de Pedro Anes e de Isabel Esteves Rebelo. Casou com Guiomar Borges, filha de António Borges. (R.R. Lº1º,P.329).

83 Ibonel de Bettencourt era filho de Gaspar Prodomo, de quem herdou a terça. Casou a primeira vez com Guiomar do Porto e a segunda com Isabel Rodrigues, com quem fez testamento a 3-8-1567, tendo falecido a 3-10-1567. (R.R. Lº1, P.166).

84 Numa sentença do Juiz de Fora de Ponta Delgada em 14-6-1577, numa causa civil, em que foi autora Maria Moniz, Dona viúva e réu Baltazar de Armenteiros, como tutor que foi de João Moniz..» (R.R. Lº1,P.476).

D. Jorge Gonçalves Pereira[85].

Vicente Pires.

Nuno Gonçalves, tosador.

Roque Gonçalves Caiado: Tem escrito à margem:f. sua mulher a 12-8-1608.

Francisco Arruda da Costa[86].

Diogo Dias , físico licenciado: É o fisico que pertenceu ao quadro da Misericórdia. João Lopes Cabeia?

João Mendes , mercador.

Gonçalo Matins, tecelão.

Sebastião Alvares, medidor.

António Lopes de Faria [87].

---

85 «No tempo do Capitão Manuel da Câmara, veio ter a esta ilha D. Jorge Pereira, filho do conde da Feira, ainda moço, sem saber cujo filho era; cujo nascimento foi na cidade do Porto; dai foi dado a criar a um ferreiro e sua mulher, que moravam na Rua dos Canos da dita cidade, o qual criou com muito segredo, não sabendo quem fosse seu pai.....». Depois da morte do ferreiro, veio para s. Miguel ficando com um irmão do pai adoptivo, Jorge Gonçalves, e casou com D. Guiomar, filha de Gaspar Fernandes, mestre e senhorio de um navio: Acabou por ser reconhecido como filho do Conde da Feira, pelos irmãos. (G.F.)

86 «Alem de pouco espaço da fortaleza para Leste, está uma ponta que se chama a Ponta dos Algares, porque saiem ali dois com suas bocas, por dentro dos quais se caminha grande caminho por baixo da terra por cujo vão parece que correu ribeira, em outro tempo, não sabido nem visto. defronte da qual ponta está um baixo, entre o qual e a terra passam barcos e logo está uma pequena baia de areia, defronte das casas do generoso e em tudo grandioso Francisco de Arruda da Costa, merecedor de gandes coisas, todas por sua indústria.....e pegada com a porta chamada de Santa Clara.....» (G.F.Lº4º,V.º2º,P.83).

87 Fidalgo e Cavaleiro do Hábito de Santiago e Menposteiro-mor dos cativos, foi homem principal da Lagoa, casou com Maria da Costa, filha de João Álvares, dos Fenais da Mia, e de Beatriz da Costa. Estes Costas são de Viseu, descendentes de João Fernandes da Costa, fidalgo, irmão do Bispo de Lamego, D. João da Costa. « Por mar e por terra , uma légua e meia da Vila de Água de Pau e da Ponta da Galé, quase norte e sul com a mesma ponta está a Vila da Alagoa.....havia nesta Vila antigamente muitos homens ricos, nobres e poderosos; agora são poucos. Aqui morou, como pai de toda a Vila, o nobre António Lopes de Faria.....que tinha em muitas partes dela muitas rendas e propriedades... pelo que valia a sua fazenda mais de sessenta mil cruzados, com que ele e sua nobre e virtuosa e mui caritativa esposa valiam aos moradores e pobres da Vila e doutras partes..». Não tiveram filhos e foram seus herdeiros, seus sobrinhos: Pedro e António de Faria. (G.F.)

Fancisco Fernandes, cirieiro.
Baltazar Alvares, mercador.
Gonçalo Fernandes, serrador.
António Martins, carpinteiro.
Simão Gonçalves, alfaiate.
Simão Gonçalves, pedreiro.
Baltazar Roiz[88].
João Arruda da Costa[89].
Roque Dias, da Fajã.
Jorge Gonçalves, mercador.
Licenciado Manuel Garcia.
Amador da Costa, o moço.
António Roiz Farto.
Gonçalo Fernandes, guarda.
Isabel Luis, mulher de Ibonel Bettencourt.
Aires Jácome Raposo.
Braz Raposo
Francisco Fernandes, alfaiate (foi riscado).
Sebastião Pires, da Ribeira Grande.
Rui Martins.
Francisco Mendes, mercador.

---

88 «Da ponta de Santa Clara começa a correr a costa com rocha baixa para o noroeste, até uma pequena ponta ao mar, que se chama a Ponta de Baltazar Roiz (porque morou ali um homem principal, deste nome), em que se acaba a compridão da cidade.....» (G.F. Lº4º,V.2º,P.85).

89 «Vai logo além alevantando a rocha mui alta e fazendo uma baia, na qual está o lugar da Relva, meia légua da cidade, ao longo da rocha, como no outro caminho que há pela terra dentro até o mesmo lugar estão feitas as quintas de Francisco Ramalho, do seu sogro Afonso Anes, de João Arruda da Costa e de João Rapozo Ferreira....». (G.F. Lº4,Vº2º,P.85

Belchior Gonçalves, tecelão na Ribeira Grande.
António das Póvoas.
Manuel de Lagoarde, alfaiate.
Belchior Nunes, pedreiro.
Dona Maria, mulher de Francisco Bettencourt.
Belchior Gonçalves, touro.
Manuel Roiz, (Riscado).
Silvestre Gonçalves, mercador.
Gaspar Borges, pesador.
António Mendes, o moço.
Gaspar Vieira
João Botelho de Melo.
Gaspar Gonçalves.
Francisco Gil, sapateiro.
Catarina Martins, mulher de João Alvares , da Lagoa.
Violante de Benevides
Sebastão Gonçalves, da Relva.
Gaspar Diniz, mercador.
Cristovão Cordeiro e sua mulher Solanda Roiz que faleceu a 4 de Setembro de 1591, .
Licenciado Bartolomeu de Frias.
Manuel Fernandes, orelhudo.
Pedro Afonso, escrivão da alfândega.
Belchior Roiz, carreeiro.
Francisco Lobo.
Manuel Afonso, sapateiro.
Luís Dolfos Borman:
Pedro Dias, mercador.

Gaspar Miranda, tecelão.
Roque Dias de Carvalho
Miguel Vaz
Diogo Mendes, cirieiro.
Domingos Fernandes , dos Mosteiros:
Francisco da Silva
Manuel de Barcelos, carpinteiro.
Henrique Soares: É cristão novo (H.M.):
João Gonçalves, sombreireiro.
Pedro Gonçalves, carpinteiro.
Luís Rebelo: É o poeta (H.M.).
Gaspar Roiz, alfaiate: Está riscado.
Francisco Braz, alfaiate.
João Lourenço, barbeiro.
Pedro Afonso Costa, nos Mosteiros
Gonçalo de Melo Botelho
Pedro Fernandes, tanoeiro.
Gaspar Gonçalves, o arca de água.
João Lopes, mercador.
Pedro de Maeda[90].
Gomes Gil, da Bretanha.
Rui Vaz de Medeiros.[91]

---

[90] Biscainho e mestre das obras e fortificações na ilha de S. Miguel e de sua mulher Maria Cachingas, ou Caxigas- Teve uma filha, Maria de Sins de Maeda que casou com Sebastião da Costa de Arruda. Veio para S. Miguel em 1571, construir o Castelo de S. Brás. (R. R. Lº1, P.67).

[91] Capitão dos Aventureiros em ponta Delgada e Cavaleiro de Cristo com 15.000 reis de tença, também foi Capitão de Bandeira de Ordenanças de Melícias em Ponta Delgada. Em 1559 deu conta do vínculo instituído por sua primeira mulher,Maria Álvares. Casou segunda vez com Beatriz Camelo Pereira: (R.R. Lº1º,Pª492)

João Alvares, alfaiate na lagoa.

Sebastião Fernandes, tacalho.

Rui Velho:

Francisco Afonso, tabelião.

Nuno Fernandes, meirinho dos pasteis ;

Francisco Pires, torneiro.

Sebastião Afonso de Sousa.

Francisco Gonçalves ,alfaiate.

Luís Tavares

O Doutor Gaspar Frutuoso: trata-se do nosso cronista.

Belchior Martins, barbeiro.

Tomé Gonçalves ,dos Fenais

Miguel Pacheco

Manuel Fernandes, Vendeiro?

Francisco de Bettencourt de Sá[92]

Cristóvão Dias[93].

Francisco Vaz, fiel.

Paulo Fernandes, mercador.

Gaspar Dias[94], o cidadão:

---

92 Administrador do morgado. Foi para a Madeira com a mulher, Maria de Medeiros ou da Costa, onde faleceu em 1577. Teve as saboarias da ilha da Madeira. Foi o terceiro morgado da Água de Mel. (R. R.Lº1,Pª.163

93 Filho de Manuel Dias, mercador de Portugal, irmão de Gaspar Dias, cristão -novo. casou com Margarida da Câmara e Sá. Faleceu na Misericórdia de Ponta Delgada a 15-9-1599. Deixou uma instituição para as suas parentes pobres terem dotes, chamada Capela do Nome de Deus. É a Capela, na Misericórdia de Ponta Delgada, que D. João VI doou em três vidas ao conselheiro José Joaquim da Silva Freitas, de que foi último donatário Bernardino José de Sena Freitas. (R.R.Lº1ª,P.231).

94 Mercador, filho de Manuel Dias, foi provedor da Misericórdia de Ponta Delgada em 1598. Faleceu em 11-9-1623. Casou com Ana de Medeiros Araújo. Era Cristão-Nov.o. (R.R.L.º1,P.232).

Gaspar Roiz, mercador.
Domingos Gonçalves, ferreiro.
Gaspar Fernandes, solicitador.
António Pires, ferreiro.
Ana do Rego[95].
Lourenço Aires[96].é o Redovalho.
Licenciado António Camelo:
António Vieira, o tosador.
Catarina Fernandes
Gaspar do Rego, o moço: foi riscado.
Miguel Gonçalves
Estevão Martins, piloto.
Fernão da Rocha.
Nuno Barbosa
Fernão Gonçalves , da Relva
Gaspar Martins
Rodrigo Alvares, carpinteiro na Ribeira Grande.
Jácome Roiz, sapateiro.
Afonso de Goes Mexia
Domingos de Aguiar, na Lagoa
Gonçalo Tavares: Riscado.

---

95 Ana do Rego é filha de Gonçalo do Rego o Velho e casou com Manuel Pires de Almada, Cavaleiro- Fidalgo. Já viuva fez doação a seu neto Manuel Pires do Rego, filho natural do licenciado António do Rego de Almada, dos bens que herdara desse filho. (R. R. Lº1, P. 363).

96 É filho de Aires Pires Redovalho que foi dono da Rua do Valverde. Serviu em África onde foi armado cavaleiro. Foi Juiz dos órfãos em Ponta Delgada. Foi lhe, por carta régia de 1534, permitido a andar de mula o que lhe estaria vedado, como cavaleiro da casa de el-rei. Casou a primeira vez com Ingás Corrêa, do Algarve, e segunda com Cipriana d'Almeida, filha de João Álvares, cavaleiro de África. (R.R,).

Francisco de Avelar , alfaiate.
Francisco Fernandes, sapateiro.
Manuel Pires, mercador.
Fernando Mendes, mercador: à margem: faleceu a mulher a 24 de Dezembro de 1592.

PADRES

Salvador Francisco : Capelão- Mor.
João de Bettencourt de Sá : É o beneficiário na Matriz de Ponta Delgada.
Sebastião Fernandes.
Pedro Enes Mago: É beneficiário na Matriz de ponta Delgada.
Baltazar de Paiva: Cura na Matriz de Ponta Delgada.
Sebastião Ferreira. É beneficiário e foi Vigário na Matriz de Ponta Delgada.
Manuel Gonçalves: É beneficiário na Matriz de Ponta delgada.
Pedro Mendes(Pereira). É beneficiário na Matriz de Ponta Delgada. Testou a 1600.
João Soares (da Costa): É beneficiário na Matriz de Ponta Delgada.
Manuel Coelho.
António de Araújo.
Pedro Gago, Vigário: Veio a falecer na Ribeira Grande em 4-8-1586.
Cristóvão Ferreira.
António Dias.
Diogo Fernandes.
António Gonçalves.
O Doutor Gaspar frutuoso
Francisco Dias Caiado: Foi cura na Matriz de Ponta delgada (G. F.

L.2º, P.36).

Domingos Afonso, Vigário das Feteiras: Foi admitido por irmão a 13-11-1583.

Manuel Fernandes, tesoureiro da Matriz de P. D. desde 1572.

Gaspar Cansado.

Afonso de Laguarde(riscado).

Francisco Fernandes: É beneficiário na Matriz de P.D.

Aqui começa o livro a ser escriturado normalmente com os irmãos que entraram a partir de 1576, até 1613.

Simão Alvares, barbeiro, entrado a 9-9-1576. Filho de João Lourenço. Deu de esmola 2$000 reis.

Diogo Lopes, em 23 de Dezembro de 1576. Feitor da Fazenda Real. deu 1$000.

Francisco Lopes Moniz, 20-1-1577. Deu 6$000.

João Martins , alfaiate, 24-3-1577. Deu 2$000.

João Fernandes, boticário, em 24-3-1577. Foi riscado.

Manuel Alvares, boticário, em 24-3-1577, deu de esmola todas as mesinhas que a casa gastou em 3 meses (10- 12 ? reis).

Agostinho do Rego, filho de Manuel do Rego, em 7-6-1577. Prometeu 30 alqueires de trigo de esmola.

Francisco Vaz, tabelião, em 9-6-1577. Deu 2$000.

Francisco Alvares, escrivão de contas, em 9-6-1577.

Manuel Serrão, Escrivão dos Resíduos, em 9-6-1577.

António Alvares, pedreiro, em 9-6-1577. Deu 2$500.

Manuel Alvares ,caixeiro, em 9-6-1577. Deu 1$000.

Manuel Jorge da Cunha, em 9-6-1577. Deu 4$000.

Francisco Vaz de Andrade, em 9-6-1577. Deu 2$000.

O Senhor Rui Gonçalves da Câmara, Capitão desta ilha, em 23-6-1577.

Brás de Carvalho, mercador junto de Manuel Dias, em 23-6-1577.

Pero Camelo Pereira, Juiz de Orfãos, em 30-1-1577. Prometeu dar 2$000 que pagará em Agosto de 1577. Neto de Fernão Camelo Pereira e de Beatriz Cordeiro e filho de Gaspar Camelo Pereira e Beatriz Jorge. Era casado com D. Iria da Fonseca, de Portugal, de quem teve filhos.

António Fernandes, mercador, genro de Manuel Dias, em 6-4-1578.

António Borges, 21-5-1578.

Pedro Homem, escrivão do Ouvidor. Foi recebido pelo Provedor, António Lopes de Faria em 10-8-1578. Prometeu dar de esmola 50$000.

O escrivão, Gaspar Dias à margem escreveu: ainda deve esta esmola, hoje 16- 5-1585 e em cima está: este agora não pagou.

Rui Gago da Câmara[97], em 3-5-1585. Prometeu 40 alqueires de trigo.

Manuel da Fonseca Falcão, em 3-5-1579. Prometeu 30 alqueires de trigo.

André Martins, 21-6-1579, comprometeu-se nas obras da Igreja nova, mas foi riscado por não ter cumprido o contracto.

Francisco de Revoredo, 28-6 1579.

Sebastiáo Alvares Senra, morador nesta cidade, foi aceite em 28-6-1579.

André Gonçalves, mercador, em 1- ?-1579 (vivia na Rua Nova).

Maria Dias, mulher de Jorge Afonso de Campinos, em 23-1-1580.

Gaspar de Brum da Silveira, em 29-3-1580.

---

97 Casado com Isabel Botelha neta do Contador Martim Vaz. Vivia na Ribeirinha « em uma rica quinta, cabeça do seu morgado» Era filho de Paulo Gago e de Guiomar da Câmara, neto de Antão Roiz da Câmara, filho natural do Capitão Rui Gonçalves da Câmara. Segundo Gaspar Fructuoso: «por ficar só em casa, o criou seu pai com muita doctrina, fazendo-o aprender latim e bons costumes, além de o fazer bom cavaleiro....foi 18 anos capitão de uma bandeira de duzentos e cinquenta homens, na Vila da Ribeira Grande...; e servindo este tempo de capitão, sucedeu mandar fazer el-Rei novo regimento nesta ilha, que nos lugares onde houvesse mais de uma bandeira se fizessem capitães-mor, o que foi ordenado pelo Capitão Manuel da Câmara, na era de 1562. Na qual eleição ele foi eleito pelo povo por geral de quatro bandeiras...» (G.F.).

Manuel de Puga, não tem data.

Ambrósia Nogueira, em 27-3-1580.

Francisco Martins, alfaiate. Sem data.

Diogo Ferreira, em 23-12-1580.

João Martins, alfaiate, em 30-4-1581.

Domingos Fernandes, tosador, sem data.

Manuel Rebelo, filho de Baltazar Rebelo, deu 2$000. Aceite em 29-6-1581.

Diogo Fernandes, sem data.

Matias Areia, sem data.

Gaspar Manuel, sapateiro, em ?-6-1581.

Gaspar Fernandes, lavrador hortelão, em 3-9-1581.

Luís de Chaves, em 10-12-1581.

Pero Gonçalves, escrivão da casa do Botelho, sem data.

Dom Pedro de Castilho[98]. Bispo de Angra, em 1-6-1581.

Cristovão Gonçalves, morador em Rosto-de-Cão, sem data.

Martim Afonso de Melo Coutinho[99], Capitão-Mor e governador destas ilhas, em 26-8-1582.

---

98 Depois de ter sido Mestre de Artes, formou-se em Teologia e Cânones, na Universidade de Coimbra. Entrou na Diocese de Angra, para a qual fora proposto por D. Sebastião, em 1578 ou 1579.
Teve graves conflitos com o Corregedor Ciprião de Figueredo, que não era menos genioso e autoritário, Passou-se para a ilha de S. Miguel onde se fez promotor da oposição às pretenções do Prior do Crato e partidário do D. Filipe. Criou a Paróquia de S. José de Ponta Delgada. Mandou organizar o sumário dos milagres da Venerável Margarida de Chaves. Resignou à diocese de Angra em 1583 e faleceu em Lisboa em 1613, está sepultado em S. Domingos. (A Diocese de Angra, pelo Cônego Pereira, 1950).

99 «Estava o Governador, a proceder a medidas de defesa quando morreu, repentinamente, no dia 5 de julho de 1582. Cabia o Governo da Ilha, por direito, ao seu substituto já nomeado, Jordão Jacome Correia, cognominado Capitão Alexandre, mas os vereadores de todas as câmaras da Ilha, entenderam nomear Capitão General e Governador de S. Miguel o enteado de Ambrósio d'Aguiar, Martim Afonso de Melo» (Capitães Donatários, Dr. Francisco de Faria e Maia).

Amador Belas, contador dos soldados espanhóis, em 20-12-1582.

Capitão Alexandre Moreira[100], (é Jordão Jácome Correia),em 6-5-1583.

João de Frias, em 8-5-1583.

Baltazar Raposo, em 18-9-1583.

Fernando Anes, lavrador, morador na Lagoa, e 30-10-1586.

Gaspar Fernandes, lavrador desta cidade, em data imperceptível.

Manuel Roiz, mercador, em 20-5-1583.

Mateus Fernandes, que estando doente foi aceite em 9-5-1583.

Bárbara de Chaves, em 8-1-1584.

Manuel de Castro de Barros, 20-2-1584, sendo provedor António de Brum da Silveira e escrivão Manuel da Fonseca.

Catarina Gonçalves, moradora no Maranhão, por o pedir muitas vezes, em 12-3-1584.

Francisco de Melo , em 28-3 1584.

Manuel Roiz, pedreiro, em 1-7-1584.

Fernão de Macedo Botelho[101], em 2-12-1584, deu de esmola 2$000. A mulher foi aceite em 18-1-1586 (nota à margem).

Paulo António, em 10-2-1586 e deu 3$000.

Francisco Martins, mercador, em 13-3-1585.

Roque Teixeira, tosador, em 4-3-1585 e deu 2$ooo

O licenciado António Aviz, espanhol, em 7-4-1585.

António Mendes, em 7-4-1585. Deu 3$000.

---

100 « Chamava-se este valoroso e grandioso capitão, primeiro Jordão Jacome Correia e depois ,por sua liberdade e muita força e ânimo, e pelas muitas e grandes coisas que fez em diversas batalhas, lhe chamavam Alexandre, e sendo capitão lhe ficou o nome que agora tem, e se chama capitão Alexandre, porque em tudo é grande.» (G. F.)

101 Filho de Nuno Gonçalves Botelho e de Isabel de Macedo, conhecido pelo esquerdo, esteve na Índia e foi partidário de Prior do Crato e depois de Filipe II. Era fidalgo cavaleiro do Hábito de Cristo. Vivia na sua quinta de Rosto de Cão. Casou com Isabel de Melo, que faleceu viúva em 1633 em Ponta Delgada.

Miguel Dias ,barbeiro, em 7-5-1585. Deu 5 cruzados (2$000 reis).

Barão da Costa, em 13-4-1585. Deu 3$000.

Pedro Chales, inglês, em 13-4-1585. Deu 4$000 reis e 1 cruzado.

Licenciado João Moreira, em 5-5-1585. Foi expulso da Irmandade.

Fernão de Matos, pintor, 12-5-1585.

Lourenço Vaz, em 2-7-1585, deu 2$000.

Jerónimo Luís, em 8-6-1585, deu 4$000.

Gaspar Roiz, carpinteiro, em 16-6-1586 e deu 2$000.

Gaspar Lopes, sirgueiro, em 6-6-1585.

Silvestre Gonçalves, corrieiro, em 23-6-1585, deu 2$000.

Francisco Enes, da Ribeira grande onde era pedidor, em 30-6-1585.

Miguel Dias, beneficiado na igreja Matriz de S. Sebastião, aceite em 1-7-1585

Padre Pero de Araujo, beneficiado na Igreja Matriz de S. Sebastião, em 1-7-1585. Que prometeu dar de esmola: cantar as vésperas e dizer missas nos dias das Festas.

João Roiz Pavão, em 29-8-1586.

Padre Gaspar Cansado, em 25-8-1585.

Padre João de Bastos, em 25-8-1585.

Manuel da Costa, de Rabo de Peixe, em 30-12-1585.

João Roiz, em 30-12-1585.

Padre Manuel Fernandes, Tesoureiro

Licenciado Manuel de Oliveira, em 23-12-1585.

Francisco Fernandes, Vigário de Santa Clara, em 23-12 1585.

G. Vaz Manaia, em 9-4-1586. Prometeu que enquanto navegasse, os pobres dessa casa o fariam graciosamente sempre que fosse necessário.

André Martins, pedreiro e mestre de obras da Igreja Nova, em 17-5- 1585.

Manuel Moniz, mercador, em 18-4-1585.

Baltazar Gonçalves, ?-5-1586.

Manuel Gonçalves , sapateiro, em 11-6-1586.

Manuel Alvares Pinheiro, ?, em 15-6-1586.

Simão Lopes. ?

Gaspar Fernandes , calafate.

Rodrigo Alvares, barbeiro.

Vasco Gonçalves, morador na Relva, onde era pedidor de esmolas, aceite em 10-8-1586.

Jerónimo Gonçalves, em 10-8-1586.

Sebastião Luís, em 5-10-1586.

Álvaro da Cunha, e sua mulher, em 27-11-1586

Mestre António Dias, em 30-11-1586. Deu de esmola 8$000, que se descontarão no que a casa lhe deve, quatro mil cada um ano, da obrigação ?

Jerónimo Gonçalves, pedidor da Relva foi aceite no lugar de Vasco Gonçalves, 1-5-1586.

Baltazar Armenteiros, em 3-5-1587.

Jerónimo Luís, 3-5-1587.

Sebastião Luís Cardoso, 3-5-1587.

Lourenço Vaz Carreiro, 3-5-1587.

Manuel Alvares, boticário, 3-5-1587.

Francisco Braz, 3-5-1587.

Francisco Ramalho, 3-5-1587.

Silvestre Gonçalves, 3-5-1587.

Gonçalo Fernandes, 3-5-1587.

Francisco Fernandes, medidor, 3-5-1587.

António Botelho, 3-5-1587.

António Teixeira, escrivão dos orfãos, 3-5-1587.

Gaspar de Chaves, 3-5-1587.

António Ferreira, 10-5-1587.

António Botelho, 14-5-1587.

António Fernandes, em 14-5-1587.

Francisco Fernandes ?, 14-5-1587.

Manuel Luís, morador na Lomba da Ribeira Grande, em 19-6-1587 e foi feito pedidor.

Fernão Gonçalves, morador na Rua dos Foros de Margarida Mendez, 11-11-1587.

Isabel Camelo, 11-11-1587.

Manuel Correia, Sargento-Mor, 22-11-1587.

O Licenciado Francisco Nunes Bago ?, 13-12-1587.

Jerónimo Gonçalves, pedidor da relva, em 13-12-1587.

António Alvares da Cunha, o matador, sem data.

João Velho Morgade, ?, a 3-4-1588. (tem uma chamada, por cima: este que se veio a chamar, João Velho Cabral, Sargento-Mor).

Gaspar Correia Rodovalho, em 13-4-1588.

António Gonçalves, em casa de Francisco Mendes, em 1-5-1588.

João Francisco, ferreiro, em 1-5-1588.

Jordão da Silva , prometeu 2$000 a pagar a 29 de Maio de 1588.

Licenciado Manuel Sanches Dalmada ?, em 29-5-1588.

António Gonçalves Homem, o moço, em 30-6-1588.

António Carvalho Homem, em 22-6-1588.

Manuel Lobo,12-6-1588.

Manuel Pires, em 12-6-1588.

Manuel Roiz Borralho, em 29-6-1588.

João Pacheco, em 29-6-1588.

Nicolau Gomes, alfaiate, aceite pelo Conde de Vila Franca, provedor, em 20-11-1588.

Miguel Serrão, tabelião, sem data.

Bartolomeu Favela da Costa, em 11-1-1589.

Pedro Fernandes, em 9-5-1589.

Domingos Gomes, alfaiate.

Ignácio de Melo, mercador, em 28-6-1590, deu de esmola ? de pastel.

Jácome Roiz, a 30-6-1590.

António Sanches, Escrivão do Eclesiástico nesta ilha, em 30-6-1590.

Damião Marques, a 30-6-1590.

Pedro da Costa, filho de Amador da Costa,, em 30-6-1590.

Manuel Gomes, em 30-6-1590.

António Afonso, 30-6-1590.

Manuel Pires, cirurgião da casa, em 2-7-1590. (Mestre Manuel).

Rui Dias de Aguiar, 23-2-1591.

António Lourenço, barbeiro. Deu de esmola 2$400 que vencia de seu ordenado de sangrar os enfermos deste hospital, assim das enfermarias de cima dos portugueses como a de baixo dos soldados (espanhóis ?) e se obrigou daqui em diante de sangrador das ditas enfermarias como até agora fez pelo mesmo ordenado sem mais prémio.

Pedro da Costa, morador em S. Pedro, em 3-3-1591.

Jerónimo Botelho de Macedo, em 24-3-1591 e deu um moio de trigo.

Vasco Caldeira Moniz, em 24-3-1591.

António da Costa, filho de Rui da Mota, sem data.

Padre Gonçalo Correia, em ? - 1591.

Simão Marreiro, em 5-5-1591.

Francisco Gonçalves, em 5-5-1591

Gaspar de Viveiros, filho Jerónimo Jorge, em 20-5-1591

Francisco Moniz ?,...do Rego d'Água, em 20-5-1591.

Francisco Teixeira, sem data.

Simão Ferreira, em 16-6-1591

Simão Roiz, carpinteiro de carros, morador em S. Pedro, em intervalo 12-1-1592.

Gabriel Pinheiro, mercador, em 26-1-1592.

Filipe Correa, de Rosto de Cão, em 26-1-1592.

João Roiz, serralheiro do porto, em 28 -6-1592.

Gaspar Roiz, alfaiate, em 21-1-1593.

O licenciado João Alvares Examinado, em 16-2-1593.

Miguel Pereira do Lago, era Feitor da Fazenda Real, em 5-3-1593.

António Ramalho, em 7-3-1593.

António Velho Cabral, em 11-4-1593.

Pedro de Carvalhais, sem data.

Manuel Correa, carpinteiro.

Bartolomeu Martins, mercador.

Frncisco Frenandes, mercador.

Pedro Gonçalves, mercador, cunhado do padre Pedro Roiz.

Belchior da Costa, alcaide do mar, em 22-4-1593.

Amador Gonçalves, lansador mor ?, em 27-4-1593.

Jerónimo de Paiva, sapateiro, em 8-5-1593.

António Roiz, o surdo, tecelão, em 15-5-1593.

Licenciado Sebastião Pimentel, em 30-5-1593.

Amador Dias, em 30-5-1593.

António Roiz, alfaiate, em 30-5-1593.

António Alvares, em 27-6-1593.

Pedro Alvares, vendeiro, 27-61593.

Crisóstomo de Paiva, morador nos Fenais, em 30-6-1593.

Manuel Alvares Miranda, em 15-9-1593.

António Mendes, sombreireiro, em 15-9-1593.

Sebastião Roiz, 15-9-1593.

João Gonçalves, serralheiro, 15-9-1593.

Martim de Castro, morador em Lisboa, em 13-4-1594.

Domingos Gonçalves, oleiro, e seu filho do mesmo nome, em 17-5-1594.

Marcos Lopes, 31-5-1594.

António Marques, 31-5-1594.

António Borges, dos Fenais.

Francisco das Póvoas, 26-61594.

João Luís , sapateiro, em 26-6-1594.

Simão Esteves, 11-9-1594

João Teixeira, tanoeiro, em 6-9-1594.

Gonçalo Vaz Coutinho[102], governador e provedor, 15 -3-1595.

Manuel da Costa, de S. Roque, deu de esmola 4800 reis e umas galhetas de prata, sem data.

André Rãgel, cura de S. Roque, em 8-5-1595.

Francisco de Andrade, sergueiro, em 20-5-159

O licenciado Henrique Soares, em 23-5-1595. Encontra-se riscado.

Diogo de Melo, em 23-6-1595.

Francisco Correa, em 2-9-1595.

Paulo Fernandes, morador nesta cidade, em 12-2-1596, e deu 3$000.

---

102 «Nada nos diz Gaspar Fructuoso acerca do governo de Gonçalo Vaz Coutinho, pois morreu no dia seguinte a ele tomar posse da capitania, mas pelos documentos que o passado nos transmitiu, reproduzidos do Arquivo dos Açores, vê-se que foi um homem valente, activo e zeloso, pondo todo o empenho em bem desempenhar as funções de que ficava encarregado, na ausência do Conde de Vila Franca. A sua maior preocupação foi a defesa da ilha contra os ataques dos piratas. Teve um papel muito importante quando da invasão pela esquadra do Conde de Essex em 1597. Gonçalo Vaz Coutinho teve um filho que nasceu em S. Miguel em 1597, Francisco de Sousa Coutinho, que se tornou notável como nosso embaixador em várias cortes da Europa. Gonçalo Vaz Coutinho era irmão do célebre cronista Frei Luis de Sousa, autor dos "Anais de D. João III" e da "História de S. Domingos". (Capitães dos Donatários, Francisco de Faria e Maia).

Agostinho Roiz e deu 2$ooo em dinheiro e 1$000 em obra de seu sogro ?

Sebastião Lopes, sirgreiro, em 30-3-1596.

Pedro Manuel Pavão, 17-4-1596.

Matias Gonçalves Barriga, 19-5-1596, estando em Lisboa a tratar de coisas desta casa, assinou seu irmão, Roque Gonçalves Barriga.

Martim Enes Raposo, 22-5-1596, deu de esmola dez cruzados.

Baltazar Gonçalves, Síndico das religiosas de Santo An.º ?, em 22-6-1596.

João Coelho Correa, em 27 -6-1596 e prometeu 30 alqueires de trigo para esse primeiro Agosto.

António Cardoso, sapateiro, em 28-6-1596.

Gaspar Fernandes Carrasco, em 22-9-1596, sapateiro e deu de esmola 2$000.

Padre Gonçalo Soares, capelão, 17-11-1596.

Mateus Henrique Lobo, em 19-1-1597.

Aleixo da Costa , sirgreiro, em 20-1-1597.

Pedro Fernandes, ferreiro, em 20-1-1597.

Jorge Nunes Botelho, 7-1-1597, era provedor o Governador Gonçalo Vaz Coutinho.

Gonçalo Rebelo, em 15-4-1597.

Francisco Fernandes, padre, em 27-6-1597 e deu de esmola 2$500.

Gaspar Roiz, em 7-9-1597

Sebastião da Rocha, em 27-12-1597 e deu 3$000 de esmola.

António Jorge Marecos,em 12-2-1598.

Miguel Lopes e André Dias, filhos de Gaspar Dias e deram 6$000 de esmola. Este termo é escrito pelo próprio Gaspar Dias.

António Mendes, em 4-5-1598, foi aceite sem dar esmola.

Baltazar Afonso dos Fenais, em 20-5-1598.

Pedro Alvares Senra, em 21-5-1598

Domingos de Aguiar, morador nesta cidade, em ?

O Capitão Dom António de Portugal, em 20-7-1598, deu de esmola 2$400 reis.

Tomás de Torres, "vedor dos soldados deste castelo", em 20-6-1598, e deu de esmola 2$400.

Francisco Brochado, em 22-6-1598, deu de esmola uma casa que fica na rua da Cruz e rende em cada ano mil e oito contos, que é também da sogra, Maria Gonçalves, que fica como irmã.

Jorge da Costa, em 27-6-1598.

Francisco Ribeiro, em 27-6-1598.

Pero Castanho, o moço, em 22-2-1598, deu de esmola 30 alqueires de trigo e 2#000 e tantos a dinheiro.

Cristovão Cordeiro de Sampaio, em 29-6-1598, que prometeu , para Agosto, trinta alqueires de trigo.

Bras Barbosa, em 29-6-1598, deu dois mil reis e assinou Bras Barbosa da Silva.

António Gonçalves, carpinteiro, em 24-7-1598, deu de esmola dois milreis.

Baltazar Simões, em 3-10-1598, deu trinta alqueires de trigo. Está riscado.

João Roiz, da Calheta. Sem data.

Domingos Tavares, tanoeiro, em 4-10-1598.

Teodósio Cabral, em 22-11-1598.

Diogo Fernandes, em 13-12-1598.

Manuel Afonso Carrasco, em 7-1-1599. Não sabia assinar.

Gaspar Fernandes, alfaiate, em 27-2-1599.

Martim de Sousa Furtado, em 24-3-1599, deu oito mil res.

Manuel Cabral, em 6-4-1599, deu dois mil res.

João Fernandes, barbeiro, em 6-4-1599.

Francisco de Arruda da Cunha, em 20-4-1599, deu de esmola quatro milreis. Está riscado.

Sebastião de Carvalho, em 20-5-1599, deu três milreis.

Gonçalo Fernandes, alfaiate, 6-6-1599 e deu quatro milreis. Está riscado.

Gaspar Roiz de Araujo, em 6-6-1599, morador na Bretanha e deu três milreis. Está riscado.

Amador Fernandes, mercador, em 13-6-1599 e deu três mil e seiscentos reis.

Luís Correa, em 20-6-1599.

Manuel Tavares, em 20-6-1599.

Francisco Tomas, em24-6-1599

Pedro Gonçalves, ferrador, 27-6-1599 e deu de esmola dois milreis.

Padre Francisco da Cunha, em 28-6-1599, nada pagou por sempre servir nesta casa.

António Pavão, em 29-6-1599, e deu de esmola escrever pela casa.....

Gaspar Alvares Coutinho, 30-6-1599, solicitador da casa, por sempre ter servido bem a casa. Riscado.

Henrique Fernandes, em 20 12-1599 e deu dois milreis.

Gregório Fernandes, 25-11-1599, sirgueiro e deu dois mile quinhentos reis.

Pedro Fernandes, 25-11-1599.

Insulana, LIV-1998
pp. 383 a 419

ANTERO DE QUENTAL: CRISTALIZAÇÕES POÉTICAS DE UM PERFIL GERACIONAL

Graça Meneses

> *La modernidad es sinónimo de crítica y se identifica con el cambio; […]. El principio que funda a nuestro tiempo no es una verdad eterna, sino la verdad del cambio. (*PAZ*, 1993: 50)*

Ao fazer coincidir, do ponto de vista sémico, *modernidade* com *razão crítica*, e ao atribuir a esta faculdade intelectual uma função criadora, porque autodestrutiva, Octavio Paz evidencia os aspectos paradoxais do fenómeno em causa, lapidarmente sintetizados na expressão *la tradición de la ruptura* (usada como título do capítulo inicial da obra citada) e, do ponto de vista temporal, faz decorrer a *modernidade* de uma nova forma de conceber o *tempo*, ou seja, situa-a numa época que o conceptualiza como mudança. Tal como hermeneuticamente no-la apresenta, a *modernidade*, herdeira do *tempo* linear do cristianismo, cujas características (*finitude*, *irreversibilidade* e *heterogeneidade*) mais não são do que o estigma da cisão original, afasta-se, no entanto, dessa concepção do *tempo*. Aceitá-la integralmente, corresponderia a pactuar com a morte do *tempo*: a eternida-

de, do ponto de vista da ontologia cristã, é incompatível com a noção em causa, uma vez que implica a anulação do futuro e, consequentemente, a negação do *tempo*: «El regreso del eterno presente, después del Juicio Final, es la muerte del cambio — la muerte de la muerte.» (*ibidem*: 35).

A instituição da *mudança* como princípio basilar da *modernidade* potencializou transformações significativas no campo artístico, tendo, neste contexto, o círculo francês de *l'art pour l'art* concretizado uma *ruptura* em relação aos pressupostos ideológicos em que assentava a *modernidade científico-tecnológica*, ao fazer a apologia de uma arte alienada dos valores sociais preponderantes e ao adoptar o conceito de *belo* defendido por Théophile Gautier: *Il n'y a de vraimment beau que ci que ne peut servir à rien; tout ce qui est utile est laid* (*apud* CALINESCU, 1991: 54). Baudelaire seria, em França, o continuador do movimento de que Gautier fora precursor, tomando como lema o **slogan** *épater le bourgois*.

*

É neste âmbito que devemos, por conseguinte, inserir a *Questão Coimbrã*, interpretando a invectiva contra os valores globais da sociedade burguesa emergente da Regeneração como a expressão do inconformismo de Antero, como o seu grito de revolta em relação aos respectivos *barões*, apesar de a polémica vinda a lume nos meios de comunicação social coevos ter assumido a aparência de simples querela ditada por posicionamentos divergentes em relação à literatura *oficial* — a Ultra-Romântica — e ao respectivo guardião — Castilho.

Em termos artísticos, o que trouxera a *paz* propiciada pela Regeneração? Se intelectualmente o país não estava totalmente adormecido no *plácido sono histórico*, o facto é que o contexto político e social

exercia uma influência nefasta em todos quantos se empenhavam na alteração da conjuntura existente, situação cujos reflexos se fizeram sentir na produção artística, em geral, e na literatura, em particular. Havia, contudo, quem se tivesse enquadrado devidamente no contexto epocal, assumindo no âmbito da produção literária um estatuto *teocrático,* consubstanciado em atitudes de paternalismo assumidas em relação a quantos, querendo vingar na vida social, encontravam guarida na *tenda* do escritor-providência que era Castilho, pronto com os seus *conselhos* a encaminhar o seu rebanho para o redil da *regeneração*, a troco sabe-se lá de que comendas. Contra esta situação insurgiu-se Antero, em Dezembro de 1865, deixando transparecer a náusea provocada pela dependência da arte em relação ao poder político num opúsculo intitulado "A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais".

Sob a pena de Antero, o desprezo que a subserviência de Castilho lhe provoca, ditado por uma consciência pautada por altos valores morais, assume desta feita um tom menos violento do que aquele que subjazera à escrita de "Bom Senso e Bom Gosto", sua primeira intervenção na polémica *Questão Coimbrã*. No entanto, apesar do maior comedimento do autor, que agora procura evitar confrontos demasiado personalizados, não deixa de ser denunciada de forma inequívoca a manipulação da arte pelo poder estabelecido, situação que, do ponto de vista de Antero, não só é moralmente inaceitável, como traduz um conceito de arte do qual se encontra ideologicamente afastado[1].

---

[1] Convoquemos pois as suas palavras, bem mais esclarecedoras do que as nossas, porque dotadas de uma expressividade que só a pena deste modernizador da prosa portuguesa poderia ter dado a lume: "Literatura que respeita mais os homens do que a santidade do pensamento, a independência da inspiração; que pede conselho às autoridades encartadas; que depende de um aceno de cabeça dos vizires académicos; essa literatura não é livre — *ubi libertas ibi spiritus* — não tem, logo, espírito, não é viva e poética... não existe pois como coisa alta e ideal, isto é, porque só ideal e alta se concebe literatura e poesia." (MARINHO & FERREIRA, 1989: 147)

Estava assim feita a radiografia moral da literatura portuguesa; tinha sido, igualmente, dissecado com o *bisturi da independência* o carácter do seu mais *digno representante* e, por conseguinte, diagnosticados os males da literatura nacional — estava moribunda, porque lhe faltava o elemento matricial de todos os produtos artísticos que, desinibidamente, se podem auto-reclamar de arte, ou seja, faltava-lhe o *ideal* que só a liberdade de espírito pode alcançar. A literatura nacional estava mutilada, faltava-lhe a alma, capaz de incutir esperança nos *espíritos abatidos*, passível de *mostrar os caminhos encobertos do bem*, enfim a alma susceptível de, *respondendo à necessidades morais do tempo, dar um alimento sadio e forte à ânsia, à fome e sede de saber e de sentir, ser enfim nacional e popular no grande e belo sentido da palavra*. (*ibidem*: 148). Longe estava a nossa literatura de corresponder aos requisitos traçados na serenidade do tribunal *interior* de Antero; a rectidão moral da sua consciência permitia-lhe vislumbrar claramente as razões da *falta de ânimo* dos produtos artísticos nacionais: os seus autores tinham trocado o ideal pelo vil metal e, por tal, só lhes restava a expulsão do *templo da arte*, consumada na voz augural do profeta dos novos tempos.

Impunha-se, então, a Antero a ingente tarefa de *reabilitar* essa literatura moribunda, imbuindo-a da alma de que fora despojada, ou seja, cumpria-lhe retomar as peugadas da 1ª geração romântica. A posição assumida por Antero coaduna-se com a atitude reformadora, iniciada pelos nossos primeiros românticos e que, depois de totalmente ignorada pelos escritores da geração de Castilho, surgiria retemperada pelo fogo temperamental do expoente máximo do terceiro romantismo — o autor das *Odes Modernas*.

*

Concretizam as *Odes Modernas*, no contexto da produção artística nacional, uma *ruptura* inquestionável. O seu criador, imbuído dos pressu-

postos teóricos formulados pelos românticos especulativos, concebe o escritor como um vidente, como um ente dotado de uma invulgar capacidade interpretativa do cosmos e das verdades primordiais do Ser, os quais, porque reveladas através da sua poesia ao comum dos mortais, fazem do magistério *poiético* uma actividade oracular e do poeta um messias dos tempos novos, um bardo da mudança[2]. Testemunho desse messianismo anteriano é o que chegou até nós, por via da rememoração estética, saída da pena de Eça, de um passado comummente vivenciado[3].

Transparece desta caracterização a intenção deliberada de mitificar Antero, contribuindo para delinear essa áurea mítica não só a *chama* que irradia do seu aspecto físico e paira sobre as multidões, numa clara alusão ao lugar de destaque que o autor das *Odes* ocupava entre a juventude coimbrã, mas e sobretudo a que, emergindo do seu íntimo, incendiava as suas palavras e, em virtude disso, as almas dos que, ouvindo-o, se faziam seus discípulos. A palavra de Antero era *luminosa*; o objectivo do autor das *Odes Modernas* era fazer luz nos espíritos coevos, a fim de levar

[2] Recordemos a forma como Aguiar e Silva nos define a concepção romântica de Poesia: "[…] como criação [esta] é indissociável da poesia como vidência, como revelação transracional, oracular e profética das verdades primordiais do Ser, das verdades invisíveis para a razão, para a ciência, para o senso comum. […]. A concepção romântica do poeta como sacerdote e vidente confere ao poeta um singular magistério espiritual, com importantes incidências e projecções no plano social e político, pois que o poeta assim se arroga o estatuto de intérprete privilegiado e guia iluminado dos povos e das nações (pense-se, entre ouros, no exemplo de Victor Hugo». (1997: 544-45).

[3] Convoquemos, a este respeito, as palavras de Eça: "Mas era um devoto (o termo não é excessivo) do poeta das "Odes Modernas". Todos, desde então, esperávamos dele a renovação de um mundo, do nosso pequeno mundo, para nós imenso, porque uma simples alma é um vasto mundo, e a sua renovação, no sentido da justiça da bondade, uma vasta obra. Antero era não só um chefe — mas um Messias. Tudo nele o marcava para essa missão, com um relevo cativante: até a bondade iniciadora do seu sorriso, até aquela grenha cor de ouro fulvo, que flamejava por cima das multidões. E havia já com efeito hábitos messiânicos nesse bando de discípulos que o acompanhavam através de Coimbra, de capa solta, enlevados na sua palavra. Essa luminosa palavra de Antero era uma das suas magníficas forças de atracção. (s/d: 261)

Portugal a cumprir a sua função histórica, a caminhar ao encontro do seu destino: «[…] Um século irritado e truculento/chama à epilepsia pensamento,/Verbo ao estampido de pelouro e obus.../Mas a ideia é num mundo inalterável,/Num cristalino céu que vive estável…/Tu, pensamento, não és fogo, és luz!» (*Odes Modernas*). Competia, portanto, à poesia, desvincular-se dos requisitos da *arte pela arte*, transformando-se numa arte comprometida com o seu *tempo*, em suma, à poesia cumpria fazer a *revolução* pretendida, propiciar a mudança almejada.

É no posfácio às *Odes Modernas* que Antero enuncia as suas posições radicais em relação ao papel que deve cumprir a arte num *tempo* que é de mudança. Atacada pelo vírus da *contradição*, a classe média perdera o ideal que a levara a agir há 50 anos atrás, deixara-se corromper, impregnara-se do mofo do *tempo* — a avareza, a ambição—, tornara-se, enfim, num corpo social destituído da vontade revolucionária inaugural e, por conseguinte, incapaz de fazer o país cumprir o destino que o *sacerdote do tempo* lhe apontara num passado bastante recente, porque, para proveito próprio, optara pela anulação do *tempo*, resolvera *viver fora da história e do tempo* ((MARINHO & FERREIRA, ed., 1989: 48). A sociedade materializara-se, imperavam os *barões* estigmatizados por Garrett nas *Viagens*. Mas a vida, tal como a concebia o autor das *Odes Modernas*, não era matéria, era *espírito e consciência*, designações do *tempo* futuro. O espírito, *flor da verdade*, habitava, segundo Antero, apenas nos rejeitados pela sociedade, nas vítimas dos opressores, em nome dos quais era imperioso desencadear a revolução cujo objectivo seria fazer reinar a Justiça. E os que a anunciavam, longe de prometerem um céu utópico, prodigalizavam um futuro concreto, porque baseado na justiça e na razão, mostrando aos oprimidos o que o Deus de Moisés se recusara a mostrar aos seus filhos: «o direito do homem em face do seu semelhante: o direito do homem em

face da Natureza: o direito do homem em face de Deus.» (*ibidem*: 50). Declarada a morte do *Senhor dos Exércitos,* transformado em *alguns pequenos centanares de pequenos deuses bastante satisfatórios*, estavam criadas as condições para que a revolução se desencadeasse e a Liberdade dos Povos fosse conquistada, através da palavra poética, tornada voz da revolução: «Esta voz se é a mais alta, deve também ser a mais poética. A poesia que quiser corresponder ao sentir mais fundo do seu *tempo*, hoje, tem forçosamente de ser uma poesia revolucionária. Que importa que a palavra não pareça *poética* às vestais literárias do culto da *arte pela arte?*» (*ibidem*: 51). A poesia rompia com os cânones estabelecidos e dessa cisão irrompia a sua *modernidade estética*.

Consciente do carácter inovador da sua arte e convicto da necessidade de a mesma se instituir como factor de mudança, invectiva Antero contra Castilho, em nome dos rígidos princípios morais norteadores da sua actuação, explicitando em "Bom Senso e Bom Gosto" quer a verdadeira missão do escritor, quer a natureza excepcional deste ser:

> É um sacerdócio, um ofício público e incorruptível das ideias, dos sentimentos, dos costumes, das obras e das palavras. [caracterizando os verdadeiros poetas;
>
> Vivem na região das benções, escutando as palavras da boca invisível, e com os ecos desta voz celeste compõem os hinos de esperança e de amor para a humanidade. Morrem, mas morrem nobres e puros. Tudo isto porque foram independentes. […] A estes chamo eu poetas. Porque nos ensinam o bem. Porque são originais e dizem sempre alguma coisa nova à nossa curiosidade de saber. Porque dão com a elevação das vidas confirmação à sublimidade dos escritores. Porque são tão poéticos como os seus poemas. Porque vão adiante abrindo à

> luz e ao amor novos horizontes. Porque não conhecem ambições nem orgulhos. Porque têm a cabeça do génio e o coração da inocência. É por isso tudo que lhes chamo poetas. (*ibidem*: 116).

Estamos face a uma caracterização do acto poético passível de denunciar uma influência do conceito romântico de poesia, esboçado por Schelling, autor que fazia coincidir a poesia com a demanda da verdade, conceito já explanado por Antero no posfácio às *Odes* (aí Antero falara da sociedade coeva, caracterizando-a de *tumultuosa* e irresistivelmente arrastada na *demanda do mistério tremendo do futuro*), espaço textual de onde emergira igualmente a inequívoca inspiração proudhoniana da arte como veículo da revolução. Procuraria Antero conciliar estas influências?

De acordo com a abalizada opinião de António Sérgio, ecoam nas *Odes Modernas* duas influências paralelas: a dos humanistas democráticos franceses, nomeadamente, de Proudhon, e a da doutrina metafísica de Hegel (não estava ainda Antero cônscio das incompatibilidades[4] dos pressupostos teóricos aventados pelos dois pilares do pensamento adoptado na escrita das *Odes*). Decorre da dúplice influência constatada a existência, nesta colectânea publicada em 65, de poemas que constituem a expressão da *heresia no campo metafísico* e de outros que, correspondendo a um grito de revolta contra as injustiças sociais, são de índole socialista e, por vezes, anarquizante.

---

[4] Apesar das incompatibilidades explanadas, não deixa António Sérgio de referir que transparecem, contudo, do livro possibilidades conciliatórias das duas influências detectadas, já que «[…] de par com um radicalismo social moralista, derivado da idéia de justiça humana e das afirmações intrínsecas do pensar racional (consoante a inspiração do humanitarismo francês) [surgem] proposições compatíveis com um evolucionismo "dialéctico", em que a classe capitalista, dominadora do povo, é que suscitasse a oposição contra o seu próprio império, automàticamente, "impelida por uma fôrça que lhe não é dado ver", consoante o princípio do antagonismo interno (confundido com a idéia de contradição de conceitos) que é a mola do desenvolvimento na concepção de Hegel."» (1943: 12).

Em "Pater", por exemplo, longo poema dedicado a Guerra Junqueiro, o poeta, discorre sobre a palavra *Pai*, acabando por concluir que os verdadeiros pais são os poetas, em suma, são todos os que lutam pela liberdade:

Sim, Padre! O poeta crente, que alevanta,
Como hóstias, as almas para os ceús!
O Prègador, que fala, enquanto Deus
Lhe arma de coração tribuna santa.
.....
Pois se são os operários do futuro,
Semeadores da seara nova,
Que lançam uma idéia em cada cova,
Da dura história sôbre o chão escuro
.....
São os grandes profetas da consciência;
Bíblias que o povo com a mão folheia;
Reveladores santos da Idéia,
que, em cada hora, vão furtando à Essência;

São milícia sagrada — são coortes
Do céu, passando aqui — são missionários
Amostrando Jesus aos homens vários…
Ajudam pois a Deus! são sacerdotes!

Surgem, aqui, os poetas, inequivocamente como os arautos de um mundo novo, os sacerdotes da *nova ideia*, que em nada se confunde com os antigos dogmas, já que estes são apenas *areia* e aquela é onda de liberdade de um mar conotado com a verdade:

Deitai-vos a nadar, homens ! e vêde
Que a onda é que se chama liberdade!
O dogma é a areia, apenas — a verdade
É esse o Mar — que o Mar nos mate a sede.

Se apenas destacámos estes *momentos* do poema "Pater", foi exclusivamente devido ao facto de deles transparecer claramente o conceito de poesia perfilhado por Antero, a função que, do seu ponto de vista, a criação poética deveria cumprir. Chamaríamos, ainda, a atenção para o poema "No Templo", de matriz proudhoniana, revelador da confiança que Antero deposita no papel a desempenhar pela revolução na construção do futuro, fazendo surgir a aurora do novo dia, momento em que o Povo, tornado *bispo* e *levita,* celebrará a *missa-nova*, pregando o novo Evangelho — *bíblia da Igualdade* —, fazendo da *Justiça* o tema do seu sermão (*a missa nova, essa é missa de Liberdade:/E órgão a acompanhar … a voz da revolução!*). Este poema, escrito no auge da sua crença poderes na revolução, é precedido no *tempo* por um outro, intitulado "À História", que, escrito em 62, permite balizar no *tempo* o prenúncio da revolução interior vivida por Antero, destruidora das convicções religiosas com que fora embalado[5]. De facto, neste, a crença no Deus uno do catolicismo sofre já abanões violentos, sendo abalada pelas dúvidas de um sujeito lírico que prevê, a curto prazo, a morte de Deus e a "Redenção dio Mundo pela acção moral do amor fraterno" (SÉRGIO, 1943:53).:

[5] Havia já prenúncios desta crise em 61, tanto quanto se pode apurar da leitura da carta então endereçada a Flórido Teles de Meneses, na qual alude à dissolução das suas crenças; no entanto, é do mesmo ano a carta dirigida a sua mãe, em que, ao perguntar pela anciã de nome Beza, manifesta o seguinte desejo: «Gostava tanto de me lembrar que ainda podia ser eu que lhe levasse, como ministro do Eterno, as consolações que ele guarda para os seus» (MARTINS, ed., 1989: 19). Oscilações de uma fé que se vai perdendo, mas que ainda conta com alguns momentos de inabalável convicção?

Ó duração de sonhos! fortalezas
De fumo! rochas de ilusão a rodos!
Que é dos santos, dos altos, das grandezas,
Que inda há cem anos adorámos todos?
As verdades, as bíblias, as certezas?
Limites, formas, consagrados modos?
O que temos de eterno e sem enganos,
Deus — não pode durar mais que alguns anos!
.....
É dêsse amor que eu falo! é dêle espero
O doce orvalho com que vá surgindo
O triste lírio, que êste solo austero
Está entre irze e abrolho encobrindo.
Dêle" de Amor!… enquanto vais abrindo,
Sôbre o ninho onde choca a Unidade,
As tuas asas d'ágia, ó Liberdade!

Não pretendendo alongarmo-nos demasiado nas referências aos poemas das *Odes*, não poderíamos deixar em branco a série intitulada "A Ideia", uma vez que se trata de um conjunto de sonetos em que ecoa claramente a metafísica de Hegel. Inicialmente composto por sete textos, mais tarde Antero adicionou-lhe um oitavo, numa tentativa de repor a verdade das suas convicções filosóficas, entretanto amadurecidas e, por conseguinte, alteradas[6]. Trata-se de uma inflexão a que não fora estranha a

[6] De acordo com António Sérgio, «não seria disparatado considerar este [o soneto escrito em 71 adicionado, posteriormente, ao conjunto divulgado aquando da primeira edição das *Odes*] uma espécie de correcção proudhoniana ao hegelianismo dos sete anteriores.» (SÉRGIO, 5 1976: 212).

própria mudança de rumo operada no pensamento de Proudhon e explanada em *Da Justiça na Revolução e na Igreja*. Estava assim estabelecida a diferença entre o imanentismo hegeliano e o proudhoniano, assim como estava justificada, segundo opina António Sérgio, a necessidade sentida por Antero de acrescentar ao conjunto inicial o oitavo soneto.

Que impacto causariam poemas cuja mensagem, longe de corresponder ao habitual sentimentalismo piegas, se abria à presença de *filosofemas*? Que esperar de todas estas rupturas? Que recepção tiveram as *Odes Modernas* ? A fim de evitarmos uma apresentação fastidiosa das opiniões que sobre este livro foram publicadas na época, vamos passar para um testemunho de carácter privado, aquele que corresponde às opiniões do próprio autor sobre o valor da arte e sobre as suas produções artísticas. Aos dezanove anos[7], em carta dirigida a Flórido Teles de Meneses, Antero revela o valor que a arte assumia na sua vida, aludindo ao facto de, no meio do desânimo espiritual em que se encontra, ter feito dela o seu único arrimo[8].

Época de crise espiritual, de antevisão do aparecimento da uma nova religião, Antero, o vidente, o ser dotado da intuição caracterizadora dos

---

[7] Pensamos que, aquando da escrita desta carta, Antero teria apenas 19 anos, situação que pensamos se coaduna com o conteúdo da seguinte afirmação: «Os vinte anos, os que se tem na alma, não importa os do corpo, é a verdadeira idade do progresso.» (MARTINS, ed., 1989: 17).

[8] Foi nestes termos que Antero expressou o seu desalento: "A arte, meu Flórido, parece-me, a mim que já em bem pouco tenho crenças, a única coisa capaz de ainda poder fazer saltar nos peitos de todos os corações capazes de nobremente baterem por alguma coisa boa e bela. Não faço aqui de céptico da moda; bem sabes: quem crê na Arte crê no belo, no bom, isto é, no Amor e em Deus, e com estes elementos pode tudo perder-se mil vezes mil, que mil vezes será tudo salvo. É por isso que tantas esperanças ponho na arte; é já um culto antecipado da religião que ainda está por nascer para uma sociedade de que só por aqui terão alguns uma vaga intuição. Destes *alguns* quero eu ser, como tu és, meu apóstolo e precursor de novos mundos, como são todos os que, depondo ambições do dia, viram os olhos de sua alma para o horizonte longínquo, aonde tem de reinar a Aurora de dia novo. (MARTINS, ed., 1989: 15-16).

poetas, indicia aqui o que seria concretizado com as *Odes Modernas*, poema oracular, anunciador da revolução instauradora do *novo dia*, e no qual é espelhada uma nova concepção da arte: altar em que devem ser oferecidos sacrifícios aos deuses da nova religião, numa demonstração inequívoca do culto que se lhes quer prestar, do apostolado em que se deve subsumir a função do poeta. É, aliás coetânea deste auto de fé na arte a recolha do material necessário à produção de um estudo sobre a arte[9], que só viria a ser publicado em Julho de 65, sob o título de "Arte e Verdade", no nº 2 da *Revista do Século*.

O perfil mental necessário à consecução das *Odes* estava, por conseguinte, delineado desde 61, datando desta época a concepção da *arte* teorizada em "Arte e Verdade" e concretizada nas *Odes*. Concebendo a arte como a *coisa santa da humanidade*, Antero situava-a entre o *sentimento religioso, apaixonado mas confuso e ilusório, e a Ciência, luminosa e segura mas fria,* colocando-a na *região serena e clara aonde a transparência do ar consente aos olhos do espírito perceber na correcção inteira de suas linhas, a forma puríssima da Verdade, sem que por isso o coração bata com menos força, sem que por isso deixe de crer, de amar e de ser vivo. É esse o domínio eterno da arte*. Esta partilharia, assim, do que individualmente caracteriza a Religião e a Ciência, resultando do abraço *ideal, santo e desinteressado*, da *abençoada reconciliação da inteligência e do coração*, a forma visível da Beleza, *a divindade mais cara à alma dos homens*, ou seja, a arte. (SERRÃO, ed., 1990: 37). A reconciliação da inteligência e do coração na arte encontrava a sua pertinência no facto de

9 Nesta carta enviada a Flórido Teles de Meneses, Antero faz a seguinte afirmação: «Peço ao sr. Faria um lugarzito para umas prosas minhas na sua *Miscelânea*, que vem a ser um estudo sobre a Arte, de que tenho todos os elementos; só falta escrevê-lo, o que brevemente farei — nem ainda fiz por estar adoentado.» (MARTINS, ed., 1989: 16-17).

ambos pretenderem a mesma coisa — «luz e amor: a verdade que se *vê* e a verdade que se *sente*» (*ibidem*: 38) —, apesar de usarem *armas* diferentes para alcançarem o mesmo objectivo: «[…] mas no pendão dambos está gravada esta mesma legenda: Verdade. A Religião chama-lhe Deus: a Ciência chama-lhe Ideia. Mas ambos por várias estradas, com vário passo, caminham para esses desconhecido, e é uma voz de comando também desconhecida que os faz andar e precipitar-se — o sentimento do infinito.» (*ibibem*: 38). Dada a natureza divina da Beleza, ela só poderia ser revelada por algo que participasse da sua essência, ou seja, a sua demanda só poderia ser concretizada na arte, já que só esta é eterna, porque perfeita. Revelando uma influência hegeliana, a arte, tal como a concebia Antero, assumia uma conotação sagrada, porque era o espaço onde o Espírito, *na sua dupla forma — Alma e Natureza* — se realiza *no grau mais subido a que podem chegar as faculdades humanas*. Mas não é alheia a esta concepção de arte a perspectiva romântica do poeta sacerdote, apóstolo da verdade, que só pode ser desvendada através, da arte, daí que o labor poético seja encarado como a mais alta das missões e o mais eterno dos sacerdócios: «O Universo é o símbolo complexo, prodigioso, duma ideia desconhecida. Extraí-la dessas sombrias aparências, revelar este sopro misterioso da vida que anima todos estes vultos confusos, eis aí a ânsia do espírito, o que o faz agitar-se dolorosamente, a sua Missão. E a Arte, Prometeu que mais que nenhum Deus aviventa esta argila inerte como um fogo santo e maravilhoso, a Arte, o pontífice espiritual do universo, havia de fechar os seus oráculos como mentirosos e fantásticos?» (*ibidem*: 40-41).

A Arte — *Verdade feita Vida* — estava teoricamente definida; a concretização destes pressupostos teóricos daria azo à elaboração da polémica obra, cuja recepção foi tão má que não chegaram a ser vendidos mais

de catorze exemplares[10]. Talvez o carácter inusitado da mesma tenha estado na base do que se nos afigura corresponder a dificuldades de publicação do livro, já que apesar de o ter dado por concluído em 63, só em 65 as *Odes Modernas* seriam dadas à estampa (ou teria a demora da publicação da mesma sido motivada por correcções da versão inicial, produto das reflexões que sobre estética o autor ia realizando, as quais desencadeariam, sem dúvida, a evolução do seu espírito?).

Antero, em carta dirigida a José Sampaio, faz uma análise mais detalhada das *Odes Modernas*:

> Como *arte* é um mau livro: excessivo, sem proporção, romântico e algo extravagante. Como *poesia* é uma nobre poesia aquela, uma nobre loucura como eu não torno a ter outra porque o meu coração endurece à maneira que se incrusta de juízo: E eu tenho saudades desses delírios! que nem tu nem ninguém censura com mais conhecimento de causa do que eu mesmo. aí tens porque se publicou. É um pecado… mas da saudade pecado venial. […]. Como livro *romântico* que é, tem o bom e o mau da escola; isto é; os defeitos e vícios das suas virtudes e belezas./Ultimamente direi, para que todos fiquemos descansados, que é o meu último livro delirante, e talvez o último livro. O bom e o mau desse velho coração que eu tive, do coração de rapaz, renega-o o bacharel presente e o muito mais bacharel que espero me fará o futuro. Eu quero ser um homem muito sério, José, porque a minha poética doidice me tem estragado o espírito, a

[10] Em carta escrita a António de Azevedo Castelo Branco, datada de finais de Outubro, Antero pede ao seu amigo que escreva uma crítica às *Odes*, provavelmente com o intuito de alterar junto do público leitor a imagem negativa do livro: «Porque não escreves para o Civilizador uma crítica às *Odes*? Já se vê sem lirismos; coisa grave como convém às nossas coisas. — Vejo que sem isto nada se faz. Sabes quantos exemplares vendidos em Lisboa, Porto e Coimbra? 14 ao todo.» (MARTINS, ed., 1989: 56).

> inteligência o coração, que é pior, porque dele vem a poesia toda: ora poesia suicida não me parece boa. A razão deve ter uma grande beleza: eu não a conheço ainda senão por suspeitas; mas tenho fé nisto. Mas a razão como tu a concebes, só aferida pela mórbida beleza das coisas agradáveis e lindas parece-me incompleta, infecunda, incapaz de levar o homem a nenhum destino grande e que, se satisfaz um indivíduo, não tem largura bastante para que a humanidade caminhe à vontade por ela; e, no fim, de estéril se tornaria, e nos tornaria a vida aborrecida. Lembra-te que se fossem muitos delírios e extravagâncias de muita gente *pouco sentimental*, há séculos a esta parte, ainda tu hoje indolentemente dormirias nos braços entorpecedores do Catolicismo! (MARTINS, ed., 1989: 49).

Vários comentários nos merecem esta carta. Em primeiro lugar, não podemos ficar indiferentes ao facto de Antero ter reconhecido a índole romântica das *Odes,* e isto porque, com alguma frequência, ele é considerado como um escritor anti-romântico. Como já tivemos o ensejo de afirmar, apoiados na tese defendida pelos autores de *Revolta e Melancolia*, existem diferentes tipos de romantismo; no caso de Antero, dissemos que ele, rompendo com o romantismo lamecha e sentimentalóide, pugnava por uma arte passível de concretizar as necessárias reformas sociais, impostas pela conjuntura epocal. Se o *tempo* era de revolução, a poesia tinha de nortear o povo, indicando-lhe o caminho a seguir, ajudando-o na demanda do *dia novo*:

> Força é pois ir buscar outro caminho!
> Lançar o arco de outra nova ponte
> Por onde a alma passe — e um alto monte
> Aonde se abra à luz o nosso ninho.

Não deixava de ser, por este motivo, romântica esta poesia (aliás, é de inspiração romântica a concepção da poesia como instrumento de procura da verdade), porque romântico era o sentimento que a desencadeara — os poemas da colectânea *espúria* não tinham sido filtrados pela razão, não tinham resultado da organização intelectual de um acto cognoscitivo do seu autor; contrariamente a isto, tinham emergido da doidice poética do seu autor, haviam sido a expressão espontânea de um coração que *romanticamente* antevia a *verdade*, a solução para os problemas que o angustiavam, e queria, por conseguinte, dar-lhe forma sem mais delongas. A escrita do poema, ditada pela inspiração, assumia as características do delírio, mas delírio salutar, porque capaz de desencadear as rupturas imprescindíveis à concretização do progresso. Por isto, o livro tem, como diz o autor, os defeitos e vícios das sua virtudes e belezas. Loucura, sim, mas nobre; poesia nobre que Antero não mais escreverá, porque para escrevê-la precisaria de deixar pulsar o coração livremente. Futuramente, orientar-se-á pelos ensinamentos da sua sebenta de bacharel, procurará ter *juízo*, mas não é sem mágoa que o afirma, sem frustração que procura apaziguar os ânimos dos amigos, sustentando que nunca mais escreverá um *livro delirante*. Feito o acto de contrição, restava-lhe renegar o Antero que fora e procurar ser um homem programado à semelhança de todos os outros, ou seja, pautando a sua actuação pela sebenta.

Mas será que este projecto era compatível com a sua índole passional? Como poderia uma alma romântica encontrar arrimo numa sociedade materializada; os seus ideais, desfeita a ilusão de encontrarem eco na sociedade coeva, estavam condenados a perecer como mistificações de uns sábios/loucos que, à custa de os quererem alimentar, se iam autodestruindo física e moralmente. Fora este o desfecho da romântica publicação das *Odes Modernas*, fora este o resultado da *Questão Coimbrã*. Fora este

ainda o resultado de uma desilusão amorosa[11]. Teria o poeta que existia em Quental perdido o pé na *corrente da vida social*; estaria definitivamente morto ou, lutando contra a maré, persistiria na sua ânsia romântica de encontrar o *mar da verdade*, o mar que lhe mataria a sede (*que o mar nos mate a sede*), tal como o José Matias do *conto* de Eça de Queiroz?

*

Em 68, transmite a Alberto Sampaio que já não é romântico: «porque há de saber que tenho uma razão serena e sensata, e uma vontade desejosa de fazer alguma coisa das boas que a dita razão me aponta com existentes no mundo.» (MARTINS, ed., 1989: 100). De novo em Lisboa em finais de 68, Antero, gorados os seus projectos de trabalho, acaba por se dedicar à doutrinação de quantos frequentam o "Cenáculo"[12], local que viu nascer as "Conferências do Casino"[13], assim como as poesias de ins-

[11] Em carta escrita a António de Azevedo Castelo Branco, no Verão de 66, Antero dá conta da sua incapacidade de superar a crise que fora suscitada também pela sua paixão amorosa: « Afora tudo isto eu tenha preso ao coração um amor que não sei (talvez porque não quero, nem ele o merece) como tirar daqui. Ele me simboliza toda a vida segundo a natureza; vulgar … e bela como qualquer árvore da primeira colina que o sol e os ventos visitam: quero dizer aquilo que todo o homem tem direito de exigir, porque nenhum homem tem o direito de exigir mais. »(MARTINS, ed., 1989: 80).

[12] De acordo com Joel Serrão, o encontro de Antero com Batalha Reis data de finais de 68, tendo Antero sido escoltado nesse primeiro encontro por Mariano Machado, Francisco Machado, Eça de Queiroz e Manuel Arriaga.

[13] A partir de fins de Fevereiro de 70, momento que Joel Serrão aponta como data provável da mudança de *pouso* do "Cenáculo": «decorrida, no ano anterior, a criação de Carlos Fradique Mendes, o "Cenáculo", se alguma vez o fora e ainda o era, passaria a outro tipo de preocupações de carácter mais sóciopolítico que puramente literário, inflexão esta a que não terá sido de todo estranha a chegada de Oliveira Martins, com quem Antero logo estabeleceria uma relação privilegiada.» (1985: 195).

piração baudeleiriana, atribuídas pelos seus autores — Antero, Eça e Batalha Reis— a Fradique Mendes. Vejamos em que consistiu esta experiência poética de inspiração baudelairiana. Nos passeios nocturnos que realizavam em Lisboa, durante os quais Antero dava vazão ao seu desejo de criar uma filosofia, e idealizava uma nova forma de governo para uma nova sociedade, surgiu, segundo o depoimento de Batalha Reis, a ideia de criar Fradique Mendes. Correspondia a idealização desta figura à necessidade de aproximar o país do *moderno movimento de ideias*, apresentando-lhe um poeta que funcionasse como uma ruptura em relação aos ideais socialmente sancionados.

Era este o projecto português de *épater le bourgoi*s: «projectávamos criar no mais íntimo e fantástico absurdo, no mais extremo contraditório, nas regiões mais irracionais e insensatas do Espírito, mais longe, mais fundo que Poë que Nerval, que Baudelaire». (*ibidem*: 198). Os *Satânicos do Norte* iniciavam em Portugal a escrita heteronímica, apesar de, em segundo Batalha Reis, no caso de Antero ser possível divisar alguma sinceridade poética nos poemas escritos sob o nome de Fradique Mendes, correlata do seu frequente pessimismo em relação à vida, e perfeitamente consentânea com o ideal da escola à qual pertencia a figura por eles imaginada, ou seja, uma escola norteada pelos princípios delineados por Baudelaire, poeta satânico e amigo íntimo de Fradique Mendes.

Esmagado por uma arte em tudo vinculada aos interesses pragmáticos da burguesia e procurando preencher o vazio suscitado pela morte de Deus, correlato da crença no valor do *tempo* como mudança, o autor das *Flores do Mal* concebe uma forma de arte que vai ao encontro daquilo que caracteriza o modo como concebe a existência humana. Se o ser humano está vinculado ao *tempo* histórico em que vive, devendo nele procurar a sua realização pessoal, porque a sua vida é irrepetível, também

a arte, na sua essência, partilha deste estigma, devendo por conseguinte ser constantemente nova e irrepetível, por oposição à forma como os *antigos* a concebiam[14].

Incapaz de ler a escrita do universo e consciente de que a religião não pode preencher o vazio criado pela morte de Deus, a irreligiosidade romântica assume o estatuto de religião, preenchendo a angústia o lugar que coubera a Deus: «La crisis de la religión da lugar a la religión de la crisis, en la que — como en la extraordinariamnete anticipativa filosofía de Kierkegaard — todas las contradicciones insolubles de la tradición judeo-cristiana afloran simultáneamente para desestabilizar toda certeza e inducir el desespero y la angustia existencia.» (CALINESCU, 1991: 70-71). O homem moderno não consegue, por conseguinte, libertar-se do seu espírito religioso e tenta ir dando conteúdo à sua religiosidade, nomeadamente através das utopias de que o vai alimentando. Não terá sido este o percurso existencial de Antero, que, em todas as experiências por que foi passando, constantemente procurava encontrar a religião que lhe preenchesse o espírito e que cabalmente colmatasse as necessidades da sua natureza mística? Se assim foi, somos levados a concluir, como Batalha Reis, que a experiência de escrita desenvolvida pelos *Satânicos do Norte* não fora tão indiferente a Antero quanto possa parecer, não lhe tendo, por-

[14] Eis como Octavio Paz sintetiza a concepção baudelairiana da arte: "la poesia moderna […] es la belleza *bizarra*: única, singular, irregular, nueva. No es la regularidad clásica, sino la originalidad romántica: es irrepetible, no es eterna: es mortal. Pertence ao tiempo lineal: es la novedad de cada día. Su otro nombre es desdicha, conciencia de finitud. Lo grotesco, lo extraño, lo bizarro, lo original, lo singular, lo único, todos estos nombres de la estética romántica y simbolista, no son sino distintas maneras de decir la misma palavra: muerte. En un mundo en que ha desaparecido la identidad — o sea: la eternidad cristiana—, la muerte se convierte en la gran excepción que absorbe a todas las otras y anula las reglas y las leyes. El recurso contra la excepción universal es doble: la ironia — la estética de lo grotesco, lo bizarro, lo único — y la analogía — la estética de las correspondencias. (1993: 111).

tanto, sido difícil encarnar no espírito de Fradique Mendes, um *alter ego* para os seus co-criadores, mas para Antero a *possibilidade de uma irónica superação* da angústia provocada pelo pessimismo que nele se entranhara com foros de "dono da casa".

À semelhança de Baudelaire que considerava que tudo o que era nobre e belo resultava da razão, sendo o homem naturalmente mau — *el mal se hace sin esfuerzo, naturalmente, inevitavelmente; el bien es siempre un produto del arte* (CALINESCU, 1991: 65) —, os *Satânicos do Norte* vão produzir poemas que em tudo fazem transparecer o culto da beleza transitória defendida pelo mestre francês. É a esta luz que devem se entendidos os poemas publicados n'*A Revolução de Setembro*, de 29 de Agosto de 1869, da autoria do Sr. Carlos Fradique Mendes, assim como os de publicação posterior — os "Poemas do Macadam" — saídos exclusivamente da pena de Antero, que, por ter assumido a solo a edição dos mesmos, deu azo ao seguinte comentário de Joel Serrão: ou «Os "Poemas do Macadam" seriam de redacção anterior à experiência de colectiva de Lisboa», ou, «após a aventura satânica lisboeta, Antero teria continuado, embora intermitentemente, e, pelo menos, até cerca de 1873 […]» (1985: 210).

Impossibilitado de encontrar uma solução plausível para o problema, Joel Serrão reflecte sobre uma problemática que se prende com o conceito de poesia subjacente à produção destes textos satânicos. Se considerássemos que o envolvimento de Antero na elaboração destes poemas era mais sincero do que o que lhe tinham emprestado os seus companheiros de escrita, seríamos levados a afirmar que muito longe andava a concepção de poesia perfilhada por Antero em textos a que já fizemos referência. Dever-se-á atribuir, então, o estatuto de autocrítica aos textos publicados por Antero sob o nome de Fradique Mendes, e em que aquele, num desdobramento de personalidade análogo ao que subjaz à escrita hetero-

nímica, critica os seus próprios poemas? Vejamos, então, o que pensava Antero do *satanismo*[15]: «[…] pode dizer-se, que é o *realismo* no mundo da poesia. É a consciência moderna (a turva e agitada consciência do homem contemporâneo!) revendo-se no espectáculo das suas próprias misérias e abaixamentos, e extraindo dessa observação uma filosofa sinistra, toda de mal, de contradição e frio desespero. É o coração do homem torturado e desmoralizado, erigindo o seu estado em lei do Universo… É a poesia cantando sobre as ruínas da consciência moderna um *requiem* e um *dies irae* fatal e desolador!» (SERRÃO, 1985: 212). Como já tivemos ensejo de referir, não era essa a forma como Antero tinha encarado a poesia no passado. Então, tudo não fora mais do que o resultado de um distanciamento irónico do poeta, provocado pela sua vontade de romper com os valores da burguesia coeva, escudando-se atrás da postura de Fradique, e aproveitando uma vez mais o ensejo para deixar claro quais os pontos de vista que defendia em matéria poesia. Somos levados a crer que Antero encarava a escrita demasiado a sério para publicar textos que não correspondessem a algo que ele considerasse publicável e que pudesse exercer, de algum modo, o objectivo por ele preconizado (basta recordarmos os trabalhos por ele destruídos, assim como a recusa de publicar certos poemas em vida). Não serão estas razões suficientes para encararmos esta

15 É importante, para a compreensão desta mistificação concretizada na figura de Fradique ter em conta que Antero abominava escolas literárias, o que deixa claro que tudo não passava de uma farsa, visando brincar com o gosto literário do público leitor de então: «Isto de *escola* saberás que é coisa com que estou enguiçando fortemente. É uma maneira fácil de se ter originalidade que não é original, e talento que é como se não existisse, porque não *cria*. A *escola* é um a máquina de estragar talentos, nada mais. Se tu aqui estivesses e seguisses o *movimento literário*, verias como isto é assim. O Realismo, o Satanismo e outros *ismos* acabam por fazer destes rapazes, aliás bem dotados, uns perfeitos idiotas. Nem um se aproveita, desconfio. E tenho pena, porque, repito, não faltam aptidões. Mas não se atrevem a ser em *soi-même*. *Être soi-même*, diz Michelet, é o princípio de toda a fecundidade.» (MARTINS, ed., 1989: 335).

mistificação poética como um dos afluentes do sinuoso rio que constituiu a sua vida espiritual, à procura do mar que persistia em não se lhe revelar? Pensamos ser esta hipótese possível, mesmo que a escrita dos poemas satânicos não tenha assumido o carácter definitivo que transparecia de outros textos em que teorizara sobre a poesia.

Vejamos a que atitude mental corresponde, na periodização estabelecida por Oliveira Martins a propósito da edição completa dos sonetos de Antero, o momento em causa. Diz-nos o prefaciador que a colecção então editada, sendo ao mesmo *tempo biográfica* e *cíclica*, conta as *tempestades de um espírito*, não de ordem particular, mas geral, já que estas são os correlatos, recriados pela imaginação do poeta, das *agonias morais* do *tempo* em que Antero viveu. Apesar de os sonetos não retratarem *episódios particulares de uma vida de homem*, não deixam, pensamos nós, de desvendar o perfil ideológico do seu criador, na medida em que, ao dar conta das problemáticas existenciais do seu *tempo*, revelam a forma como o "eu" lírico as apreendeu. Considerando que à escrita destes sonetos não presidiu, segundo o testemunho do seu autor, a intenção de fazer poesia, somos levados a considerar, embora cientes de que não podemos nem devemos estabelecer uma relação biunívoca entre a obra de um escritor e o respectivo percurso existencial, que as preocupações metafísicas que transparecem da leitura de muitos dos seus poemas decorrem de preocupações reais do seu autor, enquanto homem circunscrito a um determinado *tempo* histórico. Assim sendo, não podendo afirmar com precisão que as datas de elaboração dos sonetos correspondem à vinculação ideológica do seu autor a determinadas correntes do pensamento, podemos, de algum modo, procurar discernir, no conjunto das preocupações ideológicas do seu *tempo*, aquelas que, por terem um carácter prevalecente, devem ter correspondido às questões que mais de perto marcaram o

homem real, tendo sido, posteriormente, recriadas pelo poeta num determinado período da sua produção literária.

Tomando como referência o quadro traçado por Oliveira Martins concluímos que, de 64 a 74, segundo período da produção poética de Antero, o *silêncio* e a *escuridão*, «que antes surgiam como surpresas medonhas, ganh[am] um lugar apropriado, embora eminente, no regime das coisas; vê-se o espírito do filósofo reagir sobre o temperamento do poeta, e tornarse sistema o que até aí era fúria. Bom prenúncio. /Nesta época Antero de Quental é niilista como filósofo, anarquista como político: é tudo o que for negativo, é tudo o que for excessivo; e éo de um modo tão terminante, tão dogmático e tão afirmativo, que por isso mesmo hesitamos em crer na consciência com que o é. Da sinceridade não duvidamos, mas contra a segurança depõe a própria violência.». (SÉRGIO, [5]1976: LXXV-LXXVI). Esta fase de dogmatismo, que se seguira à produção de poesias de índole satânica, na esteira de Baudelaire, daria, por sua turno, lugar a outra em que, a par dos sonetos *crepuscularmente desolados,* [se]*levantam como auroras os sonetos estóicos*: «para curar o poeta da vertigem satânica serviu-lhe a metafísica pessimista; para o curar mais tarde dessa metafísica, servir-lhe-á a reacção do sentimento moral sobre a razão especulativa.» (*prefácio* de Oliveira Martins, reproduzido na edição de António Sérgio). A esta fase corresponde o período que, de acordo com Oliveira Martins, vai de 74 a 80. De 80 a 84 teria sido escrita a última série de sonetos, os que, no dizer do autor do *Portugal Contemporâneo* correspondem a um período de paz na produção poética de Antero, ao momento da descoberta do Nirvana, logo de superação do pessimismo.

Face à *leitura* de Oliveira Martins, que conclusões podemos tirar? O período a que Oliveira Martins faz corresponder as poesias satânicas dista no *tempo* de 62 a 66; o ano de 69, momento da 1ª publicação das poesias de Fradique, está portanto englobado no período a que Oliveira Martins faz

corresponder os sonetos metafísicos de índole pessimista. Como explicar a esta luz a experiência poética divulgada sob o nome de Fradique Mendes? Pensamos que os poemas satânicos ensaiados na fase anterior, a de 62-66, de algum modo prefaciam as composições mais radicais do poeta, as da fase niilista, dando-lhe contornos mais acentuados, como resultado da peregrinação do seu autor por caminhos da filosofia, procura motivada pela sua índole religiosa, que, na impossibilidade de obter respostas na religião da sua infância, foi sempre *irreligiosamente religiosa* e fez da angustiante busca metafísica o correlato da sua crença anterior. É, assim, perfeitamente possível conceber que, em momentos de maior pessimismo, de descrédito na possibilidade de encontrar o eco dos seus ideais na sociedade coeva, se tenha deixado levar pelo negativismo de Baudelaire e tenha feito da sua produção poética objecto de puro prazer estético, desvinculando-a, momentaneamente, da sua função de arauto da revolução, e transformando-a no instrumento da sua animosidade em relação aos valores da burguesia reinante, tentando, quem sabe, atingir desta forma os objectivos que não lograra alcançar com as *Odes — dar um choque no porco adormecido*. Pensamos ser, a este propósito, elucidativa a nota escrita por Antero em 73[16], no contexto da publicação de dois sonetos intitulados "Possesso" e publicados no nº 2 da *Folha* de Coimbra, com o subtítulo "Comentário às Ladainhas de Satã" de Carlos Baudelaire.

---

16 A nota tinha o seguinte teor: "A composição *Ladainhas de Satã*, a que aqui se alude, é uma das mais famosas do corifeu da chamada escola satânica, Carlos Baudelaire, o autor das *Flores do Mal*: É escusado advertir que o nosso colaborador, que em tantos dos seus escritos se mostra possuído da mais estranhável crença na bondade e ordem providencial nas ternas leis físicas e morais do universo, não é por modo algum solidário com as desconsoladoras doutrinas que expõe nestes dois sonetos. Uma coisa é o homem e o pensador, outra o artista para quem, dentro da verdade estética, todos os factos psicológicos têm valor igual, a quem assiste o direito de explorar indiferentemente o céu e o inferno, a crença e a negação, quando trata de definir praticamente os vários modos de ser da alma humana. (MARTINS, ed., 1989: 186).

Somos assim levados a concluir que, a par da escrita de sonetos onde predomina uma determinada *forma mentis*, outros de entre eles, pelo facto de não estarem de acordo com as temáticas prevalecentemente tratadas, poriam em causa a periodologia elaborada por Oliveira Martins, o que não terá sido sem consequências para o seu *trabalho de ordenação* dos *Sonetos Completos*. Talvez seja essa também a razão que está na base da inclusão nesta colectânea de certos textos cuja data parecer ser desconhecida do seu organizador, assim como o facto de a outros serem atribuídas datas falsas. Oliveira Martins, empenhado como estava em retratar através dos sonetos a biografia do seu autor, foi levado a estipular critérios de organização incompatíveis com o normal fluir da produção literária de um escritor, tal como Antero nos testemunha a propósito da *nota* que acompanhou os sonetos intitulados "Possesso", cuja existência não podia de modo algum ser considerada desnecessária.

Assim, independentemente do valor das composições *satânicas* escritas por Antero e da sua ligação maior ou menor aos preceitos da dita escola, o facto é que as mesmas não estão de modo nenhum circunscritas às balizas temporais apontadas por Oliveira Martins — de 62 a 66; o mesmo pode ser considerado verdade para os restantes períodos definidos pelo organizador dos *Sonetos Completos*, já que, por exemplo, a *descoberta* do *Nirvana* é bastante anterior às balizas temporais apontadas por Oliveira Martins como correspondentes ao período de encontro do poeta com esta *forma mentis*. Tenha-se em atenção que, em Janeiro de 72, em carta a Oliveira Martins, Antero lhe confessara sentir o desejo do *Nirvana*, «se não como um grande contemplativo, pelo menos como um doente", acrescentando que "para tudo dizer numa palavra, nasci *monge*. […]. Penso como Proudhon, Michelet, como os *activos*: sinto, imagino e *sou* como o autor da *Immitatio Christi*:» (MARTINS, ed., 1989: 159); é, igual-

mente, desta data o soneto que, fazendo parte do conjunto "O Elogio da Morte", foi ditado pelas circunstâncias mentais a que o autor se refere na carta enviada a João Lobo de Moura. Antero aí afirma que o soneto «[…] podia simplesmente ter [tido] por autor algum solitário, discípulo de Buda, que há 2500 anos, se assentasse à sombra de Baobab, e imobilizado o espírito num ponto único (segundo o preceito do Mestre) tivesse procurado fugir ao tormento supremo da consideração da contingência e fragilidade das coisas», acrescentando que era porém «[…] mais crível que o seu verdadeiro autor fosse algum filósofo alemão contemporâneo, que, desesperando de encontrar a *razão última do Ser* no insuficiente naturalismo da filosofia moderna, se lançasse nos sonhos insondáveis do sentimento religioso. […]». (*ibidem*: 162). Não seria esta uma clara alusão ao que se passava com o próprio autor? A par do relato da atitude mental que propiciara a escrita do soneto a que nos acabamos de referir, Antero explicita as circunstâncias que tinham ocasionado a escrita do soneto "À Virgem Santíssima": «[…] foi composto por um monge da Idade Média (aí pelo século 13º), na solidão *soava-austera* do Monte Cassino, um contemporâneo talvez do autor misterioso da Imitação de Cristo, e é dirigido à Virgem cheia-de-graça do sentimento cristão, a que mais tarde um pagão ilustre deu o nome de Eterno Feminino». (*ibidem*: 161). Estas duas composições poéticas, escritas em 72, pertencem, segundo a periodização estabelecida por Oliveira Martins, ao período das composições pessimistas, sendo que na primeira, o poeta tenta evadir-se através do sonho daquilo que o confrange, e, no segundo, tenta superar o pessimismo através de uma *interpretação romântica do budismo* — estamos de novo face a atitudes mentais completamente diferentes e impensável seria atribuir a Antero vivências tão desencontradas num mesmo lapso temporal — pensá-lo equivaleria a querer ler nos sonetos o percurso biográfico do seu

autor (tentação em que caiu Oliveira Martins), situação que a todos os níveis não se coaduna com a atitude mental que preside à elaboração de um texto poético.

*

De acordo com a fina exegese do professor Herculano de Carvalho, existe um diferença fundamental entre a apreensão poética da realidade e o modo como esta é apreendida num acto cognitivo normal: enquanto o sujeito cognoscente, colocado face a um determinada realidade, vê objectivamente o que ela representa e faz corresponder a este tipo de apreensão uma expressão verbal que com ela mantém uma relação estritamente monossignificativa, o mesmo não se verifica com a apreensão poética da realidade. O sujeito lírico, segundo a lição de Herculano de Carvalho, faz uma apreensão simbólica da realidade, vendo nela não o que objectivamente representa, mas aquilo de que ela é *símbolo ou sinal* num determinado momento. A este tipo de apreensão corresponde, portanto, uma forma de expressão também ela simbólica, em que o poeta, seleccionando as palavras que melhor conotam a apreensão efectuada, transmite «[…] não imediatamente essa realidade por ele conhecida, mas certos objectos que lhe servem de símbolos, quer produzindo directamente estes objectos simbólicos, quer representando-os ainda por outros sinais secundários que podem ser eles mesmos objectos símbolos [a metáfora e a alegoria como fenómenos cognitivos e não meramente linguísticos]...» (1984: 180). Deste modo, a poesia não reside, portanto, nas palavras, «que são meros sinais, instrumentos (e formas) de conhecer e manifestar, mas na realidade que elas significam; — a qual não é todavia a realidade concreta e objectivamente real, mas a realidade *fingida* pelo poeta, a que

ele cria imaginativa e *poeticamente* nos manifesta.» (*ibidem*:: 175). Estamos, assim, a aproximarmo-nos de um aspecto de importância primordial e que decorre da apreensão poética da realidade: trata-se do processo mental a que o poeta submete a informação colhida, através do qual são tratados os dados apreendidos, transformando-os, recriando-os, *ficcionalizando-os* (os étimos latinos dos lexemas *fingir* e *ficção* significam justamente *recriar imaginativamente*). Ora, considerando que no conhecimento poético se concretiza o *fingimento poético* ou a *ficção do irreal*, fácil se torna concluir, como efectivamente o faz Herculano de Carvalho, que à produção poética subjaz é o acto de «criar ou recriar, imaginativamente, pessoas, objectos e sucessos, independentemente de, mas não forçosamente contra a existência real dos mesmos» (*ibidem*: 182), através da expressão verbal. É este o aspecto que consideramos fundamental e que nos leva a refutar a tendência frequente de querer traçar o percurso de vida de um escritor através da sua produção literária. Não queremos com isto negar a utilidade de que se possa revestir o conhecimento de alguns dados biográficos para a dilucidação de alguns produtos literários, o inverso é que se nos afigura pouco pertinente, porque equivale a descurar um aspecto que é indispensável à compreensão do fenómeno da criação artística, ou seja, o da *re-criação da realidade*.

Antero, atormentado por dúvidas existenciais — suscitadas pelo confronto que no seu íntimo se estabelecia entre uma consciência, enformada pelos princípios ônticos do catolicismo, e os pressupostos filosóficos das divergentes teorias de explicação do mundo encontradas nos inúmeros livros e revistas que a sede de leitura e de conhecimento o levavam a *consumir* —, transportava-as para a sua produção literária, procedendo, antes da fixação do produto final que normalmente assumia a forma de soneto, ao tratamento intelectual dos *filosofemas* que à sua elaboração subjaziam,

ou seja, a escrita dos poemas era antecedida, com certeza, de uma recriação da realidade que o atormentava, que de modo algum a punha em causa. Assim, se explica a existência de poemas que, sendo contemporâneos, exprimem, contudo, respostas tão diversas em relação às inquietações que as tinham suscitado, pelo que é possível afirmar que entre a consciência individual e o mundo apreendido poeticamente o poeta interpõe a *sua filosofia*, aquela que, mercê dos constantes recuos e avanços do seu pensamento, ele vai procurando forjar com palavras e lágrimas[17].

Tal constatação não pretende de modo algum dar a entender que os sonetos de Antero, longe de serem poesia, são apenas retalhos do seu pensamento filosófico; o que pretendemos afirmar, e para o efeito convocaremos as pertinentes palavras de Eduardo Lourenço, é que

> [l]a *poésie philosophique dont* on gratifie Antero est un monstre de deux têtes, dont le seul sens est de vouloir dire que la *matiére* du Poème est constitué par des "philosophèmes" ou des apparences de "philosophèmes"; or ce qui en fait de la *poèsie* c'est justement le refus de les considérer comme tels. Toute poésie suspend sans cesse ce qu'elle semble dire, et ce qu'elle dit, elle le dit sous une forme qui ne peut pas se refermer sur elle-même. Sinon, ce serait de la prose. Le poète qu'était Antero de Quental l'a su par instinct: sa Poésie n'est pas

[17] O facto de os sonetos de Antero expressarem os seus sentimentos mais íntimos pode ser comprovado por vários testemunhos deixados pelo autor, como, por exemplo estes: «Tenho deveras pena de se me ir tornando já tão escassa esta bela faculdade poética, e de não tomarem já naturalmente os meus sentimentos a forma do soneto, porque reconheço que de tudo quanto tenho escrito é onde tenho posto mais verdade, digo verdade pessoal, expressão exacta do meu sentir íntimo.» (MARTINS, ed., 1989: 352); «É uma poesia lúgubre e fantástica, que se ressente talvez demasiado das preocupações e sentimentos habituais do seu autor, para poder agradar a quem olhar a vida do outro prisma mais escuro». (MARTINS, ed., 1989: 553).

> la glose d'une *pensée* parfaitement arrêtée, systématique, que chez lui on ne trouve qu'à l'état d'aspiration, mais le lieu où les ténèbres et les lumières de sa sensibilité autant que de son intelligence s'épousent et se refusent tour à tour, soit à l'intériour de chaque poème, soit dans leur alternance. Les traiter *sériousement* comme s'il s'agissait de *vraie* Philosophie est une tentative dénuée de sens. (1983: 139).

Pensamos, com esta síntese de Eduardo Lourenço, ter enfatizado aquilo que já anteriormente havíamos insinuado em relação ao labor desenvolvido por Oliveira Martins aquando da organização dos *Sonetos Completos* — a impossibilidade de traçar o perfil biográfico do seu autor[18], já que isto significaria anulá-los enquanto textos poéticos e, por conseguinte, tomá-los como meros símbolos da angústia existencial de um sujeito lírico que busca, através dos seus poemas, revelar-se a si próprio e, enquanto tal, simbolicamente, vai tentando apreender a verdade do *tempo* histórico ao qual a sua existência real está circunscrita, debatendo-se constantemente com as dúvidas provocadas pela incerteza da utilidade do seu esforço, já que, não raro, o mundo se lhe apresenta como um

[18] Tenhamos, todavia, em consideração que Oliveira Martins estaria a agir provavelmente de acordo com instruções que lhe teriam sido dadas por Antero de Quental, uma vez que é uma constante na sua correspondência particular a alusão ao facto de os sonetos constituírem uma espécie de autobiografia psicológica, funcionado como um documento para a posteridade. É exemplo disso, entre tantos outros que poderíamos citar, o seguinte extracto de uma carta escrita a António de Azevedo Castelo Branco: « É um cento deles, datados os primeiros de 60 e os últimos de 84: espécie de autobiografia psicológica, que pelos menos valerá como documento, pois nela está retratada uma evolução intelectual e sentimental, as "memórias duma alma" para falar com estilo de Lamartine.» (MARTINS, ed., 1989: 742). Pensamos que tudo isso obedeceu a um plano, com vista a deixar às gerações vindouras a existência de uma evolução psicológica que, como já afirmámos, não só contraria os processos de produção de textos poéticos, como não corresponde à verdade, uma vez que, no mesmo lapso temporal, foram produzidas composições poéticas evidenciadoras de estados mentais e sentimentais discrepantes.

absurdo. Por tudo isto, poder-se-á, talvez, afirmar, que os *Sonetos* simbolizam, como afirma Eduardo Lourenço, *la substance de son être spiritual et historique*, e que, ao invés de causarem dor ao poeta, são exactamente um espaço de profilaxia para o seu autor, garante da sua sanidade mental (possibilita justamente a exteriorização de todas as pulsões negativas que o atormentam num dado momento!), o que não significa que a resposta posteriormente encontrada tenha a natureza da anterior, pelo que dificilmente se poderia subdividir a produção poética de Antero em ciclos fechados, parecendo-nos mais adequada a organização temática dos seus *Sonetos*, procedimento adoptado por António Sérgio.

Afigura-se-nos, contudo, que a síntese apresentada por Oliveira Martins para definir Antero é portadora de pertinência no contexto deste trabalho, porque aquilo que efectivamente transparece dela é a ideia de que, ao *sentir poético*, está inquestionavelmente aliada uma *actividade mental*, sendo igualmente verdade que, dada a sensibilidade revelada pelo poeta em relação aos problemas que afectam a sociedade contemporânea, os seus pensamentos fossem suscitados pelos sentimentos que essa realidade lhe despertava: «é um poeta que sente, mas é um raciocínio que pensa. Pensa o que sente; sente o que pensa." (SÉRGIO, 5 1976: LXVI), não havendo, contudo (e este reparo não foi feito por Oliveira Martins), obrigatória concordância[19] entre o que, sobre determinado assunto, *sentia* e *pensava*.

---

19 A propósito desta discrepância entre o *sentimento* e a *razão*, vejamos o que afirma Antero em carta dirigida a Oliveira Martins, que assim ficou na posse dos dados necessários à prudente *modalização* da *sentença* que se acha na base deste comentário: «Estes [referia-se aos versos do poema intitulado "A Fada Negra] hão-de agradar-lhe como poesia e forma: como pensamento não o poderão satisfazer, nem a mim me satisfazem também. É incrível a desarmonia que há entre a minha razão e o meu sentimento, e este, por mais que faça, nunca chega a afinar pelo tom grave e claro daquela. Que fazer? É evidente que a poesia sai do sentimento e não da razão. Aceitemo-nos pois como nos fez a natureza. […] Os poetas são como as mulheres: hão-de-se tomar tais e quais, com os defeitos e as qualidades que na sua fatal natureza são inseparáveis.» (MARTINS, ed., 1989: 535). Sobre

Mas ouçamos, agora, os testemunhos do próprio Antero sobre a poesia, transmitidos através da correspondência que manteve com pessoas que o admiravam e respeitavam. Em 81, numa carta escrita a António Feijó, enuncia aquele que considera ter sido o defeito capital das *Odes Modernas*:

> Para me satisfazer inteiramente (vê V. Ex.ª que sou muito exigente) só desejaria que toda aquela nobre poesia tivesse sido vazada num molde dramático, que lhe desse acção, vida, verdadeiro relevo. Tenho hoje para mim ser esta a condição suprema da arte./A forma analítica parece-me convir só ao lirismo, que retrata simples momentos psicológicos, ou muito apaixonados ou muito íntimos, mas sempre elementares. Mas, fora desta esfera restrita, a poesia, tornada mais complexa, pareceme requerer uma forma sintética, a acção objectiva, o drama, (dando à palavra a sua acepção mais geral), poderosa pela sua impessoalidade. Sem isto, as melhores ideias, apenas *desenvolvidas*, pendem para o didáctico — género inferior — e muitos elementos, verdadeiramente poéticos, deixam de atingir, por falta de acção, aquele poder de comoção que virtualmente encerram. Para não ir longe buscar um exemplo, apontarei as minhas "Odes Modernas" que, entre outros defeitos, têm esse capital. (MARTINS, ed., 1989: 567).

esta mesma matéria se pronunciou ainda António Sérgio: «[…] nem sempre as poesias do autor dos *Sonetos* representam atitudes ou modos-de-ser-do-espírito a que Antero dá adesão intelectual e objectiva, isto é, que ele adopta e converte em opiniões bem suas. Porem, não se julgue por aí que tais obras de arte, não enunciativas de *opiniões* do poeta, hão-de ser por este facto friamente didácticas — histriónicas, manufacturadas, academicistas, vamos. Não: a atitude que exprimem é na verdade sentida, com cálido paralelismo de sentimento-ideia: mas não é necessário, para que tal aconteça, que a atitude sentida obtenha, ademais, o assentimento intelectual do realizador do poema, — a aprovação do filósofo, a adesão da pessoa, "de verdade" e "a sério". É fantasiada com vida, com inteligência, com simpatia perfeita: mas não é adoptada» (^{5}1976: 12-13).

Note-se que Antero faz uma distinção entre o lirismo (de feição intimista) e a poesia complexa (de carácter impessoal), opinando acerca das características que deve possuir cada um dos géneros.

A Junho de 82, falando de literatura a Joaquim de Araújo, faz as seguintes afirmações: «A literatura é uma bela coisa, mas quando é a grande literatura. Fora disso é literatice. Desejo que você se concentre em vez de se dispersar. Faça alguma coisa que indique que V. pensou, e obrigue a pensar quem o ler» (MARTINS, ed., 1989: 636) — é reiterada a opinião de que a literatura deve conter ideias.

É a Tommaso Cannizzaro que Antero dá uma das suas mais actuais definições de poeta completo— *l'homme à l'intelligence large et au coeur haut placé*—, elogiando os poemas deste autor, dotados, de acordo com o seu ponto de vista, de perfeição, «par la délicatesse du sentiment ou l'élevation des pensées et la vérité, la *loyauté* de l'éxpression.» (MARTINS, ed., 1989: 671). Tece, igualmente, nesta carta escrita em 83, considerações acerca das *Odes Modernas*[20].

Em 85, dá a António de Azevedo Castelo Branco alguns conselhos sobre poesia, dizendo-lhe que «a poesia não é a realidade, mas o possível dada a realidade, e é este o ponto de vista que satisfaz, combinando-os igualmente realismo e idealismo.» (MARTINS, ed., 1989: 742). Falando da sua experiência poética, Antero confidencia a Carolina Michaelis de Vasconcelos o seguinte: «Nunca pretendi ser poeta nem me preparei para isto com estudo e aplicação: mas, não sei como, tenho sempre encontrado a poesia ao meu lado, e espontaneamente, quase involuntariamente,

[20] «Pour moi, ce livre a cessé, depuis longtemps, de me plaire. Cette poésie de combat, révolutionnaire et déclamatoire, me seble maintenant un genre faux. Ma seule excuse c'est que j'avais 23 ans quand je publiai ce livre, que j´étais absolutement sincére et que jái mis là toute la foi et la passion dont s'ennivrait alors ma jeunesse et celle d'une partie (et la meilleure) de la génération à la quelle j'appartiens.» (MARTINS, ed., 1989: 671).

têm revestido a forma poética o meu pensar e o meu sentir (coisas que em mim andam sempre muito irmãs) no curso de uma evolução moral, não sei se singular se típica, que me tem absorvido de molde a tronar-me quase alheio a tudo mais.» (MARTINS, ed., 1989: 747) Depois falando-lhe da sua demanda da Verdade, qual *cavaleiro andante* à procura do *grande fétiche*; do *Santo Graal*, confessa-lhe que tudo isto não passara de uma grande ilusão: «Era uma ilusão, como todos os Santos Graais: mas essa ilusão me levou gradualmente da imagem para o pensamento, fez-me sondar o que toda alta poesia pressupõe, mas esconde tanto quanto revela, e — para quê encobrir esta minha velha e inveterada pretensão? — fez de mim um Filósofo. Um filósofo *manqué*, talvez, porque afinal, ainda não revelei ao mundo o meu apocalipse, nem sei se chegarei a revelá-lo… Mas, em todo o caso, pretensão ou realidade, o certo é que o filósofo, que por muito *tempo* só se exprimiu pela boca do poeta, acabou por confiscar, por absorver, por devorar o pobre poeta, e agora que este acabou, impõe-se ao filósofo (para não passar por um assassino gratuito e aleivoso) a obrigação de ser gente por si só e de falar pela própria boca. A colecção dos meus sonetos é o testemunho do pobre poeta que acabou. Entro agora numa fase nova, e tenho jurado consagrar-me daqui em diante, todo e exclusivamente, a trabalho de coordenação definitiva das minhas ideias filosóficas e, se tanto puder, à exposição metódica e rigorosa das mesmas. /Afinal, aquilo de que o mundo mais precisa, nesta fase de extraordinário obscurecimento da alma humana, é de ideias, é de filosofia — e a Poesia, voltando a adormecer nos recessos mais misteriosos do coração do homem, tem de ficar à espera até que o novo Símbolo se desvende e novos Ideais lhe forneçam um novo alimento, lhe insuflam nova vida… e então voltará a cantar. O mundo (*este* mundo) está velho: e a Poesia só está à vontade num mundo novo, jovem, enérgico». (*ibidem*: 748-9).

A ideia de que a poesia estava morta, de que as características do *tempo* em que vivia eram incompatíveis com a poesia surge como uma constante nesta geração, tendo sido tematizada por Eça em alguns *contos*, nomeadamente em "José Matias" e "Um poeta lírico", e já fora objecto de teorização por parte de Antero num trabalho intitulado "A Poesia na Actualidade". Aqui, o poeta procurara apontar como causas da morte da poesia o acelerado racionalismo da humanidade, que, entrando numa fase analítica, abandonara o pensamento sincrético gerador da poesia. A poesia, tal como a definiu Antero, situava-se entre a *pura espontaneidade* e a *pura reflexão*, pelo que possuía afinidades com a especulação metafísica e a Teologia, sendo estas as três manifestações da fase intermediária da humanidade, da sua fase poética. Tudo isto foi derrubado com o reinado da análise, pelo que, no dizer de Antero, a poesia característica do final do século XVIII e do início do século XIX já não é poesia pura; nela não era já expresso o *sentir da humanidade*, a *vida colectiva do espírito humano*. Assista-se já ao primado da *individualidade*, sintoma de uma poesia moribunda e condenada ao desaparecimento, sacrificada que havia sido a sua necessária *objectividade*. Esse fora o erro de Goethe, e o mesmo cometera Antero nas *Odes Modernas*? Ou não fosse o próprio poeta quem desabafa nestes elucidativos termos:

Como se da filosofia, da ciência, da história fosse possível extrair o que elas não contêm! Como se a acumulação da análise pudesse produzir o contrário da análise, um símbolo plástico, uma evolução poiética! Eu também acreditei nisso alguma hora, como acreditei em muitos outros dogmas da moderna superstição do Progresso. (RODRIGUES, ed., 1980: 102).

Num século que é o da morte da poesia, quem melhor o poderia representar do que Antero, o homem cuja alma de poeta morrera para dar lugar à do filósofo, digno representante das ideias que tanta falta faziam e pelas quais sempre lutara, mesmo quando se expressara através da poesia. Pensamos que Antero é, sem dúvida, o *texto* que mais profundamente nos dá a ler a Geração de 70, e a conhecer os desafios que teve de enfrentar, as lutas que quixotescamente travou contra gigantes (regra geral não mais do que simples moinhos de vento), as soluções que encontrou para os problemas com que se defrontou (mesmo quando não foram as mais adequadas), e essencialmente o alto valor moral dos seus representantes, muito em particular o do seu *grão-capitão*, verdadeira pedra-de-toque desta célebre geração, «[…] a primeira em Portugal que saiu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição.» (MARTINS, ed., 1989: 834).

REFERÊNCIAS

CALINESCU, Matei (1991). *Cinco caras de la modernidad*. Madrid: Tecnos.

CARVALHO, José Gonçalo Herculano de (1984). «Sobre a Criação Poética». *In Estudos Linguísticos II*. Coimbra: Coimbra Editora, 1984: 169-90.

LOURENÇO, Eduardo (1983). *Poesia e Metafísica*. Lisboa: Sá da Costa.

MARINHO, Maria José & Alberto Ferreira, eds. (1989). *A Questão Coimbrã (Bom Senso e Bom Gosto*). Lisboa: Editorial Comunicação.

MARTINS, Ana Maria, ed. (1989). *Obras Completas de Antero de Quental*. *Cartas I* e *II*. Ponta Delgada-Lisboa: Universidade dos Açores-Editorial Comunicação.

PAZ, Octavio (1993). *Los Hijos del Limo*. Barcelona: Seix Barral.

QUEIROZ, José Maria Eça de (s/d). «Um Génio Que Era Um Santo». *In Notas Comporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d: 251-88).

RODRIGUES, Ana Maria Moog, ed. (1980). *Antero de Quental*. Lisboa-São Paulo: Editorial Verbo.

SÉRGIO, António, ed. (1943). *Obras de Antero de Quental*. *II*. *Odes Modernas*. Lisboa: Couto Martins.

— (^{5}1976). *Antero de Quental*. *Sonetos*. Lisboa: Sá da Costa.

SERRÃO, Joel (1985). *O Primeiro Fradique Mendes*. Lisboa: Livros Horizonte.

— ed. (1991). *Obras Completas de Antero de Quental*. *Filosofia*. Ponta Delgada-Lisboa: Universidade dos Açores-Editorial Comunicação.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (1997). «Teorias Literárias (No Romantismo)». *In* Helena Carvalhão Buescu, ed. *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997: 543-7.

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES 1996
UNIVERSIDADE DOS AÇORES

JANEIRO:

09 - Para assinalar o XX Aniversário da Universidade dos Açores, realizou-se, como habitualmente, a Sessão Solene de Abertura das Aulas, que teve lugar no Anfiteatro "C". Como oradores teve, para além do Magnífico Reitor, o Prof. Doutor Avelino de Freitas de Meneses, que proferiu a oração de sapiência intitulada "Os Açores na História do Atlântico: sustentáculo da aproximação dos Mundos e acervo de Património Cultural Submarino".

FEVEREIRO:

13 - Visita de trabalho ao campus universitário de Ponta Delgada do Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Dr. Manuel Arruda, a convite do Reitor da U.A..

A construção de novas instalações e o aproveitamento dos espaços físicos contíguos à Universidade, nomeadamente o Relvão e o campo de futebol Marquês Jácome Correia, fizeram parte da agenda de trabalho.

21 - Inauguração do Laboratório da equipa de Biologia Marinha do Departamento de Biologia da U.A., localizado no Porto de Ponta Delgada.

26 - III Jornada de Estudos Filosóficos, dedicada ao tema "A Filosofia no Mundo Actual", da responsabilidade do Centro de Estudos Filosóficos da U.A., abordou temas sobre "Filosofia e Educação" (Profª Doutora

Isabel Renaud), "Filosofia e Democracia" (Prof. Doutor Michel Renaud), "Filosofia e Direitos do Homem" (Profª Doutora Mª. do Céu Patrão Neves), "Filosofia e Paz" (Prof. Doutor Viriato S. Marques). Palestra do Dr. Patrick Vermeren, representante da UNESCO e mesa redonda sobre "O contributo do ensino da Filosofia para uma mentalidade democrática", da responsabilidade dos docentes de Filosofia da U.A..

28 - Assinatura de um Protocolo de Cooperação Científica e Técnica entre a Universidade dos Açores e a Secretaria Regional do Turismo e Ambiente, destinado ao desenvolvimento económico, social e cultural da Região Autónoma dos Açores.

MARÇO:

04 - A criação de novos cursos, de licenciatura em Sociologia, História e Filosofia, foi o principal assunto da reunião plenária do Senado da U.A., presidido pela primeira vez pelo Prof. Doutor Vasco Garcia.

05 - Sessão aberta sobre a construção de acetatos, no domínio da comunicação através da retroprojecção, pelo Prof. Doutor António Moderno, do Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro.

Organizada pelo Centro Integrado de Formação de Professores (CIFOP), da U.A..

11 - Conferência sobre "A situação em Timor Leste".

Ramos Horta, elemento destacado da resistência timorense, apresentou uma comunicação intitulada "Amanhã em Díli". Barbedo de

Magalhães, Professor da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, apresentou também a comunicação "Timor Leste - Um Povo Esmagado pela Mentira e Pelo Silêncio".

15 - Seminário "Perspectivas sobre Avaliação da Aprendizagem", orientado pela Profª Doutora Lucie Carrilho Ribeiro, doutorada em Ciências da Educação, organizado pelo Centro Integrado de Formação de Professores (CIFOP), da U.A..

18 a 20 - Workshop sobre nemátodos entomopatogénicos, que reuniu especialistas da Europa, Estados Unidos e Canadá, com o objectivo de debater questões ligadas ao modo como estes organismos atacam e matam os insectos na perspectiva de melhorar a sua eficácia para o controlo de insectos.

Organizado pelo Departamento de Biologia da U.A., e suportado financeiramente pela União Europeia.

22 - Provas de Doutoramento, especialidade de História da Cultura e das Instituições, da licenciada Maria Margarida Roque do Vale de Sá Nogueira Lalanda Gonçalves, do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da U.A..

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Ermelindo Manuel Bernardo Peixoto, Vice-Reitor para a área académica da U.A., em substituição do Magnífico Reitor, e pelos Vogais, Doutor António de Oliveira, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Doutor Artur Teodoro de Matos, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Doutora Maria do Rosário Sampaio Themudo Barata de

Azevedo Cruz, Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e Doutor António Manuel Hespanha, Professor Auxiliar com Agregação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Doutor Avelino de Freitas de Meneses, e Doutora Maria de Fátima Silva Sequeira Dias, Professores Auxiliares do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da U.A., que aprovaram a candidata com Distinção e Louvor por Unanimidade.

A candidata apresentou uma dissertação intitulada "A Sociedade Micaelense do Século XVII - Estruturas e Comportamentos".

25 - Conferência sobre "Práticas Construtivistas", proferida pelo Prof. Marcelo Packman, Vice-Presidente da Sociedade Americana de Cibernética e Presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Academia Americana de Terapia Familiar.

Organizada pelo Departamento de Ciências da Educação da U.A..

ABRIL:

01 e 02 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica da licenciada Margarida de Jesus Silva Raposo Dias, do Departamento de Matemática da U.A..

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor José Carlos Andrade Rocha, e pelos Vogais, Doutora Raquel de Jesus Ramos de Olival Prata dos Santos e Teresa Maria Catanho da Silva Almada, ambas Professoras Auxiliares do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que aprovaram a candidata com Muito Bom por Unanimidade.

A candidata apresentou um trabalho de síntese intitulado "Relações de Congruência em Reticulados Pseudocomplementados" e um relatório de actividades com o título "Introdução às Extensões de Corpos".

15 a 19 - Seminário "Breve Sobre a Realidade Açoriana", com o apoio do Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas.

Contou com a participação de 27 professores e alunos de instituições de ensino do estado de Massachusetts (E.U.A.). Destinado a fornecer uma perspectiva sobre diversas vertentes da(s) realidade(s) açoriana(s) fez parte desta acção um conjunto de conferências e palestras, proferidas por professores da U.A., com um programa de visitas diversificadas. Foram tema de análise e reflexão, a literatura, o enquadramento internacional do arquipélago, as suas características geológicas e ecológicas, e seu sistema educativo, regime político e a sua economia.

23 e 24 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica da licenciada Maria Amélia Oliveira Gonçalves da Fonseca, do Departamento de Biologia da U.A..

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor João António Cândido Tavares, Investigador Principal do Departamento de Biologia da U.A., e pelos Vogais, Doutor Manuel Amorim dos Santos, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e o licenciado Gil Duarte Ferraz de Carvalho, Investigador Principal do Departamento de Biologia da U.A., que aprovaram a candidata com Muito Bom por Unanimidade.

A candidata apresentou um trabalho de síntese intitulado "Estudo da Diversidade Genética do Coelho (*Oryctolagus Linnaeus*, 1758) no Arquipélago dos Açores" e um relatório de uma aula prática com o título

"Aplicação de Marcadores Genéticos, mediante Técnicas Electroforéticas, no Estudo da Evolução de Populações Naturais".

26 - Integrado nas comemorações do XX aniversário da U.A. realizou-se um ciclo de conferências, da responsabilidade do Departamento de Matemática, intitulado "Abertura da Universidade à Comunidade".

Após a sessão de abertura, foram apresentadas as seguintes comunicações: "Matemática como Ciência de Comunicação Secreta", pelo Dr. João António Câmara Correia, "O Despertar para a Matemática", pela Dra. Ana Paula Ornelas Garrão.

Esteve patente ao público uma exposição da responsabilidade da Associação Académica da U.A. e do Núcleo Regional dos Açores da Associação de Professores de Matemática.

30 - "Festival do Mar", em Florianópolis.

A participação da U.A. integrou um conjunto de conferências proferidas pelos Professores Doutores Vasco Garcia, Almeida Pavão, Machado Pires, Doutor João Gil e Dr. Nestor de Sousa, o estabelecimento de Protocolos com universidades catarinenses, uma exposição temática sobre o mar dos Açores e uma mostra bibliográfica de livros editados pela U.A.

No referido Festival, o Professor Doutor Machado Pires foi homenageado pelo Governador do Estado de Santa Catarina.

MAIO:

09 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica da licenciada Mónica Tavares de Moura, do Departamento de Biologia da U.A..

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor João António Cândido Tavares, Investigador Principal do Departamento de Biologia, da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutora Amarilis Varennes de Mendonça, Investigadora Coordenadora do Laboratório de Fitopatologia da Estação Agronómica Nacional, e o Doutor José Norberto Brandão de Oliveira, Professor Associado do Departamento de Biologia da U.A., que aprovaram a candidata com Muito Bom por Unanimidade.

A candidata apresentou um trabalho de síntese intitulado "Cultura in Vitro de seis Taxa Vasculares endémicos dos Açores:Hypericum foliosum Aiton, Lotus azoricus P. W. Ball, Euphorbia azorica Seubert, Daboecia azorica Tutin & Warburg, Tolpis azorica (Nutt.) P. Silva e Leontondon Filii (Hochst.) Paiva & Ormonde" e um relatório para uma aula teórico-prática com o título "O método Sigmatista e sua aplicação (etapa analítica), ao estudo da vegetação da ilha de São Miguel".

09 e 10 - A secção de Filosofia da U.A. promoveu duas conferências pelos professores da Universidade de Lovaina, Jean Ladrière e Ghislaine Florival, intituladas respectivamente "Éthique et signification" e "De la dimension 'Esthetique' de l'éthique".

O Professor Ladrière proferiu uma lição, particularmente destinada aos estudantes do Curso de História e Filosofia, sobre "Pragmatique et herméneutique".

14 - Conferência sobre SIDA, integrada na disciplina de fisiologia animal, foram oradores o Dr. Roger Oliveira, coordenador da Comissão Regional de Luta Contra a SIDA, e a Dra. Saliha Fatima Abdal-Khabir,

responsável pelo controlo, prevenção e sensibilização para a SIDA junto do pessoal americano da Base da Lajes.

20 - Seminário sobre "O alargamento da Aliança Atlântica e da União Europeia aos Países do Leste da Europa", promovido pelo Centro de Estudos de Relações Internacionais e Estratégia (CERIE) da U.A..

Participaram no seminário o Reitor da U.A., Professor Doutor Vasco Garcia, o Director do CERIE, Professor Doutor Luís Andrade, o Reitor da Universidade de Agricultura de Praga, Professor Doutor Jan Hron e o Deão da Faculdade de Agricultura da Universidade da Boémia do Sul, Professor Doutor Frantizek Strelecek.

20 e 21 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica da licenciada Susana Maria Goulart Pereira da Costa do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da U.A..

As Provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Luís Manuel Vieira de Andrade, Professor Auxiliar do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da U.A., e pelos Vogais, Doutor Artur Teodoro de Matos, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova Lisboa e o Doutor Avelino de Freitas de Meneses, Professor Associado do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da U.A., que aprovaram a candidata com Muito Bom por Unanimidade.

A candidata apresentou um trabalho de síntese denominado "O Pico (Séculos XV-XVIII) - Contributo para o Estudo de uma Ilha 'Com Pouca História'" e um relatório de actividades para uma aula teórico-prática com o título "A Arquitectura Administrativa do Estado Moderno: Poder Monárquico, Ministros e Validos".

23 e 24 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica do licenciado Vítor Humberto Guiomar Cardoso Ruas, do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da U.A..

As Provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor António Manuel Bettencourt Machado Pires, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da U.A. e pelos Vogais, Doutor José António Segurado e Campos, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Doutora Marília Pulquério Futre Pinheiro, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que aprovaram o candidato com Muito Bom por Unanimidade.

O candidato apresentou um trabalho de síntese denominado "A Viagem nos Antigos Romances Gregos - O Antigo e o Novo, O Real e o Fantástico" e um relatório de actividades para uma aula teórico-prática com o título "Lector Intende: Laetaberis. Leitura e Interpretação das *Metamorfoses* de Apuleio".

24 - No âmbito das comemorações do XX aniversário da U.A. foi homenageado o Prof. Doutor Gustavo de Fraga, antigo docente do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais desta Universidade.

Lançamento da Revista Arquipélago, nº 4, série Filosofia, integralmente dedicada ao Prof. Doutor Gustavo de Fraga.

24 e 25 - Realizaram-se as IV Jornadas de Cultura Clássica.

As Jornadas integraram conferências sobre "O Rosto Feminino do Humanismo Português", pela Profª Doutora Marília Pulquério Futre Pinheiro; "Filosofia e Ciência em Séneca", pelo Prof. Doutor José

Segurado e Campos; "Os *Ludi* ('Jogos em Roma')", pelo Prof. Doutor Francisco de Oliveira e comunicações sobre "*Autokeiria* - Suicídio e a Vontade", pela Dra. Gabriela Castro; "Da Argumentação como Função Primordial da Linguagem", pela Dra. Helena Mateus Silva; "O Tráfico e a Condição Humana em Kohélet" pelo Pe. Cipriano Franco Pacheco; "O Vento de kohélet em Carlo Michelstaedter", pela Dra. Catia Benedetti e "A Espiritualidade do Monaquismo Antigo - Sua Origem, Suas Características, Sua Evolução", pela Dra. Paula Barata Dias.

30 e 31 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica da licenciada Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva, do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da U.A..

As Provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor António Manuel Bettencourt Machado Pires, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores, sendo Vogais, Doutora Rosa Maria Batista Goulart, Professora Associada do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da U.A., e o Doutor João David Pinto Correia, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que aprovaram a candidata com Muito Bom por Unanimidade.

A candidata apresentou um trabalho de síntese denominado "Sophia: O Canto para Todos" e um relatório para uma aula teórico-prática com o título "A Poesia para Crianças - Para a sua Valorização no Meio Escolar".

31 - Mesa redonda intitulada "As Ciências, a Filosofia e a Noção de Realidade", promovida por um grupo de estudantes do 3º ano do curso de História e Filosofia. Foram convidados para o debate professores de diferentes áreas científicas da U.A. nomeadamente a Profª Doutora Leonor

Pavão, o Prof. Doutor Mário Gata, a Profª Doutora Teresa de Medeiros, o Doutor João Tavares e o Dr. Carlos Riley.

JUNHO:

08 e 09 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica do licenciado Paulo Jorge Ferreira de Medeiros, do Departamento de Matemática da U.A..

As Provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor José Carlos Andrade Rocha, Professor Auxiliar do Departamento de Matemática da U.A., e pelos Vogais, Doutora Emília Joaquina Giraldes Soares, Professora Associada da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e Doutora Gracinda Maria Santos Gomes Moreira da Cunha , Professora Associada da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que aprovaram o candidato com Muito Bom por Unanimidade.

O candidato apresentou um trabalho de síntese denominado "Semigrupos de Dubreil-Jacotin Fortes: Ideais de Elementos Perfeitos e Semigrupos Ortodoxos Dualmente Perfeitos", e um relatório para uma aula teórico-prática com o título "Elementos da Teoria dos Polinómios".

11 e 12 - No âmbito das comemorações dos 450 anos da cidade de Ponta Delgada e do 20º aniversário da Universidade dos Açores, realizou-se um Colóquio evocativo do IV Centenário da Publicação das Rimas de Camões e das Poesias de Sá de Miranda, organizado pela secção de Linguística e Literaturas de Expressão Portuguesa do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas, da U.A..

17 - Provas de Doutoramento, especialidade de Vulcanologia, do licenciado João Luís Roque Baptista Gaspar, do Departamento de Geociências da U.A..

As Provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da U.A., e pelos Vogais, Doutor Britaldo Normando de Oliveira Rodrigues, Professor Catedrático do Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro, Doutor John Edward Guest, Professor do Planetary Image Centre da University College London, Doutor José Guilherme Campos Fernandes, Professor Associado do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores, Doutor Angus Macdonald Duncan, Reader da Faculty of Science and Computing da University of Luton, Doutor Carlos Alberto da Costa Almeida, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Doutor Mário Alberto Alves de Oliveira Salgueiro, Professor Auxiliar do Departamento de Geociências da Universidade dos Açores, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada "Ilha Graciosa (Açores) História Vulcanológica e Avaliação do *Hazard*".

Conferência subordinada ao tema "Adolescência e Toxicodependências", proferida pelo Prof. Doutor Carlos Amaral Dias, Professor Catedrático de Psicopatologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra.

19 - Provas de Doutoramento, especialidade de Antropologia Física, da licenciada Maria Manuela de Medeiros Lima, do Departamento de Biologia da U.A..

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor António Manuel de Frias Martins, Professor

Catedrático da Universidade dos Açores, Doutora Maria Paula do Amaral Coutinho, Professora Auxiliar do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, da Universidade do Porto, Doutora Francine Madeleine Meyer, Professora do Départament des Sciences Biologiques de l'Université du Québec à Montreal, Doutor Augusto Manuel Elias Abade, Professor Auxiliar da Universidade de Coimbra, Doutor Nelson José de Oliveira Simões, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores e Doutora Maria de Fátima do Couto Leite de Melo Medeiros, Professora Auxiliar da Universidade dos Açores, que aprovaram a candidata com Distinção e Louvor por Unanimidade.

A candidata apresentou uma dissertação intitulada "Doença de Machado-Joseph nos Açores, Estudo Epidemológico, Biodemográfico e Genético".

20 - Provas de Doutoramento, especialidade de Entomologia Aplicada, da licenciada Maria Luísa de Melo Oliveira, do Departamento de Biologia da U.A..

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor António Manuel de Frias Martins, Professor Catedrático da Universidade dos Açores, Doutor Bernard Christian Jacques Pintureau, Chargé de Recherche do Instituto Nacional de Recherche Agronomique, Doutora Maria Lorete Correia Anunciada Sousa Otto, Professora Associada da Universidade do Algarve, Doutor João António Cândido Tavares, Investigador Principal da Universidade dos Açores, Doutor Henrique José da Costa Schanderl, Investigador Auxiliar da Universidade dos Açores e Doutor Nelson José de Oliveira Simões, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

A candidata apresentou uma dissertação intitulada "*Apanteles militaris* (Walsh) (Hymenoptera, Braconidae) parasitóide das larvas de *Mythimna unipuncta* (Haworth) (Lepidoptera, Noctuidae)".

24 - Provas de Doutoramento, especialidade de Controlo Microbiológico, do licenciado António dos Santos Pires Martins, do Departamento de Biologia da U.A..

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor Donald Wilson Roberts, Full Professor do Boyce Thompson Institute for Plant Research da Cornell University, Doutor António Manuel de Frias Martins, Professor Catedrático da Universidade dos Açores, Doutora Maria Lorete Correia Anunciada Sousa Otto, Professora Associada da Universidade do Algarve, Doutor João António Cândido Tavares, Investigador Principal da Universidade dos Açores, Doutor Henrique José da Costa Schanderl, Investigador Auxiliar da Universidade dos Açores e Doutor Nelson José de Oliveira Simões, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada "O Escaravelho Japonês na Ilha Terceira (Açores) e a Influência de Factores Físicos do Solo na eficácia do Fungo Metarhizium anisopliae (Metsch.) Sorokin no Controlo Larvar do Insecto".

24 e 25 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica do licenciado João Pedro Pereira da Costa Bernardes, do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da U.A..

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Luís Manuel Vieira de Andrade, Professor Auxiliar da

Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor Jorge Nogueira Lobo de Alarcão e Silva, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e Doutor José Manuel D'Encarnação, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que aprovaram o candidato com Muito Bom por Unanimidade.

O candidato apresentou um trabalho de síntese denominado "A Civitas de Collippo", e um relatório para uma aula teórico-prática com o título "A Morte no Imaginário do Homem Romano - Uma Perspectiva Arqueológica".

28 - Assinatura de um Protocolo de Cooperação entre a Universidade dos Açores e a Universidade Federal de Pernambuco, destinado à troca de informações técnicas e científicas, permuta de publicações e desenvolvimento de acções de investigação e ensino, o intercâmbio de professores, investigadores e estudantes.

JULHO:

02 - Seminário "Computação super-turing", organizado pelo Departamento de Matemática da Universidade dos Açores.

15 a 26 - "XV Seminário Portugal, Atlântico e a Açorianidade", iniciativa do Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, e organização da Universidade dos Açores.

O Seminário contou com 34 participantes, provenientes de comunidades açorianas dos Estados Unidos, Canadá e Brasil. O seu programa contemplou diversas áreas da realidade açoriana, designadamente a Geografia, Literatura, História, Arte, Etnologia e Vulcanologia.

Para além das aulas, ministradas por docentes da U.A. realizaram-se diversas visitas de estudo.

23 - Conferência de Imprensa de apresentação do Seminário Internacional de Estudos Nemesianos.

SETEMBRO:

10 e 11 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica da licenciada Ana Paula de Ornelas Garrão, do Departamento de Matemática da U.A..

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor José Carlos Andrade Rocha, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutora Maria Purificação Antunes Coelho, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, e Doutora Maria Amélia Dias Fonseca Lopes Lucas, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que aprovaram a candidata com Muito Bom por Unanimidade.

A candidata apresentou um trabalho de síntese denominado "Polinómios Característico e Permanental de Matrizes Associadas a Grafos", e um relatório para uma aula teórico-prática com o título "Algumas Caracterizações das Matrizes Definidas Positivas".

23 a 27 - Workshop da Rede de Investigação Europeia do programa "Human Capital and Mobility" intitulado *Colloidal Plasmas*.

Os objectivos científicos do Workshop basearam-se na apresentação dos resultados de investigação mais recentes e na elaboração dum artigo de revisão do estado actual dos conhecimentos nesta área.

Estiveram presentes nos Açores cerca de duas dezenas de cientistas, incluíndo figuras figuras bem conhecidas do mundo científico nesta especialidade.

26 - Conferência sobre "Perspectivas de desenvolvimento de Cabinda no contexto da bacia do rio Zaire", proferida pelo Dr. Martinho da Cruz Nombo, Vice-Governador daquela região, organizada pelo Centro de Estudos de Relações Internacionais e Estratégia da U.A..

OUTUBRO:

04 - Sessão de Abertura do Conselho Coordenador de Estágios, presidida pelo Reitor da Universidade dos Açores.

Mais de cem alunos estagiários, das licenciaturas de ensino da U.A. ficaram integrados na rede escolar do 2º e 3º ciclos do ensino secundário da Região.

11 - Sessão de Abertura do Ano Lectivo da Universidade dos Açores, pólo da Terra-Chã, presidida pelo Reitor da Universidade dos Açores.

No mesmo dia reuniu-se pela primeira vez, no Departamento de Ciências Agrárias, o Conselho Administrativo.

14 - Abertura do Curso Livre de Língua Italiana.

23 - Conferência de Claude Muller, Professor de Linguística Geral da Universidade Michel de Montaigne, sobre "A conjunção *que*, a subordinação e a inversão complexa".

24 - Sessão Comemorativa do 20º Aniversário do Departamento de Biologia da U.A..

Fez parte do programa a intervenção do Reitor, Professor Doutor Vasco Garcia, Fundador e primeiro Director do Departamento de Biologia, intitulada "Contributo da Biologia para o desenvolvimento social e económico dos Açores".

Palestras sobre "La lutte Biologique et la préservation de l'environemment", pelo Doutor Jean Voegelé, Directeur de Recherches do Institut National de Recherches Agronomiques, primeiro cientista internacional a colaborar nas actividades deste departamento, "A Malacologia: um exemplo de Biodiversidade e de investigação pluridisciplinar", pelo Prof. Doutor António Frias Martins, Professor Catedrático, Pró-Reitor e Director do Centro de Conservação e Protecção do Ambiente,"O ensino da Biologia na Universidade dos Açores", pelo Prof. Doutor Nelson Simões, Director do Curso de Biologia e Presidente do Conselho Pedagógico, e "O Departamento de Biologia no virar do século", pelo Doutor João Tavares, Investigador Principal e Director do Departamento de Biologia.

Inauguração do Laboratório de Microscopia Electrónica.

25 - Ciclo de conferências sobre "Turismo Internacional e Modelos Turísticos Insulares", em que participaram reputados especialistas nacionais e internacionais.

Foram debatidos temas sobre "A Formação e o Ensino do Turismo em Portugal", "Alojamento Turístico: O Caso dos Açores", "Turismo Internacional e Política de Emprego: O Caso dos Açores", "Competividade Estratégica das Indústrias do Turismo", "Segmentação do Mercado Turístico: O Caso dos Açores" e "Turismo Internacional e Transportes Aéreos: O Caso dos Açores".

NOVEMBRO:

05 - Conferência sobre "Magical Realism & Portuguese-American Writing", proferida pela Dra. Katherine Vaz, Professora de Escrita Criativa.

Organizada pela Secção de Inglês do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da U.A..

29 - Conferência intitulada "Da Bioinformática à Biocomputação", proferida pelo Prof. Doutor José Félix Costa da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Organizada pelo Departamento de Matemática da U.A..

DEZEMBRO

06 - Painel filosófico denominado "A actualidade do espírito Cartesiano" e exposição bibliográfica assinalaram o IV Centenário do nascimento de Descartes.

O painel incluiu, depois da sessão de abertura presidida pelo Reitor da U.A., uma intervenção do Prof. Doutor Gustavo de Fraga sobre "O Espírito Cartesiano", do Prof. Doutor José Luís Brandão da Luz sobre "Descartes: Uma Filosofia do Fingimento", e da Profª Doutora Maria do Céu Patrão Neves sobre "O Humanismo Cartesiano".

Organizado pelo Centro de Estudos Filosóficos, com colaboração dos Serviços de Documentação da U.A..

10 - Conferência de imprensa de apresentação do novo logotipo da U.A., e da participação da U.A. no Forum Estudante/Juventude'96, em Lisboa.

11 - Conferência sobre "Património histórico-geográfico e desenvolvimento. Um caso brasileiro", proferida pelo Prof. Doutor Augusto César Zeferino, da Universidade Federal de Santa Catarina, no âmbito das actividades do curso de licenciatura em Sociologia.

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES 1997
UNIVERSIDADE DOS AÇORES

JANEIRO:

09 - Para assinalar o XXI Aniversário da Universidade dos Açores, realizou-se, como habitualmente, a Sessão Solene de Abertura das Aulas, que teve lugar no anfiteatro da Escola Superior de Enfermagem, pelas 10h00. Como oradores teve, para além do Magnífico Reitor, o Prof. Victor Hugo Forjaz, que proferiu a oração de sapiência intitulada "História, Vulcanologia e Sociedade".

10 - Reunião Ordinária do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), que teve início às 10h00. Fizeram parte da ordem de trabalhos os pontos relativo à Autonomia Universitária, Comissão do Ensino Artístico, Livro Verde sobre a Inovação e Funções da Universidade.

20 e 21 - Provas de Doutoramento, especialidade de História da Educação, do licenciado José Maria Teixeira Dias, do Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores e pelos Vogais, Doutor José Ribeiro Dias, Professor Catedrático da Universidade do Minho, Doutor Manuel Ferreira Patrício, Professor Catedrático da Universidade de Évora, Doutor Ermelindo Manuel Bernardo Peixoto, Professor Associado, com Agregação, da

Universidade dos Açores, Doutor Rogério António Fernandes, Professor Associado da Universidade de Lisboa, Doutor Mariano Teixeira Alves, Professor Associado da Universidade dos Açores e Doutor António Gomes Ferreira, Professor Auxiliar da Universidade de Coimbra, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Maioria.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada "Todos os Santos, Uma Casa de Assistência Jesuíta em São Miguel".

26 e 27 - Provas de Agregação, na área de Línguas e Literaturas Românicas, especialidade de Literatura Portuguesa Moderna, do Professor Fernando Jorge Vieira Pimentel, do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Professor Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor Aníbal Pinto de Castro, Professor Catedrático da Universidade de Coimbra, Doutor Vítor Manuel Aguiar e Silva, Professor Catedrático da Universidade do Minho, Doutora Maria Lúcia Torres Lepecki, Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Doutora Ofélia Milheiro Caldas Paiva Monteiro, Professora Catedrática da Universidade de Coimbra, Doutor António Manuel Bettencourt Machado Pires, Professor Catedrático da Universidade dos Açores, Doutor José Martins Garcia, Professor Catedrático da Universidade dos Açores e Doutora Maria de Lurdes Conceição Abrantes Amaral Pereira Ferraz, Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que aprovaram o candidato com Mérito Absoluto por Unanimidade.

O candidato apresentou um relatório sobre Literatura Portuguesa e uma lição intitulada "Modernidade e Romantismo em Almeida Garret -

Reflexão sobre o significado estético-cultural de Frei Luís de Sousa", *Viagens na Minha Terra* e *Folhas Caídas*.

31 - Entrega do Prémio Jacinto de Magalhães à Doutora Manuela Lima, com distinção e Menção Honrosa, pelo trabalho apresentado nas suas provas de doutoramento "A Doença de Machado-Joseph nos Açores - Estudo Epidemiológico, Biodemográfico e Genético".

O prémio foi entregue às 15h00, em cerimónia oficial presidida pela Ministra da Saúde estando também presente o Ministro da Ciência e Tecnologia.

FEVEREIRO

03 e 04 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica do licenciado Emanuel Oliveira Medeiros, do Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pela Presidente, Doutora Maria de Lurdes Ferreira Cabral de Sousa, Professora Auxiliar da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor

José Ribeiro Dias, Professor Catedrático da Universidade do Minho e Doutor João José Santos Matos Boavida, Professor Associado da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, que aprovaram o candidato com Muito Bom por Unanimidade.

17 a 19 - Exposição itinerante de fotografias relativas aos 50 anos de actividade da Organização das Nações Unidas em Ponta Delgada, patente ao público na Reitoria da Universidade dos Açores.

As fotografias abrangem temas como as vítimas da guerra, a luta contra a fome, a manutenção da paz, a justiça e igualdade, as necessidades básicas e o ambiente.

A exposição foi promovida pelo Instituto Açoriano de Cultura, com a colaboração da Universidade dos Açores.

24 - Feira do Livro Universitário realizou-se nas antigas instalações dos Serviços Académicos e prolongou-se até dia 8 de Março.

MARÇO

03 - Timor Leste em Destaque nos EUA. Realizou-se um conjunto de conferências, debates e colóquios sobre Timor Leste nos quais a Universidade dos Açores foi representada pelo seu Reitor Professor Doutor Vasco Garcia, sendo o mesmo conferencista versando o tema "Os Açores e o Ambiente".

04 - Assinatura de um protocolo de Cooperação entre a Universidade dos Açores e a Universidade de Massachusets (EUA).

06 - Conferência "Direitos Humanos em Timor Leste". Esteve em foco a Autonomia do Território onde participou o Reitor da Universidade dos Açores.

08 - Seminário "Contracepção e Infertilidade" organizado pelo Centro de Estudos de Bioética/Pólo Açores, pelas 9h30 no anfiteatro "C" da Universidade dos Açores".

Entre os temas a tratar incluem-se: "O sentido da Maternidade"; "Para uma Ética da Reprodução Humana"; "Técnicas de Reprodução Medicamente Assistida: Suas Questões Éticas"; "Os desafios do Direito face às Actuais Questões de Reprodução Humana" e "Aspectos Psicológicos da Reprodução Humana". Realizando-se ainda uma mesa redonda sobre "Sexualidade e Planeamento Familiar". Vão intervir nestes trabalhos reputados especialistas de Bioética, Saúde, História, Direito com a participação da Profª. Manuela Lima, do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores.

10 - Realizou-se o I Encontro de Sociologia nos Açores, às 10h00, no Anfiteatro "B" da Universidade dos Açores.

Participaram no encontro, o Professor João Ferreira de Almeida, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), a Professora Doutora Ana Nunes de Almeida, Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia, o Professor Doutor António Brandão Moniz, Presidente da Associação Portuguesa de Profissionais em Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho, a Professora Doutora Maria Luís Rocha Pinto, Directora Adjunta do Departamento do Ensino Superior, e os Professores Doutores Gilberta Rocha, Francisco Carmo e Brandão da Luz da Universidade dos Açores.

Foi assinado um Protocolo de Cooperação entre a Universidade dos Açores e o ISCTE e lançou-se o Volume IX-X da revista "Arquipélago-Série Ciências Sociais".

14 - Actividades comemorativas do "Dia Mundial dos Direitos dos Consumidores" promovidas pela ACRA. Realizou-se na Universidade dos Açores pelas 16h00 uma Acção de Sensibilização dirigida à popula-

ção académica do Departamento de Economia e Gestão e restante população universitária interessada.

14 - Assinatura de um Protocolo entre a Universidade dos Açores e a R.T.P., destinado à cooperação nas áreas da Educação, Ciência e Cultura, com o intuito de assegurar a divulgação de actividades e elaboração de programas televisivos em campos temáticos de interesse comum.

17 a 21 - Com o patrocínio da Câmara Municipal de Ponta Delgada e integrado nas comemorações dos 450 anos da sua elevação a cidade, realizou-se o Colóquio Comemorativo dos 450 anos da Cidade de Ponta Delgada, cuja organização, a pedido da Câmara Municipal, coube à Universidade dos Açores.

Os trabalhos do colóquio decorreram no Anfiteatro "C" da Universidade dos Açores, a sessão de abertura teve lugar na manhã do dia 17 com a presença de sua Excelência, o senhor Presidente do Governo Regional dos Açores, sendo proferida uma conferência pelo Professor Arquitecto Gonçalo Ribeiro Teles. A sessão de encerramento ocorreu no dia 21 com a presença de Sua Excelência, o Senhor Presidente da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, sendo proferida uma conferência pelo Professor Doutor Ilídio do Amaral.

Os temas debatidos em mesa redonda foram: "Património Urbano e Ordenamento do Território", por António Valdemar e "Instituições e Agentes Culturais da Cidade", por José Gabriel Ávila.

Para além dos nomes já referidos, destacaram-se ainda os Professores Doutores Carlos Alberto Medeiros, Vítor Matias Ferreira, Artur Teodoro de Matos, Sacuntala de Miranda e Luís Baptista.

20 - Provas de Doutoramento, especialidade de Literatura Portuguesa do licenciado Paulo Jorge de Sousa Meneses, do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor Vítor Manuel de Aguiar e Silva, Professor Catedrático da Universidade do Minho, Doutor José Luis Rodriguez, Professor Catedrático da Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela, Doutor António Manuel Bettencourt Machado Pires, Professor Catedrático da Universidade dos Açores, Doutor José Martins Garcia, Professor Catedrático da Universidade dos Açores, Doutor Ivo de Castro, Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Doutor Fernando Jorge Vieira Pimentel, Professor Associado com Agregação da Universidade dos Açores que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada "Trovadorismo galaico-português (vozes e afectos)".

ABRIL

04 - Ciclo de Conferências subordinadas ao tema "Observar Vulcões no Sistema Solar" integrado no 1º Workshop Sobre Mitigação do Risco Vulcânico, que se realizou no Centro de Vulcanologia da Universidade dos Açores.

Participaram alguns dos mais prestigiosos vulcanólogos europeus, John Guest, Director do Observatório Planetário da Universidade de

Londres que divulgou e analisou os resultados obtidos durante missões espaciais que a NASA efectuou ao planeta Vénus, Gugmundur Sigvaldason, Director do Instituto Nórdico de Vulcanologia que abordou as vertentes descritiva e interpretativa da erupção subglacial de 1996 na Islândia, Jean-Louis Cheminée, Presidente da Organização Mundial dos Observatórios Vulcanológicos (WOVO) que abordou o papel dos observatórios vulcanológicos no contexto global da monitorização, da investigação e da minimização do risco e o Doutor João Luís Gaspar, Director do Centro de Vulcanologia da Universidade dos Açores, que apresentou as linhas principais de orientação dos programas de vigilância vulcanológica delineados para os Açores.

09 - Assinatura do contrato para a elaboração do projecto de construção do complexo científico interdisciplinar da Universidade dos Açores em Ponta Delgada.

Serão instalados os Departamentos de Biologia e de Ciências Tecnológicas e Desenvolvimento, para além de salas de aula, anfiteatros, laboratórios e espaços diversos, está prevista a construção de uma zona coberta para estacionamento automóvel.

18 - Conferência "A Licenciatura e o 1º Emprego", organizada pela AIESEC.

28 - Assinatura do protocolo de cooperação entre a Universidade dos Açores e o Instituto da Defesa Nacional.

Para além das altas patentes militares sediadas na Região, foram convidadas para a cerimónia S. Exas. o Ministro da República para os Açores e o Presidente do Governo Regional.

O referido protocolo foi assinado pelo Reitor da Universidade dos Açores, Professor Doutor Vasco Garcia e pelo Director do I.D.N., Prof. Doutor Nuno Severiano Teixeira. O protocolo consagra formalmente as relações de cooperação mantidas entre ambas as instituições e permitirá dar um maior fôlego a futuras iniciativas conjuntas designadamente Colóquios de Estratégia e Relações Internacionais centrados sobre a área do Atlântico.

MAIO

23 e 24 - V Jornadas de Cultura Clássica, organizada pelo Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidae dos Açores, onde participaram e interviram, para além de investigadores e docentes da Universidade dos Açores, os professores Luís Agustín García Moreno (Espanha), Paola Rossi (Itália) e Marília Pulquério Futre Pinheiro (Universidade de Lisboa).

30 e 31 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica da Licenciada Maria do Carmo Carvalho Sousa da Cunha Martins Miranda, do Departamento de Matemática da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor José Carlos Andrade Rocha, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutora Natália Isabel Quadros Bebiano da Providência e Costa, Professora Associada da Universidade de Coimbra e Doutora Maria Celeste de Almeida Gouveia, Professora Associada da Universidade de Coimbra, que aprovaram a candidata com Muito Bom por Unanimidade.

A candidata apresentou um trabalho de síntese intitulado “Matrizes Definidas Positivas”, e um relatório para uma aula teórico-prática com o título “Factorização de Polinómios”.

JUNHO

09 - Provas de Doutoramento, especialidade de Biologia Marinha da Licenciada Ana Isabel de Melo Azevedo Neto, do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores.

As Provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor António Manuel Frias Martins, Professor Catedrático da Universidade dos Açores, Doutor Wiliam Frank Farnham, Professor da University of Portsmouth, Doutor Ricardo Jesus Haroun Tabraue, Professor Titular da Faculdade de Ciências del Mar da Universidade de Las Palmas de Gran Canaria, Doutor Ricardo Alexandre Perdiz de Melo, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Doutora Isabel Maria Sousa Pinto, Professora Auxiliar da Universidade do Porto e Doutor António dos Santos Pires Martins, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada “Studies on Algal Communities of São Miguel , Azores”.

09 - Conferência intitulada “Tantos Vulcões, Tão Pouco Tempo”, organizada pelo Centro de Vulcanologia da Universidade dos Açores e pelo Consulado dos Estados Unidos da América.

O Dr. Rick Wunderman, especialista em vulcanologia e um dos editores do boletim do *Global Volcanism Program* do Museu Nacional de História Natural da *Smithsonian Institution*, em Washington, D.C. foi o conferencista convidado.

Posteriormente esteve patente ao público, no átrio do Departamento de Geociências, uma exposição sobre o *Global Volcanism Program* que incluíu documentação diversa, audiovisuais e software interactivo.

27 - Conferência subordinada ao tema "Indicadores de Conforto dos Açores: Análise e Comparação com o Continente", organizada pelo Departamento de Economia e Gestão.

A conferencista foi a Mestre Áurea Sandra Toledo Sousa, do Departamento de Matemática, da Universidade dos Açores.

JULHO

04 - Provas de Doutoramento, especialidade de História Medieval do licenciado Manuel Sílvio Alves Conde do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

As Provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Doutora Maria Helena da Cruz Coelho, Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Doutor José Marques, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Doutora Iria Vicente Gonçalves, Professora Associada da Faculdade de

Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Doutor Avelino de Freitas de Meneses, Professor Associado da Universidade dos Açores e Doutora Ana Maria Seabra de Almeida Rodrigues, Professora Auxiliar da Universidade do Minho, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada "O Médio Tejo nos Finais da Idade Média. A Terra e as Gentes".

07 a 11 - Exposição, de Ilustrações Científicas, I Curso, promovido pelo Núcleo de Ilustrações Científicas da Delegação Regional dos Açores da Associação Portuguesa de Biólogos (APB). Esta exposição esteve patente ao público no Departamento de Biologia da Universidade dos Açores.

08 - Provas de Doutoramento, especialidade de Ecologia, do licenciado José Manuel Viegas de Oliveira Neto Azevedo, do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores.

As Provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor Carlos Alberto da Silva Almaça, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Doutor Luís Vieira Caldas Saldanha, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Doutor Jorge Guimarães da Costa Eiras, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Doutor António Manuel Frias Martins, Professor Catedrático da Universidade dos Açores, Doutor Luís Manuel Arruda, Professor Associado da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Doutor Hélder Guerreiro Marques da Silva,

Investigador Auxiliar da Universidade dos Açores, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada "Estrutura de uma Comunidade Ictiológica do litoral da ilha de São Miguel (Açores): Caracterização e Variações Espaço-temporais".

17 e 18 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica do licenciado Vítor Manuel da Costa Gonçalves, do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores.

As Provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor João António Cândido Tavares, Investigador Principal da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor José Norberto Brandão de Oliveira, Professor Associado da Universidade dos Açores e Doutor António Manuel Fernandes Rodrigues, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, que aprovaram o candidato com Muito Bom por Unanimidade.

O candidato apresentou um trabalho de síntese intitulado "Estrutura da Comunidade Fitoplanctónica da Lagoa das Furnas" e um relatório de uma aula prática sobre "Determinação da Clorofila *a* e Feopigmentos de Microalgas em Acetona e Etanol".

21 e 31 - Seminário "Portugal Atlântico e a Açorianidade", uma iniciativa do Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas e organização da Universidade dos Açores.

O Seminário contou com 30 participantes, docentes de Língua Portuguesa, provenientes das Comunidades Açorianas da Costa Leste dos E.U. e Canadá.

O seu programa contemplou várias áreas da realidade açoriana (Geografia, Literatura, História, Arte, e Cultura Popular), e do Ensino do Português. Para além das aulas realizaram-se Visitas de Estudo a Ponta Delgada, Vila Franca, Sete Cidades, Lagoa, Ribeira Grande, Furnas e Nordeste.

24 e 25 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica do licenciado Artur António Boavida Madeira, do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

As Provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor José Luís Vasconcelos Brandão da Luz e pelos Vogais, Doutora Gilberta Margarida Pavão Nunes da Rocha, Professora Associada da Universidade dos Açores e Doutora Maria Luís Rocha Pinto, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que aprovaram o candidato com Muito Bom por Unanimidade.

O candidato apresentou um trabalho de síntese intitulado "População e Emigração nos Açores (1766-1820)" e um relatório de uma aula prática sobre "Fontes Demográficas do Antigo Regime nos Açores".

SETEMBRO

20 - Semana Cultural Açoriana, organizada pela Casa dos Açores da cidade de Toronto.

Entre as diversas palestras e conferências previstas no âmbito desta realização, contou-se com intervenções do Reitor da Universidade dos Açores e do Escritor João de Melo, que abordaram os seguintes temas, respectivamente: "A Universidade e o desenvolvimento dos Açores"; "Gente Feliz com Lágrimas". Para além das referidas conferências parti-

ciparam as tunas académicas da Universidade dos Açores em espectáculos musicais e compreendeu ainda a exposição de produtos regionais, actuações de grupos corais e folclóricos, variedades musicais e provas de gastronomia entre outros aspectos caracterizadores da realidade açoriana.

Ainda no âmbito desta deslocação a Toronto da Universidade dos Açores foi assinado um Protocolo de Cooperação entre a Universidade dos Açores e a Casa dos Açores de Toronto.

22 a 29 - X Expedição Científica do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores. Realizou-se, através do Departamento de Biologia, uma Expedição Científica ao Arquipélago da Madeira designada "Expedição Científica MADEIRA 1997".

Este projecto tem como objectivo o estudo da Fauna e Flora dos ecossistemas insulares.

25 a 27 - I Encontro de Cultura Popular, em homenagem à figura do etnólogo Doutor Manuel Viegas Guerreiro, cuja actividade científica se estendeu a este arquipélago.

O evento foi uma organização conjunta do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas e do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade dos Açores. Sendo presidido pelo Doutor José de Almeida Pavão, Professor Jubilado desta Universidade.

OUTUBRO

06 - Provas de Doutoramento, especialidade de Literatura Portuguesa Clássica da licenciada Maria do Céu Amaral Fortes de Fraga Amaral, do

Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores.

As Provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva, Professor Catedrático da Universidade do Minho, Doutor Aníbal Pinto de Castro, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Doutora Maria Vitalina Maynone Martins Leal de Matos, Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Doutor António Manuel Bettencourt Machado Pires, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores, Doutor José Martins Garcia, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores e Doutora Rosa Maria Baptista Goulart, Professora Associada do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

A candidata apresentou uma dissertação intitulada "Os Géneros Maiores na Poesia Lírica de Camões".

08 - Conferência subordinada ao tema "Os Açores e a Identidade Cultural de Santa Catarina (Sul do Brasil)".

A conferencista demonstrou o contributo açoriano para o mosaico étnico-cultural catarinense, em que se destaca a festa do Divino Espírito Santo, cujas manifestações foram ilustradas por diapositivos.

13 - Curso Livre de Italiano na Universidade dos Açores, promovido pela Secção de Estudos Italianos da Universidade dos Açores, aberto a

todas as pessoas interessadas e articulado em dois níveis: Elementar e Avançado.

15 - Conferência subordinada ao tema "Perspectivas Actuais da Antropologia", no âmbito das actividades do curso de licenciatura em Sociologia.

O palestrante foi o Professor Doutor Augusto Mesquitela Lima que abordou questões teóricas da Antropologia Cultural no contexto das Ciências Sociais.

25 a 31 - Semana de Cultura Francesa. Iniciativa do G.R.I.F. (Groupe de Recherche Interdisciplinaire sur le Français), associação de docentes das várias áreas de francês (língua, literatura, cultura, etc.) das Universidades Portuguesas com o apoio do Serviço Cultural da Embaixada de França.

As Universidades dos Açores, Algarve, Aveiro, Braga,Coimbra, Évora, Lisboa e Porto desenvolveram em paralelo várias actividades de divulgação da cultura francesa nos seus mais diversos aspectos: literatura, música, cinema, artes plásticas, gastronomia, etc..

Para além das actividades desenvolvidas, inaugurou-se a Exposição *Colette Deblé*, com a presença da mesma.

27 a 29 - Colóquio "Portugal e as Relações Transatlânticas", organizado pela Universidade dos Açores, através do Centro de Relações Internacionais e Estratégia (CERIE) e em conjunto com o Instituto de Defesa Nacional (IDN).

O colóquio abordou um conjunto de temas, nomeadamente: a globalização da economia, as relações político-diplomáticas da EUU, da União

Europeia e de Portugal no contexto Transatlântico e as questões de segurança e defesa relacionadas com o alargamento da NATO e a Identidade Europeia de Segurança e Defesa.

Este colóquio integrou ainda um painel sobre "Lusofonia no Quadro Atlântico" que corresponde ao crescente interesse que as problemáticas insulares e lusófonas vêm despertando.

NOVEMBRO

07 - Lançamento da revista "Arquipélago, Série História, Vol. II" na livraria Solmar Artes e Letras.

A revista foi apresentada pelo Professor Doutor José Medeiros Ferreira, inclui uma secção de História Insular e Atlântica e outra de História Geral, para além de recensões e notícias.

19 - Conferência "O Atlas Linguístico Europeu e o Atlas Linguístico da Romênia: Dois Projectos de Geografia Linguística".

Foi orador o Professor Doutor Michel Contini, Director do Centro de Dialectologia da Université Stendhal e Director do Atlas Linguístico da Romênia.

DEZEMBRO

15 - Provas de Doutoramento, especialidade de Sociologia da Educação do licenciado Jorge Ávila de Lima, do Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor Andy Hargreaves, Professor do Ontário Institute for Studies in Education da Universidade de Toronto, Doutor Ivor Goodson, Professor da School of Education and Professional Development da Universidade de East Anglia, Doutor António Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa, Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Doutora Maria da Conceição Alves Pinto, Professora Catedrática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Doutor Ermelindo Manuel Bernardo Peixoto, Professor Catedrático do Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores e Doutor Mariano Teixeira Alves, Professor Associado do Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada "Colleagues and Friends, Professional and Personal Relationships Among Teachers in Two Portugueses Secondary Schools".

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES 1998
UNIVERSIDADE DOS AÇORES

JANEIRO

09 - Para assinalar o XXII Aniversário da Universidade dos Açores, realizou-se, como habitualmente, a Sessão Solene de Abertura das Aulas, presidida, pela primeira vez, pelo Presidente da República Portuguesa.

Para além do Dr. Jorge Sampaio, foi proferido, como habitualmente, o discurso do Magnífico Reitor, e a oração de sapiência pelo Prof. Doutor Fernando Jorge Vieira Pimentel, intitulada "Universidade, Literatura, Ensino da Literatura".

16 - Assinatura de um Protocolo de Cooperação entre a Universidade dos Açores e a Associação de Amizade Açores-Timor. Seguido da inauguração de uma exposição de fotografia e arte etnográfica do povo timorense, intitulada "Timor: Imagens de um Povo Sofrido", patente ao público na Sala de Exposições do Edifício das Ciências Humanas da Universidade dos Açores.

19 - Provas de Doutoramento, no ramo de Geologia, especialidade de Vulcanologia, da licenciada Maria Gabriela Pereira da Silva Queirós, do Departamento de Geociências da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor Fernando José Arraiano de Sousa Barriga, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Doutor Gudmundur Ernir Sigvaldason, Director do Nordic

Volcanological Institute, Doutor John Edward Guest, Director do Observatório Planetário da University College London, Doutor José Guilherme Campos Fernandes, Professor Associado da Universidade dos Açores, Doutor Mário Alberto de Oliveira Salgueiro, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores e Doutor João Luís Roque Gaspar, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores, que aprovaram a candidata com Distinção e Louvor por Unanimidade.

A candidata apresentou uma dissertação intitulada "Vulcão das Sete Cidades (S. Miguel, Açores), História Eruptiva e Avaliação do *Hazard*".

23 - Conferência intitulada "Comunicação em Espaço Pedagógico", promovida pelo Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores e destinada a profissionais da educação bem como a alunos das licenciaturas em ensino.

O conferencista foi o Prof. Doutor António Moderno, Professor Catedrático da Universidade de Aveiro.

26 - Provas de Doutoramento, no ramo de Geologia, especialidade de Hidrogeologia, do licenciado José Virgílio de Matos Figueira Cruz, do Departamento de Geociências da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores e pelos Vogais, Doutor Manuel Oliveira da Silva, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Doutor Mário Alberto Alves de Oliveira Salgueiro, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores, Doutor Mário João Lourenço da Silva, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Doutor Victor Hugo Lecoq Lacerda Forjaz, Professor Auxiliar da

Universidade dos Açores, Doutor João Luís Roque Gaspar, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores e Doutor João José Lopo Mendonça, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada "Estudo Hidrogeológico da Ilha do Pico".

30 - "Primeira Jornada de Antropologia Biológica", organizada pelo Departamento de Biologia da Universidade dos Açores que contou com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia e do Centro de Investigação de Recursos Naturais.

Foram abordados temas nas áreas de Evolução Genética Humana, Epidemiologia Genética Dinâmica Bio-Cultural, Paleontologia e Ecologia Humana. Foram palestrantes o Professor Augusto Abade do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, a Professora Manuela Lima do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores, a Professora Francine Mayer do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade do Quebeque em Montreal e as Professoras Eugénia Cunha e Cristina Padez do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.

FEVEREIRO

14 - Provas de Doutoramento, no ramo de Filosofia, especialidade de Filosofia, do licenciado Carlos Eduardo Pacheco Amaral, do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Ermelindo Manuel Bernardo Peixoto, Vice-Reitor da Universidade dos Açores, em substituição do Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores e pelos Vogais, Doutor Lúcio Craveiro da Silva, Professor Ordinário Jubilado da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa e Professor Catedrático Jubilado da Universidade do Minho, Doutor Michel Marie Joseph Gabriel Renaud, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Doutor António Teixeira Fernandes, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Doutor Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, Professor Catedrático da Universidade do Minho, Doutora Maria do Céu Patrão Neves, Professora Associada da Universidade dos Açores e Doutor José Luís Vasconcelos Brandão da Luz, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada "Regionalismo e Estado das Autonomias".

18 e 21 - "Congresso Internacional de Estudos Nemesianos", organizado pelo SIEN, presidido pelo Prof. Doutor António Manuel Bettencourt Machado Pires, Vice-Presidente Prof. Doutor Fernando Alves Cristóvão, da Universidade de Lisboa e Profª. Doutora Evelina de Carvalho Sá Hoisel, da Universidade Federal da Bahia.

O Congresso reuniu cerca de 85 Congressistas de Portugal e vários países, aproveitando a data dos vinte anos da morte de Vitorino Nemésio.

26 e 27 - "I Encontro Didáctica", organizado pelo Departamento de Ciências da Educação.

MARÇO

02 e 03 - Seminários de Informática, organizados pelo Departamento de Matemática da Universidade dos Açores.

Os temas dos seminários foram "Emergência em Sistemas de Software Complexos", onde se discutiram os problemas relacionados com a interacção entre componentes, e as novas propostas técnicas de concepção e programação centradas nesses componentes e "Arquitecturas de Software: uma abordagem categorial" onde se discutiram a noção de arquitectura como meio de estruturar o desenvolvimento de sistemas de software, que atribui um papel fundamental na identificação e utilização de "conectivos" para estabelecer ligações entre componentes de software.

Esteve presente o Prof. Doutor José Luíz Fiadeiro, Professor Associado da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, vencedor do Prémio IBM 96.

02 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica da licenciada Ângela Maria Patrício Lisboa, do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutora Maria Margarida Roque do Vale de Sá Nogueira Lalanda Gonçalves, Professora Auxiliar da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor Nelson Manuel de Oliveira Lourenço, Professor Associado com Agregação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Doutora Gilberta Margarida Medeiros Pavão Nunes Rocha, Professora Associada da Universidade dos Açores, que aprovaram a candidata com Bom por Unanimidade.

A candidata apresentou um trabalho de síntese intitulado "Sistemas Familiares e Mudança Social em Meio Rural: Santa Bárbara e Vila Nova" e um relatório para uma aula teórico-prática sobre "Ruptura ou Emergência de uma Nova Estrutura Familiar em Portugal? A Problemática do Divórcio".

05 e 06 - Provas para obtenção do título de Agregado na área de História, especialidade de História Moderna e Contemporânea, do Prof. Doutor Avelino de Freitas de Meneses, do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Ermelindo Manuel Bernardo Peixoto, Vice-Reitor da Universidade dos Açores, por delegação do Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores e pelos Vogais, Doutor António Henrique Rodrigo de Oliveira Marques, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Doutor Luís António Oliveira Ramos, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Doutor António de Oliveira, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Doutora Maria Beatriz Nizza da Silva, Professora Catedrática da Universidade de São Paulo, Doutor Eugénio Francisco dos Santos, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Doutor Artur Teodoro de Matos, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Socias e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que aprovaram o candidato em Mérito Absoluto por Unanimidade.

O candidato apresentou currículo científico e um relatório que inclui o programa, os conteúdos e os métodos de ensino teórico e prático das

matérias da disciplina de *História dos Açores I*. O candidato proferiu, ainda, uma lição síntese subordinada ao tema "Dos Açores aos Confins do Brasil: as motivações da colonização açoriana de Santa Catarina em meados de setecentos."

09 e 10 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica da licenciada Susana Paula Serpa Silva, do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Avelino de Freitas de Meneses, Professor Associado da Universidade dos Açores, por delegação do Presidente do Conselho Científico e pelos Vogais, Doutor Eugénio Francisco dos Santos, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Doutora Maria de Fátima Silva Sequeira Dias, Professora Auxiliar da Universidade dos Açores, que aprovaram a candidata com Muito Bom, por Unanimidade.

A candidata apresentou um trabalho de síntese intitulado "Criminalidade e Justiça na Comarca de Ponta Delgada: Uma abordagem com base nos processos penais (1830-1841) e um relatório para uma aula teórico-prática sobre "Luxo, riqueza e distinção: a vida quotidiana das elites sociais oitocentistas".

12 e 13 - Provas para obtenção do título de Agregado na área de Filosofia, especialidade de Filosofia Contemporânea, da Profª. Doutora Maria do Céu Patrão Neves, do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Ermelindo Manuel Bernardo Peixoto, Vice-Reitor da Universidade

dos Açores, por delegação do Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Reitor da Universidade dos Açores e pelos Vogais, Doutor Alexandre Fradique de Oliveira Morujão, Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Coimbra, Doutor Gustavo Fraga, Professor Catedrático aposentado da Universidade de Coimbra, Doutor Roque de Aguiar Cabral, Professor Catedrático da Universidade Católica Portuguesa, Doutor Michel Marie Joseph Gabriel Renaud, Professor Catedrático da Universidade Nova de Lisboa, Doutora Maria Isabel Carmelo Rosa Renaud, Professora Catedrática da Universidade Nova de Lisboa e Doutor Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, Professor Catedrático da Universidade do Minho, que aprovaram a candidata em Mérito Absoluto, por Unanimidade.

A candidata apresentou currículo científico e um relatório que inclui o programa, os conteúdos e os métodos de ensino teórico prático das matérias da disciplina de Axiologia e Ética. A candidata proferiu, ainda, uma lição síntese subordinada ao tema "Éticas tradicionais e ética do futuro - Contributos e insuficiências do pensamento de Hans Jonas".

23 e 24 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica da licenciada Maria Matilde Bonança Martins, do Departamento de Matemática da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor José António Martins Goulart, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores, por delegação do Presidente do Conselho Científico e pelos Vogais, Doutora Gracinda Maria Santos Gomes Moreira da Cunha, Professora Associada da Faculdade de Ciências da Universiade de Lisboa e Doutora Júlia Maria Nunes Loureiro Vaz de Carvalho, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que aprovaram a candidata com Bom, por Unanimidade.

A candidata apresentou um trabalho de síntese intitulado "Dualidade de Priestley" e um relatório para uma aula teórico prática sobre "Teoremas de Isomorfismo para Grupos".

23 - Seminário: "Identidade Cultural e Pós-Modernidade", organizado pelo Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da U.A..

25 - Conferências organizadas pelo Departamento de Matemática da Universidade dos Açores subordinadas aos temas "Sonho e Razão" e "A Mente e o Mundo lá Fora".

A primeira conferência abordou uma panorâmica geral sobre o que é a Inteligência Artificial hoje em dia, como se projecta sobre variados campos, a sua história, realizações, linhas de força, tendências e os seus limites e fronteiras. A segunda, abordou duas complexidades em confronto e relação íntima: a mente (de uma criatura) e o mundo fora dela, seguindo as vias analítica e sintética adoptadas correntemente na Inteligência Artificial.

O Prof. Doutor Helder Coelho, Professor Catedrático do Departamento de Informática da Faculdade de Ciências de Lisboa, fundador da disciplina de Inteligência Artificial em Portugal e no LNEC e um dos maiores especialista em Portugal, foi o orador das referidas conferências.

26 e 27 - Curso Breve sobre "Planos Factoriais", organizado pelo Departamento de Ciências da Educação. O trabalho foi orientado pelo Prof. Doutor António Simões, Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, na área de Metodologia de Investigação.

27 - Assinatura de um Protocolo de Estágios do curso de Gestão de Empresas entre a Universidade dos Açores e Instituições e Empresas Regionais.

O protocolo teve como objectivos, facultar aos alunos do curso de Gestão de Empresas, a oportunidade de estabelecer a primeira aplicação prática dos conceitos teóricos aprendidos nas empresas.

A sessão foi presidida pelo Magnífico Reitor Prof. Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, estando presente os representantes das empresas que aderiram ao protocolo (Prolacto; Hospital de Ponta Delgada; Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada; Norma-Açores; Companhia de Seguros Império, S.A.; Secretaria Regional da Economia; Secção Regional do Tribunal de Contas; BCA; Caixa Económica da Misericórdia de Ponta Delgada; Caetano & Mont'Alverne, S.A.; Instituto de Acção Social; Bensaúde, S.A.) , professores e alunos do Departamento de Economia e Gestão, representantes da AIESEC e da Associação Académica da Universidade dos Açores.

27 - Conferência intitulda "Tendências da Evolução da Avaliação das Aprendizagens nos Sistemas Educativos", organizada pelo Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores a propósito da visita a esta Universidade do Director Geral do Ensino Secundário, Prof. Doutor Domingos Fernandes.

27 - Lançamento do Livro "Desenvolvimento, Autonomia e Equilíbrio das Finanças Públicas - O Problema dos Açores na Nova Era Autonómica", da autoria do Prof. Doutor Mário Fortuna e do Dr. João Pedro Couto, presidido pelo Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia.

A apresentação da obra foi feita pelo Prof. Doutor Eduardo Paz Ferreira. É uma obra editada pela Universidade dos Açores e aborda a problemática das Finanças Públicas e do Desenvolvimento Económico da nossa Região.

30 - "V Jornada de Estudos Filosóficos", organizada pelo Centro de Estudos Filosóficos, do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores e dedicada ao tema "Interpretar, Comunicar, Compreender".

A referida jornada assinalou a leccionação de três novas disciplinas na Universidade dos Açores, no ano lectivo 1997/98- Filosofia Medieval, Filosofia da Linguagem e Hermenêutica-, três novas áreas de estudos em que a Secção de Filosofia pode oferecer formação.

A "V Jornada de Estudos Filosóficos", incidiu sobre a Filosofia Medieval, previligiando o problema da "interpretação" que foi tratado pela Profª. Doutora Maria Cândida Pacheco, da Faculdade de Letras do Porto; no âmbito da Filosofia da Linguagem o Prof. Doutor António Marques da Universidade Nova de Lisboa foi o responsável pela comunicação e o Prof. Doutor Michel Renaud da Universidade Nova de Lisboa, abordou o tema sobre a Hermenêutica. Das comunicações indicadas precederam-se pequenas intervenções, respectivamente pela Drª. Zuraida Soares, pelo Dr. Rui Sampaio e pela Drª. Gabriela Castro, docentes da Universidade dos Açores das áreas em estudo, apresentando também os trabalhos desenvolvidos neste âmbito.

ABRIL

06 e 07 - "Primeiro Encontro de Trabalho de Especialistas em Organização de Empresas e Economia de Turismo da Rede ISA", organi-

zado pela Universidade dos Açores, em colaboração com o Departamento de Economia y Direccion de Empresas da Universidade de Las Palmas.

Teve como intuito, desencadear investigações sobre o impacto económico, social e cultural do turismo em cada território.

A sessão de abertura foi presidida pelo Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, seguindo-se os trabalhos, cuja coordenação esteve a cargo do Prof. Doutor Juan Manuel García Falcón, Professor Catedrático de Organização de Empresas da Universidade de Las Palmas.

Participaram ainda, o Prof. Doutor Carlos Santos, para expôr o caso dos Açores, bem como especialistas de outras Universidades, como a Universidad Americana, Universidad Federal do Pará, Universidad Federal de Santa Catarina, Universidad de Matanzas, Universidad de Valparaíso, Universidad del Pacífico, Universidad de La Laguna e Universidad de Las Palmas de Gran Canaria.

28 - Sessão sobre "Cabo Verde e a sua Cultura", aberta ao público em geral e promovida pela Secção de Linguística e Literaturas de Expressão Portuguesa, do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores.

Estiveram presentes escritores e investigadores cabo verdianos Fátima Bettencourt e Gabriel Moacyr Rodrigues.

MAIO

04 - Protocolo de Cooperação entre a Universidade dos Açores e a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Este protocolo teve

como objectivos, a organização de um curso de pós-graduação em Direito Regional, para além de possibilitar o desenvolvimento de projectos de investigação sobre matérias específicas, seminários, colóquios e conferências com intervenção de professores das duas instituições.

09 - "Comemoração do Dia da Europa", realizada pela Universidade dos Açores.

Foram proferidas quatro conferências, a primeira, subordinada ao tema "A Universidade dos Açores e a União Europeia", que teve como orador o Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia; a segunda sob o tema "Os Açores e a Defesa Comum Europeia", apresentada por Luís Andrade, Assessor da Presidência do Governo. Estas duas primeiras conferências tiveram como moderador o Doutor Carlos Amaral, Director do CERIE (Centro de Estudos de Relações Internacionais e Estratégia), da Universidade dos Açores.

As outras duas conferências, a primeira, subordinada ao tema "Agenda 2000 e III Quadro Comunitário de Apoio" que teve como orador Roberto Amaral, Secretário Regional para as Finanças e Planeamento; a segunda, subordinada ao tema "A União Europeia no dealbar do Séc. XXI", apresentada por Carlos Costa Neves, Deputado ao Parlamento Europeu. Estas últimas duas conferências tiveram como moderador Rolando Lalanda Gonçalves, Deputado à Assembleia da República.

12 e 13 - Seminários de Matemática, organizados pelo Departamento de Matemática da Universidade dos Açores.

Os Seminários foram subordinados aos temas: "Equações Diferenciais Estocásticas e o Cálculo de Ito" onde se discutiu as aplica-

ções práticas das equações diferenciais estocásticas (EDE), visão geral e seu tratamento matemático, e "Aplicações em Dinâmica de populações e Matemática Financeira", amplicando-se deste modo, os conhecimentos da utilização em questões relevantes de dinâmica de populações e de matemática financeira.

Os trabalhos do referido seminário foram conduzidos pelo Prof. Doutor Carlos Braumann, Professor da Universidade de Évora.

21 a 23 - "I Encontro de Etnolinguística", organizado pelo Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores.

Teve como objectivo informar o público interessado na pesquisa etnolinguística sobre a metodologia de inquéritos e tratamento de dados, conhecimento do Atlas Linguístico de Portugal, com especial incidência sobre os Açores.

Realizaram-se conferências sobre: "Necessidades de um Atlas Linguístico dos Açores" pelo Prof. Doutor Fagundes Duarte; "O Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores", pelo Prof. João Saramago; "Distribuição e Designações de 'refeições diárias' nos Açores", pelo Doutor Guenther Hammermuller; "Notícia sobre o *Novo Adagiário Popular Açoriano*", pela Profª. Doutora Gabriela Funk; "Sobre um Problema linguístico relacionado com os moinhos da Riberia Grande", pelo Mestre Mário Moura; "Comunicação em contexto de sala de aula à luz das novas tecnologias de Ensino", pela Mestre Graça Castanho e "A língua gestual: os regionalismos de São Miguel", pela Drª. Conceição Silva. Foi ainda realizada uma visita de estudo à cidade da Ribeira Grande.

25 a 27 - Seminário subordinado ao tema "Semântica da Concorrência Baseada em Espaços Métricos", organizado pelo Departamento de Matemática da Universidade dos Açores.

O seminário teve como orador o Prof. Doutor Luís Monteiro, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

26 - "II Encontro de Sociologia nos Açores", promovido pelo Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

A sessão de abertura foi presidida pelo Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, com a presença dos Directores do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais e do Centro de Estudos Sociais.

Foram apresentados dois painéis, um subordinado ao tema "Áreas de Intervenção Sociológica" e o outro "Papéis e Experiências Profissionais dos Sociólogos", seguidos de debate.

28 e 29 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica da licenciada Rute Isabel Rodrigues Dias Gregório, do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Avelino Freitas de Meneses, Professor Associado com Agregação da Universidade dos Açores, por delegação do Conselho Científico, e pelos Vogais, Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Doutor Manuel Sílvio Alves Conde, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores, que aprovaram a candidata com Muito Bom por Unanimidade.

A candidata apresentou um trabalho de síntese intitulado "Pêro Anes do Canto - Um homem e um Património (1473-1556)", e um relatório para uma aula teórica intitulado "Nas Franjas da Sociedade Medieval. Problemáticas do Estudo da Marginalidade".

JUNHO

04 - Conferência "Euro: A Moeda do Século XXI", organizada pela AIESEC, Departamento de Economia e Gestão da U.A..

JULHO

07 - Sessão de Convívio com alunos da University of California Berkeley - Através do Programa de Intercâmbio entre a Universidade dos Açores e a University of California Berkeley, realizou-se uma Sessão de Convívio com alunos da University of California Berkeley, que vieram à Universidade dos Açores para participarem no Curso de Verão subordinado ao tema "Introdução ao Portugal Contemporâneo".

A Sessão teve a participação da Associação Académica da Universidade dos Açores, bem como da Tuna Académica e dos alunos bolseiros da Universidade dos Açores que partiram para a Califórnia através do referido programa.

13 - Lançamento do Livro "From a Distance" de Joe Faria. A sessão de lançamento foi presidida pelo Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia.

17 e 18 - Curso de Pós-Graduação em Direito Regional, organizado pelo Departamento de Economia e Gestão da Universidade dos Açores e com a colaboração da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Na sessão de abertura do referido curso, constou uma conferência proferida pelo Prof. Doutor António D'Atena, da Università degli Studi di Roma "Tor Vergata", sendo o 1º Módulo do curso dado pelo Prof. Doutor Jorge Miranda, da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, que tem como tema "Direito Comparado da Autonomia".

O curso foi destinado a licenciados nas áreas de direito, economia, gestão, história ou outras afins.

20 - Provas de Doutoramento do licenciado Jerónimo Américo Moniz Nunes, do Departamento de Matemática da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Ermelindo Manuel Bernardo Peixoto, Vice-Reitor da Universidade dos Açores, em substituição do Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor António Costa Dias de Figueiredo, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Doutor António da Nóbrega de Sousa da Câmara, Professor Associado, Agregado da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Doutor João Álvaro Brandão Soares Carvalho, Professor Associado da Escola de Engenharia da Universidade do Minho, Doutora Isaura do Carmo Pereira Ribeiro, Professora Auxiliar da Universidade dos Açores, Doutor Henrique Santos do Carmo Madeira, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e Doutora Ana Maria Dinis Moreira, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Maioria.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada "Modelo Orientado para Objectos de um Servidor de Informação - Análise, Projecto de Implementação de um Protótipo".

20 a 31 - "XVII Seminário Portugal Atlântico e a Açorianidade", que se realizou no Anfiteatro da Escola Superior de Enfermagem.

O programa do referido seminário abrangeu várias áreas, nomeadamente Geografia, Literatura, História, Arte e Cultura Popular e do ensino do português. Para além das conferências a cargo de docentes da Universidade dos Açores, realizaram-se diversas visitas de estudo; Ponta Delgada, Sete Cidades, Ribeira Grande/Caldeiras/Lagoa do Fogo, Furnas, Povoação e Nordeste.

27 - Provas de Doutoramento do licenciado Carlos Alberto da Costa Cordeiro do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, e pelos Vogais, Doutor Luís Manuel Soares Reis Torgal, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Doutor Avelino Freitas de Meneses, Professor Associado com Agregação da Universidade dos Açores, Doutor Amadeu José Carvalho Homem, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Doutor António José Barreiros Telo, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Doutor Carlos Eduardo Pacheco Amaral, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores e Doutor José Guilherme Reis Leite, especialista em História Moderna e Contemporânea, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada "Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores durante a I República".

SETEMBRO

01 - Conferência de Imprensa - Apresentação do Prémio da Associação Internacional de História Económica, pelo Reitor da Universidade dos Açores, que foi atribuído à docente do Departamento de Economia e Gestão, Profª Doutora Fátima Sequeira Dias.

09 a 11 - II Encontro de Investigadores Portugueses, sob o título "A Investigação Portuguesa, Desafios de um Novo Milénio".

A Sessão de Abertura foi presidida pelo Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia.

Estiveram presentes vários palestrantes portugueses vindos de diversos países, incluíndo EUA, Suécia, França, Reino Unido, Bélgica, que versaram temas diversos, entre os quais; "O Contributo Português", "Uma Educação para o Século XXI", "Universidade e Sociedade", "Manipulação da Vida", "Clonagem", "Vítimas do Desenvolvimento Científico".

A Sessão de Encerramento teve a presença do Ministro da Ciência e Tecnologia, Prof. Mariano Gago.

21 a 25 - "III Simpósio Fauna e Flora das Ilhas Atlânticas", organizado pelo Departamento de Biologia da Universidade dos Açores. O Presidente da Comissão Organizadora foi o Director do Departamento de Biologia, Doutor João Cândido Tavares.

A Cerimónia de Abertura teve como Presidente o Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia.

Foram patrocinadores a Universidade dos Açores, Presidência do Governo Regional dos Açores, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, Delegação de Turismo de São Miguel-Açores, Câmara Municipal de Vila Franca do Campo, Câmara Municipal de Ponta Delgada e Banco Comercial dos Açores.

OUTUBRO

12 - Curso Livre de Italiano na Universidade dos Açores, promovido pela Secção de Estudos Italianos da Universidade dos Açores e aberto a todas as pessoas interessadas, articulado em três níveis: Elementar, Intermédio e Avançado.

12 - Provas de Doutoramento, no ramo de Estudos Anglo-Americanos e Portugueses, especialidade de Literatura Inglesa, do licenciado Eduardo Jorge Moreira da Silva, do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutor Ermelindo Manuel Bernardo Peixoto, Vice-Reitor da Universidade dos Açores, em substituição do Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, e pelos Vogais, Doutor José Martins Garcia, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos

Açores, Doutor Hélio Osvaldo Alves, Professor Catedrático da Universidade do Minho, Doutor Luís Oliveira e Silva, Professor Associado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Doutora Maria Adelaide Correia Monteiro de Freitas, Professora Associada do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores, Doutora Maria Teresa Barbieri de Ataíde Malafaia Lopes dos Santos, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Doutora Maria Filomena Guerreiro Vieira Molder, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que aprovaram o candidato com Distinção e Louvor por Unanimidade.

O candidato apresentou uma dissertação intitulada "Walter Pater & Kant".

15 - Assinatura de um Protocolo de colaboração entre a Universidade dos Açores e o Instituto Superior de Engenharia e Ciências do Mar de Cabo Verde (ISECMAR).

O protocolo teve por objectivo a criação de redes de cooperação a nível da investigação e ensino; o apoio científico e formativo, numa perspectiva de complementariedade e de economia de recursos, através do melhor aproveitamento dos meios materiais e humanos de cada uma das instituições; o intercâmbio de professores, investigadores e técnicos, tendo em vista a realização de cursos, seminários e projectos de investigação; e a publicação conjunta dos trabalhos realizados.

O protocolo foi assinado pelo Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, Professor Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, e pelo Presidente do ISECMAR, Dr. João Manuel Lizardo.

19 - Inauguração da "Sala Vitorino Nemésio" do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas, pelo Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia e pelo Presidente do SIEN, Prof. Doutor António Manuel Bettencourt Machado Pires.

23 - Protocolo de Colaboração entre a Universidade dos Açores e o Governo Provincial de Cabinda, assinado pelo Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia e pelo Vice-Governador para a Área Social (Cabinda), Dr. Martinho da Cruz Nombo.

O protocolo teve como objectivos responder às necessidades de formação, permanente actualização, aprofundamento dos conhecimentos e melhoria da qualificação profissional na Província de Cabinda, desenvolvendo projectos comuns de intercâmbio e cooperação.

NOVEMBRO

03 - Curso Básico de Língua Portuguesa, promovido pelo Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores, com a duração de quatro meses.

17 - Conferência "Indisciplina na Sala de Aula e Pedagogia Preventiva", promovida pelo Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores.

Esta conferência teve como orador o Prof. Doutor João da Silva Amado, Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da

Educação da Universidade de Lisboa e destinou-se a professores, cooperantes, orientadores de estágio, professores estagiários, delegados de disciplina e público em geral.

18 - Seminário "Metodologias Qualitativas de Investigação", organizado pelo Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores.

Teve como orador o Prof. Doutor João da Silva Amado, Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

17 e 18 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica da licenciada Rita Margarida Pacheco Dias Marques Brandão, do Departamento de Matemática da Universidade dos Açores.

As provas realizaram-se perante um júri constituído pelo Presidente, Doutora Isaura do Carmo Pereira Ribeiro, Professora Auxiliar da Universidade dos Açores, por delegação do Presidente do Conselho Científico e pelos Vogais, Doutora Maria Teresa Ferreira Soares Mendes, Professora Associada com Agregação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e Doutor Acácio Manuel de Oliveira Porta Nova, Professor Associado da Secção Autónoma de Economia e Gestão do Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, que aprovaram a candidata com Muito Bom por Unanimidade.

A candidata apresentou um relatório de trabalho síntese intitulado "Avaliação Experimental de Métodos para Análise de Resultados em Simulação Discreta" e um relatório de aula teórico-prática intitulado "Geração de Variáveis Aleatórias com Distribuição Especificada".

25 - Visita guiada para apresentação de laboratórios, na sequência da participação da Universidade dos Açores na Semana da Ciência. O CIRN (Centro de Investigação de Recursos Naturais), do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores, abriu as suas portas dos laboratórios participantes em projectos CIRN, organizando duas sessões de visitas guiadas e de apresentação de laboratórios.

27 - Jornadas de Microbiologia Aplicada, organizadas pela Sessão de Microbiologia do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores.

Foram conferencistas o Prof. Doutor Nelson Lima (especialista em biotecnologia), e o Prof. Doutor Armando Venâncio (especialista em métodos para a purificação de binomoléculas), ambos do Centro de Engenharia Biológica da Universidade do Minho.

DEZEMBRO

02 a 04 - Seminário "Metodologias de Investigação em Educação", organizado pelo Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores.

Teve como orador o Prof. Doutor João da Silva Amado, Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

03 - Seminário "O Pensamento do Professor", proferido pelo Prof. Doutor Carlos Januário, Professor Auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

03 e 04 - Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica do Engº. Luís Filipe Martins Amaro Ramada Souto, do Departamento de Ciências Agrárias da Universidade dos Açores.

O candidato apresentou um relatório de trabalho de síntese intitulado "As sebes naturais, seus efeitos e utilização"e um relatório da aula prática intitulado "Ambiente de Produção Animal".

O candidato foi aprovado, pelo júri, com Muito Bom por Unanimidade.

04 - Conferência: "O Euro Implicações para a Economia", organizada pela AIESEC do Departamento de Economia e Gestão da U.A..

09 - Protocolo de Cooperação entre a Universidade dos Açores e a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada (AHBVPD).

O referido protocolo teve como objectivos a promoção e edição de um livro sobre a história da Associação, a coordenação e organização do Arquivo Histórico da mesma.

Foi assinado pelo Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia, e por dois representantes da AHBVPD; Albano Manuel Neto Viveiros e Vitor Pereira.

13 - Inauguração do Pavilhão Desportivo Universitário. A Cerimónia de Inauguração foi presidida pelo Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Vasco Manuel Verdasca da Silva Garcia e contou com a presença do Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior.

SUMÁRIO

MARGARIDA MARIA GOUVEIA
CECÍLIA MEIRELES
DA UNIVERSAL INQUIETUDE 7

OSWALDO A. FURLAN
INFLUÊNCIA DOS AÇORES NO PORTUGUÊS
DO BRASIL, 250 ANOS DEPOIS 23

JOÃO DE MORAIS MADUREIRA
DISSIDIUM DE PRIMATU INTER NOVEM
INSULAS VULGO DOS AÇORES 53

MARIA DE LURDES VIEIRA PACHECO TEIXEIRA DIAS
A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA EM
PONTA DELGADA 175

JOSÉ MARIA DE FRANÇA MACHADO
A AVENTURA DA ARTE E O NOSSO
DESTINO COLECTIVO 221

DR. NEWTON SABBÁ GUIMARÃES
A MORTE DE UMA LÍNGUA 277

CARLOS MELO BENTO
JUSTIÇA DA POVOAÇÃO 283

HENRIQUE DE AGUIAR OLIVEIRA RODRIGUES
A ASSISTÊNCIA E A MISERICÓRDIA
DE PONTA DELGADA 303

GRAÇA MENESES
ANTERO DE QUENTAL: CRISTALIZACOES
POÉTICAS DE UM PERFIL GERACIONAL 383

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
RELATÓRIO DE ACTIVIDADES 421